ERNESTO RENAN

O ANTICRISTO

(Origens do Cristianismo)

TRADUÇÃO
DE
CAMPOS LIMA

LELLO & IRMÃO — EDITORES
PORTO

HISTÓRIA
DAS
ORIGENS DO CRISTIANISMO

LIVRO IV

Que vai desde a chegada de S. Paulo a Roma
até ao fim da revolução judaica

(61-73)

ARTES GRÁFICAS — PORTO

ERNESTO RENAN

O ANTICRISTO

Tradução de CAMPOS LIMA

1980

LELLO & IRMÃO — EDITORES
PORTO

OBRAS DO MESMO AUTOR

Publicadas pela LIVRARIA LELLO & IRMÃO

HISTÓRIA DAS ORIGENS DO CRISTIANISMO

(Traduções Portuguesas)

VIDA DE JESUS * OS APÓSTOLOS * S. PAULO * O ANTICRISTO * OS EVANGELHOS E A SEGUNDA GERAÇÃO CRISTÃ * A IGREJA CRISTÃ * MARCO AURÉLIO E O FIM DO MUNDO ANTIGO

INTRODUÇÃO

Crítica dos principais documentos originais que servem de base a este livro

Além dos três ou quatro anos da vida pública de Jesus, foi o mais extraordinário de todo o desenvolvimento do cristianismo o período que o presente volume abrange. Durante esse tempo, como obedecendo a esse grande artista inconsciente que parece presidir aos caprichos aparentes da história, aparecem-nos frente a frente um do outro Jesus e Nero, o Cristo e o Anticristo, em contraste, se me é permitido dizê-lo, como o Céu e o Inferno. A consciência cristã completa-se. Até então ela não tinha sabido senão amar; as perseguições dos judeus, embora muito rigorosas, não conseguiram alterar o laço de afeição e de reconhecimento que a Igreja nascente conservara no seu coração pela sua mãe a Sinagoga, de que mal se separara. Mas agora o cristão tem já motivos para odiar. Em face de Jesus ergue-se um monstro que é o ideal do Mal, do mesmo modo que Jesus é o ideal do Bem. Destinado como Henoch e como Elias a desempenhar um grande papel na tragédia final do

universo, Nero completa a mitologia cristã, inspira o primeiro livro santo do novo cânone, funda por meio dum hediondo massacre a primazia da Igreja romana, e prepara a revolução que há-de fazer de Roma uma cidade santa, uma segunda Jerusalém. Ao mesmo tempo, por uma destas coincidências misteriosas que não são raras nos momentos de grandes crises da humanidade, é destruída Jerusalém e desaparece o templo; o cristianismo, desembaraçado dum empecilho já demasiado incómodo, emancipa-se radicalmente e segue, desprendido já do judaísmo vencido, o seu próprio destino.

As últimas epístolas de S. Paulo, a epístola aos Hebreus, as epístolas atribuídas a Pedro e a Tiago, o Apocalipse, são, entre os escritos canónicos, os principais documentos desta história. A primeira epístola de Clemente Romano, Tácito, Josefo, fornecer-nos-ão também algumas indicações preciosas. Sobre uma quantidade de pontos, principalmente sobre a morte dos apóstolos e as relações de João com a Ásia, o nosso quadro ficará um pouco obscuro; mas a respeito doutros poderemos concentrar verdadeiros raios de luz. Os factos materiais das origens cristãs são quase todos obscuros; o que é claro é o entusiasmo ardente, o arrojo sobre-humano, o sublime desprezo pela realidade, que fazem deste movimento o mais extraordinário esforço para o ideal que assim conseguiu impor-se.

Na Introdução do nosso *S. Paulo*, discutimos já a autenticidade de todas as epístolas atribuídas ao grande apóstolo. As quatro epístolas que informam este volume, as epístolas aos Filipenses, aos Colossenses, a Filémon e aos Efésios são das que se prestam a algumas dúvidas. As objecções levantadas contra a epístola aos Filipenses são de tão

pouco valor, que só ligeiramente é que delas tratamos então. Viu-se já e ver-se-á melhor agora como a epístola aos Colossenses oferece mais dificuldades e como a epístola aos Efésios, embora muito autorizada, destoa da obra de Paulo. Não obstante tudo isto, considero como autêntica a epístola aos Colossenses. As interpolações que nestes últimos tempos alguns críticos nela viram não são evidentes [1]. O sistema de H. Holtzmann sobre este assunto é próprio do seu sábio autor; mas quantos perigos neste método muito acreditado na Alemanha, em que se parte dum tipo *a priori* que deve servir de *criterium* absoluto para a autenticidade das obras dum escritor! Ninguém negará que a interpolação e a sobreposição dos escritos apostólicos se praticaram frequentemente durante os dois primeiros séculos do cristianismo. Mas discernir rigorosamente em tal matéria o verdadeiro do falso, o apócrifo do autêntico, é coisa impossível de realizar. Temos a certeza de que as epístolas aos Romanos, aos Coríntios, e aos Gálatas são autênticas. Temos também a certeza de que as epístolas a Timóteo e a Tito são apócrifas. Mas no intervalo destes dois pólos de evidência crítica nós não podemos senão perdermo-nos em meras hipóteses. O principal defeito da grande escola originada em Cristiano Baur é imaginar os judeus do primeiro século como caracteres íntegros, cheios de dialéctica, obstinados nos seus juízos. Pedro, Paulo, o próprio Jesus, parecem-se, nos escritos desta escola, como teólogos protestantes duma universidade alemã, possuindo todos uma doutrina, não tendo senão uma e conservando sempre a

---

[1] H. J. Holtzmann, *Kritik der Epheser-und Kolosserbriefe*, Leipzig, 1872.

mesma. Ora a verdade é que os homens admiráveis que constituem os heróis desta história mudam e contradizem-se constantemente; serviam-se na sua vida de três ou quatro teorias; chegaram mesmo a aproveitar-se das dos seus adversários contra os quais, noutra época, haviam sido implacáveis. Estes homens, encarados pelo nosso ponto de vista, eram susceptíveis, pessoais, irritáveis, volúveis; era-lhes estranha a ciência, o racionalismo, tudo isso enfim que constitui a fixidez das opiniões. Tinham entre si, como os judeus de todos os tempos, desavenças violentas e apesar disso constituíam um corpo muito sólido. Para bem os compreender, é preciso colocarmo-nos muito longe do pedantismo inerente a toda a escolástica; estudar de preferência os pequenos grupos dum mundo piedoso, as congregações inglesas e americanas, e principalmente o que se passou por ocasião da fundação de todas as Ordens religiosas. Sobre este ponto, as faculdades de teologia das universidades alemãs, as que unicamente podem fornecer a soma de trabalho necessário para coordenar o caos dos documentos relativos a estas curiosas origens, são o lugar do mundo onde é mais difícil fazer-se a verdadeira história. Porque a história é a análise duma vida que se desenvolve, dum gérmen que se expande, e a teologia é o inverso da própria vida. Atento apenas ao que confirma ou infirma os seus dogmas, o teólogo, até o mais liberal, é sempre, mesmo sem se aperceber, um apologista; o seu fim é defender ou refutar. O historiador não tem por missão senão contar. Factos materialmente falsos, e documentos mesmo apócrifos têm para ele um certo valor, porque pintam a alma, e são por vezes mais verdadeiros que a seca verdade. O maior erro, a seus olhos, é transformar em autores de teses

abstractas esses bons e ingénuos visionários cujos sonhos constituíram a consolação e a alegria de tantos séculos.

O que acabámos de dizer da epístola aos Colossenses, e sobretudo da epístola aos Efésios, devemos dizê-lo com maior razão da primeira epístola atribuída a S. Pedro e das epístolas atribuídas a Tiago e a Judas. A segunda epístola atribuída a Pedro é com certeza apócrifa. Reconhece-se logo ao primeiro exame que é uma composição artificial, um amontoado de excertos de escritos apostólicos, sobretudo da epístola de Judas. Não insistimos sobre este ponto, porque não acreditamos que a *II.ª Petri* tenha, entre os verdadeiros críticos, um único defensor. Mas a falsidade da *II.ª Petri*, escrito cujo fim principal era inspirar paciência aos fiéis que suportavam mal a longa demora na reaparição de Cristo, prova em certo modo a autenticidade da *I.ª Petri*. Porque, para ser apócrifa, a *II.ª Petri* é um escrito muito antigo; ora o autor da *II.ª Petri* acreditava que na realidade a *I.ª Petri* era obra de Pedro, pois que a ela se refere e apresenta o seu escrito como uma «segunda epístola», em continuação da primeira (III, 1-2). A *I.ª Petri* é um dos escritos do Novo Testamento dos primeiramente e mais unanimemente citados como autênticos. Uma única objecção grave se tira das cópias feitas nessa epístola de epístolas de S. Paulo e especialmente da chamada epístola aos Efésios. Mas o secretário de que Pedro deve ter-se servido para escrever a carta pode ter-se permitido fazer ele mesmo tais cópias. Em todas as épocas, os pregadores e os publicistas têm tido poucos escrúpulos em se apropriar das frases caídas no domínio popular e que andam por assim dizer no próprio ar que se respira. O próprio secretário de

Paulo que escreveu a chamada epístola aos Efésios copiou largamente a epístola aos Colossenses. Um dos característicos da literatura das epístolas é repetir muitas das passagens de escritos do mesmo género compostos anteriormente [1].

Os quatro primeiros versículos do capítulo V da *I.ª Petri* despertam algumas suspeitas. Fazem lembrar as recomendações piedosas, um pouco grosseiras, cheias dum espírito hierárquico, como as falsas epístolas a Timóteo e a Tito. Além disso a afectação com que o autor se inculca «uma testemunha dos sofrimentos de Cristo» provoca apreensões análogas às que nos causam os escritos pseudo-joânicos pela sua persistência em se apresentarem como a narração dum actor e dum espectador. Não devemos porém prender-nos demasiadamente com estas considerações. Bastantes indícios há também por outro lado a favor da hipótese da hierarquia são insignificantes na *I.ª Petri*. Não só nela se não trata de *episcopos* [2], como nem sequer cada Igreja tem um *presbyteros*, mas *presbyteri* ou «antigos», e as expressões de que o autor se serve não implicam de forma nenhuma que esses antigos constituíssem um corpo distinto. Uma circunstância que merece ser notada é que o autor, procurando frisar a abnegação de Jesus provada na sua Paixão, omite um facto essencial contado por Lucas [3] e faz assim crer que a lenda de Jesus não atingira ainda, ao tempo em que escreveu, todo o seu desenvolvimento.

---

[1] Vejam-se entre as epístolas inseridas no Cânon, as epístolas de Clemente Romano, de Inácio e de Policarpo.

[2] I Petri, II, 25, demonstra que a significação da palavra se não tinha ainda especializado.

[3] *Ibid.*, II, 23. Cf. Luc., XXIII, 34.

As tendências eclécticas e conciliadoras que se notam na Epístola de Pedro não servem de objecção senão aos que, com Cristiano Baur e seus discípulos, tomam a dissidência entre Pedro e Paulo como uma oposição absoluta. Se o ódio entre os dois partidos do cristianismo tivesse sido tão profundo como o supõe esta escola, nunca a reconciliação se teria feito. Pedro não era por forma alguma um judeu obstinado como Tiago. Para escrever esta história convém não pensar só nas Homílias pseudoclementinas e na Epístola aos Gálatas; é preciso considerar também os *Actos dos Apóstolos*. A arte do historiador deve consistir em apresentar as coisas de forma que em nada se atenuem as divisões dos partidos (estas divisões foram mais profundas do que se pode imaginar) e se permita explicar como semelhantes divisões puderam fundir-se numa perfeita unidade.

A Epístola de Tiago está para a crítica pouco mais ou menos nas mesmas condições que a Epístola de Pedro. As objecções que se lhe opunham sob o ponto de vista das particularidades não têm nenhuma importância. O que é grave é a objecção geral que resulta da facilidade da suposição de escritos num tempo em que não existia nenhuma garantia de autenticidade e não havia nenhum escrúpulo em praticar certas fraudes piedosas. Com escritores como Paulo, que nos deixaram, segundo a opinião de toda a gente, escritos certos, e cuja biografia é bastante conhecida, há dois *criterium* seguros para discernir o que lhe é falsamente atribuído: 1.º comparar a obra duvidosa com as obras universalmente admitidas, e 2.º ver se o documento em litígio corresponde aos dados biográficos que se possuem. Mas se se trata dum escritor de que não temos senão algumas páginas contestadas e

cuja biografia é pouco conhecida, não existem em geral para tomar uma decisão senão razões de sentimento, e estas não podem impor-se. Contentando-nos facilmente, corre-se o risco de se tomarem a sério coisas falsas. Sendo rigorosos, podem vir a tomar-se por falsas muitas coisas verdadeiras. O teólogo que acredita proceder segundo a certeza é, repito-o, um mau julgador nestas questões. O historiador crítico fica com a consciência tranquila se se habilitou a discernir os diversos graus do certo, do provável, do plausível e do possível. Se tem alguma habilidade, pode bem ser verdadeiro quanto à cor geral, marcando coisas secundárias com os sinais de dúvida e com os de «talvez».

Uma consideração que eu julgo favorável a estes escritos (primeira epístola de Pedro, epístolas de Tiago e de Judas) muito rigorosamente excluídos por certa crítica, é a maneira como se adaptam a uma narrativa concebida organicamente. Enquanto que a segunda epístola atribuída a Pedro e as pretendidas epístolas de Paulo a Timóteo e a Tito são excluídas do quadro duma história lógica, as três epístolas que acabámos de nomear entram nele por assim dizer por si mesmo. As indicações de certa importância que nelas aparecem concordam com os factos conhecidos pelos testemunhos de fora, deixam-se por assim dizer entrelaçar por eles. A Epístola de Pedro corresponde perfeitamente ao que sabemos, sobretudo por Tácito, da situação dos cristãos em Roma no ano 63 ou 64. A Epístola de Tiago, por outro lado, é o quadro perfeito do estado dos *ébionim* em Jerusalém nos anos que precederam a revolta; Josefo a este respeito dá-nos indicações perfeitamente idênticas. A hipótese que atribui a Epístola de Tiago a um Tiago diferente do irmão do Senhor não é melhor.

Esta epístola, é verdade, não foi admitida nos primeiros séculos dum modo tão unânime como a de Pedro; mas os motivos destas hesitações parece terem sido mais dogmáticos do que críticos; o pouco gosto dos Pais gregos pelos escritos judaico-cristãos foi a causa principal desse facto.

Uma observação que podemos fazer com toda a certeza a respeito dos pequenos escritos apostólicos de que falámos, é a de que foram compostos antes da queda de Jerusalém. Este acontecimento trouxe à situação do judaísmo e do cristianismo uma tal transformação, que se distingue facilmente um escrito posterior à catástrofe do ano 70 dum escrito contemporâneo do terceiro templo. Quadros evidentemente relativos às lutas interiores das classes diversas da sociedade hierosolimitana, como o que nos representa a Epístola de Tiago (V, 1 e seg.), não podem conceber-se senão depois da revolta do ano 66, que pôs termo ao reino dos saduceus.

Do facto de ter havido epístolas pseudo-apostólicas, como as epístolas a Timóteo, a Tito, a *II.ª Petri*, a epístola de Barnabé, obras que eram feitas para imitar ou ampliar escritos mais antigos, se segue que houve escritos verdadeiramente apostólicos, respeitados, e cujo número se desejaria aumentar [1]. Da mesma forma que cada poeta árabe da época clássica teve a sua *kasida*, expressão completa da sua personalidade, assim cada apóstolo teve a sua epístola, mais ou menos autêntica, em que se acreditou conservar-se a fina flor do seu pensamento.

---

[1] Veja-se *II.ª Petri*, III, 15-16, em que se incluem as epístolas de Paulo entre as Escrituras sagradas.

Falámos já da Epístola aos Hebreus [1]. Provámos que essa obra não é de S. Paulo, como se acreditou em certos ramos da tradição cristã; demonstrámos que a data da sua composição se pode fixar com bastante verosimilhança no ano 66. Resta-nos examinar se se pode saber quem foi o seu verdadeiro autor, donde foi escrita e quem são estes «Hebreus» a que, segundo o título, foi dirigida.

Os principais traços da epístola são os seguintes:

O autor fala da Igreja destinatária como homem muito conhecido dela. A seu respeito chega mesmo a tomar um certo tom de censura. Essa Igreja recebeu há muito a fé; mas decaiu sob o ponto de vista doutrinário, sendo certo que precisa até duma instrução elementar e é incapaz de compreender uma muito alta teologia [2]. Mas é uma Igreja cheia de dedicação e de energia, sobretudo no serviço dos santos. Sofreu cruéis perseguições, no tempo em que recebeu a luz da fé; era ela nesse tempo quem mais exposta esteve ao ódio dos inimigos do cristianismo. Sobre isto decorreu ainda muito pouco tempo, porque aqueles que compõem actualmente a Igreja tomaram ainda parte nos méritos desta perseguição, simpatizando com os confessores, visitando os prisioneiros, e sobretudo suportando corajosamente a perda dos seus bens. Nesta provação houve alguns renegados, e agitava-se no momento a questão de saber se aqueles que por covardia haviam apostatado podiam entrar de novo para a Igreja. No tempo em que o apóstolo escreve, estão ainda ao que parece presos alguns membros da Igreja [3]. Os fiéis da Igreja em questão tiveram

[1] *S. Paulo*, Introdução.
[2] Hebr., v, 11-14; vi, 11-12; x, 24-25; todo o xiii.
[3] *Ibid.*, xiii, 3.

chefes ilustres que lhes pregaram a palavra de Deus e cuja morte foi muito edificante e gloriosa [1]. A Igreja possui ainda chefes, com os quais o autor da carta está em relações íntimas [2]. É certo que o autor da carta conheceu a Igreja de que se trata e parece ter exercido nela um ministério elevado; tem tenções de voltar para ela e deseja que o seu regresso se faça o mais cedo possível [3]. O autor e os destinatários conhecem Timóteo. Timóteo esteve prisioneiro numa cidade diferente daquela em que reside o autor no momento em que escreve; Timóteo acaba de ser posto em liberdade. O autor espera que Timóteo virá juntar-se-lhe; partirão então ambos a visitar a Igreja destinatária [4]. O autor termina por estas palavras: ἀσπάζονται ὑμᾶς οἱ ἀπὸ τῆς Ιταλίας [5], palavras que não podem designar senão Italianos vivendo no momento fora da Itália [6].

Quanto ao próprio autor, a sua feição principal é o uso contínuo das Escrituras, uma exegese subtil e alegórica, mais prolixo, mais clássico, menos seco, mas também menos natural que o da maior parte dos escritos apostólicos. Tem um medíocre conhecimento do culto que se pratica no templo de Jerusalém [7], e contudo este culto inspira-lhe grande preocupação. Serve-se só da versão alexandrina da Bíblia, e baseia a sua argumentação em faltas dos copistas gregos [8]. Não é um judeu de Jerusalém, é um helenista com pontos de

[1] *Ibid.*, xiii, 7.
[2] *Ibid.*, xiii, 17, 24.
[3] Hebr., xiii, 19.
[4] *Ibid.*, xiii, 23.
[5] *Ibid.*, xiii, 24.
[6] Tal é a força de ἀπό.
[7] Hebr., ix, 1 e seg.
[8] *Ibid.*, x, 5, 37-38.

contacto com a escola de Paulo [1]. O autor, enfim, apresenta-se não como um auditor imediato de Jesus, mas como um auditor daqueles que viram Jesus, como um espectador dos milagres apostólicos e das primeiras manifestações do Espírito Santo [2]. Possui uma posição elevada na Igreja: fala com autoridade [3]; é muito respeitado pelos irmãos a quem escreve [4]; Timóteo é, parece, um seu subordinado. Já o facto de dirigir uma epístola a uma grande Igreja é sinal de que ele deve ter sido um homem importante, um dos personagens que figuram na história apostólica e cujo nome deve ser célebre.

Não é isto porém suficiente para nos pronunciarmos decisivamente sobre o autor da nossa epístola. Têm-na atribuído com mais ou menos verosimilhança a Barnabé, a Lucas, a Silas, a Apolo, e a Clemente Romano. A mais verosímil é a atribuição a Barnabé. Tem a seu favor a autoridade de Tertuliano [5], que apresenta o facto como reconhecido por todos. Tem sobretudo a seu favor esta opinião a circunstância de que nenhuma das particularidades da epístola está em contradição com tal hipótese. Barnabé era um helenista cipriota, ao mesmo tempo ligado a Paulo e dele independente. Barnabé era conhecido por todos e por todos estimado. Compreende-se assim que nesta hipótese a epístola tenha sido atribuída a Paulo: foi efectivamente sempre esta a sorte de Barnabé, perder-se nos raios da glória do grande apóstolo, e se Barnabé compôs algum escrito, como parece muito

[1] *Ibid.*, III, 23.
[2] Hebr., II, 3-4.
[3] *Ibid.*, V, 11-12; VI, 11-12; X, 24-25; todo o XIII.
[4] *Ibid.*, XIII, 19-24.
[5] *De pudicitia*, 20.

provável, é entre as obras de Paulo que é natural que se procurem as suas páginas.

A determinação da Igreja destinatária pode fazer-se com bastante verosimilhança. As circunstâncias que enumeramos põem-nos em situação de só escolhermos entre a Igreja de Roma e a de Jerusalém. O título Πρὸς Ἑβραίους faz pensar a princípio na Igreja de Jerusalém. Mas é impossível demorarmo-nos numa tal ideia. Passagens como V, 1-14; VI, 11-12, e mesmo VI, 10, não formam sentido se se supõem dirigidas por um discípulo dos apóstolos a esta Igreja mãe, fonte de todo o ensino. O que se diz de Timóteo [1] não se compreende também; pessoas tão ligadas como o autor e como Timóteo ao partido de Paulo não teriam podido dirigir à Igreja de Jerusalém uma frase que dá a entender a existência de relações íntimas. Como admitir, por exemplo, que o autor, com esta exegese unicamente fundada sobre a versão alexandrina, esta incompleta ciência judaica, este imperfeito conhecimento das coisas do templo, tivesse ousado dar uma tão grande lição aos mestres por excelência, a pessoas falando hebreu ou pouco menos, vivendo todos os dias à volta do templo, e que sabiam muito melhor do que ele tudo o que lhes dizia respeito? Como admitir sobretudo que ele os tratasse como catecúmenos apenas iniciados e incapazes duma forte teologia? Pelo contrário, se se supõe que os destinatários da epístola são os fiéis de Roma, tudo se harmoniza maravilhosamente. As passagens, VI, 10; X, 32 e seg.; III, 3, 7, são alusões à perseguição do ano 64; a passagem XIII, 7 aplica-se à morte dos apóstolos Pedro e Paulo; enfim οἱ ἀπὸ τῆς Ἰταλίας justifica-se desse

[1] Hebr., XIII, 23.

modo perfeitamente, porque é natural que o autor envie à Igreja de Roma as saudações da colónia de Italianos que estava em volta dele. Acrescente-se a isto que a primeira epístola de Clemente Romano (obra com certeza romana) se serve por muitas vezes da Epístola aos Hebreus, decalcando-lhe o modo de exposição por uma forma evidente.

Falta uma só dificuldade para resolver: porque é que o título da epístola se inscreve Πρὸς Ἑβραίους? Recordemos que estes títulos não são sempre de origem apostólica, que foram introduzidos mais tarde e algumas vezes por meio de falsificação, como vimos já relativamente à epístola chamada Πρὸς Ἐφεσίους. A chamada epístola aos Hebreus foi escrita, sob a impressão de perseguição, à igreja mais perseguida. Em muitos pontos da carta (por exemplo, XIII, 23), vê-se que o autor se exprime dum modo vago e encoberto. Talvez que o título Πρὸς Ἑβραίους fosse uma palavra de passe para evitar que a carta se tornasse um documento comprometedor. Pode ser também que este título tivesse provindo de se ter entendido, no século II, que o escrito em questão era uma refutação dos ebionitas, que se chamavam Ἑβραῖοι. Um facto muito para considerar-se é que a Igreja de Roma teve sempre a respeito desta epístola um conhecimento muito especial; é lá que ela aparece, é lá que começa a fazer-se uso dela. Enquanto que Alexandria a atribui a Paulo, a Igreja de Roma mantém sempre a opinião de que ela não é deste apóstolo e que se erra juntando-a aos seus escritos [1].

De que cidade foi escrita a epístola aos Hebreus? É mais difícil dizê-lo. A expressão οἱ ἀπὸ τῆς Ἰταλίας mostra que o autor estava fora da

[1] Veja-se *S. Paulo*, Introdução.

Itália. O que é certo é que a cidade donde a epístola foi escrita era uma grande cidade, em que havia uma colónia de cristãos da Itália, muito ligados com os de Roma. Estes cristãos de Itália eram provavelmente fiéis que tinham escapado à perseguição do ano 64. Veremos que a corrente da emigração cristã, fugindo aos furores de Nero, se dirigiu para Éfeso. A Igreja de Éfeso, além disso, tivera por núcleo da sua formação primitiva dois judeus vindos de Roma, Aquila e Priscila, e permaneceu sempre em relações directas com Roma. Isto leva-nos a crer que a epístola foi escrita de Éfeso. O versículo XIII, 23, é, na realidade, dado esse caso, bastante singular. Em que cidade, diferente de Éfeso e de Roma, e contudo em relação com Éfeso e Roma, teria Timóteo sido preso? Seja qual for a hipótese que se adopte, constitui isto um enigma difícil de explicar.

O Apocalipse é o documento principal desta história. As pessoas que lerem atentamente os nossos capítulos XV, XVI, XVII, reconhecerão que não há um único escrito do cânon bíblico cuja data se possa fixar com tanta precisão. Pode determinar-se essa data com uma aproximação de dias mesmo. O lugar em que essa obra foi escrita pode também determinar-se com muita probabilidade. A investigação do autor do livro é que está sujeita a maiores incertezas. Sobre esse ponto não se pode, a meu ver, fazer uma afirmação com inteira segurança. O autor nomeia-se a si próprio no princípio do livro (1, 9) [1]: «Eu, João, vosso irmão e vosso companheiro de perseguição; de realeza e de paciência em Cristo». Mas levantam-se duas questões sobre este ponto: 1.º será sincera a alegação, ou

[1] Comp. Apoc., I, 4, com XXII, 8. Cf. I, 1-2.

constituirá uma dessas fraudes piedosas de que todos os autores de apocalipses sem excepção se tornaram culpados? Por outra, não será o livro feito por um desconhecido que teria atribuído a um homem de grande importância na opinião das Igrejas, a João o apóstolo, uma visão conforme as suas próprias ideias? — 2.º Admitindo-se que o versículo 9 do capítulo I do Apocalipse seja sincero, não será este João um homónimo do apóstolo?

Discutamos primeiramente esta segunda hipótese, porque é mais fácil. O João que fala ou que se imagina falar no Apocalipse exprime-se com tanto vigor, supõe tão claramente que o conhecem e que nenhuma dificuldade há em distingui-lo dos seus homónimos [1], sabe tão bem os segredos das Igrejas, trata-os com um ar tão resoluto, que se não pode deixar de ver nele um apóstolo ou um dignitário eclesiástico inteiramente fora do vulgar. Ora João o apóstolo não tinha, na segunda metade do primeiro século, nenhum homónimo que o igualasse. João Marcos, apesar do que diz Hitzig, não pode para aqui ser chamado. Marcos não teve nunca relações muito seguidas com as Igrejas da Ásia para que ousasse dirigir-se a elas daquele modo [2]. Resta apenas um personagem duvidoso, o *Presbyteros Johannes*, espécie de sócio do apóstolo, que perturba como um espectro toda a história da Igreja de Éfeso e tantos embaraços causa aos críticos. Embora tenha sido negada a existência desse personagem, e que se não possa refutar peremptoriamente a hipótese dos que vêem nele uma sombra do apóstolo João, tomada por uma realidade,

[1] Apoc., XXII, 8.
[2] Veja-se a *Vida de Jesus*, Introdução.

nós inclinamo-nos a crer que *Presbyteros Johannes* tem efectivamente uma identidade própria; mas que tivesse sido ele que escreveu o Apocalipse em 68 ou 69, como o sustenta ainda Ewald, é o que nós negamos absolutamente. Um tal personagem seria conhecido doutra forma e não apenas por uma simples passagem obscura de Papias e uma tese apologética de Dinis de Alexandria. Encontrar-se-ia o seu nome nos Evangelhos, nos *Actos*, em qualquer epístola. Ver-se-ia sair de Jerusalém. O autor do Apocalipse é o mais versado nas Escrituras, o mais ligado ao templo, o mais hebraizista dos escritores do Novo Testamento; um tal personagem não podia ter-se criado na província; deve ter sido originário da Judeia; é um sectário entusiasta da Igreja de Israel. Se *Presbyteros Johannes* existiu, deve ter sido um discípulo do apóstolo João, na extrema velhice deste último [1]; Papias parece tê-lo tratado de perto ou ter sido pelo menos seu contemporâneo. Admitamos mesmo que por vezes possui a pena do seu mestre, e aceitemos como plausível a opinião que lhe atribuiria a redacção do quarto Evangelho e da primeira epístola chamada de João. A segunda e terceira epístola chamadas de João, em que o autor se designa pelas palavras ὁ πρεσδύτεδος, parecem-nos obra sua pessoal e confessada como tal. Mas certamente, a supor que *Presbyteros Johannes* tenha alguma coisa com a segunda classe dos escritos joânicos (a que compreende o quarto Evangelho e as três epístolas) não entra em nada na composição do Apocalipse.

[1] Admitindo-se que a passagem *Constit. apost.*, VII, 46 se lhe refira, e que essa passagem tenha algum valor, *Presbyteros* teria sido o sucessor do apóstolo João no episcopado de Éfeso.

Se alguma coisa há que seja evidente, é que a mão que escreveu o Apocalipse não foi a mesma que escreveu o Evangelho e as três epístolas. O Apocalipse é o mais judeu, e o quarto Evangelho o menos, de todos os escritos do Novo Testamento. Admitindo que o apóstolo João seja o autor de algum dos escritos que a tradição lhe atribui, é seguramente do Apocalipse e não do Evangelho. O Apocalipse corresponde perfeitamente à opinião radical que parece ter adoptado nas lutas dos judaico-cristãos e de Paulo; o Evangelho não. Os esforços que fizeram, no século III, uma parte dos Pais da Igreja grega para atribuir o Apocalipse ao *Presbyteros*, provinham da repulsão que este livro inspirava então aos doutores ortodoxos. Não podiam eles suportar a ideia de que um escrito em que encontravam um estilo bárbaro e que lhes parecia cheio dos ódios judaicos fosse a obra dum apóstolo. A sua opinião era o fruto duma indução *a priori* sem valor e não a expressão duma tradição ou de um raciocínio crítico.

Se o ἐγὼ Ἰωάνης do primeiro capítulo do Apocalipse é sincero, o Apocalipse é realmente do apóstolo João. Mas é da própria natureza dos apocalipses serem pseudónimos. Os autores dos apocalipses de Daniel, Henoch, Baruch, Esdras, apresentam-se como sendo os próprios Daniel, Henoch, Baruch e Esdras em pessoa. A igreja do II século admitia da mesma forma que o Apocalipse de João um Apocalipse de Pedro, que era seguramente apócrifo. Se, no Apocalipse que se tornou canónico, o autor dá o seu nome verdadeiro, constitui isso uma surpreendente excepção às regras do género. Apesar de tudo entendemos que se tem de admitir tal excepção. Uma diferença essencial separa o Apocalipse canónico dos outros escritos análogos

que chegaram até nós. A maior parte dos apocalipses são atribuídos a autores que floresceram ou se supõem que floresceram quinhentos, seiscentos anos, ou mesmo milhares de anos antes. No II século atribuíam-se apocalipses aos homens do século apostólico. O *Pastor* e os escritos pseudoclementinos são cinquenta ou sessenta anos posteriores aos personagens a quem são atribuídos. O Apocalipse de Pedro está provavelmente no mesmo caso; pelo menos nada prova que ele tivesse qualquer coisa de particular, de típico, de pessoal. Pelo contrário o Apocalipse canónico, se é pseudónimo, teria sido atribuído ao apóstolo João ainda em sua vida, ou muito pouco tempo depois da sua morte. Se não fossem os três primeiros capítulos, teria isso sido muito possível; mas concebe-se que o falsário praticasse a ousadia de dirigir a sua obra apócrifa às sete Igrejas que tinham estado em relações com o apóstolo? E se se negam essas relações, com Scholten, cai-se numa dificuldade maior ainda, porque tem de admitir-se então que o falsário, por uma inépcia sem igual, escrevendo a Igrejas que nunca conheceram João, apresente o seu pretendido João como tendo estado em Patmo, muito perto de Éfeso, como sabendo os seus segredos mais íntimos e como tendo sobre elas uma grande autoridade. Estas Igrejas, que, na hipótese de Scholten, sabiam bem que João nunca estivera na Ásia nem perto da Ásia, ter-se-iam deixado enganar por um artifício tão grosseiro? Uma coisa que ressalta do Apocalipse, em todas as hipóteses, é que o apóstolo João foi durante algum tempo o chefe das Igrejas da Ásia. Estabelecido isto, é muito difícil não concluir que o apóstolo João foi realmente o autor do Apocalipse, porque fixando-se a data do livro com uma precisão absoluta, não se acha o

espaço de tempo necessário para uma falsificação. Se o apóstolo vivia na Ásia em Janeiro de 69 ou apenas aí tinha estado, os primeiros quatro capítulos são incompreensíveis da parte dum falsificador. Supondo, como Scholten, que o apóstolo João tivesse morrido no princípio do ano 69 (o que não parece conforme à verdade) não se sai da dificuldade. O livro está escrito como se o revelador fosse ainda vivo; é destinado a ser espalhado imediatamente pelas Igrejas da Ásia; se o apóstolo tivesse morrido, o engano era logo descoberto. Que se diria em Éfeso em Fevereiro de 69, ao receber-se um semelhante livro como proveniente dum apóstolo que se sabia não existir já, e que, segundo Scholten, nunca se tinha visto?

O exame intrínseco do livro, longe de prejudicar esta hipótese, apoia-a fortemente. João o apóstolo parece ter sido, depois de Tiago, o mais ardente dos judaico-cristãos; o Apocalipse está repassado de ódio contra Paulo e contra os que não observam a lei judaica. O livro corresponde perfeitamente ao carácter violento e fanático que parece ter sido o de João. É bem a obra do terrível «filho do trovão», daquele que não queria que se usasse do nome do seu mestre se se não pertencia ao círculo mais estreito dos discípulos, daquele que, se tivesse podido, teria feito chover o fogo e o enxofre sobre os Samaritanos pouco hospitaleiros. A descrição da corte celeste, com a sua pompa toda material de tronos e de coroas, é perfeitamente a daquele que jovem ainda, pusera toda a sua ambição em assentar-se com seu irmão em tronos à direita e à esquerda do Messias. As duas grandes preocupações do autor do Apocalipse são Roma (cap. XIII e seg.) e Jerusalém (cap. XI e XII). Parece que viu Roma, os seus templos, as suas

estátuas, a grande idolatria imperial. Ora é fácil de supor uma viagem de João a Roma, em seguida a Pedro. No que respeita a Jerusalém é ainda mais frisante. O autor refere-se constantemente à «cidade amada»; não pensa senão nela; está ao corrente de todas as aventuras da Igreja hierosolimitana durante a revolução da Judeia (recorde-se o belo símbolo da mulher e da sua fuga no deserto); vê-se que ele fora uma das colunas dessa Igreja, um devoto exaltado do partido judaico. Tudo isto concorda muito bem com João. A tradição da Ásia Menor parece também ter conservado a memória de João como a dum severo judaizante. Na controvérsia da Páscoa, que tão fortemente perturbou as Igrejas durante a segunda metade do século II, a autoridade de João é o principal argumento que invocam as Igrejas da Ásia para manter a celebração da Páscoa, conforme a lei judaica, no 14 de nisan Policarpo em 160, e Policrato em 190, invocam a sua autoridade para defenderem o seu antigo costume contra os inovadores que, apoiando-se no quarto Evangelho, não admitiam que Jesus, a verdadeira Páscoa, tivesse comido o cordeiro pascal na véspera da sua morte, e que transferiam a festa para o dia da ressurreição.

O estilo do Apocalipse é ainda uma razão para atribuir o livro a um membro da Igreja de Jerusalém. É um estilo característico entre os outros escritos do Novo Testamento. Não há dúvida de que a obra foi escrita em grego [1]; mas é um grego decalcado sobre o hebreu, pensado em hebreu, e que nunca poderia ser compreendido e apreciado senão por pessoas que soubessem o hebreu. O autor

[1] «Eu sou o alfa e ómega». — As medidas e os pesos são gregos.

está cheio das profecias e dos apocalipses anteriores ao seu num tal grau que chega a causar admiração; sabe-os evidentemente de cor. Está familiarizado com a versão grega dos livros sagrados; mas é no texto hebreu que lhe ocorrem as passagens bíblicas. Que diferença entre o seu e o estilo de Paulo, de Lucas, do autor da Epístola aos Hebreus e até dos Evangelhos sinópticos! Só um homem que tivesse passado anos em Jerusalém, nas escolas que rodeiam o templo, poderia estar a tal ponto impregnado da Bíblia e participar tão vivamente das paixões do povo revolucionário, das suas esperanças e do seu ódio contra os Romanos.

Por último, uma circunstância que não é permitido desprezar, é a de que o Apocalipse apresenta alguma relação com o quarto Evangelho e com as epístolas atribuídas a João. Assim a expressão ὁ λόγος τοῦ, θεοῦ, tão característica do quarto Evangelho, encontrar-se pela primeira vez no Apocalipse [1]. A imagem das «águas vivas» [2] é comum às duas obras. A expressão de «cordeiro de Deus», no quarto Evangelho, recorda a expressão Cordeiro, que é vulgar no Apocalipse para designar o Cristo. Os dois livros aplicam ao Messias a passagem de Zacarias, XII, 10, e traduzem-na da mesma maneira [3]. Longe de nós a ideia de concluir destes factos que fosse a mesma pena que tivesse escrito o quarto Evangelho e o Apocalipse; mas não é indiferente que o quarto Evangelho, cujo autor não pode deixar de ter tido alguma ligação com o apóstolo João, ofereça no seu estilo e nas suas

---

[1] Apoc., XIX, 13.
[2] *Ibid.*, XXI, 16, XXII, 17. Ep. João, IX e X.
[3] *Ibid.*, I, 7; João XIX, 37. Essa tradução difere da dos Setenta, e é mais conforme ao hebreu.

imagens algumas relações com um livro atribuído por fortes motivos ao apóstolo João.

A tradição eclesiástica não é decisiva sobre esta questão. Até ao ano 150 parece que o Apocalipse não teve a importância que, segundo a nossa opinião, devia ter-se ligado a um escrito em que se assegurava estar incluído um manifesto solene saído da pena dum apóstolo. É duvidoso que Papias o admitisse como tendo sido redigido pelo Apóstolo João. Papias era milenário da mesma forma que o Apocalipse; mas parece que ele declara ter recebido esta doutrina «da tradição não escrita». Se tivesse invocado o Apocalipse, Eusébio não deixaria de o dizer, como o fez relativamente a muitas outras citações que este antigo Pai fez de escritos apostólicos. O autor do *Pastor* de Hermas, conhecia, ao que parece, o Apocalipse e imitava-o; mas não se segue daqui que o considerasse obra de João o apóstolo. É S. Justino quem, no meio do século II, primeiramente declara que o Apocalipse é uma composição do apóstolo João; mas S. Justino, que não saiu do seio de nenhuma das grandes Igrejas, é uma medíocre autoridade em matéria de tradições. Méliton, que comentou certas partes da obra, Teófilo de Antioquia e Apolónio, que dela se serviram muito nas suas polémicas, parece terem-na, como Justino, atribuído ao apóstolo. Pode dizer-se o mesmo do *Cânon de Muratori*. A partir do ano 200, a opinião mais geral é de que o João do Apocalipse é o apóstolo. Ireneu, Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes, o autor dos *Philosophumena*, não têm a esse respeito nenhuma hesitação. A opinião contrária é por vezes firmemente sustentada. Para os que se separam cada vez mais do judaico-cristianismo e do milenarismo primitivos, o Apocalipse era um livro perigoso, impossível

de defender, indigno dum apóstolo, porque encerrava profecias que se não chegaram a cumprir. Marcion, Cerdon e os gnósticos rejeitavam-no completamente; as *Constituições apostólicas* omitem-no no seu Cânon; a velha *Peschito* não o insere. Os adversários das visões montanistas, como o padre Caio, simularam tê-lo como obra de Cerinto. Enfim, na segunda metade do século III, a escola de Alexandria, em ódio ao milenarismo renascente por causa da perseguição de Valeriano, critica o livro com excessivo rigor e um mau humor não dissimulado; o bispo Dinis demonstra perfeitamente que o Apocalipse não podia ser do mesmo autor do quarto Evangelho e renova a hipótese de *Presbyteros*. No século IV, a Igreja grega encontra-se perfeitamente dividida. Eusébio, embora hesitante, é desfavorável à tese que atribui a obra ao filho de Zebedeu. Gregório de Nazianzo e quase todos os cristãos letrados do mesmo tempo recusam-se a considerar como escrito apostólico um livro que tão vivamente contrariava a sua inclinação, as suas ideias de apologética e os seus prejuízos de educação. Pode dizer-se que, se o caso estivesse nas mãos deste partido, ele teria posto de parte inteiramente o Apocalipse lançando-o para a mesma categoria do *Pastor* e dos ἀντιλεγόμενα cujo texto grego desapareceu quase. Felizmente era tarde de mais para que tais exclusões pudessem ser levadas a cabo. Graças a uma feliz contradição das coisas sucedeu que um livro que tão atrozes injúrias encerra contra Paulo, se conservou ao lado das próprias obras de Paulo, e formou com elas um volume como provindo da mesma inspiração.

Representa porventura esta oposição persistente, que constitui um facto tão importante da história eclesiástica, um peso considerável aos olhos

da crítica independente? Não pode dizer-se verdadeiramente. Certamente Dinis de Alexandria está na verdade quando estabelece que a mesma pessoa não pode ter escrito o quarto Evangelho e o Apocalipse. Mas, colocada ante este dilema, a crítica moderna respondeu de modo diferente da crítica do século III. A autenticidade do Apocalipse pareceu-lhe mais admissível que a do Evangelho, e se, na obra joânica, se tem de atribuir uma parte a esse problemático *Presbyteros Johannes*, é mais o Evangelho e as epístolas do que o Apocalipse que se lhe podem atribuir. Que motivo tiveram no século III os adversários do montanismo, no século IV os cristãos educados nas escolas helénicas de Alexandria, de Cesareia, de Antioquia, para negar que o autor do Apocalipse fosse realmente o apóstolo João? Seria uma tradição, uma recordação conservada nas Igrejas? De forma alguma. Os seus motivos eram de ordem teológica *a priori*. A atribuição do Apocalipse ao apóstolo tornava quase impossível para um homem instruído e sensato admitir a autenticidade do quarto Evangelho, e acreditava-se então abalar o cristianismo pondo em dúvida a autenticidade deste último documento. Por outro lado a visão atribuída a João parecia constituir uma fonte de erros sem cessar renascendo; sair-se-ia das recrudescências perpétuas do judaico-cristianismo, do profetismo imperante, do milenarismo audacioso? Que resposta se havia de dar aos montanistas e aos místicos do mesmo género, discípulos perfeitamente consequentes do Apocalipse, a essa multidão de entusiastas que ocorriam ao martírio, enervados como estavam pela estranha poesia do velho livro do ano 69? Uma só: provar que o livro que servia de texto para as suas quimeras não era de origem apostólica. A razão

que levou Caio, Dinis de Alexandria e tantos outros a negar que o Apocalipse fosse realmente do apóstolo João, é justamente a que nos leva à conclusão oposta. O livro é judaico-cristão, ebionita; é a obra dum entusiasta cheio de ódio contra o império romano e o mundo profano; exclui toda a ideia de reconciliação entre o cristianismo, dum lado, e o império e o mundo, do outro; o seu messianismo é todo material; nele se afirma o reino dos mártires durante mil anos; o fim do mundo está, segundo esse livro, muito próximo. Estes motivos, em que os cristãos saídos da direcção de Paulo e mais tarde da escola de Alexandria, viam dificuldades insuperáveis, são para nós sinais de antiguidade e autenticidade apostólica. O ebionismo e o montanismo já nos não causam cuidado; simples historiadores, podemos mesmo afirmar que os aderentes dessas seitas, repelidos pela ortodoxia, eram os verdadeiros sucessores de Jesus, dos Doze e da família do Mestre. A direcção racional que o cristianismo toma, pelo gnosticismo moderado, pelo triunfo tardio da escola de Paulo, e sobretudo pelo ascendente de homens como Clemente de Alexandria e Orígenes não nos deve fazer esquecer as suas origens. As quimeras, as impossibilidades, as concepções materialistas, os paradoxos, as enormidades, que impacientavam Eusébio, quando lia esses antigos autores ebionitas e milenaristas, tais como Papias, constituíam o verdadeiro cristianismo primitivo. Para que os sonhos desses sublimes iluminados se tornassem uma religião capaz de viver, foi preciso que homens de bom-senso e de génio, como eram esses Gregos, se fizessem cristãos a partir do século III, continuassem a obra dos velhos visionários e a modificassem extraordinariamente, corrigindo-a e reduzindo-a. Os monumentos mais

autênticos das ingenuidades dos primeiros tempos tornaram-se então embaraçosos testemunhos, que se começaram a pôr de lado. Aconteceu então o que em geral acontece a todas as criações religiosas, e que se observou principalmente durante os primeiros séculos da Ordem franciscana: os fundadores da casa foram desapossados pelos recém-vindos; os verdadeiros sucessores dos primeiros pais tornaram-se dentro em breve suspeitos e heréticos. Daí o facto, que tantas vezes temos tido ocasião de frisar, de os livros favoritos do judaico-cristianismo ebionita e milenário, se terem conservado melhor nas traduções latinas e orientais do que no texto grego, visto que a Igreja grega ortodoxa se mostrou sempre muito intolerante a respeito desses livros suprimindo-os sistematicamente.

As razões que nos induzem a atribuir o Apocalipse ao apóstolo João conservam pois toda a sua força. Eu creio que as pessoas que lerem a nossa narrativa se impressionarão certamente pela maneira como tudo, nesta hipótese, se explica e se liga. Mas num mundo em que as ideias em matéria de propriedade literária eram tão diferentes do que são nos nossos dias, uma obra podia pertencer a um autor de muitíssimas maneiras. Foi o próprio apóstolo João quem escreveu o manifesto do ano 69? Pode-se na verdade duvidar. Basta para a nossa hipótese que ele dele tivesse tido conhecimento e que, tendo-o aprovado, o tivesse visto sem contrariedade circular com o seu nome. Os três primeiros versículos do capítulo primeiro, que parecem doutra mão diferente da do Vidente, explicar-se-iam dessa maneira. Da mesma forma se explicariam também passagens como XVIII, 20; XXI, 14, que levam a crer que quem empunhou a pena não foi o apóstolo. Em *Ef.*, II, 20, encontra-

mos uma certa analogia, e nesse ponto estamos seguros de que entre nós e Paulo há um intermediário, ou seja um secretário ou um imitador. O abuso que se fez do nome dos apóstolos para valorizar escritos apócrifos deve-nos pôr de sobreaviso. Muitas particularidades do Apocalipse não podem ser dum discípulo imediato de Jesus. Surpreende ver um dos membros do pequeno grupo que elaborou o Evangelho apresentar-nos o seu antigo amigo como um Messias de glória, sentado no trono de Deus, governando os povos, e tão inteiramente diverso do Messias da Galileia que o Vidente, ao vê-lo, estremece e cai prostrado como morto. Um homem que havia conhecido o verdadeiro Jesus dificilmente podia, mesmo ao fim de trinta e seis anos, ter sofrido uma tal modificação nas suas recordações. Maria de Magdala, vendo Jesus ressuscitado, exclama: «Meu Mestre!» e João não vê aberto o Céu senão para nele encontrar aquele que tanto amou transformado em Cristo terrível!... Acrescente-se a isto que se não fica menos surpreendido ao ver sair da pena dum dos principais personagens do idílio evangélico uma composição artificial, em que a imitação a frio das visões dos antigos profetas se denuncia em cada linha. O retrato dos pescadores de Galileia que nos oferecem os Evangelhos sinópticos não corresponde de forma alguma ao de escritores, de leitores assíduos dos antigos livros, de rabinos ilustrados. Resta saber se não será a descrição dos sinópticos que é falsa, e se a comitiva de Jesus não foi muito mais pretensiosa, mais escolástica, mais semelhante aos escribas e aos fariseus do que no-lo faz supor a narrativa de Mateus, Marcos e Lucas.

Se se admite a hipótese que expendemos, e segundo a qual João teria antes reconhecido e aceitado o Apocalipse em vez de o ter escrito pela sua mão, chega-se a explicar até como o livro se espalhou tanto, durante os três quartos de século que se seguiram à sua composição. É provável que o autor, depois do ano 70, vendo Jerusalém tomada, os Flávios solidamente estabelecidos, o império romano reconstituído e o mundo obstinado em durar, apesar do termo de três anos e meio que lhe tinha assinado, detivesse ele próprio a publicidade da sua obra. Efectivamente, o Apocalipse não atingiu a sua grande importância senão no meado do século II, quando o milenarismo se tornou um motivo de discórdia na Igreja, e sobretudo quando as perseguições se repetiram às invectivas contra a Besta do juízo e do bom-senso. A sorte do Apocalipse ligou-se assim às alternativas de paz e de provações que a Igreja atravessou. Cada perseguição lhe deu uma voga nova; e é quando as perseguições terminam que o livro corre verdadeiros perigos e se vê em risco de ser excluído do Cânon, como um panfleto mentiroso e revolucionário.

Como as duas tradições de que eu admiti neste livro a plausibilidade, a saber a vinda de Pedro a Roma e a estada de João em Éfeso, tivessem dado origem a longas controvérsias, eu tomei-as para objecto dum apêndice junto no fim deste volume. Discuti em especial a recente memória de Scholten sobre a estada dos apóstolos na Ásia com a atenção que merecem todos os escritos do eminente crítico holandês. As conclusões a que cheguei e que eu não considero aliás senão como apenas prováveis, excitarão por certo como o uso que eu fiz do quarto Evangelho ao escrever a *Vida de Jesus*, os desdéns duma recente escola presunçosa, aos olhos da qual toda a tese é certa desde que é nega-

tiva e que trata peremptoriamente como ignorantes os que não admitem de pronto os seus exageros. Eu peço ao leitor que acredite que o respeito o bastante para nada desprezar do que possa servir para encontrar a verdade na ordem de estudos que empreendi. Mas eu tenho por princípio que a história e a dissertação devem ser distintas uma da outra. A história não pode ser bem feita enquanto a erudição enche bibliotecas inteiras com ensaios críticos e memórias; mas quando a história se desembaraça de tudo isso, ela não deve ao leitor senão a indicação da fonte original sobre que cada asserção se apoia. As notas ocupam o terço de cada página nestes volumes que eu consagro às origens do cristianismo. Se eu me considerasse obrigado a inserir a bibliografia, as citações de autores modernos, a discussão pormenorizada das opiniões, as notas encheriam pelo menos três quartos de cada página. É verdade que o método que segui supõe os autores versados nas investigações sobre o Antigo e o Novo Testamento, o que acontece a muito poucas pessoas em França. Mas quantos livros sérios teriam o direito de existir se, antes de serem compostos, o autor tivesse de ter a certeza de que teria um público capaz de os compreender? Eu afirmo em todo o caso que mesmo um leitor que não saiba o alemão, mas que esteja ao corrente do que há escrito na nossa língua sobre estas matérias, pode muito bem seguir a minha discussão. A excelente colecção intitulada *Revista de teologia*, que se imprimia até estes últimos anos em Estrasburgo, é uma enciclopédia de exegese moderna, que não dispensa o leitor de remontar aos livros alemães e holandeses, mas em que se reflectem todas as grandes discussões de teologia científica deste meio século. Os escritos de Reuss,

Réville, Scherer, Kienlen, Coulin, e em geral as teses da faculdade de Estrasburgo, oferecerão igualmente aos leitores desejosos de mais amplas indicações uma sólida instrução. Escusado será dizer que mais bem informados serão os que puderem ler os escritos de Cristiano Baur, o pai de todos estes estudos, Zeler, Schwegler, Volkmar, Hilgenfeld, Lücke, Lipsius, Holtzmann, Ewald, Keim, Hausrath e Scholten. Proclamei durante toda a minha vida que a Alemanha conquistou uma glória eterna fundando a ciência crítica da Bíblia e os estudos que com ela se relacionam. Tenho-o dito bem alto para que possa ser acusado de ter deixado passar em silêncio obrigações por mim cem vezes reconhecidas. A escola dos exegetas alemães tem seus defeitos; esses defeitos são os que um teólogo, por mais liberal que seja, não pode evitar; mas a paciência, a tenacidade de espírito, a boa-fé que têm sido empregadas nesta obra de análise são verdadeiramente admiráveis. Entre inúmeras formosas pedras que a Alemanha colocou no edifício do espírito humano, erguido à custa de todos os povos, a ciência bíblica é talvez o bloco talhado com mais cuidado, o que melhor tem impresso o cunho do operário que o trabalhou.

Neste volume, como nos precedentes, devo muito à erudição sempre pronta e à inesgotável complacência dos meus sábios colegas e amigos Egger, Leon Renier, Derembourg, Waddington, Boissier, de Longpérier, de Witte, Le Blant, Delaurier, que me permitiram consultá-los diariamente sobre os pontos que se relacionavam com os seus estudos especiais. Neubauer reviu a parte talmúdica. Apesar dos seus trabalhos na Câmara, Noël Parfait teve a amabilidade de não interromper os seus cuidados de corrector muito apreciável e com-

pleto. Enfim, devo exprimir o meu vivo reconhecimento a Amari, Pietro Rosa, Fabio Gori, Fiorelli, Minervini e de Luca, que, durante uma viagem à Itália que fiz no ano passado, me serviram de preciosos guias. Ver-se-á como esta viagem se liga em muitos pontos com o objecto do presente volume. Embora conhecesse já a Itália, tinha uma certa ansiedade de saudar uma vez mais a terra das grandes recordações, a mãe sadia de toda a renascença. Segundo uma lenda rabínica, havia em Roma, durante essa longa luta da beleza que se chama a Idade Média, uma estátua antiga conservada num lugar secreto, e tão bela que os Romanos a vinham de noite beijar furtivamente. Destas carícias profanas diz-se ter resultado um fruto, que foi o Anticristo [1]. Este filho da estátua é pelo menos um filho da Itália. Todos os grandes protestos da consciência humana contra os excessos do cristianismo vieram outrora desta terra; é daí que terão de vir no futuro.

Não ocultarei que o prazer da história, a alegria incomparável que se experimenta ao ver desenrolar-se o espectáculo da humanidade, foi o que mais me prendeu neste volume. Tive um grande prazer em o fazer para que peça outra recompensa além da de o ter feito. Por várias vezes eu me censurava a mim próprio da satisfação que experimentava no meu gabinete de trabalho, enquanto que a minha pobre pátria se consumia numa lenta agonia; mas eu tenho a consciência tranquila. A quando das eleições de 1869 eu ofereci-me aos sufrágios dos meus concidadãos; mas todos os meus cartazes diziam em grandes letras: «Nada de revolução; nada de guerra; uma guerra

[1] Veja-se Buxtorf, *Léx. chald. talm. rabb.*, pág. 222.

será tão funesta como uma revolução». No mês de Setembro de 1870, conjurei os espíritos esclarecidos da Alemanha e da Europa a tratarem do perigo que ameaçava a civilização. Durante o cerco, em Paris, no mês de Novembro de 1870, expus-me a uma enorme impopularidade aconselhando a reunião duma assembleia com poderes para negociar a paz. Nas eleições de 1871, respondi aos convites que me fizeram: «Um tal mandato não pode ser nem procurado, nem recusado». Depois do restabelecimento da ordem, apliquei toda a atenção que pude às reformas que considero como as mais urgentes para salvar o nosso país. Tenho feito pois tudo o que tenho podido. Devemos à nossa pátria o ser sinceros para com ela; e não somos obrigados a empregar o charlatanismo para lhe fazer aceitar os nossos serviços ou acolher as nossas ideias.

Talvez que este volume, embora destinado antes de tudo aos curiosos e aos artistas, contenha mais dum ensinamento. Nele se verá o crime batido até ao extremo e o protesto dos santos elevado a uma acentuação sublime. Um tal facto não deixará de constituir uma grande impressão religiosa. Creio mais do que nunca que a religião não é uma enfiada de ilusões subjectivas da nossa natureza, que ela corresponde a uma realidade exterior e que aquele que lhe tenha seguido as inspirações terá sido o melhor inspirado. Simplificar a religião não é derrubá-la, é muitas vezes fortificá-la. As pequenas seitas protestantes dos nossos dias, como o cristianismo nascente, são a melhor prova disto. O grande erro do catolicismo é acreditar que se pode lutar contra os progressos do materialismo com uma dogmática complicada, sobrecarregando-se cada dia com uma nova dose de maravilhoso.

O povo já não pode ter senão uma religião sem

milagres; mas uma tal religião pode ainda viver, se, tirando partido da dose de positivismo que entrou no temperamento intelectual das classes operárias, as pessoas que tratam de almas reduzissem quanto possível o dogma e fizessem do culto um meio de educação moral, de associação benfeitora. Acima da família e fora do Estado, o homem tem necessidade da Igreja. É graças às suas seitas numerosas que os Estados Unidos da América fazem durar a sua democracia. Se, como se pode supor, o cristianismo ultramontano não pode já conseguir, nas grandes cidades, levar o povo aos seus templos, é preciso que a iniciativa individual crie pequenos centros onde o fraco encontre lições, socorros morais, um patronato, por vezes uma assistência material. A sociedade civil, chame-se ela comuna, cantão ou província, Estado ou pátria, tem deveres relativos ao melhoramento do indivíduo; mas o que ela faz é necessariamente limitado. A família deve fazer muito mais; mas às vezes é ainda insuficiente; há muitos casos em que ela falta completamente. Só as associações criadas em nome dum princípio moral podem dar a todo o homem vindo a este mundo um laço que o ligue ao passado, deveres para o futuro, exemplos a seguir, uma herança de virtude a receber e a transmitir, uma tradição de devotamento a continuar.

O ANTICRISTO

CAPÍTULO I

PAULO CATIVO EM ROMA

Estava-se numa época estranha. Nunca a espécie humana atravessara uma crise mais extraordinária. Nero entrava no seu vigésimo quarto ano. Acabava de se extraviar de todo a cabeça deste desgraçado mancebo, colocada aos dezassete anos à testa do mundo por uma mãe celerada. Há muito tempo que certos indícios vinham causando a inquietação dos que o conheciam. Era um espírito prodigiosamente declamatório, uma natureza má, hipócrita, superficial, vaidosa; um conjunto inacreditável de inteligência falsa, maldade profunda, egoísmo atroz e dissimulado, com requintes inauditos de subtileza. Foram contudo circunstâncias especiais [1] que dele fizeram esse monstro sem igual na história e que só pode ter semelhante nos anais patológicos do cadafalso. A escola de crime em que passara a sua infância, a execrável influência de sua mãe, a obrigação em que esta mulher abominável o colocou quase de entrar na vida por um

[1] Veja-se a reflexão de Pausânias, VII, XVII, 3.

parricídio, deram-lhe desde muito cedo a impressão de que o mundo era uma horrível comédia em que ele era o principal actor. No momento em que estamos, desembaraçou-se já completamente dos filósofos seus mestres; matou quase todos os seus parentes, pôs em moda as mais vergonhosas loucuras; uma parte da sociedade romana, a seu exemplo, descera ao último grau da depravação. A aspereza antiga chegava ao seu cúmulo; começava já a natural reacção dos justos instintos populares. No momento em que Paulo entrou em Roma, a crónica do dia era esta:

Pedânio Secundo, prefeito da Roma, personagem consular, acabava de ser assassinado por um dos seus escravos, e alegaram-se a favor do culpado circunstâncias atenuantes. Segundo a lei, todos os escravos que, no momento do crime, habitassem sob o mesmo tecto com o assassino deviam sofrer a pena de morte. Estavam neste caso perto de quatrocentos desgraçados. Quando se soube que a atroz execução se ia realizar, começou a revoltar-se o sentimento de justiça que dorme sob a consciência do povo ainda o mais envilecido. Deu-se uma amotinação; mas o senado e o imperador decidiram que a lei devia seguir o seu curso [1].

Talvez que entre esses quatrocentos inocentes, imolados em virtude dum direito odioso, houvesse mais dum cristão. Tocara-se o fundo do abismo do mal; não se podia já senão tornar a subir. Factos morais duma natureza singular se passavam até nas classes mais elevadas da sociedade [2]. Quatro anos antes, havia dado muito que falar uma dama ilustre, Pompónia Grecina, mulher de Aulo Pláu-

[1] Tac., *An.*, XIV, 42 e seg.
[2] Tertuliano, *Apolog.*, 1.

cio, o primeiro conquistador da Bretanha. Acusavam-na de «superstição estrangeira». Vestia sempre de preto e nunca quebrava a sua austeridade. Atribuía-se esta melancolia a horríveis recordações, sobretudo pela morte de Júlia, filha de Druso, sua amiga íntima, que Messalina fizera perecer; parece que um dos seus filhos fora também vítima duma das maiores monstruosidades de Nero; o certo é que Pompónia trazia no coração um luto profundo e talvez misteriosas esperanças. Foi levada, segundo o costume antigo, ao julgamento de seu marido. Pláucio reuniu os parentes, examinou o negócio em família e declarou sua mulher inocente. Esta nobre dama viveu muito tempo ainda, tranquila sob a protecção de seu marido, sempre triste e muito respeitada. Parece que nunca revelou o seu segredo a ninguém [1]. Quem sabe se as aparências que observadores superficiais tomaram por humor sombrio não eram a grande paz de alma, o recolhimento calmo, o aguardar resignado da morte, o desdém duma sociedade tola e má, o inefável prazer da renúncia ao prazer? Quem sabe se Pompónia Grecina não foi a primeira santa do grande mundo, a irmã mais velha de Melânia, de Eustóquia e de Paula?

Esta situação extraordinária, se expunha a Igreja de Roma aos combates da política, dava-lhe em compensação uma grande importância, embora ela fosse pouco numerosa [2]. Roma, sob Nero, não se parecia com as províncias. Qualquer pessoa que aspirasse a realizar uma grande acção aí teria de ir. Paulo tinha a este respeito uma espécie de instinto profundo que o guiava. A sua chegada a

[1] Tac., *An.*, XIII, 32.
[2] *Act.* XXVIII, 21 e seg.

Roma foi na sua vida um acontecimento quase tão decisivo como a sua conversão. Acreditou ter atingido o fim da sua vida apostólica e recordou-se sem dúvida do sonho em que, depois duma das suas jornadas de luta, Cristo lhe apareceu e lhe disse: «Coragem! o mesmo serviço que me fizeste em Jerusalém, tu mo farás em Roma [1]».

Ao chegar junto dos muros da cidade eterna, o centurião Júlio conduziu os seus prisioneiros aos *castra praetoriana*, edificados por Sejan. perto da via Nomentana, e enviou-os ao prefeito do pretório [2]. Os indivíduos que apelavam para o imperador eram, ao entrar em Roma, considerados como prisioneiros do imperador e como tais confiados à guarda imperial [3]. Os prefeitos do pretório eram de ordinário em número de dois; mas nesse momento não havia senão um [4]. Este cargo capital estava desde o ano 51 nas mãos do nobre Afrânio Burrhus [5], que, um ano depois, devia expiar por uma morte angustiosa o crime de ter querido fazer o bem contando com o mal. Paulo não teve certamente nenhumas relações directas com ele. Contudo talvez que a humanidade com que o apóstolo parece ter sido tratado fosse devida à influência que este homem justo e virtuoso exercia em volta dele. Paulo foi constituído no estado de *custodia militaris*, isto é, confiado a um frumentário pretoriano [6], ao qual andava encadeado, mas não duma

[1] *Ibid.*, XXIII, 11. Cf. XIX, 21; XXVII, 24.
[2] Fil., I, 13; *Act.*, XXVIII, 16; Suetónio, *Tibério*, 37.
[3] Comp. Plínio, *Epist.*, X, 65; Jos., *Ant.*, XVIII, VI, 6, 7; Filóstrato, *Sof.*, II, XXXII, 1.
[4] V. Tillemont, *Hist. des emp.*, I, pág. 702.
[5] Cf. Jos., *Ant.*, XX, VIII, 9.
[6] *Act.*, XXVIII, 20. Comp. Jos., *Ant.*, XVIII, VI, 7; Séneca, *De tranq. animae* 10. Encontram-se frumentários em todos os corpos (Renier).

maneira incómoda ou contínua. Foi-lhe permitido viver num quarto alugado à sua custa, talvez na cerca dos *castra praetoriana*, aonde todos vinham vê-lo livremente [1]. Esperou dois anos nesta situação a apelação da sua causa. Burrhus morreu em Março de 62; foi substituído por Fenius Rufus e pelo infame Tigelino, o companheiro das depravações de Nero e o instrumento dos seus crimes. Séneca, a partir desse momento, retira-se da vida pública. Nero daí em diante não tem senão os conselhos das Fúrias.

As relações de Paulo com os fiéis de Roma começaram, como vimos, durante a última estada do apóstolo em Corinto. Três dias depois da sua chegada, procurou, como tinha por hábito, pôr-se em relações com os principais *hakamim*. Não foi no seio da sinagoga que se formou a cristandade de Roma; foram crentes desembarcados em Óstia ou em Pouzoles que, agrupando-se, constituíram a primeira Igreja da capital do mundo; essa Igreja não tinha quase nenhuma ligação com as diversas sinagogas da mesma cidade [2]. A imensidade de Roma e a grande quantidade de estrangeiros que aí se encontravam era a causa de que na cidade se conhecessem pouco e que ideias muito opostas se desenvolvessem a par sem se tocarem. Paulo seguiu pois o seu costume habitual, que havia já posto em prática durante a sua primeira e segunda missão, nas cidades onde levava o gérmen da sua fé. Pediu a alguns chefes de sinagoga para lhe virem falar. Apresentou-lhes a sua situação sob uma luz muito favorável, protestando que não

[1] *Ibid.*, XXVIII, 16, 17, 20, 23, 30; Ghil., I, 7, 13, 14, 17, 30; Col., IV, 3, 18; Ef., II, 1; III, 1; VI, 19-20.
[2] *Act.* XXVIII, 21 e seg.

tinha feito nada e que nada pretendera fazer contra a sua nação, que se tratava da esperança de Israel, isto é, da fé na ressurreição. Os judeus responderam-lhe que nunca tinham ouvido falar dele, nem recebido carta da Judeia a seu respeito, e exprimiram o desejo de lhe ouvirem a ele próprio as suas opiniões. «Porque nós, acrescentaram eles, temos ouvido dizer que a seita de que falas provoca, por toda a parte, opiniões contraditórias». Fixou-se a hora da discussão e um grande número de judeus se reuniu para ouvir o apóstolo no pequeno quarto por ele ocupado. A conferência durou um dia quase inteiro; Paulo enumerou todos os textos de Moisés e dos profetas que provavam, segundo ele, que Jesus era o Messias. Alguns acreditaram, o maior número porém ficou incrédulo. Os judeus de Roma todos eles se disputavam qual melhor havia de observar a Lei. Não era pois entre eles que Paulo podia ter grande sucesso. Separaram-se em grande altercação; Paulo, descontente, citou uma passagem de Isaías [1], muito familiar aos pregadores cristãos [2], sobre a cegueira voluntária dos homens endurecidos que fecham os olhos e tapam os ouvidos para não ver nem ouvir a verdade. Terminou, dizem, pela sua ameaça ordinária de levar aos gentios, que o receberiam melhor, o reino de Deus, que os judeus não queriam.

O seu apostolado entre os pagãos foi coroado dum melhor sucesso. A sua cela de prisioneiro tornou-se um foco de predicação ardente. Durante os dois anos que aí viveu não foi incomodado nem

---

[1] Is., VI, 6 e seg.

[2] Mat., XIII, 14; Marcos, XIV, 12; Lucas, VIII, 10; João, XII, 40; Rom., XI, 8.

uma só vez no exercício deste proselitismo [1]. Tinha o apóstolo junto dele alguns dos seus discípulos, pelo menos Timóteo e Aristarco [2]. Parece que, cada um por sua vez, os seus amigos ficavam com ele e partilhavam da sua cadeia [3]. Os progressos do Evangelho eram surpreendentes [4]. O apóstolo fazia milagres, passava por dispor de poder celeste e dos espíritos [5]. A prisão de Paulo foi desta maneira mais fecunda do que teria sido a sua liberdade. As suas cadeias, ligadas ao pretório e que ele mostrava por toda a parte com uma espécie de ostentação, eram já por si só uma predicação [6]. Pelo seu exemplo e animados pela maneira como ele suportava o cativeiro, os seus discípulos e os outros cristãos de Roma pregavam encarniçadamente.

Não encontraram a princípio nenhum obstáculo [7]. A Campânia e as cidades das proximidades do Vesúvio receberam, talvez da Igreja de Pouzoles, os gérmenes do cristianismo, que aí encontrara as condições em que costumava desenvolver-se, isto é, um primeiro solo judeu para o receber. Fizeram-se conquistas singulares. A castidade dos fiéis era um atractivo poderoso; foi por esta virtude que muitas damas romanas se deixaram atrair pelo cristianismo [8]; as boas famílias conservavam

---

[1] *Act.*, XXVIII, 30-31; Fil., I, 7.

[2] Fil., I, 1; II, 19 e seg.; Col., IV, 10; Filem., 24; Lucas deve ter-se ausentado, porque Paulo não envia a saudação dele aos Filipenses.

[3] Col., IV, 10; Filem., 13, 23.

[4] Fil., I, 12.

[5] Rom., XV, 18-19, considera-se em relações com Simão o Mágico.

[6] Fil., I, 31.

[7] Fil., I, 14.

[8] Esta ideia serve de base aos Actos de Pedro, tais como são referidos pelo Pseudo-Lin.

ainda nas mulheres uma sólida tradição de modéstia e de honestidade. A nova seita teve adeptos até na casa de Nero, talvez entre os judeus, que eram numerosos entre o pessoal inferior do serviço, entre esses escravos e esses libertos, constituídos em colégios, cuja condição confinava com o que havia de mais ínfimo e de mais elevado, de mais brilhante e de mais miserável [1]. Certos indícios vagos levam-nos a crer que Paulo teve relações com membros ou libertos da família *Annaea*. O que é fora de dúvida em todo o caso é que desde esta época se faz para as pessoas bem informadas a distinção nítida entre judeus e cristãos. O cristianismo foi tido como uma «superstição» distinta, saída do judaísmo, inimiga de sua mãe e odiada por ela [2]. Nero, em especial, estava ao corrente do que se passava e interessava-se mesmo com uma certa curiosidade. Talvez que já então algum dos intrigantes judeus que o cercavam lhe tivesse inflamado a imaginação pelas coisas do Oriente, e lhe tivesse prometido esse reino de Jerusalém que se tornou o sonho das suas últimas horas, a sua última alucinação [3].

Não sabemos ao certo o nome de nenhum dos membros dessa Igreja de Roma do tempo de Nero. Um documento de valor duvidoso enumera como amigos de Paulo e de Timóteo, Eubulo, Pudens, Cláudia e esse Lino que a tradição eclesiástica apresentará mais tarde como o sucessor de Pedro no episcopado de Roma. Faltam-nos os elementos para apreciar o número dos fiéis, mesmo duma maneira aproximativa.

---

[1] Tac., *Hist.*, II, 92.
[2] *Ibid.*, *An.* XV, 44.
[3] Suetónio, *Nero*, 40.

Tudo parecia ir pelo melhor; mas a escola encarniçada que se havia imposto a missão de combater até ao fim do mundo o apostolado de Paulo não dormia. Vimos já os emissários desses ardentes conservadores como que seguirem-lhe a pista, e como o apóstolo dos gentios ia deixando atrás de si pelos mares em que passava um longo sulco de ódio. Paulo, apresentado como um homem funesto que ensina a comer carnes sacrificadas aos ídolos e a fornicar com pagãs, é previamente assinalado e designado à vindicta de todos. Custa a acreditá-lo, mas não pode duvidar-se, porque é o próprio Paulo que no-lo refere [1]. Mesmo nesse momento solene, decisivo, ele encontrou ainda diante de si mesquinhas paixões. Adversários, membros dessa escola judaico-cristã que havia dez anos encontrava por toda a parte sob os seus passos, empreenderam para o embaraçar uma espécie de contrapredicação do Evangelho. Invejosos, disputadores, impertinentes, procuravam todas as ocasiões de o contrariar, de agravar a situação do prisioneiro, de excitar os judeus contra ele, de rebaixar o mérito das suas cadeias. A boa vontade, o amor, o respeito que lhe testemunhavam os outros, a sua convicção altamente proclamada de que as cadeias do apóstolo eram a glória e a melhor defesa do Evangelho, consolavam-no de todas estas contrariedades. «Que importa tudo o mais?» escrevia ele nesse tempo [2]...

Contanto que o Cristo seja pregado, que o pregador seja sincero ou que a prédica para ele seja um pretexto, alegrar-me-ei sempre com isso. Quanto a mim tenho a firme espe-

---

[1] Fil., I, 15-17; II, 20-21.
[2] Fil., I, 18 e seg.

rança de que ainda desta vez as coisas voltarão, para meu grande bem, à liberdade do Evangelho, e meu corpo, viva eu ou morra, servirá à glória de Cristo. Dum lado Cristo é a minha vida, e morrer para mim é até um bem; do outro, se vivo verei frutificar a minha obra; não sei por qual escolher. Estou indeciso entre dois desejos contrários: deixar este mundo e ir juntar-me a Cristo, ou ficar convosco. O primeiro seria melhor para mim, mas o segundo vale mais para vós.

Esta grandeza de alma dava-lhe uma segurança, uma boa disposição, uma força maravilhosas. «Se o meu sangue, escreve ele a uma das suas Igrejas, é a libação de que deve ser arrasado o sacrifício da vossa fé, tanto melhor, tanto melhor! E dizei vós também comigo: tanto melhor [1]». Ele cria contudo mais na sua libertação e mesmo numa imediata libertação [2]; via o triunfo do Evangelho e partia dessa ideia para conceber novos projectos. É verdade que já o seu pensamento se não dirige para o Ocidente. É para Filipes, para Colosses que pensa retirar-se até ao dia da aparição do Senhor. Talvez tivesse adquirido o conhecimento mais preciso do mundo latino e tivesse visto que, fora de Roma e da Campânia, países que a emigração síria tornara muito semelhantes à Grécia e à Ásia Menor, encontraria, quando mais não fosse senão por causa da língua, grandes dificuldades. Sabia talvez um pouco de latim [3], mas não sabia o bastante para uma predicação fecunda. O proselitismo judeu e cristão, no primeiro século, exerceu-se pouco nas cidades verdadeiramente latinas; concentrou-se em cidades como Roma e Pouzoles,

[1] *Ibid.*, II, 17-18.
[2] Fil., I, 25; II, 24; Col., IV, 3-4; Filem., 22.
[3] O que nos diz Dion Cassius, LX, 17, leva-nos por indução a acreditá-lo.

onde, em virtude da chegada constante de Orientais, o grego estava muito espalhado. O programa de Paulo estava suficientemente cumprido; o Evangelho fora já pregado nos dois mundos [1]; atingira, segundo as cheias imagens da linguagem profética [2], as extremidades da terra, todas as nações que se encontram sob o céu. O que Paulo sonhava agora era pregar livremente em Roma [3], voltar depois a visitar as suas Igrejas de Macedónia e Ásia [4], e esperar pacientemente com elas a vinda do Cristo.

Em suma poucos anos da vida do apóstolo foram mais felizes do que estes [5]. Imensas consolações o visitavam de tempos a tempos; nada tinha a recear da hostilidade dos judeus. A pobre instalação do prisioneiro era o centro duma pasmosa actividade. As loucuras da Roma profana, os seus espectáculos, os seus escândalos, os seus crimes, as ignomínias de Tigelino, a coragem de Trásea, o horrível destino da virtuosa Octávia, a morte de Palas impressionaram mediocremente os nossos piedosos iluminados. A representação deste mundo passa, diziam eles. A grande imagem dum futuro divino fazia-lhes fechar os olhos sobre a lama pútrida de sangue em que os seus pés mergulhavam. Verdadeiramente, a profecia de Jesus cumprira-se. No meio das trevas exteriores em que reina Satã, no meio das lágrimas e do ranger de dentes, funda-se o pequeno paraíso dos eleitos. Eles aí estão no seu mundo fechado, revestido no interior de luz e de azul, no reino de Deus seu pai. Mas fora, que inferno!... Ó Deus, como é doloroso

[1] *Act.*, I, 8; XXIII, 11; Col., I, 23.
[2] Comp. Rom., XV, 19.
[3] Col., IV, 3-4.
[4] Fil., I, 26-27; II, 24; Filem., 22.
[5] Fil., I, 7.

viver nesse reino da Besta onde o verme não morre e o fogo se não extingue!

Uma das maiores alegrias que Paulo experimentou nessa época da sua vida foi a da chegada duma mensagem da sua querida Igreja de Filipes [1], a primeira que fundou na Europa, e onde deixou tão devotadas afeições. A rica Lídia, aquela que ele chamava «a sua verdadeira esposa [2]», não o esquecia. Epafrodita, enviado da Igreja, trazia uma soma de dinheiro [3] de que o apóstolo devia ter grande necessidade, por causa das despesas a que o obrigava a sua nova situação. Paulo, que sempre fizera uma excepção para a Igreja de Filipes e dela recebera o que não queria dever a nenhuma outra [4], aceitou de bom grado ainda desta vez. As notícias da Igreja eram excelentes. Apenas algumas questiúnculas entre as duas diaconisas Evódia e Sintiché tinham vindo perturbar a paz [5]. Certas discórdias suscitadas por mal-intencionados, de que resultaram algumas prisões, não tiveram outra consequência maior do que a de demonstrarem a paciência dos fiéis [6]. A heresia dos judaico-cristãos, a pretendida necessidade da circuncisão, giravam em volta deles sem os alcançar [7]. Alguns maus exemplos de cristãos mundanos e sensuais, de que o apóstolo fala com lágrimas [8], não provinham, ao que parece, da sua Igreja. Epafrodita permaneceu

[1] *Ibid.*, I, 13 e II, 23, parecem indicar que isto se deu pouco tempo depois da chegada de Paulo a Roma.
[2] Veja-se em *S. Paulo* as dúvidas que há a este respeito.
[3] Fil., II, 25, 30; IV, 10 e seg.
[4] Veja-se *S. Paulo*.
[5] Fil., I, 27; II, 2 e seg.; IV, 2.
[6] *Ibid.*, I, 28-30. Comp. *Act.*, XVI, 23.
[7] *Ibid.*, III, 2 e seg.
[8] *Ibid.*, III, 18-19.

algum tempo junto de Paulo e contraiu uma doença, consequência do seu devotamento, a qual o levou à morte. Um vivo desejo de tornar a ver Filipes se apoderou deste homem excelente; aspirava a acalmar ele próprio as inquietações em que estavam as suas amigas. Paulo, por seu lado, desejando fazer cessar o mais depressa possível os receios das piedosas senhoras, despediu-o prontamente, entregando-lhe para os Filipenses uma carta cheia de ternura [1], escrita pela mão de Timóteo. Nunca ele tivera tão doces expressões para manifestar o amor que dedicava a essas Igrejas tão boas e tão puras.

Felicita-as, não só por acreditarem em Cristo, mas por terem sofrido por ele. Os que dentre eles estão presos devem estar satisfeitos por sofrerem o tratamento que outrora viram infligir ao seu apóstolo e ao qual sabem que ele é actualmente submetido. Eles são como um pequeno grupo eleito de filhos de Deus no meio duma raça corrompida e perversa, como lâmpadas de intensa luz no meio dum mundo obscuro [2]. Faz-lhes exortações contra o exemplo dos cristãos menos perfeitos [3], isto é, daqueles que se não desembaraçaram de todo do prejuízo judeu [4]. Os apóstolos da circuncisão são tratados com a maior dureza [5]:

Fora os cães, os maus obreiros, todos esses mutilados! Somos nós que somos os verdadeiros circuncisos, nós os que adoramos segundo o espírito de Deus, que pomos toda a nossa glória e a nossa confiança em Jesus Cristo e não na

[1] Fil., II, 25 e seg.
[2] *Ibid.*, I, 29-30; II, 12-18.
[3] *Ibid.*, IV, 18-19.
[4] *Ibid.*, III, 15-17.
[5] *Ibid.*, III, 2 e seg.

carne. Se eu quisesse afirmar-me por essas distinções carnais, podia fazê-lo com melhor direito do que ninguém; eu, circunciso ao oitavo dia, da pura raça de Israel, da tribo de Benjamim, Hebreu filho de Hebreus, antigo fariseu, antigo perseguidor, antigo observador zeloso das justiças legais. Pois bem, todas estas regalias eu as considero sob o ponto de vista de Cristo como inferioridades, como ninharias, desde que aprendi o que há de transcendente no conhecimento de Jesus Cristo. Para alcançar Cristo perdi tudo o mais; troquei a minha própria justiça, vinda da observação da Lei, para a verdadeira justiça segundo Deus, que vem da fé em Cristo, a fim de participar em Sua ressurreição e de ressuscitar, eu mesmo, de entre os mortos, como participei dos Seus sofrimentos e como ajustei sobre mim a imagem da Sua morte. Estou longe de ter atingido este fim; mas procuro fazê-lo. Esquecendo tudo o que me fica para trás, sempre voltado para o que está diante, eu aspiro como o corredor ao prémio da vitória colocado no extremo da carreira. Tal é o sentimento dos perfeitos.

E acrescenta:

A nossa pátria é no Céu, donde nós esperamos como salvador o Senhor Jesus Cristo, que há-de transformar o nosso corpo miserável e o fará igual ao seu corpo glorioso, pelo seu grande poder e graças ao decreto divino que lhe subordinou todas as coisas. Eis, irmãos que eu amo e lamento não mais ver, vós, a minha alegria e a minha coroa, eis a doutrina que deveis seguir à risca, meus bem-amados [1].

Exorta-os sobretudo à concórdia e à obediência. A forma de vida que lhes indica, a maneira como eles o viram praticar o cristianismo é a melhor; mas, além disto, cada fiel tem a sua revelação, a sua inspiração pessoal, que provém igualmente de Deus [2]. Roga a sua «verdadeira esposa» (Lídia) que reconcilie Evódia com Sintiché, que venha em seu auxílio, recomendá-los no seu ofício de servidores

[1] Fil., III, 20, 21; IV, 1.
[2] *Ibid.*, III, 15-17.

dos pobres [1]. Quer que se alegrem [2]: «O SENHOR ESTÁ PRÓXIMO [3]». O seu agradecimento pela remessa do dinheiro feita pelas senhoras ricas de Filipes é um modelo de graça e de sentimento religioso.

Experimentei uma grande alegria religiosa em virtude deste reflorir tardio da vossa amizade, que vos fez enfim pensar em mim; vós pensáveis muito nisso, mas não tínheis tido ocasião. Não digo isto para insistir na minha pobreza; aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei viver na penúria e no supérfluo; estou habituado a tudo, a saciar-me e a sofrer a fome, à extrema abundância e à falta do necessário. Posso tudo n'Aquele que me fortifica. Mas vós fizestes bem em alegrar a minha tristeza. Não é à dádiva que eu olho, mas ao bem que disso vos resulta a vós. Tenho tudo o que me é preciso, tenho mesmo de mais, desde que recebi por Epafrodita a vossa oferenda, sacrifício cheio de fragância, hóstia bem acolhida, agradável a Deus! [4]

Recomenda a humildade, que nos faz considerar os outros como superiores a nós, a caridade que nos faz pensar nos outros mais do que em nós, segundo o exemplo de Jesus. Jesus tinha em si a divindade em todo o seu poder; podia ter-se mostrado durante toda a sua vida terrestre em todo o seu esplendor divino; mas a ideia da redenção ter-se-ia por completo adulterado. Assim despojou-se de toda a sua imponência natural, para tomar a aparência dum escravo. O mundo viu-o semelhante a um homem; a não olhar senão ao exterior, tê-lo-ia tomado por um homem. «Humilhou-se ele próprio, tornando-se obediente até à

[1] *Ibid.*, IV, 2-3.
[2] *Ibid.*, II, 1, 18; III, 1; IV, 4.
[3] *Ibid.*, IV, 5.
[4] Fil., IV, 10-18.

morte, e à morte na cruz. Eis porque Deus o exaltou e lhe deu um nome acima de qualquer outro, querendo que ao nome de JESUS todos os joelhos se dobrassem no céu, na terra e nos infernos, e que toda a língua confesse o Senhor Jesus Cristo como glória de Deus o Pai [1].

Jesus ia engrandecendo de hora a hora na consciência de Paulo. Se Paulo não admite ainda a sua completa igualdade com Deus o Pai, crê na sua divindade e pressente toda a sua vida terrestre como a execução dum plano divino, realizado por uma encarnação. A prisão exercia sobre ele o efeito que produz em geral nas almas fortes. Exaltava-o e provocava, nas suas ideias, vivas e profundas revoluções. Pouco depois de expedir a carta aos Filipenses, enviou-lhes Timóteo para se informar do seu estado e levar-lhe novas instruções [2]. Timóteo devia regressar imediatamente [3]. Parece que também neste tempo Lucas se ausentara com pouca demora [4].

[1] *Ibid.*, II, 1-11.

[2] Fil., II, 19-23. Não é positivo contudo que Paulo tivesse executado o projecto que enuncia nesta passagem.

[3] Timóteo estava realmente junto de Paulo quando este escreveu aos Colossenses e a Filémon.

[4] Lucas não figura na epístola aos Filipenses, mas figura nas epístolas aos Colossenses e a Filémon.

CAPÍTULO II

PEDRO EM ROMA

As cadeias de Paulo, a sua entrada em Roma, perfeitamente triunfal segundo as ideias cristãs, a vantagem da sua residência na capital do mundo, tudo isto inquietava o partido de Jerusalém. Paulo era para este partido uma espécie de estimulante, um émulo activo, contra o qual se murmurava mas que apesar disso se procurava imitar. Principalmente Pedro, que relativamente ao seu audacioso colega, continuava hesitante entre uma grande admiração pessoal e o papel que as pessoas que o cercavam lhe impunham, passava a sua vida, cheia também de inúmeras provações [1], a copiar Paulo, a segui-lo de longe nas suas excursões, a tomar depois dele as fortes posições que poderiam assegurar o sucesso da obra comum. Foi provavelmente pelo exemplo de Paulo que se fixou, no ano 54, em Antioquia. A notícia espalhada na Judeia e na Síria, na segunda metade do ano 61, da chegada de Paulo a Roma, pode ter sido o motivo

[1] Clem. Rom., *Ad Cor. I*, cap. 5.

que lhe inspirou a ideia duma viagem ao Ocidente.

Parece que veio com toda uma sociedade apostólica. O seu intérprete João Marcos, a quem ele chamava «o seu filho», seguia-o ordinariamente. O apóstolo João, como o frisamos por várias vezes, também em geral o acompanhava. Há indícios que levam a crer que Barnabé fosse também da comitiva [1]. Enfim é possível que Simão de Giton por seu lado tenha vindo para a capital do mundo, atraído pelo encanto que esta cidade exercia em todos os chefes de seita [2], nos charlatães, nos mágicos e nos taumaturgos. Não havia nada mais familiar aos judeus do que a viagem à Itália. O historiador Josefo vem a Roma no ano 62 ou 63 para obter a liberdade de padres judeus, personagens muito santas que, para não comerem impuro, não viviam em país estranho senão de nozes e de figos, e que Félix conduzira ao imperador a darem contas não sei de que delitos [3]. Quem eram esses padres? Não teria o seu caso nenhuma ligação com o de Pedro ou Paulo? A falta de provas históricas oferece sobre estes pontos muitas dúvidas. O próprio facto sobre que os católicos modernos assentam o edifício da sua fé está muito longe de ser certo. Cremos contudo que os «Actos de Pedro», tais como os contavam os ebionitas, não eram fabulosos senão nas particularidades. A concepção fundamental desses Actos, Pedro correndo o mundo em seguimento de Simão o Mágico para o refutar,

[1] O autor da Epístola aos Hebreus parece ter estado em Roma; ora Barnabé parece ter sido o autor da Epístola aos Hebreus. Veja-se a introdução.

[2] Os chefes de seitas gnósticas do II século vêm quase todos a Roma.

[3] Jos., *Vita*, 3.

pregando o verdadeiro Evangelho que deve destruir o Evangelho do impostor [1], «vindo após ele como a luz após as trevas, como a ciência após a ignorância, como a cura após a doença», esta concepção é verdadeira, quando se lhe põe o nome de Paulo em vez do de Simão, e se em vez do ódio feroz que os ebionitas testemunharam sempre contra o pregador dos gentios, se fizesse entre os dois apóstolos uma simples oposição de princípios, não excluindo a simpatia e o acordo sobre o ponto fundamental, o amor de Jesus. Nesta viagem empreendida pelo velho discípulo galileu para seguir a esteira de Paulo, admitamos mesmo que Pedro, seguindo Paulo de perto, aportasse a Corinto, onde tinha antes da sua vinda um partido considerável [2], e que desse muita força aos judaico-cristãos, de tal forma que mais tarde a Igreja de Corinto pôde pretender ter sido fundada pelos dois apóstolos, e sustentar, errando ligeiramente a data, que Pedro e Paulo tinham nela estado ao mesmo tempo e dela haviam partido em companhia a buscar a morte em Roma.

Quais foram as relações dos dois apóstolos em Roma? Há indícios de que foram boas. Em breve veremos Marcos, o secretário de Pedro, encarregado duma missão do seu mestre, partir para a Ásia com uma recomendação de Paulo [3]; por outro lado a epístola atribuída a Pedro, escrito duma autenticidade muito sustentável, apresenta numerosas imitações de epístolas de Paulo. Têm nesta história que sustentar-se duas verdades: a primeira é que divisões profundas (bem mais profundas do

[1] Hom, pseudoclem., II, 17; III, 59.

[2] I Cor., I, 12; III, 22; IX, 5.

[3] Col., IV, 10.

que nunca foram as que, na sequência da história da Igreja, constituíram motivo de algum cisma) dividiram os fundadores do cristianismo, e que a forma da polémica, conforme os hábitos da gente do povo, foi entre eles muito áspera; a segunda é que uma ideia superior reuniu, mesmo em vida, estes irmãos inimigos, aguardando a grande reconciliação que a Igreja devia operar oficialmente entre eles depois da sua morte. Observa-se isto frequentemente nos movimentos religiosos. Deve-se também, na apreciação dessas disputas, ter em conta o carácter judeu, vivo e susceptível, inclinado às violências de linguagem. Nestes pequenos grupos piedosos, zangavam-se e reconciliavam-se sem cessar; havia palavras amargas e contudo não deixavam de se estimarem uns aos outros. Partido de Pedro, partido de Paulo, estas divisões não tinham maior consequência do que as que separam hoje as diferentes facções da Igreja positivista. Paulo tinha a este respeito uma observação excelente: «Cada um deve ficar no tipo de ensinamento que recebeu», regra admirável que a Igreja romana não seguirá mais tarde. Bastava a adesão a Jesus; as divisões confessionais, se assim nos podemos exprimir, eram uma simples questão de origem independente dos méritos pessoais do crente.

Um facto contudo que tem sua gravidade e que levaria a crer que se não restabeleceram as boas relações entre os dois apóstolos, é que, na memória da geração seguinte, Pedro e Paulo são os chefes de partidos opostos no seio da Igreja; é que o autor do Apocalipse, pouco depois da morte dos apóstolos, ou pelo menos da de Pedro, é, de todos os judaico-cristãos, o mais encarniçado contra Paulo. Paulo considerara-se o chefe dos pagãos convertidos em toda a parte onde os tinha; era

a sua interpretação do pacto de Antioquia; os judaico-cristãos compreendiam-no duma maneira diferente. É provável que este último partido, que fora sempre muito grande em Roma, tivesse tomado com a chegada de Pedro a Roma uma grande preponderância. Pedro tornara-se o seu chefe e o chefe da Igreja de Roma. Ora o prestígio sem igual de Roma dava a um tal título a maior importância. Via-se alguma coisa de providencial no papel desta cidade extraordinária [1]. Em virtude da reacção que se produzia contra Paulo, Pedro tornara-se cada vez mais, por uma como que oposição, o chefe dos apóstolos [2]. A atracção de espíritos facilmente impressionáveis exerceu-se depressa. O chefe dos apóstolos na capital do mundo! quem podia haver que tivesse maior fama? A grande associação de ideias que devia dominar os destinos da humanidade durante milhares de anos acabava de constituir-se. Pedro e Roma tornam-se inseparáveis; Roma está predestinada para ser a capital do cristianismo latino; a lenda de Pedro, primeiro papa, começa já neste momento; mas serão ainda precisos quatro séculos para que se desenvolva. Roma, em todo o caso, não se apercebe de que no dia em que Pedro nela pôs o pé, nesse dia se regulava o seu futuro, e que o pobre Sírio que acabava de transpor os seus muros tomava dela posse para muitos séculos.

A situação moral, social e política, agravava-se de dia para dia. Não se falava senão de prodígios e de malefícios, os cristãos eram mais afectados do que ninguém; a ideia de que Satã era o deus

[1] Veja-se todo o Apocalipse.

[2] Carta de Clemente a Tiago, no princípio das Homílias pseudoclementinas, 1.

deste mundo enraizava-se entre eles cada vez mais [1]. Os espectáculos pareciam-lhes obra do demónio. Nunca lá iam, mas ouviam a gente do povo falar deles. Um Ícaro que, no anfiteatro de madeira do Campo de Marte, pretendeu sustentar-se no ar, e que veio cair sobre a própria tribuna de Nero, cobrindo-o com o seu sangue [2], impressionou-os imenso e tornou-se o elemento principal duma das suas lendas. O crime de Roma atingia os limites do sublime infernal; era já um costume de seita, ou fosse por precaução contra a polícia, ou por prazer do mistério, não designar essa cidade senão pelo nome de Babilónia [3]. Os judeus tinham o hábito de dar assim às coisas modernas nomes próprios simbólicos tirados da sua antiga literatura sagrada.

Esta antipatia pouco dissimulada para com um mundo que eles não compreendiam constituía o traço característico dos cristãos. «O ódio pelo género humano» passava por ser o resumo da sua doutrina [4]. A sua melancolia era uma injúria feita «à felicidade do século»; a sua crença no fim do mundo contrariava o optimismo oficial, segundo o qual tudo renascia. Os sinais de repulsão que faziam ao passar diante dos templos davam a ideia de que eles pretendiam destruí-los. Esses velhos santuários da religião romana eram extremamente queridos aos patriotas; insultá-los, era insultar Evandro, Numa, os antepassados do povo romano, os troféus das suas vitórias [5]. Acusavam-se os cris-

[1] II Cor., VI, 4; Ef., IV, 12; João, XII, 31; XIV, 30.
[2] Suetónio, *Nero*, 12.
[3] I Petri, V, 13. Comp. Apocal., XIV-XVIII; *Carm. sibyll.*, V, 142, 158.
[4] Tácito, *An.*, XV, 44 (cf. *Hist.*, V, 5); Suetónio, *Nero*, 16.
[5] Tácito, *An*, XV, 41, 44; *Hist.*, V, 5.

tãos de todos os defeitos; o seu culto passava por ser uma superstição sinistra, funesta ao império; mil histórias atrozes e vergonhosas circulavam a seu respeito; os homens mais ilustrados acreditavam-nas e olhavam os que assim eram indicados à sua antipatia, como criaturas capazes de todos os crimes.

Os novos sectários não conseguiam aderentes senão nas classes baixas; as pessoas de distinção evitavam pronunciar o seu nome, ou, quando a isso eram obrigadas, quase se desculpavam [1]; mas entre o povo os progressos eram extraordinários; dir-se-ia uma inundação, que durante algum tempo estivera contida por um dique, e que agora fazia a sua irrupção [2]. A Igreja de Roma constituía já um povo [3]. A corte e a cidade já começavam a falar dela; os seus progressos constituíram durante algum tempo o assunto do dia [4]. Os conservadores pensavam com terror nessa cloaca de imundícies que eles imaginavam nas espeluncas de Roma; falavam com cólera dessa espécie de ervas daninhas que se arrancam constantemente e que constantemente reaparecem [5].

Quanto à populaça, essa inventava toda a qualidade de calúnias para as atribuir aos cristãos. Tornavam-nos responsáveis de todas as desgraças públicas. Acusavam-nos de pregar a revolta contra

[1] «Quos... vulgus christianos apelabat». Tácito, *An.*, XV, 44.
[2] «Rursos erumpebate». Tácito, *An.*, XV, 44.
[3] «Multitudo ingens». Tácito, *ibid.*
[4] «Genus hominum superstitionis novae ac maleficae». Suetónio, *Nero*, 16.
[5] «Genus hominum in civitate nostra et vetabitur semper et retinebitur». Tácito, *Hist.*, I, 22; cf. *An.*, XII, 52.

o imperador e procurar insubordinar os escravos [1]. O cristão chegava a ser na opinião o que foi por momentos o judeu da Idade Média, o emissário de todas as calamidades, o homem que não pensa senão no mal, o envenenador das fontes, o roubador de crianças, o incendiário das casas e das fazendas [2]. Logo que se cometesse um crime, o mais ligeiro indício era o suficiente para um cristão ser preso e submetido à tortura. Muitas vezes o simples nome de cristão era o bastante para trazer como consequência a prisão. Quando os viam afastar-se dos sacrifícios pagãos, injuriavam-nos [3]. A época das perseguições começara já verdadeiramente; continuará com pequenos intervalos até Constantino. Nos trinta anos que decorreram desde a primeira predicação cristã, só os Judeus perseguiram a obra de Jesus; os Romanos defendiam os cristãos contra os Judeus; agora converteram-se os Romanos por sua vez em perseguidores. Estes terrores e estes ódios estendiam-se da capital às províncias e provocavam as maiores injustiças [4]. Escarneciam-nos atrozmente; as paredes dos lugares em que os cristãos se reuniam estavam cobertas de caricaturas e inscrições injuriosas ou obscenas contra os irmãos e as irmãs [5]. O costume de representar Jesus sob a forma dum homem com cabeça de burro começara já talvez a estabelecer-se.

---

[1] Rom., XIII, 1 e seg.; I Petri, II, 13, 18.

[2] Tácito, *An.*, XV, 44; Suetónio, *Nero*, 16; Séneca, citado por Santo Agostinho, *De civ. Dei*, VI, 11; I Petri, II, 12, 15; III, 16. Cf. II Petri, II, 12.

[3] I Petri, IV, 4.

[4] *Ibid.*, I, 6; II, 19-20; III, 14; IV, 12 e seg.; V, 9, 10; Tiago, II, 6; Tertuliano, *Ad nat.*, I, 7.

[5] De Rossi, *Bull. di arch. crist.*, 1864, pág. 69 e seg.

Ninguém hoje duvida de que estas acusações de crimes e de infâmia eram caluniosas; mil razões nos levam a crer que os directores da Igreja cristã não deram o mínimo pretexto à má vontade que em breve ia arrastar contra eles tão cruéis violências. Todos os chefes dos partidos que dividiam a sociedade cristã estavam de acordo sobre a atitude a manter para com os funcionários romanos. Podiam bem os cristãos no seu íntimo considerar esses magistrados como esteios de Satã, tanto eles protegiam a idolatria e sustentavam um mundo já destinado a Satã; mas, exteriormente, não deixavam de manifestar por eles todo o respeito. Só a facção ebionita partilhara dos sentimentos exaltados dos zelotas e outros fanáticos da Judeia. Os apóstolos, em política, mostram-se-nos como essencialmente conservadores e legitimistas. Longe de arrastar o escravo à revolta, pretendem que o escravo se submeta ao senhor, mesmo ao mais injusto e mais duro, como se servissem a Jesus Cristo em pessoa, e isto não por necessidade, para escapar aos castigos, mas por consciência, porque Deus assim o quer. Por detrás do patrão está o próprio Deus. A escravidão estava longe de ser considerada como contra a natureza, pois os cristãos tinham escravos e escravos cristãos [1]. Vimos já Paulo reprimir a tendência para os levantamentos políticos que se manifestava no ano 57, pregar aos fiéis de Roma e certamente a muitas outras igrejas a submissão aos poderes, qualquer que seja a sua origem, estabelecer em princípio que o gendarme é um ministro de Deus e que só os maus o receiam. Pedro, pelo seu lado,

---

[1] I Petri, II, 18; Col., III, 22, 25; IV, 1; Ef., VI, 5 e seg. e o episódio de Onésino.

era o mais sossegado dos homens; veremos em breve a doutrina da submissão aos poderes ensinada sob o seu nome, quase nos mesmos termos de Paulo [1]. A escola que mais tarde se ligou a João partilhava dos mesmos sentimentos sobre a origem divina da soberania [2]. Um dos maiores receios dos chefes era ver os fiéis comprometidos em questões cujo odioso viria a cair sobre toda a Igreja [3]. A linguagem dos apóstolos, nesse momento supremo, era duma extrema prudência. Alguns desgraçados submetidos à tortura, alguns escravos fustigados tinham-se deixado arrastar até à injúria, chamando idólatras aos seus senhores, ameaçando-os com a cólera de Deus [4]. Outros, por excesso de zelo, gritavam alto contra os pagãos e censuravam-lhes os seus vícios; os camaradas mais sensatos chamavam-lhes com espírito «bispos» ou «vigilantes dos de fora». Sucediam-lhes às vezes cruéis aventuras; mas os sábios directores da comunidade, longe de os exaltarem, diziam-lhes muito claramente que eles não tinham senão o que mereciam [5].

Toda a espécie de intrigas, que a insuficiência de documentos nos não permite apurar, agravavam a situação dos cristãos. Os Judeus tinham grande influência junto do imperador e de Popeia. Os «matemáticos», isto é, os adivinhos, entre outros um tal Balbilo de Éfeso, cercavam o imperador e, sob o pretexto de exercer a sua arte que consistia em desviar os flagelos e os maus presságios,

[1] *Ibid.*, II, 13 e seg.
[2] João, XIX, 11.
[3] I Petri, II, 11-12; IV, 15.
[4] *Ibid.*, II, 23.
[5] I Petri, IV, 15.

davam-lhe abomináveis conselhos [1]. Será sem fundamento a lenda que liga a todos estes bruxos o nome de Simão o Mágico? Pode talvez ser, mas também pode ser o contrário. O autor do Apocalipse preocupa-se muito com um «falso profeta», que representa como uma criatura de Nero, como um taumaturgo que fazia cair o fogo do céu, e dava vida e fala às estátuas, e assinalava os homens com as feições da Besta [2]. Pode ser que se trate de Balbilo, mas não pode deixar de reconhecer-se que os prodígios atribuídos ao Falso Profeta pelo Apocalipse têm muita semelhança com as proezas de escamoteação que a lenda atribui a Simão. O emblema dum cordeiro-dragão, sob que o Falso Profeta se designa no mesmo livro, é mais próprio dum falso Messias como Simão de Gitton do que dum simples bruxo. Por outro lado, a lenda de Simão precipitado do céu não deixa de ter analogia com um acidente que aconteceu no anfiteatro no tempo de Nero, a um actor que fazia o papel de Ícaro. O processo do autor do Apocalipse se exprimir por enigmas lança sobre todos os acontecimentos muita obscuridade; mas não há dúvida de que cada linha deste livro estranho contém alusões a circunstâncias anedóticas muito minuciosas do reinado de Nero.

Nunca a consciência cristã foi mais oprimida, mais abafada do que neste momento. Imaginava-se atravessar um período provisório de curta duração. Esperava-se cada dia a aparição solene. «Ele está a vir!... Uma hora ainda!... Está já próximo!...» eram as palavras que se pronunciavam a todo o

[1] Suetónio, *Nero*, 34, 36, 40; Tácito, *Hist.*, I, 22.
[2] Apoc., XIII, 14-17; XVI, 13; XIX, 20.

instante [1]. O espírito do martírio, essa ideia de que o mártir glorifica Cristo pela sua morte, e que essa morte é uma vitória, estava já universalmente espalhado [2]. Para o pagão, por outro lado, o cristão era considerado como carne naturalmente indicada para o suplício. Um drama que nesse tempo maior sucesso despertara era o *Laureolus*, em que o actor principal, espécie de Tartufo de comédia, era crucificado em cena com o aplauso da assistência e devorado depois por um urso. Este drama era de data anterior à introdução do cristianismo em Roma; já se encontra representado no ano 41, mas parece que pelo menos dele se fez aplicação aos mártires cristãos; o diminutivo *Laureolus* correspondendo a *Stéphanos*, podia provocar essas alusões [3].

[1] Fil., IV, 5; Tiago, V, 8; I Petri, IV, 7; Hebr., X, 37; I Joh., II, 18.
[2] *Ibid.*, I, 20; João, XXI, 19.
[3] Suetónio, *Caius*, 57; Juvenal, VIII, 186 e seg.; Marcial, *Spectac.*, VII.

CAPÍTULO III

ESTADO DAS IGREJAS DA JUDEIA. — MORTE DE TIAGO

A má vontade de que a Igreja cristã era objecto em Roma, fazia-se também sentir na Judeia [1]; mas aí a perseguição era determinada por outros motivos. Eram os ricos saduceus, a aristocracia do templo, que se mostravam encarniçados contra os pobres e blasfemavam do nome de «cristão» [2]. Pelo tempo em que estamos, espalhou-se uma carta de Tiago, «servidor de Deus e do Senhor Jesus Cristo», dirigida «às doze tribos da dispersão». É um dos mais belos trechos da primeira literatura cristã, recordando ora o Evangelho, ora a sabedoria doce e serena do Eclesiastes. A autenticidade de tais escritos, em vista do número das cartas apostólicas falsas que circulavam, é sempre duvidosa. Talvez que o partido judaico-cristão, habituado a manejar a seu gosto a autoridade de Tiago, lhe

[1] Tiago, I, 2-4, 12; IV, 9; V, 7 e seg. A epístola de Tiago e a de Pedro começam por uma exortação à resignação.
[3] Tiago, II, 6-7; VII, 1 e seg.

atribuísse este manifesto, em que tanto se faz sentir o desejo de contradizer os inovadores. Certamente, se Tiago nele teve parte, não foi pelo menos o redactor. É duvidoso que Tiago soubesse o grego; a sua língua era o siríaco; ora a Epístola de Tiago é a obra mais bem escrita do Novo Testamento; o seu grego é puro e quase clássico. Fora disto, a obra não é imprópria do carácter de Tiago. O autor é perfeitamente um rabino judeu; tem uma grande predilecção pela Lei; para designar a reunião dos fiéis, serve-se da palavra «sinagoga»; é adversário de Paulo; a sua epístola assemelha-se aos Evangelhos sinópticos, que mais tarde veremos tiveram a sua origem na família cristã de que Tiago foi o chefe. E contudo, o nome de Cristo apenas duas ou três vezes é mencionado na simples qualidade de Messias, e sem nenhuma das hipérboles ambiciosas que enchiam já a ardente imaginação de Paulo.

Tiago, ou o moralista judeu que se cobriu com a sua autoridade, introduz-nos logo de entrada num pequeno cenáculo de perseguidos. As provações constituem uma felicidade, porque, experimentando a fé, produziam a resignação; ora a resignação era a perfeição da virtude; o homem já experimentado receberia a coroa da vida [1]. Mas o que sobretudo preocupa o nosso doutor, é a diferença entre o rico e o pobre. Devia ter-se produzido, na comunidade de Jerusalém, alguma rivalidade entre os irmãos favorecidos da fortuna e os que o não eram. Estes queixavam-se da dureza dos ricos, da sua soberba, e lamentavam-se uns com os outros [2].

[1] Tiago, I, 2-4, 12.
[2] Cf. Tiago, V, 11; V, 9.

Que o irmão humilde considere a sua nobreza e o rico a sua baixeza; porque a riqueza passará como a flor dos campos [1]... Meus irmãos, nada de distinção de pessoas na fé em Jesus Nosso Senhor, o Cristo de glória. Suponde que na vossa sinagoga entra um homem com um anel de oiro e vestido com hábitos brilhantes, que entra também um pobre com hábito sujo, e que vós dizeis ao primeiro: «Tu toma este bom lugar», e que dizeis ao pobre: «Tu fica de pé», ou «Senta-te no escabelo dos meus pés»; não é isto fazer distinção entre irmãos, constituir-vos julgadores, no mau sentido? Escutai, meus irmãos bem-amados, não escolheu Deus os pobres segundo o mundo para os enriquecer segundo a fé e constituí-los herdeiros do reino que prometeu àqueles que O amam? E depois disso vós afrontais o pobre! Não são os ricos que vos tiranizam e vos arrastam perante os tribunais? Não são eles que blasfemam do belo nome [2] que se pronuncia ao nomear-vos [3]?...

O orgulho, a corrupção, a brutalidade, o luxo dos ricos saduceus tinham chegado, realmente, ao seu cúmulo [4]. As mulheres compravam a Agripa II o pontificado para o marido a peso de ouro. Marta, filha de Boeto, uma dessas simoníacas, quando ia ver oficiar seu marido, fazia estender tapetes desde a porta da sua casa até ao santuário [5]. O pontificado tinha-se assim rebaixado singularmente. Os padres mundanos envergonhavam-se do que a religião tinha de mais santo. As práticas do sacrifício tinham-se tornado repugnantes para pessoas finas, que o seu dever condenava ao papel de carniceiro e esquartejador! Muitos calçavam luvas de seda para não engordurarem com o contacto das víti-

[1] Tiago, I, 9-11.
[2] O nome de «Cristo» donde deriva *christianus*.
[3] Tiago, II, 1 e seg.
[4] Talm. de Bab., *Ioma*, 9 *a*, 35 *b*; Derenbourg, *Hist. de la Palest.*, pág. 234-236.
[5] Midrasch, *Eka*, I, 16.

mas a pele das suas mãos. Toda a tradição talmúdica, de acordo sobre esse ponto entre os Evangelhos e a Epístola de Tiago, nos representa os padres dos últimos anos antes da ruína do templo como criaturas irritantes, dadas ao luxo, e ásperos para a gente do povo. O Talmude contém a lista fabulosa do que era preciso para a cozinha dum grande padre; ultrapassa o que é verosímil, mas dá bem a impressão da opinião dominante. «Quatro exclamações se elevaram no recinto do templo, diz uma tradição; dizia a primeira: «Saí daqui, descendentes de Éli; vós sujais o templo do Eterno»; e a segunda: «Saí daqui, Issachar de Kaphar-Barkaï, que vos não respeitais a vós mesmo e profanais as vítimas consagradas ao Céu» (era aquele que envolvia as mãos em seda quando fazia o serviço); e a terceira: «Abri-vos, portas; deixai entrar Ismael, filho de Fabi, o discípulo de Pineias, para que ele exerça as funções do pontificado»; e finalmente a quarta: «Abri-vos, portas; deixai entrar João, filho de Nebedeia; o discípulo dos gastrónomos, para que ele se farte de vítimas [1]». Uma espécie de canção ou antes maldição contra as famílias sacerdotais, correu pelo mesmo tempo nas ruas de Jerusalém e chegou até nós:

Amaldiçoada seja a casa de Boetos!
Amaldiçoados eles sejam por causa dos seus bastões!
Amaldiçoada seja a casa de Hanão!
Amaldiçoados eles sejam por causa dos seus conluios!
Amaldiçoada seja a casa de Canteras!
Amaldiçoados eles sejam por causa dos seus *kalams!*
Amaldiçoada seja a família de Ismael filho de Fabi!
Amaldiçoados eles sejam por causa dos seus espancamentos.

[1] Talm. de Bab., *Pesachim*, 57 *a; Kerithoth*, 28 *a*.

São todos grandes padres, os seus filhos são tesoureiros, os seus genros propostos e os seus criados agridem-nos com os seus bastões [1].

Estava aberta a guerra entre estes padres opulentos, amigos dos Romanos, apoderando-se dos empregos lucrativos para eles e sua família, e os padres pobres, sustentados pelo povo. Todos os dias se davam rixas sangrentas. A impudência e audácia das famílias pontificais ia até enviar a sua gente às arcas a roubar os dízimos que pertenciam ao alto clero; espancavam os que se recusavam a tal; os padres pobres estavam já na miséria [2]. Imaginem-se as impressões do homem piedoso, do democrata judeu, cheio de promessas de todos os profetas, maltratado no templo (a sua casa!) por dos lacaios insolentes e padres epicuristas e incrédulos! Os cristãos agrupados em volta de Tiago faziam causa comum com esses oprimidos, que provavelmente eram como ele pessoas santas *(hasidim)*, muito simpáticos ao povo. A mendicidade parecia ter-se tornado uma virtude e um sinal de patriotismo. As classes ricas eram amigas dos Romanos, e, como verdadeiramente a grande fortuna dependia dos Romanos, não se podia chegar a tal senão por uma como que apostasia e traição. Odiar os ricos era assim um sinal de piedade. Forçados, para não morrerem de fome, a trabalhar nas construções dos Herodianos, em que não viam senão um pomposo estendal de vaidade, os *hasidim* consideravam-se como vítimas dos infiéis. «Pobre» era como que sinónimo de «santo».

[1] Tosifta, *Menachoth*, ad calcem; Talm. de Bab., *Pesachim*, 57 *a*. Derenbourg, *Hist. de la Pal.*, págs. 233 e seg.
[2] Jos., *Ant.*, XX, VIII, 8; IX, 2.

Chorai, ricos, agora, exasperai-vos com as desgraças que estão para chegar. As vossas riquezas vão ser feitas em pó; os vossos hábitos vão ser comidos pelos vermes; o vosso ouro, o vosso dinheiro criaram ferrugem, e essa ferrugem será um testemunho contra vós [1], e devorará a vossa carne como o fogo. Vós entesourastes nos últimos dias [2]! O salário dos operários que prepararam os vossos campos grita alto, e a voz do ceifeiro chegou aos ouvidos do Senhor Sabaoth. Vivestes bem sobre a terra, com todas as delícias; fostes como os animais que comem no dia em que estão para morrer. Condenastes e matastes o justo que vos não resistia [3].

Sente-se já palpitar nessas páginas curiosas o espírito das revoluções sociais que dentro de poucos anos iriam ensanguentar Jerusalém. Em nenhum outro escrito se exprime com maior vigor esse sentimento de aversão pelo mundo que constituiu o espírito do cristianismo primitivo. «Conservar-se imaculado do mundo» é o preceito supremo [4]. «Aquele que quer ser amigo do mundo, torna-se inimigo de Deus [5]». Todo o desejo é uma vaidade, uma ilusão [6]. Está próximo o fim. Para que queixarmo-nos uns dos outros? Para que intentarmos processos perante os juízes, se está para chegar o verdadeiro juiz, se ele está à porta [7]?

E vós outros que dizeis ainda: «Hoje ou amanhã, iremos a tal cidade, passaremos aí um ano, faremos o mesmo comércio e ganharemos dinheiro», sem saber o que amanhã será a vossa vida (porque vós não sois senão um vapor visível

[1] Essa ferrugem prova que o rico é avaro e amontoa há muito tempo.
[2] Entesourar, quando está evidentemente tão próximo o fim do mundo, não pode ser senão loucura.
[3] Tiago, V, 1 e seg.
[4] *Ibid.*, I, 27.
[5] *Ibid.*, IV, 4.
[6] *Ibid.*, I, 14 e seg.; IV, 1 e seg.
[7] *Ibid.*, IV, 1; V, 7-9.

um momento e desaparecendo em seguida) como faríeis melhor em dizer: «Se o Senhor quiser e vivermos, faremos isto ou aquilo [1].»

Quando fala da humildade, da paciência, da misericórdia, da exaltação dos humildes, da alegria que há no fundo das lágrimas [2], Tiago parece conservar a recordação das próprias palavras de Jesus. Vê-se contudo que ainda está muito agarrado à Lei [3]. Um parágrafo inteiro da sua epístola [4] é consagrado a precaver os fiéis contra a doutrina de Paulo sobre a inutilidade das obras e sobre a salvação pela fé [5]. Há uma frase de Tiago (II, 24) que é a negação directa duma frase da Epístola aos Romanos (III, 28). Em oposição ao apóstolo dos gentios (Rom., IV, 1 e seg.), sustenta o apóstolo de Jerusalém (II, 31 e seg.) que Abraão se salvou pelas obras, que a fé sem as obras é uma fé morta. Os demónios têm fé e não se salvam. Saindo neste ponto da sua moderação habitual, Tiago alcunha o seu adversário de «homem fútil [6]». Em um ou dois outros pontos [7], pode ver-se uma alusão disfarçada às questões que já por esse tempo dividiam a Igreja, e que encheriam a história da teologia cristã alguns séculos mais tarde.

Um espírito de alta piedade e de caridade tocante animava esta Igreja de santos. «A religião

[1] *Ibid.*, IV, 13-15. Comp. Lucas, XII, 15 e seg.
[2] Tiago, II, 8 e seg.; IV, 6 e seg.; V, 7 e seg.
[3] *Ibid.*, II, 10 e seg.; IV, 11.
[4] *Ibid.*, II, 14 e seg.
[5] Nisto Tiago é ebionita. Veja-se *Philosophumena*, VII, 34; X, 22.
[6] Tiago, II, 20. Compare-se com a palavra de Rabi Simeão, contemporâneo de Tiago. *Pirke abath*, I, 17.
[7] Tiago, I, 22 e seg. V, 19-20.

pura e imaculada perante o Deus Pai, dizia Tiago, consiste em proteger os órfãos e as viúvas na sua desventura [1]». O poder de curar as doenças, sobretudo por unções de óleo [2], era considerado como comum entre os fiéis; mesmo os descrentes viam neste medicamento um dom particular dos cristãos. Os anciãos parece que o exerceram muito e se tornaram assim uma espécie de médicos espirituais. Tiago liga a maior importância a estas práticas de medicina sobrenatural. Estava estabelecido pois o gérmen de quase todos os sacramentos católicos. A confissão dos pecados, desde há muito praticada pelos judeus [3], era considerada como um excelente meio de perdão e de cura, duas ideias inseparáveis na crença do tempo [4].

Algum dentre vós está tomado de tristeza? — entregue-se à oração. Há algum cheio de alegria? esse que cante. Está algum doente? chame os anciãos da Igreja e eles rezarão por ele e o untarão com óleo em nome do Senhor, e a prece da fé salvará o doente, e o Senhor o restabelecerá, e, se ele tem alguns pecados; ser-lhe-ão remidos. Confessai pois os vossos pecados uns aos outros, e rezai um pelo outro, para que vos cureis. A oração dum justo é muito mais eficaz quando diz respeito a um objecto determinado.

Os apocalipses apócrifos, em que as paixões religiosas do povo se exprimiam com tanto vigor, eram avidamente acolhidos neste pequeno grupo

[1] *Ibid.*, I, 27.
[2] Cf. Gregório de Tours, I, 41. A medicina por meio de óleos e da prece foi sempre a medicina por excelência dos semitas. Tornamos mais tarde a encontrá-la nos Árabes.
[3] II Sam., XII, 13; Levit., V, 1; Ps. XXXII; Jos., *Ant.* VIII, V, 6; Mischna, *Ioma*, III, 9; IV, 2; VI, 3.
[4] Mat., III, 6; Marcos, I, 5; *Act.*, XIX, 18. Cf. *Vida de Jesus.*

de judeus exaltados [1], ou nasciam mesmo junto deles, quase no seu seio, de tal maneira que o texto destes escritos singulares e o dos escritos do Novo Testamento dificilmente se distinguem um do outro. Tomavam-se realmente esses panfletos, feitos na véspera, por palavras de Henoch, de Baruch e de Moisés. As mais estranhas ideias sobre o Inferno, sobre os anjos em rebelião, sobre os gigantes culpados que provocaram o dilúvio, se espalhavam constantemente e tinham como origem principal os livros de Henoch. Havia em todas estas fábulas vivas alusões aos acontecimentos contemporâneos. O previdente Noé, o piedoso Henoch, que não cessam de anunciar o dilúvio aos estouvados que durante esse tempo comem, bebem, casam, e se enriquecem [2], que são eles senão os videntes dos últimos tempos, advertindo em vão uma geração frívola que não quer admitir que o mundo está prestes a acabar? Uma ampliação, uma espécie de período de vida subterrânea, se faz então à lenda de Jesus. Perguntava-se o que fez ele durante os três dias que passou no túmulo [3]. Pretendeu-se que durante esse tempo Ele desceu, dando um combate à Morte, às prisões infernais onde estavam fechados os espíritos rebeldes ou incrédulos [4]; que lá pregara às sombras e aos demónios, preparando-lhes a liberdade [5]. Era necessária esta concepção para que Jesus fosse, em toda a extensão do termo, o salvador universal; assim S. Paulo o concebia nos seus últimos escritos. Con-

[1] Jud., 5, 9, 14-15; I Petri, III, 19-20.
[2] Cf. Luc., XVII, 26 e seg.
[3] Para se ver o modo como a imaginação foi caminhando até constituir este dogma, veja-se *Act.*, II, 24, 27, 31.
[4] I Petri, III, 22. Vulgata.
[5] *Ibid.*, III, 19-20, 22; IV, 6.

tudo, as ficções de que se trata não tomaram o seu lugar no quadro dos Evangelhos sinópticos, provavelmente porque esse quadro se tinha fixado já quando elas nasceram. Permaneceram flutuantes fora dos textos evangélicos e não tomaram a sua forma senão muito mais tarde no escrito apócrifo chamado «Evangelho de Nicodemos».

O trabalho por excelência em que melhor se reflecte a consciência cristã realizava-se contudo no silêncio da Judeia ou nos países vizinhos. Os Evangelhos sinópticos iam-se criando membro a membro, como pouco a pouco se completa um organismo vivo, e atinge, sob a acção duma misteriosa razão íntima, a unidade perfeita. À data em que nos encontramos, haveria já algum texto escrito sobre os actos e as palavras de Jesus? Teria já o apóstolo Mateus, se é dele que se trata, redigido em hebreu o sermão do Senhor? Haveria já Marcos, ou quem lhe tomou o nome, confiado ao papel as suas notas sobre a vida de Jesus? Pode duvidar-se que Paulo não tivera com certeza entre as mãos nenhum escrito sobre as palavras de Jesus. Possuiria ele ao menos uma tradição oral, e de certo modo mnemónica, dessas palavras? Nota-se nele uma tal tradição pela descrição da Ceia, talvez pela da Paixão e até certo ponto pela da Ressurreição, mas não pelas parábolas e sentenças. Jesus, a seus olhos, é uma vítima expiatória, um ser sobre-humano, um ressuscitado e não um moralista. As suas citações das palavras de Jesus são indecisas e não têm relação com os discursos que os Evangelhos põem na boca de Jesus. As epístolas apostólicas que possuímos, além das de Paulo, também nos não dão a conhecer a existência de nenhuma redacção desse género.

O que parece seguir-se daí, é que certas descrições como a da Ceia, da Paixão e da Ressurreição, se sabiam de cor em termos que poucas variantes podiam sofrer. O plano dos Evangelhos estava já naturalmente feito; mas, enquanto que vivessem os apóstolos, os livros que pretendessem fixar a tradição de que eles se criam os únicos depositários não teriam tido nenhuma probabilidade de ser aceitos. Demais a mais, para que escrever a vida de Jesus? Ele ia voltar. Um mundo, já na véspera de acabar, não tem nenhuma necessidade de livros novos. Só quando tiverem morrido as testemunhas, é que se torna indispensável perpetuar pela escrita uma imagem que se vai apagando dia a dia. Sob este ponto de vista, as Igrejas da Judeia e dos países vizinhos tinham uma grande superioridade. O conhecimento dos sermões de Jesus era entre elas mais exacto e extenso do que em nenhuma outra parte. Nota-se, sob este ponto, uma certa diferença entre a Epístola de Tiago e as epístolas de Paulo. O escrito de Tiago está todo impregnado dum como que perfume evangélico: ouve-se, por vezes, como que um eco directo da palavra de Jesus; o sentimento da vida da Galileia aparece ainda com grande vivacidade.

Não sabemos nada de histórico a respeito das missões enviadas directamente pela Igreja de Jerusalém. Esta Igreja, segundo os seus próprios princípios, não se entregava de forma alguma à propaganda. Em geral, havia poucas missões ebionitas e judaico-cristãs. O espírito inflexível dos *ébionim* não admitia senão missionários circuncisos. Segundo o quadro traçado pelos escritos do segundo século, suspeitos de exageração, mas fiéis ao espírito hierosolimitano, o predicante judaico-cristão era tido em suspeição; procuravam assegurar-se bem dele; impunham-lhe certas provas, um noviciado de seis

anos; devia ter os seus papéis em regra, uma espécie de confissão de fé libelada, conforme à dos apóstolos de Jerusalém. Tais dificuldades eram um obstáculo absoluto a um apostolado fecundo; em tais condições, nunca teria sido pregado o cristianismo. É por isso que os enviados de Tiago nos aparecem muito mais ocupados em destruir as fundações de Paulo do que em fundar por sua conta. As Igrejas de Bitínia, do Ponto, de Capadócia, que aparecem por esse tempo ao lado das Igrejas da Ásia e da Galácia [1], não provinham realmente de Paulo; mas também não é provável que fossem obra de Tiago ou de Pedro; devem, sem dúvida, a sua fundação a essa predicação anónima dos fiéis, que foi a mais eficaz de todas. Supomos, pelo contrário, que a Bataneia, o Hauran, a Decápolis e em geral toda a região a Este do Jordão, que dentro em breve constituirá o centro e a fortaleza do judaico-cristianismo, foram evangelizados por adeptos da Igreja de Jerusalém. Encontrava-se muito próximo deste lado o limite do poder romano. Ora os países árabes não se prestavam de forma alguma à predicação nova, e as terras submetidas aos Arsácidas não estavam muito franqueadas aos esforços que viessem dos países romanos. Na geografia dos apóstolos a terra é muito pequena. Os primeiros cristãos não pensam nunca no mundo bárbaro nem no mundo persa; o próprio mundo árabe mal existe para eles. As missões de S. Tomás entre os Partos, de Santo André entre os Citas, de S. Bartolomeu na Índia, pertencem à lenda. A imaginação cristã dos primeiros tempos volta-se pouco para o Este; a direcção das peregrinações apostólicas era o extremo do Ocidente; no Oriente, dir-

[1] I Petri, I, 1.

-se-ia que os missionários consideravam já atingido o seu termo.

Edessa ouviria já no primeiro século o nome de Jesus? Haveria já nessa época do lado de Osdroena uma cristandade falando siríaco? As fábulas que essa Igreja viu nascer não nos permitem exprimir-nos sobre este ponto com certeza. É muito provável contudo que as grandes relações que o judaísmo tinha neste lado tivessem servido à propagação do cristianismo. Samosate e a Comagena tiveram muito cedo pessoas instruídas fazendo parte da Igreja ou pelo menos muito favoráveis a Jesus. Foi de Antioquia, em todo o caso, que esta região do Eufrates recebeu a semente da fé [1].

As perturbações que se anunciavam no Oriente embaraçavam a continuação destas predicações pacíficas. A boa administração de Festo nada pôde contra o mal que a Judeia trazia no seu seio. Os bandidos, os sicários, os impostores de toda a espécie cobriam o país. Um mágico se apresentou, depois de vinte outros, prometendo ao povo a salvação e o fim dos seus males, se ele o quisesse acompanhar ao deserto. Os que o seguiram foram massacrados pelos soldados romanos [2]; mas ninguém ficou desenganado a respeito dos falsos profetas. Festo morreu na Judeia no princípio do ano 62. Nero deu-lhe por sucessor Albino. Pelo mesmo tempo, Herodes Agripa II tirou o pontificado a José Cabi para o dar a Hanão, filho do célebre Hanão ou Ane, que mais do que ninguém contribuíra para a morte de Jesus. Era já o quinto dos filhos de Ane que ocupava esta dignidade.

[1] Carta de Mara, filho de Serapião, em Cureton, *Spicil. syr.*, pág. 73-74. Este escrito é provavelmente do ano 73.
[2] Jos., *Ant.*, XX, VIII, 10; *B. J.*, II, XIV, 1.

Hanão o Jovem era um homem altivo, duro, audacioso. Era a flor do saduceísmo, a completa expressão dessa seita cruel e desumana, sempre disposto a tornar o exercício da autoridade insuportável e odioso. Tiago, irmão do Senhor, era conhecido em toda Jerusalém como um enérgico defensor dos pobres, como um profeta à maneira antiga, invectivando os ricos e os poderosos. Hanão resolveu por isso a sua morte. Aproveitando-se da ausência de Agripa e de não ter ainda Albino chegado da Judeia, reuniu o sinédrio judiciário, e fez comparecer perante ele Tiago e alguns outros santos. Acusavam-nos de violação da Lei; foram condenados à lapidação. A autorização de Agripa era necessária para reunir o sinédrio, e a de Albino devia ser legalmente requisitada para se proceder ao suplício; mas o violento Hanão passava por cima de todas as regras. Tiago foi com efeito lapidado, junto do templo. Como houve dificuldade em o acabar, um pisoeiro despedaçou-lhe a cabeça com o bastão que lhe servia para preparar os estofos. Tinha, diz-se, noventa e seis anos.

A morte deste santo personagem causou uma má impressão em toda a cidade. Os devotos fariseus, os estritos observadores da Lei ficaram irritados. Tiago era universalmente estimado; era tido por um dos homens cujas preces tinham maior eficácia. Pretende-se que um recabita (provavelmente um essénio) ou segundo outros, Simeão, filho de Cleopas, sobrinho de Tiago, exclamara enquanto o lapidavam: «Cessai, que fazeis vós? Pois que! vós matais o justo, que reza por vós?» Aplicara-se-lhe a passagem de Isaías, III, 10, tal como se entendia então: «Suprimamos, dizem eles, o justo, porque nos é incómodo; eis o motivo porque o fruto das suas obras é devorado». Fizeram-se, a

respeito da sua morte, elegias hebraicas, cheias de alusões a passagens bíblicas e ao seu nome de Obliam. Quase toda a gente se encontrou de acordo para convidar o rei Herodes Agripa II a pôr um limite à audácia do grande padre. Albino foi informado do atentado de Hanão, quando tinha já partido de Alexandria para a Judeia. Escreveu a Hanão uma carta ameaçadora, e destituiu-o depois. Hanão não exerceu por isso o pontificado mais do que três meses. As desgraças que desceram daí a pouco tempo sobre a nação foram consideradas como a consequência da morte de Tiago. Quanto aos cristãos, viram nesta morte um sinal dos tempos, uma prova de que se aproximavam as catástrofes finais [1].

A exaltação tomara efectivamente em Jerusalém proporções enormes. Os bandidos, embora dizimados pelos suplícios, estavam senhores de tudo. Albino não se parecia nada com Festo; não cuidava senão em arranjar dinheiro com a sua convivência com os salteadores. De toda a parte se viam os prognósticos de alguma coisa de extraordinário. Foi no fim do ano 62 que um tal Jesus, filho de Hanão, espécie de Jeremias ressuscitado, começou a correr dia e noite as ruas de Jerusalém gritando: «Voz do Oriente! Voz do Ocidente! Voz dos quatro ventos! Voz contra Jerusalém e o templo. Voz contra os casados e as casadas! Voz contra todo o povo!» Bastonaram-no; ele repetiu o mesmo grito. Feriram-no com vergas até lhe descobrir os ossos, a cada golpe repetia com uma voz dolorida: «Desgraça! desgraça sobre Jerusalém!» Não foi nunca visto a falar a ninguém. Ia repe-

[1] Podem ver-se alusões à morte de Tiago em Mat., XXIV, 9; Marcos, XIII, 9 e seg.; XXI, 12 e seg.

tindo sempre: «Desgraça! desgraça sobre Jerusalém!» sem injuriar os que o espancavam, nem agradecer aos que lhe davam esmola. Continuou assim até ao cerco, sem que nunca a sua voz se atenuasse [1].

Embora este Jesus, filho de Hanão, não fosse discípulo de Jesus, o seu grito não deixou de ser pelo menos a expressão verdadeira do que havia no fundo da consciência cristã. Jerusalém havia ultrapassado a medida. Essa cidade que mata os profetas, lapida os que lhe enviam, flagela uns, crucifica outros, é daí em diante uma cidade anatematizada. No tempo a que chegamos, formavam-se esses pequenos apocalipses que uns atribuíam a Henoch, outros a Jesus e que ofereciam as maiores analogias com as exclamações de Jesus, filho de Hanão. Esses pequenos trechos entraram mais tarde no quadro dos Evangelhos sinópticos; apresentaram-nos como sermões que Jesus teria lido nos seus últimos dias [2]. Talvez que já se tivesse dado o aviso para deixar a Judeia e fugir para as montanhas [3]. O que é certo é que os Evangelhos sinópticos transmitiram profundamente o sinal destas angústias; guardaram-no como uma marca de nascença, uma recordação inapagável. Aos tranquilos axiomas de Jesus, misturaram-se as cores dum apocalipse sombrio, os pressentimentos duma imaginação inquieta e perturbada. Mas a docilidade dos cristãos põe-nos ao abrigo das loucuras que agitavam as outras partes da nação, possuídas, como eles, das ideias messiânicas. Para

---

[1] Josefo, *B. J.*, VI, v, 3.

[2] Mat., xxiv, 3 e seg.; Marcos, xiii, 3 e seg.; Luc., xxi, 7 e seg.

[3] *Ibid.*, xxiv, 16; Marcos, xiii, 14; Lucas, xxi, 21.

eles o Messias viera já; tinha estado no deserto; subia ao Céu ao cabo de trinta anos; os impostores e os exaltados que procuravam arrastar o povo atrás deles, eram falsos cristos e falsos profetas [1]. A morte de Tiago e talvez de alguns outros irmãos, levava-os, cada vez mais, a separarem a sua causa da do judaísmo. Expostos ao ódio de todos, consolavam-se tratando dos preceitos de Jesus. Segundo muitos, Jesus predissera que no meio de todas estas provações, nem um só dos seus cabelos cairia [2].

A situação era tão precária, pressentia-se tão bem que se estava na véspera duma catástrofe, que se não deu sucessor imediato a Tiago na presidência da Igreja de Jerusalém [3]. Os outros «irmãos do Senhor» como Judas e Simeão, filho de Cleopas, continuaram a ser as principais autoridades na comunidade. Depois da guerra, vê-los-emos servir de ponto de união a todos os fiéis da Judeia [4]. Jerusalém não tem mais do que oito anos de vida, e mesmo, muito antes da hora fatal, a erupção do vulcão lançará para longe o pequeno grupo de Judeus piedosos que uns aos outros se ligaram pela recordação de Jesus.

---

[1] Comp. Jos., *Ant.*, XX, viii, 6, 10, com Mat., xxiv, 5, 11, 23, 26; Marcos, xiii, 6, 21, 22; Lucas, xxi, 8.

[2] Lucas, xxi, 18-19.

[3] Eusébio, *Hist. ecl.*, III, 11.

[4] *Ibid.*, *Hist. ecl.*, III, 11; IV, 5, 20, 22 (segundo Hegesipo); *Const. apost.*, VII, 46.

CAPÍTULO IV

ÚLTIMA ACTIVIDADE DE PAULO

Paulo, entretanto, sofria na prisão os vagares de uma administração desorganizada pela extravagância do soberano e pela gente que o rodeava. Timóteo, Lucas, Aristarco, e segundo certas tradições, Tito, estavam com ele. Tíquico viera juntar-se-lhe de novo. Um certo Jesus, com sobrenome de *Justus* [1], que era circunciso, um Demétrio ou Demas, prosélito incircunciso [2], que era, ao que parece, de Tessalonica, um personagem duvidoso, Crescente de nome, figuram também junto de sua pessoa e servem-lhe de coadjutores. Marcos, que, segundo a nossa hipótese, tinha vindo para Roma em companhia de Pedro, reconciliou-se, ao que parece, com aquele com quem havia partilhado a primeira actividade apostólica e de quem se tinha separado violentamente; servia provavelmente de

---

[1] Cf. para este nome entre os judeus, *Corp. inscr. gr.*, n.º 9 922, *Bereschith rabba*, sect. VI.

[2] Esta circunstância se tira dos versículos Col., IV, 11 e 14, comparados entre si.

intermediário entre Pedro e o apóstolo dos gentios [1]. Em todo o caso, Paulo, por esse tempo, não andava nada satisfeito com os cristãos da circuncisão; considerava-os muito pouco atenciosos para com ele e declarava não encontrar entre eles bons colaboradores [2].

Importantes modificações, trazidas talvez pelas novas relações que teve na capital do império, centro e confluente de todas as ideias, se realizaram, por esse tempo em que estamos, no pensamento de Paulo e tornam os escritos desta época da sua vida sensivelmente diferentes dos que compôs durante a sua segunda e terceira missão. O desenvolvimento interno da doutrina cristã operava-se rapidamente. Em alguns meses destes anos fecundos, a teologia avançava mais depressa do que até então em séculos. O novo dogma procurava o seu ponto de apoio e criava de todos os lados, para apoiar as suas partes inconsistentes, suportes e escoras. Dir-se-ia um animal na sua crise genética, esticando um membro, transformando um órgão, cortando um apêndice, para chegar à harmonia da vida, isto é, ao estado em que todo o ser vivente se corresponde, se auxilia e se mantém.

O fogo duma actividade devoradora não tinha até então permitido a Paulo a ocasião para medir o tempo e reparar que Jesus tardava já muito a reaparecer; mas esses longos meses de prisão forçaram-no a cogitar consigo mesmo. A velhice começava a chegar [3]; uma espécie de maturidade triste sucedia aos ardores da sua paixão. A reflexão tor-

[1] Col., IV, 10; Filémon, 24; II Tim., IV, 11; I Petri, V, 13.
[2] Col., IV, 11.
[3] Filémon, 9.

nava-se clara e obrigava-o a completar as suas ideias, e reduzi-las a teoria. Tornava-se místico, teólogo, especulativo, de prático que era. A impetuosidade duma convicção cega e absolutamente incapaz de voltar atrás, não podia, contudo, impedi-lo de se admirar algumas vezes de que o céu se não abrisse mais depressa e que a trombeta final não se ouvisse mais cedo. A fé de Paulo não se tinha abalado, mas procurava outros pontos de apoio. A sua ideia de Cristo ia-se modificando. O seu sonho daí em diante é menos o Filho do homem aparecendo sobre as nuvens e presidindo à ressurreição geral, do que um Cristo estabelecido na divindade, incorporado nela, agindo nela e com ela. Para ele a ressurreição já não está no futuro; ela deve ter-se dado já [1]. Quando se muda uma vez, muda-se sempre; pode ser-se ao mesmo tempo o mais apaixonado e o mais volúvel dos homens. O que há de certo é que as grandes imagens do apocalipse final e da ressurreição, que eram outrora tão familiares a Paulo, que se apresentam quase em cada página das cartas da segunda e da terceira missão, e mesmo na epístola aos Filipenses [2], têm um lugar secundário nos últimos escritos do seu cativeiro [3]. São substituídas por uma teoria de Cristo, concebido como uma espécie de pessoa divina, teoria muito análoga à do *Logos*, que, mais tarde, irá tomar a sua forma definitiva nos escritos atribuídos a João.

A mesma transformação se nota no estilo. A linguagem das epístolas do cativeiro é mais ampla, mas perdeu um pouco da sua força. O pensamento

[1] Col., II, 12; III, 1. Veja-se contudo II Tim., II, 18.
[2] Fil., I, 6; II, 16; III, 20 e seg.; IV, 5.
[3] Col., III, 4.

é expresso com menos rigor. O dicionário difere notavelmente do primeiro vocabulário de Paulo. Os termos favoritos da escola joânica, «luz», «trevas», «vida», «amor», etc., são os que predominam [1]. A filosofia sincrética do gnosticismo faz-se já sentir. A questão da justificação por Jesus já não é tão viva; a guerra da fé e das obras parece apagada no seio da unidade da vida cristã, composta de ciência e de graça. Cristo, tornado o ser central do universo, concilia em sua pessoa divinizada a antinomia dos dois cristianismos. Certamente não é sem motivo que se tem posto em dúvida a autenticidade de tais escritos; têm contudo por eles tão fortes provas [2], que preferimos atribuir as diferenças de estilo e de pensamento de que vimos falando a um progresso natural na maneira de Paulo. Os escritos anteriores e autênticos contêm já o gérmen desta nova linguagem. «Cristo» e «Deus» aparecem já quase como sinónimos; Cristo exerce funções divinas; é invocado como Deus; é o intermediário forçado junto de Deus. O ardor com que se ligavam a Jesus, fazia com que lhe atribuíssem todas as teorias que tivessem voga em qualquer parte do mundo judeu. Suponhamos que um homem, correspondendo às aspirações tão variadas da democracia, consegue elevar se em nossos dias. Os seus partidários diziam a uns: «Vós sois pela organização do trabalho; é ele que é a organização do trabalho»; a outros: «Vós sois pela moral independente; é ele que é a moral independente»; a outros: «Vós sois pela cooperação; é ele

[1] Col., I, 12, 13; III, 4; Efés., V, 8, 11, 13. Comp. Fil., II, 16.
[2] Veja-se *S. Paulo*, Introdução.

que é a cooperação»; a outros: «Vós sois pela solidariedade; é ele que é a solidariedade».

A nova teoria de Paulo pode resumir-se aproximadamente assim [1]:

Este mundo é o reino das trevas, isto é, de Satã, e da sua hierarquia infernal, a qual enche a atmosfera. O reino dos santos, pelo contrário, será o reino da luz. Ora os santos são o que são, não pelo seu próprio mérito (antes de Cristo todos eram inimigos de Deus) mas pela aplicação que Deus lhes fez dos méritos de Jesus Cristo, o filho do seu amor. É o sangue desse filho, derramado na cruz, que apaga os pecados, reconcilia com Deus toda a criatura e faz reinar a paz no Céu e na Terra. O Filho é a imagem do Deus invisível, a primeira de todas as criaturas; tudo se criou n'Ele, por Ele e para Ele, coisas celestes e terrestres, visíveis e invisíveis, tronos, poderes, domínios. Ele existia antes de tudo e tudo existia n'Ele. A Igreja e Ele formam um só corpo, de que Ele é a cabeça. Como em tudo Ele teve sempre o primeiro lugar, Ele o terá também na ressurreição. A Sua ressurreição é o começo da ressurreição universal. A plenitude da divindade habita corporeamente n'Ele. Jesus é assim o deus do homem, um primeiro ministro da criação, colocado entre Deus e o homem. Tudo o que o monoteísmo diz das relações do homem com Deus pode, segundo a nova teoria de Paulo, ser dito das relações do homem com Jesus. A veneração por Jesus, que em Tiago não vai além do culto de dulia ou hiperdulia [2], atinge em Paulo as proporções dum verdadeiro culto de

[1] Toda a Epístola aos Colossenses e a Epístola aos Efésios.
[2] Tiago, I, 1.

latria, como nenhum Judeu nunca até então votara ao filho duma mulher.

Este mistério que Deus preparava desde a eternidade, foi por Deus revelado, logo que a maturidade dos tempos chegou, aos seus santos dos últimos tempos. Chegou o momento em que cada um por sua parte deve completar a obra de Cristo pelo sofrimento; o sofrimento é pois um bem de que nos devemos regozijar e glorificar. O cristão participando de Jesus enche-se, como Ele, da plenitude da divindade. Jesus, ao ressuscitar, vivificou tudo. O muro de separação que a Lei criava entre o povo de Deus e os gentios, Jesus o fez cair; com as duas facções da humanidade reconciliada, Ele fez uma humanidade nova; todos os antigos ódios Ele os matou na cruz. O texto da Lei era como o bilhete duma dívida de que a humanidade se não podia libertar; Jesus destruiu o valor do bilhete pregando-o à Sua cruz. O mundo, criado por Jesus, é pois um mundo inteiramente novo; Jesus é a pedra angular do templo que Deus edificou. O cristão morre na terra, e é sepultado com Jesus no túmulo; na sua vida absorve-se Deus com Cristo. Esperando que Cristo apareça e o associe à Sua glória, mortifica o seu corpo, extinguindo todos os seus desejos naturais, fazendo o contrário da natureza, despojando o «velho homem», revestindo «o novo», renovado segundo a imagem do seu Criador. Sob este ponto de vista, não há Grego nem Judeu, circunciso ou incircunciso, bárbaro nem Cita, escrav› nem homem livre; Cristo é tudo; Cristo está em todos. Os santos são aqueles a quem Deus por dom gratuito fez a aplicação dos méritos de Cristo, e que assim predestinou, por adopção divina, antes mesmo que o mundo existisse. A Igreja é uma, como o próprio Deus é um;

a sua obra é a edificação do corpo de Cristo; o fim último de todas as coisas é a realização do homem perfeito, a união completa com todos os seus membros, um estado em que Cristo seria verdadeiramente o cabeça duma humanidade regenerada segundo o Seu próprio modelo, duma humanidade que d'Ele receberia o movimento e a vida por uma série de membros ligados entre si e subordinados uns aos outros. Os poderes tenebrosos do ar combatem para impedir isto. Uma luta terrível terá lugar entre eles e os santos. Será um mau dia; mas armados dos dons de Cristo, os santos triunfarão.

Tais doutrinas não eram inteiramente originais. Eram em parte as da escola judaica do Egipto e principalmente as de Fílon. Este Cristo, tornado uma hipóstase divina, é o *logos* da filosofia judaica alexandrina, o *mémera* das paráfrases caldaicas, protótipo de tudo e por quem tudo foi criado. Estes poderes do ar, aos quais foi dado o império do mundo, estas hierarquias estranhas, celestes e infernais, são as da cabala judaica e do gnosticismo. Este *pléroma* misterioso, objectivo final da obra de Cristo, parece-se extraordinariamente com o *pléroma* divino que a gnose coloca no cume da escola universal. A teosofia gnóstica e cabalística, que se pode considerar como a mitologia do monoteísmo e que nós temos julgado ver despontar em Simão de Gitton, aparece no primeiro século com os seus caracteres principais. Rejeitar sistematicamente todos os documentos do século segundo, em que se encontram traços dum tal espírito, é muito temerário. Este espírito estava em gérmen em Fílon e no cristianismo primitivo. A concepção teosófica de Cristo devia sair necessariamente da concepção messiânica do Filho do homem, quando

se tivesse constatado, depois duma longa expectativa, que o Filho do homem não vinha. Nas epístolas mais incontestavelmente autênticas de Paulo, há certos traços que ficam um pouco aquém dos exageros que apresentam as epístolas escritas na prisão [1]. A Epístola aos Hebreus, anterior ao ano 70, mostra a mesma tendência em colocar Jesus no mundo das abstracções metafísicas. Tudo isto se tornará sensível no mais alto grau, quando falarmos dos escritos joânicos. Em Paulo, que não conhecera Cristo, era isto em certo modo inevitável. Ao passo que a escola que possuía a tradição viva do Mestre criava o Jesus dos Evangelhos sinópticos, o homem exaltado que não vira o fundador do cristianismo senão nos seus sonhos ia-o transformando num ser sobre-humano, numa espécie de Arqueu metafísico que dir-se-ia não ter nunca vivido.

Não era porém só nas ideias de Paulo que esta transformação se operava. As Igrejas dele nascidas caminhavam no mesmo sentido. As da Ásia Menor, sobretudo, eram impelidas, por uma espécie de trabalho secreto, às mais exageradas ideias sobre a divindade de Jesus. Isto compreendia-se. Para a fracção do cristianismo que saíra das palestras familiares do lago de Tiberíade, Jesus devia conservar-se sempre o adorável filho de Deus que se tinha visto passar entre os homens com a sua atitude encantadora e o seu fino e delicado sorriso; mas quando se pregava Jesus ao povo de qualquer província perdida da Frígia, quando o predicante declarava nunca O ter visto e afectava quase nada

[1] Por exemplo, II Cor., IV, 4, Satã chama-se «o deus deste mundo». Comp. João, XII, 31.

saber da Sua vida terrestre [1], que podiam pensar esses bons e ingénuos ouvintes d'Aquele que lhe pregavam? Como O podiam eles imaginar? Como um sábio? como um mestre cheio de encanto? Não era de nenhuma forma esta a maneira como Paulo apresentava o papel de Jesus. Paulo ignorava ou fingia ignorar o Jesus histórico. Como o Messias, como o Filho do homem que devia aparecer nas nuvens no grande dia do Senhor? Estas ideias eram muito estranhas para os gentios e supunham o conhecimento dos livros judeus. Evidentemente, a ideia que devia surgir mais frequentemente a esses bons provincianos era a duma encarnação, dum Deus revestindo uma forma humana e vivendo na terra. Esta ideia era muito familiar à Ásia Menor; Apolónio de Tiane ia em breve explorá-la em seu proveito. Para conciliar uma tal maneira de ver com o monoteísmo, restava um só partido: conceber Jesus como uma hipóstase divina encarnada, como um desdobramento do Deus único, tendo tomado a forma humana para cumprimento dum plano divino. É preciso recordarmo-nos de que não estamos na Síria. O cristianismo passou da terra semítica para as mãos de raças cheias de imaginação e de mitologia. O profeta Maomé, cuja lenda é entre os Árabes puramente humana, tornou-se da mesma forma, entre os Citas da Pérsia e da Índia, um ser completamente sobrenatural, uma espécie de Visxnu e de Buda.

As relações que, justamente por esse tempo, o apóstolo teve com as suas Igrejas da Ásia Menor, forneceram-lhe a ocasião de expor a nova forma que ele se habituara a dar às suas ideias. O pie-

[1] II Cor., V, 16.

doso Epafrodite ou Epafras, doutor e fundador da Igreja de Colosses e chefe das Igrejas das margens do Lico, chegou junto dele com uma missão das ditas Igrejas [1]. Paulo nunca estivera neste vale; reconheciam-lhe lá a sua autoridade [2]. Reconheciam-no mesmo como apóstolo do país e cada um se considerava como ele perante a fé [3]. Tendo conhecimento do seu cativeiro, as Igrejas de Colosses, de Laodiceia sobre o Lico, de Hierápolis, deputaram Epafras para partilhar da sua cadeia [4], consolá-lo, assegurá-lo da amizade dos fiéis e provavelmente oferecer-lhe os socorros de dinheiro de que ele pudesse ter necessidade [5]. O que Epafras referiu do zelo dos novos convertidos encheu Paulo de satisfação [6]; a fé, a caridade, a hospitalidade eram admiráveis [7]; mas o cristianismo tomara nestas igrejas uma direcção singular. Longe do contacto dos grandes apóstolos, subtraídas a toda a influência judaica, constituídas quase unicamente por pagãos, estas Igrejas inclinavam-se para uma espécie de combinação do cristianismo com a filosofia grega e os cultos locais [8]. Nesta pacífica cidadezinha de Colosses, ao ruído das cascatas, no meio dos remoinhos de espuma, em frente de Hierápolis e da sua deslumbrante montanha, ia crescendo dia a dia a crença na plena divindade de Jesus Cristo. Recorde-se que a Frígia era um dos países que tinham maior originalidade sob o ponto de vista

[1] Col., I, 7-8; II, 1; IV, 12-13, 15-16.
[2] *Ibid.*, II, 1, 5; Efés., III, 2; IV, 21.
[3] Fil., 19.
[4] Filém., 23.
[5] Col., 1, 7.
[6] Col., I, 4, 9; Efés., I, 15.
[7] *Ibid.*, I, 4.
[8] *Ibid.*, II, 4, 8.

religioso. Os seus mistérios encerravam ou pretendiam encerrar um elevado simbolismo. Muitos dos ritos que aí se praticavam não deixavam de ter uma certa analogia com o culto novo. Para cristãos sem tradição anterior, não tendo tido a mesma aprendizagem do monoteísmo que os judeus, devia ser muito forte a tentação de associar o dogma cristão a velhos símbolos, que para eles eram um legado da mais respeitável antiguidade. Estes cristãos tinham sido devotos pagãos antes de adoptarem as ideias vindas da Síria; talvez que ao adoptá-las não tivessem querido romper formalmente com o seu passado. E, além disso, qual é o homem verdadeiramente religioso que repudia inteiramente o ensino tradicional à sombra do qual sentiu primeiro o ideal, que não procura conciliações, muitas vezes impossíveis, entre a sua antiga fé e aquela a que chegou pelo progresso do seu espírito?

No século II esta necessidade de sincretismo tomará uma importância extraordinária e trará o pleno desenvolvimento das seitas gnósticas. Veremos no fim do primeiro século tendências análogas encher a Igreja de Éfeso de perturbações e de agitação. Cerinto e o autor do quarto Evangelho partiam no fundo dum princípio idêntico, da ideia de que a consciência de Jesus foi um ser celeste distinto da sua aparência terrestre. No ano 60, Colosses estava já tomada pelo mesmo mal. Uma teosofia misturada com crenças indígenas, judaísmo ebionita [1], filosofia [2] e de alguma coisa tirada de predicação nova, tinha já nesse tempo hábeis intérpretes [3]. Um culto de *eons* incriados, uma teoria

[1] Col., II, 11-12, 16-23.
[2] *Ibid.*, II, 8.
[3] *Ibid.*, II, 4, 8.

muito desenvolvida de anjos e demónios, o gnosticismo, enfim, com as suas práticas arbitrárias, suas abstracções realizadas, começava a produzir-se e pelas suas enganadoras doçuras destruía a fé cristã nas suas partes mais vivas e mais essenciais. Misturaram-se-lhe renúncias contra a natureza, um falso gosto da humilhação, uma pretendida austeridade recusando à carne todos os seus direitos [1], numa palavra, todas as aberrações do sentido moral que deverão produzir as heresias frígias no século II (montanistas, pepuzianos, catafrígios), que se ligam por si próprias ao velho fermento místico dos bugalhos e dos coribantes, sobrevivências das quais são ainda hoje os dervixes. Vai-se assim acentuando dia a dia a diferença dos cristãos de origem pagã e dos de origem judaica. A mitologia e a metafísica cristãs nasciam nas Igrejas de Paulo. Provenientes de raças politeístas, os pagãos convertidos achavam simples a ideia dum Deus feito homem, ao passo que para os judeus a encarnação da divindade era uma coisa blasfematória e revoltante.

Como Paulo quisesse conservar junto de si Epafras, cuja actividade pensara em utilizar [2], resolveu responder à deputação dos Colossenses enviando-lhes Tíquico de Éfeso, a quem ao mesmo tempo encarregou de comissões para as Igrejas da Ásia [3]. Tíquico devia dar uma volta pelo vale do Meandro, visitar as comunidades, dar-lhes novas de Paulo, transmitir-lhes de viva voz certos informes da situação do apóstolo relativamente às autori-

---

[1] *Ibid.*, II, 18, 22, 23.
[2] Col., IV, 12-13; Filém., 23.
[3] *Ibid.*, IV, 7-8; Efés., VI, 21-22. Cf. II Tim., IV, 12. Veja-se *S. Paulo.*

dades romanas que não julgava prudente confiar ao papel, entregar enfim a cada uma das Igrejas cartas separadas que Paulo lhes dirigia. Recomendava-se às Igrejas que eram vizinhas umas das outras que se comunicassem reciprocamente as suas cartas, e as lessem assim por sua vez em assembleia [1]. Tíquico foi também o portador duma espécie de encíclica, decalcada sobre a epístola aos Colossenses, e destinada apenas às Igrejas a que Paulo não tinha nada de particular a dizer. Parece que o apóstolo encarregou os seus discípulos ou secretários da redacção desta circular, sobre o plano que lhes deu, ou segundo o tipo que lhes mostrou.

A epístola enviada então aos Colossenses não se perdeu [2]. Paulo ditou-a a Timóteo [3], assinou-a e acrescentou pelo seu próprio punho: *Lembrai-vos das minhas cadeias* [4]. Quanto à epístola circular que Tíquico levou às Igrejas que não tinham carta nominativa, parece que está na chamada epístola aos Efésios [5]. Com certeza que não foram os Efésios os destinatários desta epístola, pois que o apóstolo nela se dirige exclusivamente a pagãos convertidos, a uma Igreja que nunca vira e à qual nada tinha de especial a dizer. Os antigos manuscritos da chamada epístola aos Efésios tinham um espaço em branco no lugar da subscrição para a designação da Igreja destinatária [6]; o manuscrito

---

[1] *Ibid.*, IV, 16.
[2] Sobre as dúvidas da autenticidade desta epístola veja-se *S. Paulo*, Introdução.
[3] Col., I, 1.
[4] *Ibid.*, IV, 18.
[5] Veja-se *S. Paulo*, Introdução.
[6] S. Basílio, *Contra Eunomium*, II, 19; S. Jerónimo, sobre Ef., I, 1. Note-se também o vago das fórmulas finais, IV, 23, 24.

do Vaticano e o *Codex sinaiticus* apresentam uma particularidade análoga. Supõe-se que esta pretendida carta aos Efésios é na realidade a carta aos Laodicenses, que foi escrita ao mesmo tempo que a dos Colossenses [1]. Nós dissemos já noutra parte [2] as razões que nos impedem de admitir esta opinião e nos levam a considerá-la antes como uma carta doutrinária que S. Paulo teria feito reproduzir em muitos exemplares e espalhado na Ásia. Tíquico, ao passar em Éfeso, sua pátria, mostrou naturalmente um destes exemplares aos anciãos; estes quiseram conservá-lo como texto de edificação, e é perfeitamente admissível que tenha sido esta cópia que servisse quando se fez a colecção das cartas de Paulo [3]; daí viria o título que hoje tem a epístola em questão. O que há de certo é que a chamada epístola aos Efésios não é senão uma imitação parafraseada da epístola aos Colossenses, com algumas adições tiradas doutras epístolas de Paulo e talvez de epístolas perdidas.

Esta chamada epístola aos Efésios forma, com a epístola aos Colossenses, a melhor exposição das teorias de Paulo no fim da sua carreira. As epístolas aos Colossenses e aos Efésios têm, para o último período da vida do apóstolo, o mesmo valor que a epístola aos Romanos para o princípio do seu grande apostolado. As ideias do fundador da teologia cristã elevam-se nessas epístolas ao mais alto grau de depuração. Sente-se esse último trabalho de espiritualização a que as grandes almas

[1] Col., IV, 16. Era a opinião de Marcion. Tertuliano, *Adv. Marc.*, V, 11; Epifânio, haer. XIII, 9, 11. Cf. Cânon de Muratori, linhas 62 e seg.

[2] *S. Paulo*, Introdução.

[3] Para a epístola aos Romanos foi também o exemplar da igreja mais célebre que fez a lei.

quase a extinguir-se submetem o seu pensamento e para além do qual não há mais do que a morte.

Certamente, Paulo estava na verdade combatendo a perigosa doença do gnosticismo, que dentro em breve iria ameaçar seriamente a razão humana, essa quimérica religião dos anjos [1], à qual opõe o seu Cristo superior a tudo o que não é Deus [2]. Ressente-se ainda do último combate dado à circuncisão, às práticas vãs, aos prejuízos judaicos [3]. A moral que ele tira da sua concepção transcendente do Cristo é admirável a muitos respeitos. Mas que excessos, santo Deus! Como esse audacioso desdém pela razão, esse brilhante elogio da loucura, essa preocupação do paradoxo, mostram por oposição a perfeita sabedoria, que evita os extremos! Esse «velho homem», que Paulo sacode tão rudemente, reagirá; demonstrará que não merecia tantos anátemas. Todo esse passado ferido por uma sentença injusta tornar-se-á um princípio de «renascimento» para o mundo, levado pelo cristianismo ao último grau de esgotamento. Paulo será neste sentido um dos mais perigosos inimigos da civilização. As recrudescências do espírito de Paulo serão tantas outras paragens ou retrocessos para o espírito humano. Paulo morrerá quando o espírito humano triunfe. O que constituirá o triunfo de Jesus será a morte de Paulo.

O apóstolo terminava a sua epístola aos Colossenses enviando a estes últimos os cumprimentos e os votos do seu santo e devotado catequista Epafras. Pedia-lhes ao mesmo tempo que fizessem

[1] Col., II, 18.

[2] *Ibid.*, I, 16; II, 10, 15; Efés., I, 21; VI, 12.

[3] *Ibid.*, II, 11-12, 16-23; Ef., II e III.

uma troca de cartas com a Igreja da Laodiceia [1]. A Tíquico, que devia levar a correspondência, agregou como mensageiro um tal Onesino, a quem chama «um fiel e caro irmão [2]». Nada de mais comovente que a história deste Onesino. Tinha sido escravo de Filémon, um dos principais da Igreja de Colosses; fugiu da casa de seu senhor, roubando-o, e foi esconder-se em Roma. Aí entrou em relações com Paulo, talvez por intermédio de Epafras, seu compatriota. Paulo converteu-o, decidiu-o a voltar para o seu senhor, e fê-lo partir para a Ásia na companhia de Tíquico. A fim de acalmar as apreensões que pudesse ainda ter o pobre Onesino, Paulo ditou a Timóteo para Filémon um bilhete, verdadeira pequena obra-prima da arte epistolar, que meteu nas mãos do delinquente:

Paulo, prisioneiro de Jesus Cristo, e Timóteo seu irmão, a Filémon, nosso bem-amado e nosso colaborador, e à irmã Ápia, e a Arquipo, nosso companheiro de armas, e à Igreja que está em tua casa.

Graça e paz desçam sobre vós todos das mãos de Deus nosso pai e do Senhor Jesus Cristo.

Eu dou sem cessar graças ao meu Deus, quando a tua lembrança se me apresenta nas minhas orações. Eu ouço falar da tua fé no Senhor Jesus, da tua caridade para com todos os santos. Possa a tua fé comunicar-se eficazmente e revelar-te sempre o que para nós é o bem, segundo Cristo! A tua caridade tem-me causado muita alegria e consolação; porque as entranhas dos santos foram confortadas por ti, irmão. Eis porque, embora eu tenha muitos direitos em Cristo para te prescrever o que deves fazer, a mim me agrada mais pedir-te em nome da caridade e em meu nome,... em nome de Paulo velho e actualmente prisioneiro de Jesus Cristo.

[1] *Ibid.*, IV, 12 e seg.

[2] Col., IV, 9 e Filém. *Onesino* era um nome de escravo. Suetónio, *Galba*, 13.

Rogo-te por meu filho, que eu gerei na prisão, por Onesino, que em outro tempo te não foi útil [1], mas que hoje o pode ser muito tanto a ti como a mim. Eu to envio, a ele, isto é, às minhas entranhas. Eu queria a princípio conservá-lo junto de mim, para que ele me servisse em teu lugar nas cadeias do Evangelho; mas sem o teu consentimento nada quis fazer, com receio de que esta boa acção tivesse a aparência de ter sido imposta e não resultasse de toda a tua vontade. Talvez Onesino tivesse de ter estado separado de ti a fim de que tu o não tornasses nunca a encontrar [2] como escravo, mas como irmão bem-amado. Assim o é para mim; com muito maior razão deve ser para ti, não só segundo a carne como segundo Cristo! Se estás pois em comunhão comigo, recebe-o como a mim mesmo. E se ele te fez algum dano, ou te deve alguma coisa, lança-o à minha conta.

Paulo tomou então a pena e para dar à sua carta todo o valor, acrescentou estas palavras:

Eu, Paulo, escrevi isto por minha mão. Eu pagarei sem recriminação e sem te recordar o que, pelo teu lado, me deves a mim. Sim, irmão; possa eu ficar contente contigo no Senhor! Rejubila em Cristo as minhas entranhas.

Depois volta a ditar:

Confiando na tua obediência, te escrevi, sabendo que tu farás ainda mais do que te digo. Prepara-te também para me receber; porque eu espero que, graças às nossas orações, eu vos serei restituído, Epafras, meu companheiro de prisão em Jesus Cristo, Marcos, Aristarco, Demas, Lucas, meus colaboradores, te saúdam. Que a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito.

Vê-se que Paulo tinha singulares ilusões. Imaginava-se na véspera duma libertação, formava

[1] Alusão ao nome de *Onesino*, que quer dizer «útil».

[2] Há talvez aqui uma alusão ao Levítico, XXV, 46, passagem que servia de base a muitas disputas rabínicas.

novos planos de viagens, e via-se no centro da Ásia Menor [1], no meio das Igrejas que o veneravam como apóstolo sem o terem ainda ouvido. João Marcos também se preparava para visitar a Ásia, sem dúvida em nome de Pedro. Já as Igrejas da Frígia tinham sido informadas da próxima chegada deste irmão. Na carta aos Colossenses, Paulo inseriu uma nova recomendação a este respeito [2]. Esta recomendação é feita com frieza. Paulo receava que os dissentimentos que tinha tido com João Marcos e mais ainda as ligações de Marcos com o partido de Jerusalém pusessem em embaraços os seus amigos da Ásia e que estes hesitassem em receber um homem de que eles se tinham habituado a desconfiar. Paulo ataca de frente estes mal-entendidos e ordena às suas Igrejas que comunguem com Marcos, no caso de ele passar pelo seu país. Marcos era primo de Barnabé, cujo nome, querido aos Gálatas, não devia ser desconhecido dos povos da Frígia. Ignora-se o seguimento destes incidentes. Um horroroso terramoto acabava então de destruir todo o vale do Lico. A opulenta Laodiceia reedificou-se com os seus próprios recursos [3]; mas Colosses não pôde erguer-se de novo; desapareceu quase do número das Igrejas [4]; o Apocalipse, em 69, não a menciona. Laodiceia e Hierápolis herdaram toda a sua importância na história do cristianismo.

[1] É verdade que isto corresponde mediocremente a *Act.* XIX, 21; Rom., XVI, 23-24. Comp. Fil., I, 25; II, 24. Talvez que Paulo, para ter sempre cuidadosos os seus discípulos e as suas Igrejas, lhes falasse de próximas viagens, mesmo quando lhes não entrevia a possibilidade.

[2] Col., IV, 10. Cf. I Petri, V, 13.

[3] Tácito, *An.*, XIV, 27. Cf. Apoc., III, 17 e seg. V. *S. Paulo.*

[4] Colosses não tem moedas imperiais (Waddington).

Paulo consolava-se pela sua actividade apostólica das tristezas que o assaltavam de toda a parte. A si próprio se dizia sofrer pelas suas queridas Igrejas; considerava-se como a vítima que abria aos gentios as portas de Israel [1]. Nos últimos meses de prisão, conheceu contudo o desânimo e o abandono [2]. Já escrevendo aos Filipenses dizia, opondo a conduta do seu querido e fiel Timóteo à de alguns outros: «Cada um procura o seu interesse, não o interesse de Jesus Cristo [3]». Somente Timóteo parece não ter provocado nenhuma queixa a este mestre severo, áspero, difícil de contentar. Não é admissível que Aristarco, Epafras, Jesus o *Justus*, o tivessem abandonado [4], mas muitos podiam estar ausentes ao mesmo tempo; Tito andava em missão [5]; outros que lhe deviam tudo, principalmente gente da Ásia, entre a qual se cita Figelo e Hermógenes, deixaram de o visitar [6]. Ele, outrora tão rodeado, chegou a ver-se no isolamento. Os cristãos da circuncisão evitavam-no [7]. Apenas Lucas, em certos momentos, estava com ele [8]. O seu carácter, que sempre tinha sido um pouco moroso, exasperava-se; quase se não podia viver na sua companhia. Paulo teve assim um cruel sentimento da ingratidão dos homens. Cada palavra que se

[1] Col., I, 24; Ef., III, 1.

[2] *Ibid.*, IV, 11; II Tim., I, 15; II, 17-18; III, 1 e seg., 13; IV, 3 e seg., 6-16. Este último escrito não é de Paulo; mas pode conter indicações, verdadeiras.

[3] Fip. II, 20-21.

[4] As epístolas aos Colossenses e a Filémon apresentam-nos como fiéis.

[5] II Tim., IV, 10.

[6] *Ibid.*, I, 15.

[7] Col., IV, 11, segundo o sentido mais provável. Cf. Tit., I, 10.

[8] II Tim., IV, 11.

lhe atribui nesse tempo é cheia de descontentamento e de dureza [1]. A Igreja de Roma, estreitamente ligada à de Jerusalém, era na sua maior parte judaico-cristã. O judaísmo ortodoxo, muito forte em Roma, deve ter-lhe feito uma guerra violenta. O velho apóstolo, com o coração despedaçado, já só apelava para a morte [2].

Se se tratasse duma outra natureza e dum homem doutra raça, imaginaríamos que Paulo, nestes últimos dias, chegara a reconhecer que gastará a sua vida por um sonho, repudiando todos os profetas sagrados por um escrito que não lera até então, o *Eclesiastes* (livro encantador, o único livro amorável composto por um judeu), e proclamando que o homem feliz é aquele que, depois de ter passado a sua vida alegremente até à velhice com a mulher da sua juventude, morre sem ter perdido nenhum dos seus filhos. Uma qualidade que caracteriza os grandes homens europeus é, chegados a certo tempo, darem razão a Epicuro, serem tomados pelo desgosto, terem trabalhado sempre com ardor, e, depois de triunfarem, duvidarem se a causa que serviram valia tantos sacrifícios. Muitos ousam dizer-se, no mais aceso da acção, que o dia em que se começa a ser sábio é aquele em que, livre de toda a preocupação, se contempla a natureza e se goza. Bem poucos pelo menos escapam a estes tardios arrependimentos. Não há ninguém

[1] Toda a II Tim.

[2] II Tim., IV, 6-8, bela passagem que muitos consideram como saída realmente da pena de Paulo, mas que parece estar em contradição com os projectos de viagem que Paulo não cessava de formar. Não parece que na prisão Paulo tivesse nunca um pressentimento tão nítido do seu próximo fim.

devotado, padre, religiosa, que aos cinquenta anos não chore o seu voto, e contudo não continue com a mesma perseverança. Nós não compreendemos o homem galante sem um pouco de cepticismo; gostamos que o homem virtuoso diga de tempos a tempos: «Virtude, tu não és senão uma palavra»; porque aquele que está firmemente seguro de que a virtude será recompensada, não tem nenhum mérito; as suas boas acções não são mais do que uma vantagem para ele. Jesus não foi estranho a esse singular sentimento; mais duma vez parece sentir pesado o seu papel divino. Certamente, não sucedeu assim com S. Paulo; não teve a sua agonia de Getsémani, e é esta uma das razões que no-lo tornam menos amoroso. Ao passo que Jesus possuiu no mais alto grau o que nós consideramos a qualidade essencial duma pessoa de distinção, isto é, o dom de sorrir da sua própria obra, Paulo não se isentou do defeito que nos impressiona nos sectários; acreditou profundamente. Nós quereríamos que, como nós, ele se sentasse fatigado na margem do caminho e que tivesse conhecido o pouco valor das opiniões inflexíveis. Marco Aurélio, o representante mais glorioso da nossa raça, não cede em virtude a ninguém, e contudo não soube o que era o fanatismo. Isto não se viu nunca no Oriente; só a nossa raça é capaz de realizar a virtude sem a fé, de unir a dúvida à esperança. Entregues ao impulso terrível do seu temperamento, isentos dos vícios delicados da civilização grega e romana, essas fortes almas judaicas seriam como poderosos elastérios que nunca se distenderam.

Sem dúvida que Paulo viu até ao final diante dele a coroa eterna que lhe estava preparada, e, como um corredor, redobra de esforços à medida

que se aproxima do fim da carreira [1]. Tinha por vezes instantes de consolação. Onesiforo de Éfeso, tendo vindo a Roma, procurou-o e, sem se envergonhar da sua cadeia, serviu-o e refrescou o seu coração [2]. Demas, pelo contrário, desgostou-se com as doutrinas absolutas do apóstolo e abandonou-o [3]. Parece que Paulo o tratava sempre com uma certa frieza [4].

Compareceria Paulo perante Nero, ou melhor, perante o conselho ao qual se dirigira a sua apelação [5]? Isto é quase certo [6]. Indicações, dum valor duvidoso, é verdade, falam-nos duma «primeira defesa», em que ninguém o assistiu e donde, cheio da graça que o sustentava, saiu sem auxílio de ninguém, se bem que ele pudesse comparar-se a um homem que tivesse sido tirado de entre os dentes dum leão [7]. É muito provável que tudo terminasse, ao cabo de dois anos de prisão em Roma [8] (princípio do ano 63), por uma ordem de soltura. Não se compreende que interesse teria a autoridade romana em o condenar por uma questiúncula de seita, que em nada lhe dizia respeito. Há além disto certos indícios que provam que Paulo, antes de morrer, executou ainda uma série

---

[1] II Tim., IV, 6 e seg. Servimo-nos desta epístola como duma espécie de romance histórico, feito com um sentimento muito justo da situação de Paulo.

[2] *Ibid.*, I, 16-18.

[3] *Ibid.*, IV, 9.

[4] Col., IV, 14.

[5] Dion Cassius, LIII, 22.

[6] O autor dos *Actos* sabia o que se passou. Não teria posto na boca de Paulo (*Act.* XXIII, 11, e XXVII, 24), uma profecia que se não tivesse realizado.

[7] II Tim., IV, 16-17, observando que quando se julga que Paulo escreveu esta epístola tem ele estado sempre preso.

[8] *Act.* XXVIII, 30.

de viagens apostólicas e de predicações, mas não nos países da Grécia e Ásia que tinha já evangelizado [1].

Cinco anos e alguns meses antes da sua prisão, Paulo, escrevendo de Corinto aos fiéis de Roma, anunciava-lhes a intenção de ir a Espanha. Dizia-lhes que não queria exercer entre eles o seu ministério; era só de passagem que contava vê-los e estar com eles algum tempo; depois eles lhe traçariam o seu itinerário e facilitariam a sua viagem aos países situados mais além [2]. A estada do apóstolo em Roma estava assim subordinada à ideia dum apostolado distante, que parecia ser o fim principal. Durante a sua prisão de Roma, Paulo parece por vezes ter mudado de intenção relativamente a uma viagem para o Ocidente. Exprime aos Filipenses e ao colossense Filémon a esperança de os tornar a ver [3]; mas não executou este desígnio [4]. Que fez ele ao sair da prisão? É natural supor que seguiu o seu primeiro plano e se pôs a caminho logo que pôde. Há fortes razões para supor que realizou o seu projecto de viagem pela Espanha. Esta viagem tinha para si uma alta significação dogmática; sob este ponto de vista considerava-a indispensável [5]. Tratava-se de poder dizer que a boa nova tinha chegado ao Extremo Ocidente, provar que o Evangelho se cumprira,

---

[1] *Act.*, XX, 25, exclui inteiramente a volta de Paulo aos países que já tinha visitado. O autor dos *Actos* conhecia bem a continuação da vida de Paulo, e não lhe teria atribuído uma linguagem errónea.

[2] Rom., XV, 24, 28.

[3] Fil., I, 25, 27; II, 24; Filémon, 22.

[4] *Act.* XX, 25.

[5] Comp. S. Inácio, *Ad Rom.*, 2.

pois que fora ouvido no fim do mundo [1]. Esta maneira de exagerar um pouco a significação das suas viagens era familiar a Paulo. A crença geral dos fiéis era que antes da aparição de Cristo, o reino de Deus devia ter sido pregado por toda a parte [2]. Segundo a maneira de falar dos apóstolos, bastava que tivesse sido pregado numa cidade para se considerar pregado num país, e bastava que tivesse sido pregado a dez pessoas para se considerar como tendo-o ouvido toda a cidade.

Se Paulo fez efectivamente esta viagem, fê-la com certeza por mar. Não é absolutamente impossível que desembarcasse perto do Meio-Dia da Gália. Em todo o caso, não ficou desta viagem problemática pelo Ocidente nenhum fruto apreciável.

---

[1] Apoc. XIV, 6. Comp. Meliton, *De veritate*, p. XL, linhas 18 19 (*Spicil. Sol.*, t. II).
[2] Mat., XXIV, 14.

CAPÍTULO V

A APROXIMAÇÃO DA CRISE

No fim do cativeiro de Paulo, os *Actos dos Apóstolos* e as Epístolas são mudos. Caímos numa noite profunda, que contrasta singularmente com a clareza histórica dos dez anos precedentes. Sem dúvida para não ser forçado a contar factos em que a autoridade romana desempenhara um papel odioso [1], o autor dos *Actos*, sempre respeitador dessa autoridade, e desejoso de mostrar que muitas vezes ela foi favorável aos cristãos, pára subitamente. Este fatal silêncio espalha uma grande incerteza sobre acontecimentos que muito gostaríamos de saber. Felizmente Tácito e o Apocalipse vão fazer penetrar nesta grande noite um raio de viva luz. Chegou o momento em que o cristianismo, conservado até agora no segredo das humildes pessoas que lhe deviam toda a sua alegria, vai estalar na história como um trovão cujo estampido será muito demorado.

Vimos como os apóstolos não desprezavam ne-

---

[1] Vejam-se os *Apóstolos*, Introd.

nhum esforço para conduzir à moderação os seus irmãos exasperados pelas iniquidades de que eram vítimas. Esses esforços, porém, não triunfavam sempre. Várias condenações se haviam pronunciado contra os cristãos, e apresentavam-se estas sentenças como repressões de crimes ou de delitos. Com uma admirável táctica, os apóstolos traçavam o código do martírio. É-se condenado pelo nome de «cristão», tanto melhor [1]. Recordava-se que Jesus dissera: «Vós expor-vos-eis aos ódios por causa do meu nome [2]». Mas, para ter o direito a merecer este ódio, era preciso ser irrepreensível. Em parte para acalmar as efervescências inoportunas, prevenir actos de insubordinação contra a autoridade pública e também para estabelecer o direito de falar a todas as Igrejas, Pedro julgou dever por esse tempo imitar Paulo e escrever às Igrejas da Ásia Menor, sem distinção de judeus, nem de pagãos convertidos, uma carta-circular ou catequética. Estavam em moda as epístolas: de simples correspondência, a epístola tornava-se um género de literatura, uma forma fictícia servindo de esboço a pequenos tratados de religião [3]. Vimos S. Paulo adoptar este costume no fim da sua vida. Cada um dos apóstolos, um pouco a seu exemplo, quis ter a sua epístola, espécime do seu estilo e da sua maneira de ensinar, contendo as suas máximas favoritas, e, quando algum deles as não tinha, procurava-as noutros. Estas novas epístolas, a que se chamou mais tarde «católicas», não supõem que

[1] I Petri, IV, 14 e seg.
[2] Mat., X, 22; XXIV, 9; Marcos, XIII, 13; Lucas, XXI, 12, 17.
[3] Veja-se *S. Paulo*, Introd. As dúvidas que existem ainda a respeito da autenticidade da *I.ª Petri* são examinadas na introdução do presente volume.

fossem escritas para serem enviadas a ninguém; eram um escrito pessoal do apóstolo, o seu sermão, o seu pensamento dominante, a sua pequena teologia em oito ou dez páginas. Vinham juntar-se-lhe certas frases tiradas do tesouro comum da homilética e que, à força de serem citadas, tinham perdido a assinatura e não pertenciam já a ninguém.

Marcos havia voltado já da sua viagem da Ásia Menor [1] que empreendera à ordem de Pedro e com recomendações de Paulo [2], viagem que fora talvez o sinal da reconciliação dos dois apóstolos. Esta viagem pusera Paulo em relações com as Igrejas da Ásia e autorizava-o a dirigir-lhes um ensinamento doutrinal. Marcos, segundo o seu hábito, serviu de secretário e de intérprete a Pedro para a redacção da epístola. É duvidoso que Pedro soubesse falar ou escrever o grego e o latim; a sua língua era o siríaco [3]. Marcos estava ao mesmo tempo em relações com Pedro e com Paulo, o que explica talvez um facto singular que aparece na Epístola de Pedro, isto é, das passagens que o autor desta epístola recorta dos escritos de S. Paulo. É certo que Pedro ou o seu secretário (ou o falsificador que usou o seu nome) tinha sob os olhos a epístola aos Romanos e a chamada epístola aos Efésios, precisamente as duas epístolas «católicas» de Paulo, as que constituem verdadeiros tratados gerais, e que estavam universalmente espalhadas. Se a Igreja de Roma podia possuir um exemplar da chamada epístola aos Efésios, escrito recente, espécie de formulário geral da fé última de Paulo,

[1] I Petri, V, 13.
[2] Col., IV, 10.
[3] Eusébio, *Demonstr. evang.*, III, 5 e 7.

dirigido à maneira de circular a muitas Igrejas, com maior razão possuiria a Epístola aos Romanos. Os outros escritos de Paulo, que têm mais o carácter de certos particulares, não deviam encontrar-se em Roma. Algumas passagens menos características da Epístola de Pedro parecem ter sido copiadas de Tiago [1]. Teria Pedro, que nas suas controvérsias apostólicas ocupava sempre uma situação duvidosa e indecisa, querido mostrar, fazendo, por assim dizer, falar Tiago e Paulo pela mesma boca, que as contradições entre estes dois apóstolos não eram senão aparentes? Como prémio da conciliação, pretendeu ele arvorar-se em demonstrador das ideias paulistas, atenuadas, em todo o caso, e sem uma das suas principais partes, a justificação pela fé? É mais provável que Pedro, pouco habituado a escrever e não dissimulando a sua inaptidão literária, não hesitasse em se apropriar de frases piedosas que se repetiam sem cessar à volta dele, e que, embora provindo de sistemas diferentes, se não contradiziam duma maneira formal. Parece que Pedro, felizmente para ele, foi toda a sua vida um medíocre teólogo; não pode pois procurar-se no seu escrito o rigor dum sistema consequente.

A diferença de pontos de vista em que se colocaram habitualmente Pedro e Paulo denuncia-se, afinal, logo na primeira linha deste escrito: «Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos expatriados da dispersão do Ponto, da Galácia, etc.». Tais expressões são perfeitamente judaicas. A família de Israel, segundo as ideias palestinas, compunha-se

[1] Comp. I Petri, I, 6-7, com Tiago, I, 2; I Petri, I, 24, com Tiago, I, 10 e seg.; I Petri, IV, 8, com Tiago, V, 20; I Petri, V, 5, 9, com Tiago, IV, 6, 7, 10.

de duas fracções: os que habitavam a Terra Santa e os que a não habitavam, compreendidos sob o nome genérico da «dispersão». Ora, para Pedro e para Tiago, os cristãos, mesmo pagãos de origem, são da mesma forma uma parte do povo de Israel, e toda a Igreja cristã fora de Jerusalém é por eles tida na categoria dos expatriados. Jerusalém é ainda o único ponto do mundo em que, segundo eles, um cristão não é um exilado [1]. A Epístola de Pedro, apesar do seu mau estilo, mais parecido com o de Paulo do que com o de Tiago e de Judas, é um trecho impressionante, em que se reflecte admiravelmente o estado da consciência cristã no fim do reinado de Nero. É repassada duma doce tristeza, uma confiança resignada. Aproximam-se os tempos supremos [2]. É necessário que sejam precedidos por provações de que os eleitos sairão depurados como pelo fogo. Jesus, que os fiéis amam sem o ver, vai aparecer dentro em breve para os encher de alegria. Previsto por Deus desde a eternidade, anunciado pelos profetas, o mistério da redenção cumpriu-se pela morte e a ressurreição de Jesus. Os eleitos chamados a renascer no sangue de Jesus, são um povo de santos, um templo espiritual, um sacerdócio real oferecendo vítimas espirituais.

> Meus muito queridos, eu vos suplico que vos comporteis entre os gentios como convém a estrangeiros expatriados, regulando cuidadosamente a vossa conduta, para que aqueles que vos caluniam e vos apresentam como malfeitores, à vista das vossas boas obras, glorifiquem Deus no dia da sua chegada. Submetei-vos a toda a criatura humana, por causa do Senhor; ao rei, como soberano; aos governadores, como

[1] Cf. I Petri, II, 11-12.
[2] I Petri, I, 7, 13; IX, 7, 13; V, 1, 10.

delegados do rei para castigar os malfeitores e premiar os que fazem o bem. Será a vontade de Deus que, pela vossa boa conduta, há-de fechar a boca a esses detractores cegos e ignorantes. Comportai-vos como verdadeiros homens livres; não como homens para os quais a liberdade é um manto que cobre a sua malícia, mas como servidores de Deus. Sede respeitosos para todo o mundo, amai os irmãos, sede tementes a Deus, respeitai o rei. Escravos, sede submissos e com temor aos vossos senhores, não só àqueles que são bons e humanos, mas ainda aos maus. É uma virtude sofrer injustamente pela sua fé. Se, depois de terdes cometido uma falta, suportais pacientemente às bastonadas, onde está o vosso mérito? Mas se, depois de terdes feito o bem, suportais pacientemente as sevícias, eis ao que se chama uma graça aos olhos de Deus. Cristo sofreu por vós, legando-vos assim um grande exemplo a seguir. Ultrajado, ele não ultrajou; maltratado, ele não ameaçou; entregou a sua causa àquele que tudo julga com justiça [1].

O ideal da Paixão, esse comovente quadro de Jesus sofrendo sem nada dizer, exercia já uma influência decisiva na consciência cristã. Pode pôr-se em dúvida que já estivesse escrita esta descrição; todos os dias ela aumentava com novas particularidades [2], mas os pontos essenciais fixados na memória dos fiéis, constituíam para eles perpétuas exortações à paciência. Uma das principais teses cristãs era «que o Messias devia sofrer [3]». Jesus e o verdadeiro cristão apresentavam-se cada vez mais à imaginação sob a forma dum cordeiro silencioso nas mãos do magarefe. Abraçavam-no em espírito, a esse dócil cordeiro morto tão novo pelos maus; enaltecia-se a afectuosa compaixão, a amorosa ter-

[1] I Petri, II, 11 e seg.

[2] A passagem I Petri, II, 23, dá a entender que o facto de Jesus suplicar pelos seus carrascos (Lucas, XXIII, 34) não era conhecido de Pedro ou do autor da epístola, seja ele quem for.

[3] Lucas, XXIV, 26; *Act.*, XVII, 3; XXVI, 23.

nura duma Madalena junto do túmulo. Esta inocente vítima, com o cutelo mergulhado na chaga, arrancava lágrimas a todos os que a tinham conhecido. A expressão de «Cordeiro de Deus» com que se designava Jesus estava já formada [1]; juntara-se-lhe a ideia de cordeiro pascal [2]; um dos simbolismos mais essenciais da arte cristã estava em gérmen nestas figuras. Todas estas imagens, que tanto impressionavam Francisco de Assis e o faziam chorar, provinham dessa admirável passagem em que o segundo Isaías, descrevendo o ideal do profeta de Israel (o homem de dor) o apresenta como uma ovelha que é conduzida à morte e que não abre a boca perante o que a tosquia [3].

Pedro dá como norma de todas as classes da sociedade cristã este modelo de submissão e humildade. Os anciãos devem governar o seu rebanho com deferência, evitando a aparência de comando; os jovens devem submeter-se aos anciãos [4]; a mulher sobretudo, sem se converter em predicante, deve ser, pelo encanto discreto da sua piedade, a grande missionária da fé.

E vós, mulheres, sede igualmente submissas aos vossos maridos, para que aqueles que seriam rebeldes à predicação sejam conquistados, fora da predicação, pela consideração da vossa vida pura e obediente. Procurai não a beleza do exterior que consiste nos cabelos entrançados com arte, jóias de ouro, ricos vestidos, mas a secreta beleza do coração, o encanto perpétuo dum espírito tranquilo e doce; tal é a verdadeira riqueza perante Deus. É assim que outrora faziam as mulheres santas, esperando em Deus, submetidas a seu

[1] I Petri, I, 19; II, 22-25; *Act.*, VIII, 32; João, I, 29, 36; todo o Apocalipse; *Epistola Barnabæ*, c. 5.

[2] João, XIX, 36; Justino, *Dial. cum Tryph.*, 40.

[3] Is., LIII, 7.

[4] I Petri, V, 1-5.

marido; é assim que Sara, de que vós sois as filhas autênticas..., obedecia a Abraão, chamando-lhe «seu senhor». E vós, homens, pela vossa parte tratais as mulheres como um ser mais esclarecido deve tratar um ser mais fraco; respeitai-as como as co-herdeiras da graça da vida. Enfim, sede todos cheios de concórdia, de simpatia, de fraternidade, de misericórdia, de humildade, não respondendo ao mal com o mal, ao ultraje com o ultraje, recebendo tudo com paciência... Quem poderá fazer-vos mal, se vós não procurardes senão o bem? E se acaso sofreis alguma coisa pela justiça, deveis até regozijar-vos [1]!

A esperança do reino de Deus, confessada pelos cristãos, dava ocasião a mal-entendidos [2]. Os pagãos imaginavam que eles falavam duma revolução política em vésperas de se realizar.

Tende sempre pronta uma apologia para aqueles que vos peçam explicações sobre as vossas esperanças; mas fazei esta apologia com doçura e moderação, fortes com a tranquilidade da vossa consciência, para que os que caluniam a vida honesta que realizais em Cristo se envergonhem das suas injúrias; porque vale mais sofrer fazendo o bem (se assim é a vontade de Deus) que fazendo o mal [3]. Tendes já demasiadamente e durante muito tempo feito a vontade aos pagãos, vivendo na libertinagem, nos maus desejos, na embriaguez, nas orgias, nos festins, nos mais culpados cultos idólatras. Eles admiram-se agora de que eviteis precipitar-vos com eles nessa torrente de crimes e injuriam-vos. Eles darão contas àquele que está prestes a julgar os vivos e os mortos... Aproxima-se o fim de tudo [4]... Meus muito queridos, não vos admireis do incêndio que se ateia para vos experimentar, como se isso tivesse para vós alguma coisa de estranho; mas regozijai-vos em ter a vossa parte nos sofrimentos de Cristo, para que triunfeis no dia da revelação da sua glória. Se sois injuriados em nome de Cristo, vós sereis felizes... Que nenhum de vós seja punido como assas-

[1] I Petri, III, 1 e seg.
[2] Cf. Hegesipo, em Eus., *H. E.*, III, 20.
[3] I Petri, III, 15 e seg.
[4] *Ibid.*, IV, 3 e seg.

sino, como ladrão, como malfeitor, como crítico indiscreto dos de fora; mas se algum sofre como «cristão», que se não envergonhe; pelo contrário que glorifique Deus neste nome; porque chegou o tempo em que vai começar o julgamento pela casa de Deus. Se ele começa por nós, qual será o fim dos que não obedecem ao Evangelho de Deus? Se o justo só se salva com dificuldade, o que será do ímpio, do pecador? Que aqueles pois que sofrem segundo a vontade de Deus recomendem ao criador as suas almas em toda a inocência [1]... Humilhai-vos sob a mão poderosa de Deus, para que ele vos exalte, quando chegar o tempo... Sede sóbrios, cautelosos; o vosso adversário, o Diabo, como um leão rugindo, vagueia a espreitar uma presa. Resisti-lhe, firmes na fé, sabendo que os mesmos sofrimentos que experimentais, os nossos irmãos espalhados pelo mundo inteiro os experimentam também. O Deus de toda a graça, após algum sofrimento, nos curará, nos confirmará, nos fortificará. Com ele seja a força em todos os séculos. *Amém* [2].

Se esta epístola, como nos não repugna acreditar, é realmente de Pedro, ela honra muito o seu bom-senso, a sua firmeza, a sua simplicidade. Não se arroga nenhuma autoridade; falando aos anciãos, apresenta-se como um deles. Não se revela senão por ter sido testemunha dos sofrimentos de Cristo e esperar participar da glória que em breve será verdade [3]. A carta foi levada para a Ásia por um tal Silvano, o qual talvez seja o mesmo Silvano ou Silas que foi companheiro de Paulo. Pedro, a ser assim, tê-lo-ia então escolhido como sendo já conhecido dos fiéis da Ásia Menor, em virtude da viagem por ele feita com Paulo. Pedro envia as saudações de Marcos a essas igrejas distantes duma maneira que dá a entender também que Marcos

[1] I Petri., IV, 12 e seg.
[2] *Ibid.*, V, 6 e seg.
[3] *Ibid.*, V, 1.

não era para elas um desconhecido [1]. A carta terminava pelos termos do costume. A Igreja de Roma é aí designada por estas palavras: «a eleita que está na Babilónia». A seita era vigiada de perto; uma carta muito clara, se fosse interceptada, podia trazer grandes perseguições. Para despistar as suspeitas da polícia, Pedro escolheu para designar Roma o nome de antiga capital da impiedade asiática, nome cuja significação simbólica não escapava a ninguém e que iria fornecer o dado fundamental de todo um poema.

[1] *Ibid.*, v, 13. Cf. Col., iv, 10.

CAPÍTULO VI

O INCÊNDIO DE ROMA

A loucura furiosa de Nero chegara ao seu paroxismo. Era a mais horrível aventura porque o mundo nunca até então passara. A absoluta necessidade dos tempos tudo entregara a um só, ao herdeiro do grande nome lendário de César; era impossível outro regímen, e as províncias em geral achavam-se bem com este; mas um grande perigo se ocultava. Quando o César perdia o espírito, quando todas as artérias da sua pobre cabeça, perturbada por um poder inaudito, estalavam ao mesmo tempo, então surgiam as loucuras sem nome. Estava-se à mercê dum monstro. Não havia meio nenhum de se libertar dele; a sua guarda, composta de Germânios, que tinha tudo a perder se ele caísse, afincava-se obstinadamente em volta dele; a fera encurralada defendia-se com raiva. Com Nero deu-se uma coisa ao mesmo tempo espantosa e grotesca, grandiosa e absurda. Como o César era muito instruído, a sua loucura foi principalmente literária. Os sonhos de todos os séculos, todos os poemas, todas as lendas, Baco e Sarda-

napalo, Nino e Príamo, Tróia e Babilónia, Homero e a fada poética do tempo, agitavam-se como num caos num pobre cérebro de artista medíocre, mas muito convicto de grande valor [1], a que o acaso confiara o poder de realizar todas as suas quimeras. Imagine-se um homem tão sensato como os heróis de Vítor Hugo, um personagem carnavalesco, um misto de doido, de idiota e de actor, revestido de todo o poder e encarregado de governar o mundo. Não tinha a negra malvadez de Domiciano [2], o amor do mal pelo mal; não era de forma alguma um extravagante como Calígula; era um romântico consciencioso, um imperador de ópera, um melómano tremendo diante da plateia e fazendo-a tremer [3], o mesmo que seria no nosso tempo um burguês cujo bom-senso se tivesse pervertido pela leitura dos poetas modernos e se imaginasse obrigado a imitar na sua conduta Han de Islândia e os Burgraves. Como o governo era uma coisa prática por excelência, o romantismo aí era inteiramente deslocado. O romantismo para ele consiste no domínio da arte; mas a acção é a inversa da arte. No que diz respeito à educação dum príncipe, sobretudo, o romantismo é funesto. Sob este ponto de vista, Séneca fez muito mais mal ao seu discípulo, pelo seu mau gosto literário, do que com a sua bela filosofia. Era um grande espírito, um talento fora do vulgar, e um homem no fundo respeitável, apesar de mais dum defeito, mas inteiramente prejudicado pela declamação e pela vaidade literária, incapaz de sentir e de raciocinar sem frases. À força de excitar o seu discí-

[1] Suetónio, *Nero*, 20, 49.
[2] *Ibid.*, *Nero*, 39. Cf. Jos., *Ant.*, XX, VIII, 3.
[3] *Ibid.*, *Nero*, 23, 24.

pulo a exprimir coisas que não pensava, a compor desde logo coisas sublimes, fez dele um comediante vaidoso, um mau retórico, dizendo palavras de humanidade quando estivesse convencido de que o escutavam [1]. O velho pedagogo via com profundeza o mal do seu tempo, o de seu discípulo e o seu próprio, quando exclamava nos seus momentos de sinceridade: *Literarum intemperantia laboramus* [2].

Estes ridículos pareceram a princípio inofensivos em Nero; o macaco observou-se durante algum tempo e conservou a pose que lhe haviam ensinado. A crueldade não se declarou senão depois da morte de Agripina; então invadiu-o rapidamente e duma maneira completa. Cada ano que decorria era assinalado pelos seus crimes: já não existe Bruto e toda a gente supõe que o matou Nero; Octávia deixou a terra cheia de vergonha; Séneca deixou a vida pública, e espera a todo o instante a sua captura, não pensando senão em torturas, amesquinhando o seu pensamento na meditação dos suplícios, e esforçando-se por provar que a morte é uma libertação [3]. Com Tigelino senhor de tudo, é completa a saturnal. Nero todos os dias proclama que só a arte deve ser considerada verdadeira, que toda a virtude é uma mentira, que o homem perfeito é o que é franco e confessa o seu impudor, que o grande homem é o que sabe abusar de tudo, tudo perder e tudo gastar [4]. Para ele um homem virtuoso é um hipócrita, um sedicioso, um personagem perigoso e sobretudo um rival; quando descobre alguma horrível infâmia que

[1] Suetónio, *Nero*, 10.
[2] Séneca, *Cartas a Lucilius*, CVI, 12.
[3] Compare-se *Consol. ad Marciam*, 20.
[4] Suetónio, *Nero*, 20, 29, 30; Dion Cassius, LXI, 415.

dá razão à sua teoria, experimenta um acesso de alegria. Os perigos políticos de orgulho e desse falso espírito de emulação, que constituiu desde a sua origem o verme roedor da cultura latina, iam-se já evidenciando. O cabotino conquistara o direito de vida e de morte sobre o seu auditório; o diletante ameaçava com a tortura quem não admirasse os seus versos. Um monómano embriagado pela gloríola literária, que transforma as belas máximas que lhe ensinaram em zombarias de canibal, um palhaço feroz aspirando aos aplausos dos bobos de rua, é este o senhor do império e que o império sofre. Nunca se vira semelhante extravagância. Os déspotas do Oriente, terríveis e graves, nunca tiveram dessas gargalhadas loucas, desses exageros de estética perversa. A loucura de Calígula havia durado pouco; fora apenas um acesso, e Calígula não era mais do que um bobo; tinha verdadeiramente espírito; pelo contrário, a loucura deste, de ordinário sem graça, era por vezes espantosamente trágica. O que havia de mais horrível era vê-lo, em gestos declamatórios, representar com os seus remorsos, fazer deles assunto para versos. Com este ar melodramático que só lhe pertencia a ele, dizia-se atormentado pelas Fúrias e citava versos gregos sobre os parricidas. Parecia que ele tinha sido criado por um Deus chocarreiro que a si próprio quisera dar a impressão do horrível desconcerto duma natureza humana onde tudo era desequilíbrio, o espectáculo obsceno dum mundo epiléptico, como deve ser uma sarabanda de macacos do Congo ou uma orgia sangrenta dum rei do Daomé.

A exemplo dele toda a gente parecia tomada de vertigem. Havia-se formado uma companhia de odiosos extravagantes, a que chamavam «os cavaleiros de Augusto», que tinham por ocupação

aplaudir as loucuras de César, e inventar para ele farsas de vagabundos nocturnos [1]. Em breve veremos sair desta escola um imperador [2]. Um dilúvio de imaginações de mau gosto, de banalidades, de pretendidos ditos cómicos, uma gíria nauseabunda, idêntica ao espírito dos nossos piores jornalecos, caiu sobre Roma, fazendo moda [3]. Calígula havia já criado esse género funesto de histrião imperial. Nero tomou-o muito por modelo [4]. Não era bastante para ele conduzir carros no circo, berrar em público, correr a província como cantor de feira [5]; pescava com fios de ouro que ele puxava com cordas de púrpura [6], ensinava ele mesmo os homens a quem pagava para o aplaudirem, dirigia falsos triunfos, conferia-se a si próprio todas as coroas da Grécia antiga, organizava festas inauditas, representava no teatro papéis fantasticamente extraordinários [7].

A causa destas aberrações era o mau gosto da época, e a importância exagerada que se dava a uma arte declamatória, tendo em vista o disforme, não fantasiando senão monstruosidades [8]. Em tudo, o que predominava era a falta de sinceridade, um género insípido como o das tragédias de Séneca,

---

[1] Plínio, *H. N.*, XIII, xxii, 43.
[2] Suetónio, *Otão*, 2.
[3] Tácito, *Annales*, XIV, 14, 15, 16. Vejam-se os ditos de Nero em Suetónio, para compreender o género das suas chocarrices. Cf. Tácito, *Annales*, XVI, 57; Dion Cassius, LXII, 14; LXIII, 8.
[4] Suetónio, *Nero*, 30.
[5] Tácito, *Ann.*, XV, 33 e seg.; Suetónio, *Nero*, 20, 22, 24, 25.
[6] Eusébio, *Cron.*, ano 6 de Nero.
[7] Suetónio, *Nero*, 11, 20, 21, 23, 24, 25, 27, 30; Tácit., *An.*, XV, 37, etc.; Dion Cassius, LXI, 17, 21; LXII, 15.
[8] Juvenal, *Sat.*, i, inic.; Marcial, *Spectac.*

a habilidade de pintar sentimentos não sentidos, a arte de falar como homem virtuoso sem o ser. O gigantesco passava por grande; a estética tinha-se completamente perturbado: era o tempo das estátuas colossais, dessa arte material, teatral e falsamente patética, cuja obra-prima era o *Laocoon*, admirável estátua na verdade, mas cuja pose lembra demasiadamente a dum primeiro tenor cantando o seu *canticum*, e em que toda a emoção é tirada da dor do corpo. Não se contentavam já com a dor moral das Niobidas, em todo o esplendor da beleza; desejavam a imagem da tortura física; compraziam-se com isso como no século XVII num mármore de Puget. Os sentidos estavam já gastos; os grosseiros recursos que os Gregos apenas se tinham permitido nas suas representações mais populares, tornavam-se o elemento essencial da arte. O povo estava completamente transtornado com espectáculos, mas não espectáculos sérios, tragédias moralizadoras, mas cenas de efeito, fantasmagorias. Havia-se espalhado um gosto ignóbil de «quadros vivos». Já ninguém se contentava com apreciar em imaginação as estranhas narrativas dos poetas; queriam-se os mitos representados em carne, no que eles tinham de mais feroz ou de mais obsceno; extasiava-se diante dos grupos, das atitudes dos actores; procuravam-se efeitos de estatuária. Os aplausos de cinquenta mil pessoas, reunidas numa abóbada imensa, aquecendo-se reciprocamente, eram uma coisa tão enervante, que o próprio soberano chegava a ter inveja do cocheiro, do cantor ou do actor; a glória do teatro passava pela maior de todas. Nenhum dos imperadores, cuja cabeça teve alguma deficiência, pôde resistir à tentação de colher as coroas destes pobres jogos. Calígula aí deixou o pouco juízo que a sorte lhe

deu; passava o dia no teatro a divertir-se com os ociosos [1]; mais tarde Cómodo, Caracala, disputaram a Nero neste ponto a palma da loucura. Foi preciso fazer leis proibindo aos senadores e aos cavaleiros descerem à arena, lutarem como gladiadores, ou baterem-se com as feras. O circo tornara-se o centro da vida; o resto do mundo não parecia feito senão para os prazeres de Roma. Sem cessar surgiam as invenções cada vez mais estranhas, concebidas pelo soberano. O povo andava de festa em festa, não falando senão do último espectáculo [2], aguardando o que lhe prometiam, e acabara por se ligar muito ao príncipe que fazia assim da sua vida uma bacanal sem fim. A popularidade que Nero obtém por estes meios vergonhosos não pode pôr-se em dúvida; ela é o bastante para que Otão possa atingir o império fazendo evocar a sua memória, imitando-o, relembrando que ele próprio havia sido um dos seus validos.

Não pode dizer-se verdadeiramente que o desgraçado não tinha coração, nem nada do sentimento do bem e do belo. Longe de ser incapaz de amizade, mostrava-se muitas vezes bom camarada, e era isso exactamente o que o tornava cruel; ele queria ser amado e admirado por si mesmo, e irritava-se contra os que não tinham para com ele estes sentimentos. Dada a sua natureza vaidosa, susceptível, as mais pequenas traições punham-no logo fora de si. Quase todas as suas vinganças se exerceram em pessoas que admitira no seu círculo íntimo (Lucano, Vestino), mas que abusaram da

---

[1] Suetónio, *Caio*, 18.

[2] Vejam-se os epigramas de Marcial, sobretudo o *Liber de spectaculis*, que constituem por assim dizer a este respeito os pequenos jornais do tempo.

familiaridade que ele lhes dera chegando a criticarem-lhe as suas momices [1]; porque ele sentia os seus ridículos e receava que lhos vissem. A principal razão do seu ódio contra Trasão foi ter ele desesperado de lhe obter a afeição [2]. A citação grotesca do mau hemestíquio.

Sub terris tonuisse putes

perdeu Lucano [3]. Sem nunca se privar dos serviços duma Galvia Crispinila [4], amou verdadeiramente algumas mulheres; e estas mulheres, como Popeia e Acte, amavam-no. Depois da morte de Popeia, resultante da sua brutalidade, teve uma espécie de arrependimento quase comovente; permaneceu durante muito tempo sob a obsessão dum sentimento enternecido, procurando tudo o que se lhe assemelhasse, buscando insensatas substituições [5]. Popeia, pelo seu lado, teve por ele sentimentos que uma mulher de tanta distinção não podia ter tido por um homem vulgar. Cortesã do mais alto mundo, hábil em fazer sobressair pelo seu estudo de modéstia calculada os encantos duma rara beleza e duma suprema elegância [6], Popeia conservara no coração, apesar dos seus crimes, uma religião instintiva que se inclinava para o judaísmo.

---

[1] Tácit., *An.*, XV, 68.
[2] Plutarco. *Praec. ger. reip.*, XIV, 10. Comp. Tácito, *An.*, XVI, 22; Dion Cassius, LXII, 26.
[3] Suetónio, fragm. da *Vida de Lucano.*
[4] *Magistra libidinum Neronis*, Tac., *Hist.*, I, 78. Cf. Dion Cassius, LXIII, 12.
[5] Dion Cassius, LXII, 28; LXIII, 12, 13; Plínio, XXXVII, III, 12.
[6] Tácito, *An.*, XIII, 45. Veja-se o busto do capitólio (n.º 17) e o do Vaticano (n.º 408).

Nero parece ter sido muito sensível entre as mulheres ao encanto que resulta duma certa piedade associada à galanteria. Estas alternativas de abandono e de altivez, essa mulher que não mostrava senão o rosto em parte velado [1], esse falar amoroso, e sobretudo esse impressionante culto da sua própria beleza que fez com que, tendo-lhe o seu espelho mostrado um dia algumas manchas, ela tivesse um acesso de desespero feminino, e desejasse morrer [2], tudo isto impressionou vivamente a imaginação ardente dum jovem crapuloso, sobre quem o pudor exercia uma ilusão poderosa. Veremos em breve Nero, no seu papel de Anticristo, criar a estética nova e ser o primeiro a iludir-se com o espectáculo da pudicícia cristã descoberta. À devota e voluptuosa Popeia atraía-o uma ordem de sentimentos análogos. A questão conjugal que lhe originou a morte [3], supõe que, nas suas relações mais íntimas com Nero, nunca abandonou a altivez que afectava no princípio das suas relações [4]. Quanto a Acte, se não foi cristã, como se tem suposto, devia aproximar-se muito disso. Era uma escrava originária da Ásia, isto é, dum país com o qual os cristãos de Roma tinham relações contínuas. Tem-se notado que as belas libertas que mais adoradores tiveram, eram muito dadas às religiões orientais. Acte teve sempre gostos simples e nunca se desligou completamente do seu pequeno mundo de escravos [5]. Pertenceu a princípio à família *Annæa*, em volta da qual temos visto os cris-

---

[1] «Ne satiaret adspectum, vel quia sic decebat».
[2] Dion Cassius, LXII, 28.
[3] Suetónio, *Nero*, 35.
[4] Tácito, *An.*, XII, 46.
[5] Tácito, *An.*, XIII, 46.

tãos agruparem-se; foi instigada por Séneca que ela representou, na mais monstruosa e mais trágica das circunstâncias, um papel que, em virtude da sua condição servil, não pode deixar de qualificar-se como honesto [1]. Esta pobre rapariga [2], humilde, doce, e que muitos momentos nos mostram rodeada por uma família de pessoas com nomes quase cristãos *(Cláudia, Felicula, Stephanus, Crescens, Phœbe, Onesimus, Tallus, Artemas, Helpis)* [3], foi o primeiro amor de Nero adolescente. Ela foi-lhe fiel até à morte; nós a encontraremos, na vila de Fáon, prestando piedosamente as últimas cerimónias ao cadáver de que toda a gente fugia com horror.

E na realidade, por mais singular que isto pareça, compreende-se que, apesar de tudo, as mulheres o amassem. Foi um monstro, uma criatura absurda, disforme, um produto inconcebível da natureza; mas não foi um monstro vulgar. Dir-se-ia que o acaso, por um capricho estranho, quisera realizar nele o *hircocerf* dos lógicos, um ser híbrido, extravagante, incoerente, o mais odiável, mas por vezes contudo verdadeiramente digno de lástima. Como o sentimento das mulheres assenta mais na simpatia e no gosto pessoal que nas rigorosas apreciações da ética, bastava-lhe alguma beleza ou bondade moral, mesmo soberanamente falsa, para que a sua indignação se transformasse em piedade. Elas são sobretudo indulgentes para o artista extraviado pela embriaguez da sua arte,

---

[1] *Ibid., An.*, XIII, 13; XIV, 2.
[2] *Ibid., An.*, XIII, 11, 13, 46; Suetónio, *Nero*, 28; Dion Cassius, LXI, 7.
[3] Fabretti, Inscr., p. 124-126; Orelli, n.os 735, 2885; Henzen, n.os 5412, 5413.

por um Biron, vítima da sua quimera e levando a sua ingenuidade até traduzir em actos a sua inofensiva poética. No dia em que Acte depôs o cadáver sangrento de Nero na sepultura de Domícios, chorou com certeza a profanação dos dons naturais só dela conhecidos; no mesmo dia, é muito para crer-se, mais duma cristã rezou por ele.

Ainda que dum talento medíocre, tinha alguma coisa de artista: pintava e esculpia bem; os seus versos eram bons, apesar duma certa ênfase de principiante [1], e apesar de tudo o que se pode dizer, era ele próprio que os fazia; Suetónio viu os seus autógrafos cobertos de emendas [2]. Foi o primeiro a compreender a admirável paisagem de Subiaco onde fez uma deliciosa residência de Verão. O seu espírito, na observação das coisas naturais, era justo e curioso; tinha a paixão das experiências, das novas invenções, das coisas engenhosas [3]; procurava conhecer as causas e percebia muito bem o charlatanismo das pretendidas ciências mágicas e o vazio de todas as religiões do seu tempo [4]. A biografia que constantemente citamos diz-nos a maneira como nele se despertou a vocação para o canto [5]. Deve a sua iniciação ao citarista de mais nome nesse século, Terpno. Passava noites inteiras sentado ao lado do músico, estudando o seu jogo, embevecido no que ouvia, suspenso, enervado, respirando avidamente o ar dum outro mundo que se abria diante dele ao contacto dum grande artista.

---

[1] Suetónio, fragm. da *Vida de Lucano.*
[2] *Ibid., Nero*, 52.
[3] Séneca, *Quaest., nat.* VI, 8; Plínio, *H. N.*, XI, XLIX, 109; XIX, III, 15; XXXVII, III, 11.
[4] Suetónio, *Nero*, 56; Plínio, XXX, II, 5; Pausânias, II, XXXVII, 5.
[5] *Ibid., Nero*, 20.

Daí proveio o seu desprezo pelos Romanos, em geral pouco conhecedores, e a sua preferência pelos Gregos, segundo ele os únicos capazes de o apreciar, e pelos Orientais, que o aplaudiriam delirantemente. Desde então, não admite outra glória que não seja a da arte; uma nova vida se lhe revelava; desaparecia o imperador; negar o seu talento era o crime de Estado por excelência; os que o não admiravam eram considerados inimigos de Roma.

A sua pretensão de em tudo ser o chefe da moda era extremamente ridícula. Contudo, havia muito mais política do que se pensa. O primeiro dever do César (em virtude da baixeza dos costumes do tempo) era ocupar o povo. O soberano era sobretudo um esplêndido organizador de festas; aquele que mais se divertia devia pagar com a sua pessoa [1]. Muitas das enormidades que se censuram em Nero não tinham toda a sua gravidade senão sob o ponto de vista dos costumes romanos e da severa linha de conduta que até ali se tinha mantido. Todo este mundo viril se revoltava com ver o imperador dar audiência ao senado em *robe de chambre* bordada, passar revistas num ligeiro vestuário, sem cinta, com uma espécie de lenço em volta do pescoço, para a conservação da voz [2]. Os verdadeiros Romanos indignavam-se com razão pela introdução dos costumes do Oriente. Mas era inevitável que a civilização mais antiga e mais gasta vencesse pela corrupção a mais nova. Já Cleópatra [3] e António tinham sonhado um império oriental. Deu-se o mesmo com Nero [4]; num caso

[1] Vejam-se as causas de descontentamento contra Galba; Suetónio, *Galba*, 12, 13.
[2] Dion Cassius, LXXIII, 13, 20, 25; Suetónio, *Nero*, 51.
[3] Horácio, *Odes*, I, XXXVII.
[4] Petrónio, *Nero*, 40; Tácito, *An.*, XV, 36.

extremo preferiria a prefeitura do Egipto. Desde Augusto a Constantino, cada ano representa um progresso na conquista da parte do império que falava grego sobre a parte que falava latim.

É bom ter presente que a loucura era em certo modo geral. Se se exceptuar o excelente núcleo de sociedade aristocrática que chegará ao poder com Nerva e Trajano, quase toda a gente, mesmo os homens mais consideráveis, representavam de alguma maneira na vida. O personagem que sintetizava melhor o seu tempo, «o homem honesto» desse reino de imoralidade transcendente, era Petrónio [1]. Para ele o dia era para dormir e a noite para os divertimentos. Não era desses dissipadores que se gastam em orgias grosseiras; era um voluptuoso profundamente versado na ciência do prazer. A naturalidade dos seus discursos e das suas acções davam-lhe um ar de simplicidade que encantava. Enquanto foi procônsul na Bitínia e mais tarde cônsul, mostrou-se capaz dos maiores empreendimentos. Regressando ao vício, foi admitido na corte íntima de Nero, tornando-se o árbitro do bom gosto em tudo [2]; ninguém podia ser considerado galante e de bom-tom sem que Petrónio o tivesse aprovado. O terrível Tigelino, que reinava pela sua baixeza e malvadez, temia nele um rival que o ultrapassava na ciência das voluptuosidades; tratou pois de perdê-lo. Petrónio respeitava-se de mais para lutar contra este miserável. Contudo, não queria deixar bruscamente a vida. Depois de ter aberto as veias, fê-las fechar, depois voltou a abri-las de novo, conversando em bagatelas com os seus amigos, ouvindo-os falar não da imortalidade

[1] Tácito, *An.*, XVI, 18-20.
[2] *Elegantiae arbiter.*

da alma e das opiniões dos filósofos, mas de canções e de poesias ligeiras. Escolheu este momento para recompensar alguns dos seus escravos, e fazer castigar outros. Sentou-se à mesa e dormiu. Este Merimeu céptico, de aspecto frio e estranho, deixou-nos um romance [1] dum espírito e duma delicadeza extraordinários, e também duma corrupção extrema, que é o perfeito espelho do tempo de Nero. Acima de tudo não é rei da moda quem quer. A elegância da vida tem a sua mestra, acima da ciência e da moral. Ao concerto do universo faltaria alguma coisa, se o mundo não fosse povoado senão de fanáticos iconoclastas e de graves virtuosos.

Não pode negar-se que os homens deste tempo não tinham o gosto vivo e sincero da arte. Já se não faziam coisas belas; mas procuravam-se avidamente as coisas belas dos séculos passados. Este mesmo Petrónio, uma hora antes de morrer, quebrava o seu vaso de mirra, para que Nero o não possuísse [2]. Os objectos de arte, de que Nero era um dos mais apaixonados coleccionadores [3], atingiam preços fabulosos. Tomado pela ideia do grandioso, mas possuindo a esse respeito muito pouco bom-senso, sonhava palácios quiméricos, cidades como Babilónia, Tebas e Mênfis. A residência imperial no Palatino (antiga casa de Tibério) fora muito modesta e de carácter essencialmente privado até o reinado de Calígula [4]. Este último, que deve ser considerado o verdadeiro criador da escola

[1] Parece-me pelo menos muito provável a opinião que atribui o *Satyricon rev. arbiter elegantiae* de Nero.

[2] Plínio, XXXVII, II, 7.

[3] Suetónio, *Nero*.

[4] Vejam-se os planos fotografados das escavações de M. Rosa. Estude-se sobretudo a casa de Lívia.

do governo em que se pode acreditar que Nero não teve outro mestre, engrandeceu consideravelmente a casa de Tibério [1]. Nero afectava encontrar-se muito pouco à vontade nessa habitação, que achava muito acanhada, e chasqueava os seus predecessores que se tinham contentado com tão pouco. Fez construir com materiais provisórios uma residência que igualava os palácios da China e da Assíria. Esta casa, que ele chamava «transitória» e que pensava dentro em pouco tornar definitiva, era um verdadeiro mundo. Com os seus pórticos de três milhas de comprimento, os seus parques em que viviam rebanhos inteiros, as suas solidões interiores, os seus lagos rodeados de perspectivas de cidades fantásticas, as suas vinhas, as suas florestas, cobria um espaço maior que o Louvre, as Tulherias e os Campos Elíseos todos juntos [2]: estendia-se desde o Palatino até aos jardins de Mecenas, situados nas alturas dos Esquílios [3]. Era uma coisa verdadeiramente feérica; os engenheiros Severo e Celer tinham-se excedido. Nero pretendia fazê-la executar de maneira que se lhe pudesse chamar «a Casa de ouro». Encantava-o falarem-lhe de loucos empreendimentos que pudessem eternizar a sua memória [4]. Preocupava-o Roma especialmente. Queria reedificá-la completamente de modo a chamar-se *Néropolis*.

Havia um século que Roma se tornara a maravilha do mundo; igualava pela extensão as antigas

[1] Suetónio, *Caio*, 22.

[2] Suetónio, *Nero*, 31; Tácito, *An.*, XV, 39, 42; Plínio, XXXIII, III, 16; XXXVI, XV, 24.

[3] No sítio da Igreja de Santo Eusébio.

[4] Suetónio, *Nero*, 16, 31; Tácito, *An.*, XV, 42, 46; Plínio, *H. N.*, IV, IV, 5; XIV, VI, 8.

capitais da Ásia. Os seus edifícios eram belos, fortes e sólidos; as ruas eram consideradas mesquinhas pela gente da moda, porque se acentuava o gosto pelas construções banais e decorativas; aspirava-se a efeitos de conjunto que constituem a predilecção dos papalvos, chegando-se assim a rebuscar mil frivolidades desconhecidas dos antigos Gregos. Nero estava à frente do movimento; a Roma que ele imaginava devia ter qualquer coisa de semelhança ao Paris de hoje, uma dessas cidades artificiais, edificadas por ordem superior, em cujo plano se teve em vista principalmente fazer a admiração dos provincianos e dos estrangeiros. O jovem insensato deixava-se absorver nestes planos medíocres. Desejava também ver alguma coisa extraordinária, um espectáculo grandioso, digno dum artista; precisava dum acontecimento que assinalasse uma data no seu reinado. «Até mim, dizia ele, não se sabia a medida de tudo quanto é permitido a um príncipe [1]. Todas estas sugestões interiores duma fantasia desordenada se concretizavam num acontecimento estranho, que teve, relativamente ao assunto de que tratámos neste livro, as mais importantes consequências.

Como a mania incendiária é contagiosa e muito complicada de alucinação, é muito perigoso despertá-la nos cérebros fracos em que dorme. Uma das particularidades de Nero era não poder resistir à ideia fixa dum crime. O incêndio de Tróia, que representava desde a infância [2], obsidiava-o duma

[1] Suetónio, *Nero*, 37.
[2] Essas representações estavam muito em moda. Dion Cass., XLVIII, 20; LIV, 26; Suet., *Jul.*, 39; *Aug.*, 43; *Tib.*, 6; *Caio*, 18; *Cláudio*, 21; *Nero*, 7; Sérvio, ad Virg. *Æn.*, V, 602. Cf. Persa, I, 4, 51.

maneira terrível [1]. Uma das peças que fez representar numa das suas festas foi o *Incendium* de Afrânio, em que se via fogo na cena [2]. Num dos seus acessos de feroz egoísmo, exclamou: «Feliz Príamo, que pôde ver ao mesmo tempo perecer o seu império e a sua pátria!» [3] Noutra ocasião, ouvindo citar um verso grego do *Bellérophon* de Eurípides que significava:

> Morto eu, pudessem a terra e o fogo confundir-se!

— «Oh não! disse ele, tudo isso mas comigo bem vivo!» [4] A tradição segundo a qual Nero incendiou Roma unicamente para ter a repetição do incêndio de Tróia [5] é certamente exagerada, porque, como o demonstraremos, Nero estava ausente da cidade quando o fogo se declarou; contudo esta versão não é inteiramente destituída de verdade; o demónio dos dramas perversos, que se apoderara dele, foi, como entre os celerados duma outra época, um dos actores essenciais do horrível atentado.

A 19 de Julho de 64 o fogo tomou Roma com uma violência extrema [6]. Começou perto da porta

[1] Suetónio, *Nero*, 7, 11, 22, 47; Tácito, *An.*, XV, 39; Dion Cassius, LXII, 16, 18, 29.
[2] Suetónio, *Nero*, 11.
[3] Dion Cassius, LXII, 16. Cf. LVIII, 23.
[4] Suetónio, *Nero*, 38. Cf. Dion Cassius, LVIII, 23.
[5] Eusébio, *Cron.*, no ano 65; Orósio, VII, 7. O dito referido por Dion Cassius (LXII, 16) foi pronunciado de certo no fogo-fátuo dos paradoxos literários, e não deve tomar-se a sério. Certas conversações de pessoas de talento, contadas por criados que escutam às portas, podem muito bem sofrer transformações.
[6] Tácito, *An.*, XV, 38-44, 52; Suetónio, *Nero*, 31, 38, 39; *Vesp.*, 8; Dion Cassius, LXII, 16-18; Plínio. *Hist. natur.*,

Capena, na parte do Grande Circo contígua ao monte Palatino e ao monte Célio. Neste bairro havia muitos estabelecimentos, cheios de matérias inflamáveis, de que resultou espalhar-se aí o incêndio com uma rapidez prodigiosa. Daí torneou o Palatino, devastou o Velabro [1], o Forum, as Carinas [2], subiu as colinas, assolou o Palatino [3], tornou a descer aos vales, devorando durante seis dias e sete noites bairros compactos e cheios de ruas tortuosas. Um enorme corte de casas que foram abatidas perto das Esquílias [4] deteve-o algum tempo; depois reavivou e durou três dias mais. Foi extraordinário o número dos mortos. De catorze divisões em que se repartia a cidade, três ficaram completamente destruídas, sete mais ficaram reduzidas a umas paredes enegrecidas. Roma era uma cidade muito concentrada, com uma população muito densa [5]. O desastre foi o mais horroroso, como até ali nunca se vira semelhante.

XVII, I, 1; Eusébio, *Cron.*, ad ann., 65; Orelli, *Inscr.*, n.º 736, que parece muito autêntica. Sulpício Severo (II, 29) copia Tácito, quase textualmente. Orósio (VII, 7) copia principalmente Suetónio.

[1] O templo de Hércules mencionado por Tácito, *An.*, XV, 41, era situado onde existe actualmente a Igreja de Santa Anastácia. A *Régia* e o templo de Vesta estavam igualmente no sopé do Palatino.

[2] Era o bairro dos *consulares* de que fala Suetónio, *Nero*, 38.

[3] Tácito, *An.*, XV, 39, 41; Dion Cassius, LXII, 18. O templo de Júpiter Stator estava no Palatino. O fogo alcançou a colina certamente pela espécie de istmo que, à altura do arco de Tito, liga o planalto do Palatino à *Suma sacra via.*

[4] Ao fim da Rua de S. João de Latrão.

[5] Veja-se *S. Paulo.* Pode imaginar-se a antiga Roma pelo *Corpo di Napoli.* Os pobres passavam a vida ao ar livre e não entravam em casa senão para dormir em camaratas de oito e dez pessoas.

Nero estava em Antium quando o incêndio rebentou. Não entrou na cidade senão no momento em que o fogo se ia aproximando da sua casa «transitória». Foi impossível arrancar nada às chamas. As casas imperiais do Palatino, a própria casa «transitória» com as suas dependências, todo o bairro em volta, ficaram devastados [1]. Nero evidentemente não se importou muito que se salvasse a sua residência. O sublime horror do espectáculo transportava-o. Pretendeu-se mais tarde que, tendo subido a uma torre, esteve contemplando o incêndio, e que aí, vestido teatralmente, com uma lira na mão, cantou, no ritmo impressionante da elegia antiga, a ruína de Ílion.

Era isto uma lenda, fruto do tempo e das exagerações sucessivas; mas um ponto a respeito do qual a opinião se pronunciou unanimemente desde o princípio foi que o incêndio fora ordenado por Nero, ou pelo menos reavivado por ele quando ia já a extinguir-se. Pretendia-se ter reconhecido gente da sua casa reacendendo-o por diversos lados. Em certos pontos o fogo foi posto, diz-se, por homens simulando embriaguez. A conflagração tinha o aspecto de ter nascido simultaneamente em muitos pontos. Contava-se que durante o incêndio se tinham visto os soldados e os vigias encarregados de o apagar, procurarem ateá-lo e impedir os esforços que se faziam para o circunscrever, tudo isso com um ar de ameaça e à maneira de gente que executava ordens oficiais [2]. Grossas construções de

---

[1] Sobre a extensão do incêndio veja-se a discussão topográfica de Noël des Vergers, art. *Nèron*, na *Nouvelle biogr. générale.* t. XXXVII, col., 729-730.

[2] Talvez se trate de malfeitores aumentando o desastre para se aproveitarem da pilhagem.

pedra, próximas da residência imperial, e de que Nero cobiçava o terreno em que estavam situadas, ficaram inteiramente destruídas como num cerco. Logo que o fogo reapareceu começou pelas edificações que pertenciam a Tigelino. O que confirmou as suspeitas foi que, após o incêndio, Nero, sob o pretexto de limpar as ruínas à sua custa para deixar o terreno livre aos proprietários, se encarregou de roubar as demolições, não obstante não ser permitido a ninguém aproveitar-se delas. E ainda mais quando o viram aproveitar-se das ruínas da pátria e erguer-se no local da antiga residência provisória, engrandecido pelo espaço que o incêndio lhe franqueara, o novo palácio de Nero, essa «Casa de ouro» que era há muito o objectivo da sua imaginação em delírio [1]. Imaginou-se que ele quisera assim preparar os terrenos para esse novo palácio, justificar a reconstrução que projectava há tanto tempo, buscar o dinheiro necessário apropriando-se dos despojos do incêndio, satisfazer enfim a sua louca vaidade, que lhe fazia desejar ter de reedificar Roma para que ela datasse dele e ele lhe pudesse dar o seu nome.

Tudo leva a crer que isto não fosse inteiramente uma calúnia. A verdade, quando se trata de Nero, pode não ser nada verosímil. Não se diga que com o seu poder ele tinha meios mais simples do que o incêndio para conseguir os terrenos que desejava. O poder dos imperadores, sem limites num sentido, encontrava por outro lado uma barreira nos usos e prejuízos dum povo conservador no mais alto grau dos seus monumentos religiosos. Roma estava cheia de santuários, de lugares santos, de *areae*, de edifícios que nenhuma lei de

[1] Suetónio, *Nero*, 31, 38.

expropriação teria podido fazer desaparecer. César e muitos outros imperadores tinham visto os seus projectos de utilidade pública, sobretudo no que respeita à rectificação do leito do Tibre, sempre embaraçados por esse obstáculo. Para executar os seus planos insensatos, Nero não tinha realmente senão um meio, o incêndio. A situação assemelhava-se ao que é em Constantinopla e nas grandes cidades muçulmanas, cuja renovação é impedida pelas mesquitas e os *ouakouf*. No Oriente, o incêndio é um fraco expediente, porque, depois do incêndio, o terreno, considerado como uma espécie de património inalienável dos crentes, permanece sagrado. Em Roma, onde a religião se ligava mais ao edifício do que ao local, a medida era eficaz. Uma nova Roma, de ruas largas e direitas, se reconstruiu rapidamente segundo os planos do imperador e em virtude dos prémios que ele ofereceu.

Todos os homens honestos que havia na cidade estavam indignados. As mais preciosas antiguidades de Roma, as casas dos antigos capitães ornamentadas ainda com os despojos triunfais, os objectos mais santos, os troféus, os ex-votos antigos, os templos mais respeitados, o material do velho culto dos Romanos, tudo enfim havia desaparecido. Era por assim dizer o luto das recordações e das lendas da pátria. Embora Nero despendesse muito para aliviar a miséria de que ele próprio era a causa; embora procurasse por todos os meios demonstrar que afinal tudo se reduzia a uma questão de limpeza e de saneamento e que a nova cidade seria muito superior à antiga, nenhum verdadeiro Romano o quis acreditar; todos aqueles para os quais uma cidade é mais alguma coisa do que um amontoado de pedras foram feridos em pleno coração. Como reparar a falta do templo edificado por

Evandro, desse outro erguido por Sérvio Túlio, a cerca sagrada de Júpiter Stator, o palácio de Numa, os penates do povo romano, os monumentos de tantas vitórias, as obras-primas da arte grega? Que valiam ao pé disto as sumptuosidades da parada, as vastas perspectivas monumentais, as linhas rectas sem fim? Fizeram-se cerimónias expiatórias, consultaram-se os livros da Sibila, as damas sobretudo celebravam diversas *piacula*. Mas conservava-se sempre o sentimento secreto dum crime, duma infâmia. Nero começava a compreender que tinha ido um pouco longe de mais.

CAPÍTULO VII

MASSACRE DOS CRISTÃOS. — A ESTÉTICA DE NERO

Veio-lhe então uma ideia infernal ao espírito. Indagou se não haveria no mundo alguns miseráveis, ainda mais detestados do que ele pela burguesia romana, sobre os quais pudesse fazer cair o odioso do incêndio. Pensou então nos cristãos. O horror que eles testemunhavam pelos edifícios mais venerados pelos Romanos tornava muito aceitável a ideia de que tivessem sido os autores dum incêndio cujo efeito tinha sido a destruição desses santuários. O seu ar triste em frente dos monumentos parecia uma injúria à pátria. Roma era uma cidade muito religiosa, e uma pessoa que protestasse contra os cultos nacionais bem depressa se reconhecia. Convém recordar que certos judeus rigoristas iam até não querer tocar uma moeda que tivesse uma efígie e achavam que olhar ou usar ou trazer uma imagem era um crime tão grande como esculpi-la. Alguns recusavam-se a passar por uma porta de cidade encimada por alguma

estátua [1]. Tudo isto provocava as zombarias e a má vontade do povo. Pode ser mesmo que o que os cristãos diziam a respeito da grande conflagração final [2], as suas sinistras profecias, a sua preocupação em repetir que o mundo iria em breve acabar, e acabar pelo fogo, tivessem contribuído a fazerem-nos tomar por incendiários. É mesmo muito admissível que bastantes fiéis hajam cometido imprudências e que tenha havido pretexto para os acusar de ter querido, preludiando as chamas celestes, justificar a todo o risco os seus oráculos. Que *piaculum*, em todo o caso, podia ser mais eficaz do que o suplício destes inimigos dos deuses? Vendo-os torturar atrozmente, o povo dizia: «Ah! sem dúvida, foram estes os culpados!» Convém recordar que a opinião pública considerava como coisa provada os mais odiosos crimes que se atribuíam aos cristãos [3].

Longe de nós a ideia de que os piedosos discípulos de Jesus tivessem sido culpados de qualquer forma do crime de que os acusavam; o que afirmamos somente é que muitos indícios podiam ter confirmado essa opinião. Esse incêndio não foi provocado por eles, mas necessariamente ele não lhes desagradou [4]. Os cristãos desejavam o fim da sociedade e prediziam-no. No Apocalipse as orações secretas dos santos queimam a terra e fazem-na tremer [5]. Durante o desastre, a atitude dos fiéis deve ter parecido equívoca; alguns sem dúvida

[1] *Philosophumena*, IX, 26. «Non Caesaribus honor». Tac., *Hist.*, V, 5.
[2] Comp. *Carmina sibyllina*, IV, 172 e seg. (trecho escrito no ano 75). Cf. II Petri, III, 7-13.
[3] Tácito, *An.*, XV, 44.
[4] Apoc., XVIII.
[5] *Ibid.*, VIII, 3-5.

deixavam de testemunhar respeito e pesar diante dos templos consumidos, ou mesmo não esconderam uma certa satisfação. Concebe-se um certo conventículo no fundo do Transtavero, onde se tivesse dito: «Não era isto o que nós predizíamos?» Muitas vezes é perigoso mostrar-se demasiado profeta. «Se quiséssemos vingar-nos, diz Tertuliano, durante uma só noite bastariam alguns fachos [1]». A acusação de incêndio era frequentemente erguida contra os judeus por causa da sua vida à parte [2]. O mesmo crime era um desses *flagitia cohraeencia nomini* [3] que faziam parte da definição dum cristão.

Sem ter em nada contribuído para a catástrofe de 19 de Julho, os cristãos podiam pois ser tidos, se assim pode exprimir-se, por incendiários de desejo. Em quatro anos e meio, o Apocalipse oferecer-nos-á um canto sobre o incêndio de Roma, ao qual provavelmente o acontecimento de 64 forneceu mais dum pormenor. A destruição de Roma pelas chamas foi bem um sonho judeu e cristão; mas não foi senão um sonho; os piedosos sectários contentaram-se com certeza com ver em espírito os santos e os anjos aplaudirem do alto do Céu o que eles consideravam como uma justa expiação [4].

Custa a crer que a ideia de acusar os cristãos do incêndio do mês de Julho partisse do próprio Nero. Certamente se o César tivesse de perto conhecido os bons irmãos tê-los-ia odiado singularmente. Os cristãos não podiam naturalmente compreender o mérito que havia nele para se colocar

[1] Tertuliano, *Apol.*, 37.
[2] Os Judeus em 67 foram acusados de terem pretendido queimar Antioquia. Jos., *B. J.*, VII, III, 2-4.
[3] Plínio, *Epist.*, X, 97.
[4] Apoc., XVIII.

por aquela forma como «primeiro jovem» à frente da cena da sociedade do seu tempo; e o que exasperava Nero era que alguém desconhecesse o seu talento de artista. Mas com certeza Nero apenas ouvira falar vagamente dos cristãos, nunca se encontrou em relação pessoal com eles. Como lhe sugeriu pois este atroz expediente? É provável que em muitos pontos da cidade se tivessem concebido suspeitas [1]. A seita nessa época era muito conhecida no mundo oficial. Falava-se muito dela [2]. Vimos já que Paulo tinha relações com pessoas que estavam no serviço do palácio imperial [3]. Uma coisa extraordinária é que entre as promessas que certas pessoas tinham feito a Nero, no caso em que viesse a ser destituído do império, era a da dominação no Oriente e nomeadamente do reino de Jerusalém [4]. As ideias messiânicas tomavam frequentemente entre os judeus de Roma a forma de vagas esperanças dum império oriental; Vespasiano aproveitou-se mais tarde desses devaneios de imaginação. Desde a subida de Calígula até à morte de Nero, as cabalas judaicas não cessaram em Roma. Os judeus tinham contribuído muito para a subida e a sustentação da família de Germânico. Ou por Herodes ou por outros intrigantes penetravam no palácio, quase sempre para perder os seus inimigos [5]. Agripa II fora muito poderoso sob Calígula e sob Cláudio; quando residia em Roma representava o papel dum personagem influente. Tibério Alexandre, por outro lado, ocupava as mais

---

[1] Dion Cassius, LXII, 18.
[2] «Cum maxime Romae orientem». Tertuliano, *Apolog.*, 5.
[3] Fil., IV, 22.
[4] Suetónio, *Nero*, 40. Cf. Tácito, *An.*, XV, 36.
[5] Josefo, *Ant.*, XVIII, XIX, XX.

altas funções [1]. Josefo mostra-se também muito favorável a Nero; considera que o caluniaram, lança todos os seus crimes sobre as pessoas que o rodeavam. Quanto a Popeia, faz dela uma pessoa piedosa, porque favorecia os judeus, apoiava as suas petições e provavelmente também porque adoptou uma parte dos seus ritos. Conheceu-a no ano 62 ou 63, obteve para ela a graça de padres judeus afastados, e conservou deles a mais reconhecida recordação [2]. Possuímos um comovente epitáfio duma judia chamada Ester, nascida em Jerusalém e liberta de Cláudio ou de Nero, que encarrega o seu camarada Arescusus de impedir que se não ponha nada na sua pedra sepulcral que seja contrário à Lei, como por exemplo as letras *D. M.* [3]. Roma possuía actores e actrizes de origem judaica; sob Nero, era este um meio natural de chegar até junto do imperador. Nomeia-se especialmente um certo Alitiro, mímico judeu, muito amado por Nero e Popeia; foi por intermédio dele que Josefo foi introduzido junto da imperatriz [4]. Nero, cheio de ódio por tudo o que era romano, gostava de se voltar para o Oriente, de se rodear de Orientais [5], a contrair intrigas no Oriente [6].

---

[1] *Mem. de l'Academie des inscr. et belles-lettres*, XXVI, 1.ª parte, pág. 294 e seg.
[2] Jos., *Ant.*, XX, VIII, 3, 11; XI, 1; *B. J.*, IV, IX, 2; *Vita*, 3.
[3] Mommsen, *Inscr. regni Neap.*, n.º 6467 (sem respeitar as observações de Garrucci, *Cimitero*, pág. 24-25, verifiquei a inscrição no Museu de Nápoles). Para o nome *Aster*, v. Renier, *Insc. de l'Alg.*, n.º 3340.
[4] Jos., *Vita*, 3.
[5] Hélio, Policleta, Icele, Patróbio, Epafrodite. Cf. Tácito, *Hist.*, II, 95.
[6] Tácito, *An.*, XV, 36; Suet., *Nero*, 34, 36, 40, 47; *Carm. sib.*, V, 146 e seg.

Bastará isto para fundamentar uma hipótese plausível? É permitido atribuir ao ódio dos judeus contra os cristãos o capricho feroz que expôs os mais inofensivos homens aos mais monstruosos suplícios? Depõe realmente muito contra os judeus terem tido entradas secretas em casa de Nero e Popeia no momento em que o imperador concebeu contra os discípulos de Jesus um tão odioso pensamento. Tibério Alexandre em especial, estava então nas boas graças [1], e um tal homem devia detestar os santos. Os Romanos confundiam de ordinário os judeus e os cristãos. Por que é que desta vez a distinção se fez tão bem? Por que é que os judeus, contra os quais os Romanos tinham a mesma antipatia moral e os mesmos agravos religiosos que contra os cristãos [2], não foram desta vez atingidos? Os suplícios dos judeus teriam sido da mesma forma um *piaculum* igualmente eficaz. Clemente Romano, ou o autor (certamente romano) da epístola que se lhe atribui na passagem em que alude aos massacres dos cristãos ordenados por Nero, explica-os duma maneira muito obscura para nós, mas muito característica. Todas estas contrariedades são o «efeito da inveja» e esta palavra «inveja» significa evidentemente aqui divisões interiores, animosidades entre membros da mesma confraria [3]. Daí nasce uma suspeita, corroborada pelo facto incontestável de os judeus, antes da destruição de Roma, serem os verdadeiros perseguidores dos cristãos e não desprezarem coisa nenhuma para os fazer desaparecer. Uma tradição muito espa-

[1] Jos., *B. J.*, II, xv, 1.
[2] Comp. Tac., *An.*, XV, 44; *Hist.*, V, 5, e a frase reconstituída, segundo Sulpício Severo, por Bernais, *Uber de Chronik de Sulp. Severus*, pág. 57.
[3] Clem. Rom., epístola citada, c. 3.

lhada no século IV dava a morte de Paulo e mesmo a de Pedro, que se não separava da perseguição do ano 64, como tendo tido por causa a conversão duma das amantes e dum dos favoritos de Nero. Outra tradição vê nisso uma consequência da derrota de Simão o Mágico. Com um personagem tão fantástico como Nero, toda a conjectura é feita um pouco ao acaso. Talvez que a escolha dos cristãos para o horroroso massacre não fosse senão uma extravagância do imperador ou de Tigelino. Nero não tinha necessidade de ninguém para conceber um projecto capaz de ultrapassar pela sua monstruosidade todas as regras ordinárias da indução histórica.

Começou por prender-se um certo número de pessoas suspeitas de fazerem parte da nova seita, sendo introduzidas numa prisão, que era já por si só um suplício [1]. Confessaram a sua fé, o que naturalmente foi considerado como confissão do crime. Estas primeiras detenções trouxeram muitas outras. A maior parte dos inculpados parecia ter tido prosélitos observando os preceitos e as convenções do pacto de Jerusalém [2]. Não é admissível que verdadeiros cristãos denunciassem os seus irmãos, mas podem ter-lhe sido encontrados papéis; alguns neófitos iniciados há pouco talvez tivessem cedido à tortura. Ficou-se surpreendido da multidão de aderentes que haviam já conquistado estas doutrinas tenebrosas; falava-se disto com espanto. Todos os homens sensatos acharam que a acusação de terem posto o fogo era extremamente frouxa. «O seu verdadeiro crime, dizia-se,

[1] *Pasteur* d'Hermas, I, vis. III, 2.
[2] Apoc., XII, 17, que parece uma alusão às atrocidades do ano 64.

é o ódio ao género humano». Embora persuadidos de que o incêndio era crime de Nero, muitos Romanos viram neste estratagema da polícia uma maneira de livrar a cidade duma peste daninha. Tácito, embora com alguma piedade, é desta opinião [1]. Quanto a Suetónio, considera entre as medidas dignas de louvor tomadas por Nero os suplícios que fez infligir aos partidários da nova e malfeitora superstição [2].

Estes suplícios foram tudo quanto há de mais horrível. Nunca se tinha visto um tal requinte de crueldade. Quase todos os cristãos presos eram *humiliores*, pessoas de nenhuma importância. O suplício destes desgraçados, quando se tratava de lesa-majestade ou de sacrilégio, consistia em serem arremessados às feras ou queimados vivos no anfiteatro, com acompanhamento de cruéis flagelações. Uma das particularidades mais hediondas dos Romanos era ter feito do suplício uma festa e do espectáculo da matança um divertimento público. A Pérsia, nos seus momentos de fanatismo e de terror, conhecera horríveis e inumeráveis torturas; por mais duma vez experimentara uma como que voluptuosidade sombria; mas nunca, antes da dominação romana, se tinha ido até procurar nestes horrores um divertimento público, um motivo para risos e aplausos. Os anfiteatros tinham-se transformado em lugares de execução; os tribunais forneciam a arena. Os condenados do mundo inteiro eram transportados para Roma para o aprovisionamento de circo e divertimento do povo. Junte-se a isto um atroz exagero na penalidade, que fazia com que simples delitos fossem punidos com a

[1] *An.*, XV, 44.
[2] *Nero*, 16.

morte; juntem-se os numerosos erros judiciários, resultado duma forma de processo defeituosa e conceber-se-á como todas as ideias se pervertiam. Os supliciados eram considerados mais como desgraçados do que como criminosos; em bloco, tinham-nos por quase inocentes, *innoxia corpora.*

À barbaridade dos suplícios juntou-se-lhe a irrisão. As vítimas foram conservadas para uma festa, à qual se deu sem dúvida um carácter expiatório. Roma teve poucos dias tão extraordinários como este. O *ludus matutinus*, consagrado aos combates de animais [1], viu uma desfilada fora do habitual. Os condenados, cobertos de peles de feras, foram lançados na arena, onde os fizeram despedaçar por cães; outros foram crucificados; outros, enfim, revestidos de túnicas molhadas em azeite, pez ou resina, foram ligados a postes e reservados para iluminar a festa de noite. Quando o dia baixou, acenderam-se estes fachos vivos. Nero ofereceu para o espectáculo os magníficos jardins que possuía para o lado de lá do Tibre e que ocupavam o lugar do actual Borgo, Praça e Igreja de S. Pedro. Havia aí um circo, começado por Calígula, continuado por Cláudio e rematado por um obelisco, tirado de Heliópolis (o mesmo que actualmente marca o centro da Praça de S. Pedro). Neste lugar haviam-se já feito massacres com fachos. Calígula, passeando, fez aí decapitar à luz das tochas um certo número de personagens consulares, de senadores e de damas romanas [2]. A ideia de substituir

[1] Séneca, Epíst., 7; Suetónio, *Cláudio*, 34; Marcial, X, XXV, XIII, XCV; Tertuliano, *Apol.*, 15. Cf. Ovídio, *Metam.*, XI, 26; Virgílio *(redeunt spectacula mane)*; Oreli, n.os 2553, 2554. Os mártires de Cartago (§ 17) constituem a última refeição da tarde.
[2] Séneca, *De ira*, III, 18.

os archotes por corpos humanos impregnados de substâncias inflamáveis pareceu engenhosa. Como suplício, não era nova esta maneira de queimar em vida; era a pena ordinária dos incendiários, o que se chamava a *tunica molesta;* mas nunca disso se tinha feito um processo de iluminação. À luz dessas horríveis tochas, Nero, que tinha posto em moda as corridas da noite, mostrou-se na arena ora entre o povo em hábito de jóquei, ora conduzindo o seu carro à conquista de aplausos. Houve contudo alguns sinais de compaixão. Mesmo os que acreditavam culpados os cristãos e confessavam que tinham merecido o últime suplício, se horrorizaram com estes prazeres cruéis. Os homens prudentes e sensatos quereriam apenas que se tivesse feito o que exigia a utilidade pública, isto é, que se expurgassem da cidade esses homens perigosos, mas que se não desse a aparência de sacrificar criminosos à ferocidade dum só.

Mulheres, virgens algumas, tomavam parte nesse horrível espectáculo. Fez-se uma festa com as indignidades sem nome que elas sofreram. Tinha-se, sob Nero, estabelecido o uso de fazer desempenhar aos condenados no anfiteatro papéis mitológicos, que terminavam pela morte do actor. Estas horrorosas óperas, em que a ciência do maquinismo atingia efeitos prodigiosos [1], eram uma coisa nova; a Grécia teria ficado surpreendida se lhe tivessem sugerido uma semelhante tentativa para aplicar a ferocidade à estética, para fazer arte com a tortura. O desgraçado era introduzido na arena ricamente vestido de Deus ou de herói votado à morte, depois representava pelo seu suplício alguma cena trágica das fábulas consagradas pelos

[1] Marcial, *Spectac.*, XXI.

escultores e os poetas. Ora era Hércules furioso, queimado no monte Eta, arrancando de cima da sua pele a túnica de pez inflamada; ora Orfeu despedaçado por um urso, Dédalo precipitado do céu e devorado pelas feras, Pasífae esmagado pelo touro, Átis assassinado; algumas vezes eram horríveis mascaradas, em que os homens se vestiam de padres de Saturno, de capa vermelha, as damas em sacerdotisas de Ceres, trazendo flâmulas na fronte; outras vezes enfim peças dramáticas, no decorrer das quais o herói morria na realidade, como Lauréolo, ou representações de actos trágicos como o de Múcio Cévola. No fim, Mercúrio, com uma vara de ferro rubro pelo fogo, tocava cada cadáver a ver se se mexia; criados mascarados, representando Plutão ou o Orco, levavam os mortos pelos pés, acabando de matar a pancadas de martelo todo o que ainda palpitasse.

As damas cristãs, mesmo as mais respeitáveis, tiveram de prestar-se a estas monstruosidades. Umas representavam o papel de Danaides, outras o de Dirce. É difícil dizer em que a fábula das Danaides podia fornecer um quadro sangrento. O suplício que a tradição mitológica atribui a essas mulheres criminosas, e no qual as representavam, não era suficientemente cruel para bastar aos prazeres de Nero e aos hábitos do seu anfiteatro. Talvez desfilassem conduzindo urnas e recebessem o golpe fatal dum actor figurando Linceu. Talvez fosse Amimone, uma das Danaides, perseguida por um sátiro e violada por Neptuno. Talvez enfim essas desgraçadas passassem sucessivamente diante dos espectadores a série dos suplícios do Tártaro, e morressem após horas de tormentos. Estavam em moda as representações do Inferno. Alguns anos antes (no ano 41) os Egípcios e os

Núbios tinham vindo a Roma e tiveram um grande sucesso, dando sessões de noite, onde se mostravam por ordem os horrores do mundo subterrâneo, conforme as pinturas dos siringes de Tebas, principalmente do túmulo de Séti I.

Relativamente aos suplícios das Dirces, não há dúvidas. Conhece-se o grupo colossal designado sob o nome de *Toiro Farneso*, actualmente no Museu de Nápoles. Anfíon e Zeto ligam Dirce às pontas dum touro bravo, que a arrastará através os rochedos e as sarças do Citéron. Este medíocre mármore ródio, transportado para Roma no tempo de Augusto, era alvo de universal admiração. Onde buscar melhor ideia para esta horrível arte que a crueldade do tempo pusera em voga e que consistia em fazer quadros vivos com as estátuas célebres? Um texto e um fresco de Pompeia parecem provar que esta cena terrível era muito representada nas arenas, quando se tinha de supliciar uma mulher. Ligadas nuas pelos cabelos às pontas dum touro furioso, as desgraçadas saciavam assim os olhares lúbricos dum povo feroz. Algumas das cristãs imoladas desta maneira eram muito débeis fisicamente; a sua coragem foi sobre-humana; mas a multidão infame não teve olhos senão para as suas entranhas abertas e os seus seios esfarrapados.

Sem dúvida Nero assistiu a estes espectáculos. Como era míope, usava num olho, quando seguia os combates dos gladiadores, uma esmeralda côncava que lhe servia de monóculo. Gostava de ostentar os seus conhecimentos de escultor; há quem afirme que a respeito do cadáver de sua mãe fez odiosas observações, elogiando certas partes e criticando outras. A carne palpitando nos dentes das feras, uma pobre rapariga tímida velando a sua nudez com um gesto casto, depois erguida por um

touro e feita em pedaços de encontro aos pedregulhos da arena, deviam oferecer formas plásticas e cores dignas dum conhecedor como ele. Devia estar lá, na primeira fila, no *podium*, entre as vestais e os magistrados cruéis, com a sua figura antipática, a sua vista baixa, os seus olhos azuis, os seus cabelos castanhos, encaracolados e às riscas, o seu lábio terrível, o seu ar feroz e bestial simultaneamente de palhaço, de beato, e de vaidoso [1], enquanto que uma música de bronzes [2] vibrava no ar, ondulado por uma nuvem de sangue. É de prever que ele observasse como artista a atitude pudica destas novas Dirces, e visse que um certo ar de resignação dava a estas mulheres puras, pouco antes de serem despedaçadas, um encanto como nunca ele conhecera até ali.

Durante muito tempo se recordou esta cena horrível, e ainda sob Domiciano, quando se via um actor morrer no seu papel, sobretudo um Lauréolo, morrendo realmente na cruz, pensava-se logo nos *piacula* do ano 64, supondo que se tratava dum incendiário da cidade de Roma [3]. Os nomes de *sarmentitii* ou *sarmentarii* (os homens do molho de vergas), de *semaxii* (postes de fogo) [4], a exclamação popular: «Os cristãos aos leões [5]»! parecem datar desse tempo. Nero marcara o cristianismo com um sinal inapagável; o *noevus* sangrento inscrito na frente da Igreja mártir nunca mais desaparecerá.

---

[1] Vejam-se os seus retratos nos museus do Capitólio, do Vaticano, do Palatino, do Louvre. Cf. Plínio, *H. N.*, XI, XXVII, 54.

[2] Veja-se o mosaico de Vening.

[3] Marcial, *Spectac.*, VII, 10; Juvenal, VIII, 233-235.

[4] De *semaxis*, meia prancha, à qual se ligavam os desgraçados condenados a serem queimados vivos.

[5] Tertuliano, *Apol.*, c. 14, 40.

Os irmãos que não foram torturados tiveram também a sua parte nos suplícios dos outros pela simpatia que lhes testemunharam e pelo cuidado que tomavam em os visitar na cadeia. Por vezes tiveram de comprar este perigoso favor com o preço de todos os seus bens. Os sobreviventes da crise ficaram completamente arruinados. Nem sequer nisso pensavam; não viam senão os bens eternos do Céu e diziam sem cessar: «Mais algum tempo ainda, e Aquele que tem de vir aparecerá».[1]

Assim começou esse extraordinário poema do martírio cristão, essa epopeia do anfiteatro, que terá de durar duzentos e cinquenta anos, e donde sairão a nobilitação da mulher, a reabilitação do escravo, em episódios como estes: Blandina na cruz, deslumbrando os olhos dos seus companheiros que na doce e pálida serva vêem a imagem de Jesus crucificado; Potamiena defendida contra os ultrajes por um jovem oficial que a conduziu ao suplício; a multidão tomada de horror ao ver os seios húmidos de Felicidade; Perpétua escondendo na arena os seus cabelos arrancados pelas feras, para não mostrar o seu desgosto. A lenda conta que uma destas santas, ao ir para o suplício, encontrou um mancebo que, impressionado pela sua beleza, teve para ela um olhar de piedade. Desejando deixar-lhe uma recordação, ela tira o lenço que lhe cobria o seio e dá-lho; inebriado com esta prenda de amor, o mancebo corre um instante depois para o martírio. Tal era o efeito, a atracção perigosa destes dramas sangrentos de Roma, Lião, Cartago. A voluptuosidade dos pacientes do anfiteatro torna-se contagiosa como sob o Terror a resignação das «vítimas». Os cristãos apresentam-se

[1] Hebr., x, 32 e seg.

principalmente à imaginação do tempo como uma raça obstinada no sofrimento; o desejo de morrer é daí em diante o sinal porque se distinguem. Para atenuar a precipitação para o martírio, será precisa a ameaça mais terrível, a nota de heresia, a expulsão da Igreja.

Foi enorme a falta que cometeram as classes ilustradas do império provocando essa exaltação febril. Sofrer pela sua crença é alguma coisa de tão agradável ao homem, que este encanto basta para o fazer um crente. Mais dum incrédulo se converteu sem outra razão além dessa; no próprio Oriente houve impostores mentindo pelo prazer de mentir e que eram vítimas da sua mentira. Não há nenhum céptico que não encare o mártir com inveja da felicidade suprema que há em afirmar alguma coisa. Um secreto instinto leva-nos, além disso, a estar com os perseguidos. Aquele que imagina deter um movimento religioso ou social com medidas coercitivas, dá prova duma completa ignorância do coração humano e de que não conhece os verdadeiros meios da acção política.

O que aconteceu uma vez, pode tornar a acontecer. Tácito ter-se-ia desviado com indignação, se lhe tivessem mostrado o futuro desses cristãos a que ele chamava miseráveis. Os honestos ter-se-iam rido se algum observador, com certo espírito profético, ousasse dizer-lhes: «Estes incendiários serão a salvação do mundo». Daí uma objecção eterna contra o dogmatismo dos partidos conservadores, um desvio inevitável da consciência, uma secreta perversão da maneira de julgar. Miseráveis, amaldiçoados por todos, tornam-se santos. Era melhor que os desmentidos desta natureza não fossem frequentes. A sociedade exige que as suas sentenças não sejam sempre modificadas. Desde a conde-

nação de Jesus, desde que os mártires ganharam a sua causa na revolta contra a lei, tem havido sempre quem, a respeito de crimes sociais, faça como que um apelo a caso julgado. Não há nenhum condenado que não pudesse dizer: «Jesus também sofreu; os mártires foram tidos por homens perigosos de que era preciso livrar a sociedade, e contudo os séculos seguintes deram-lhes razão». Querem maior descrédito para essas pesadas afirmações com as quais uma sociedade imagina que os seus inimigos não têm nenhuma razão nem nenhuma moralidade?

Depois do dia em que Jesus expirou no Gólgota, o dia da festa dos jardins de Nero (podemos fixá-lo em 1 de Agosto do ano 64) foi o mais solene na história do cristianismo. A solidez duma construção está em proporção com a soma de virtude, de sacrifícios, de devotamento que se lhe depôs na base. Só os fanáticos fundam alguma coisa; o judaísmo dura ainda, por causa do extraordinário entusiasmo dos seus profetas e zeladores; o cristianismo, por causa da coragem dos primeiros cristãos. A orgia de Nero foi o grande baptismo que assinalou Roma como a cidade dos mártires, para desempenhar um papel especial na história do cristianismo e ser a sua segunda cidade santa. Foi por assim dizer a tomada do monte Vaticano por esses triunfadores de novo género. O odioso mentecapto que governava o mundo não se apercebeu de que era o fundador duma ordem nova, e que assinava para o futuro um documento escrito a vermelho, cujos efeitos seriam reivindicados ao cabo de mil e oitocentos anos. Roma, tornada responsável de todo o sangue derramado [1], torna-se,

[1] Apoc., XVIII, 24; XIX, 2.

como a Babilónia, uma espécie de cidade sacramental e simbólica. Nero tomou nesse dia um lugar de primeira ordem na história do cristianismo. Este milagre de horror, este prodígio de perversidade foi para todos um sinal evidente. Cento e cinquenta anos depois, Tertuliano exclama: «Sim, nós orgulhamo-nos de que a nossa saída da lei tivesse sido inaugurada por um tal homem! Quando se conhece bem o que ele foi, compreende-se perfeitamente que tudo o que foi condenado por Nero não pode deixar de ter sido um grande bem». [1] Havia-se já espalhado que a vinda do Cristo verdadeiro seria precedida pela duma espécie de Cristo infernal, que seria completamente o contrário de Jesus [2]. Já não podia duvidar-se; o *Anticristo*, o Cristo do Mal, tinha já aparecido. O *Anticristo* era esse monstro de face humana, um misto de ferocidade, de hipocrisia, de impudicícia, de orgulho, que corria o mundo como herói ridículo, iluminando os seus triunfos de cocheiro com fachos de carne humana, inebriando-se no sangue dos santos, e talvez pior ainda. É-se levado a crer, com efeito, que é aos cristãos que se refere uma passagem de Suetónio a respeito dum espectáculo monstruoso que Nero inventara. Adolescentes, homens, mulheres, raparigas eram ligados nus aos postes da arena. Uma besta feroz saía da *cavia*, saciando-se em todos estes corpos [3]. O liberto Doríforo fingia abater a fera. Ora a fera era Nero revestido duma pele de animal feroz. Doríforo era um infame, com quem Nero se tinha casado, soltando os gritos duma virgem ao ser desflorada... Acaba de achar-se o nome

[1] *Apolog.*, 5; *Ad nationes*, I, 7. Cf. Sulpício Severo, II, 28.
[2] Veja-se *S. Paulo.*
[3] «Inguina invadebat, et cum affatim desaevisset...»

de Nero; será a BESTA. Calígula foi o *Antideus*, Nero será o *Anticristo*. Estava concebido o Apocalipse. A virgem, ligada ao poste, sofrendo as horríveis carícias da Besta, trará consigo essa imagem por toda a eternidade.

Foi nesse mesmo dia que se criou, por uma antítese estranha, o grande equívoco em que a humanidade viveu tantos séculos e vive ainda em parte. Foi uma hora ganha para o Céu essa em que a castidade cristã, até então tão cuidadosamente oculta, apareceu em toda a luz, perante cinquenta mil espectadores, e pousou como num *atelier* de escultor, na atitude de virgem que vai morrer. Revelação do que foi ignorado da antiguidade, proclamação estrondosa de que o pudor tem uma voluptuosidade e uma beleza características! Vimos já o grande mágico a que se chama imaginação e que modifica, de séculos a séculos, o ideal da mulher, trabalhar incessantemente para erguer acima da perfeição da forma o encanto da modéstia (Popeia não reinou senão procurando dar disso a impressão) e duma humildade resignada (nisso consistiu o triunfo da boa Acte). Habituado a marchar sempre à frente da sua época na via do desconhecido, Nero foi o primeiro a sentir isto e a descobrir nestas orgias de artista, o filtro do amor e da estética cristã. A sua paixão por Acte e por Popeia prova que ele era capaz de sensações delicadas, e, como o monstruoso se misturava em todas as suas coisas, quis dar-se a si próprio o espectáculo dos seus sonhos. A imagem da avó de Cimodoceia retratou-se, como a heroína dum camafeu antigo, no círculo do seu monóculo de esmeralda. Tendo recebido os aplausos dum tal conhecedor, dum amigo de Petrónio que talvez tivesse saudado a *maritura* com alguma dessas citações de

poetas clássicos que ele amava, a nudez da jovem mártir torna-se rival da nudez, convicta de si mesmo, duma Vénus grega. Quando a mão brutal deste mundo esgotado que fazia festas com os tormentos duma pobre rapariga, arrancasse o véu do pudor cristão, ela podia já exclamar: Também eu sou bela. Foi o princípio duma arte inteiramente nova. Descoberta pelos olhos de Nero, a estética dos discípulos de Jesus, até ali ignorada, deve a revelação da sua magia ao crime que, despedaçando o seu vestuário, lhe roubou a virgindade.

CAPÍTULO VIII

MORTE DE S. PEDRO E DE S. PAULO

Não se sabe ao certo o nome de nenhum dos cristãos que pereceram em Roma no horrível acontecimento de Agosto de 64. As pessoas presas tinham-se convertido há pouco e mal se conheciam ainda. Não se sabia o nome dessas santas mulheres que surpreenderam a Igreja pela sua constância. Não eram nomeadas na tradição romana senão como «as Danaides e as Dirces» [1]. Contudo as imagens dos lugares conservavam-se vivas e profundas. O circo ou naumaquia, as duas barreiras, o obelisco, um terebinto, que serviam de ponto de ligação nas recordações das primeiras gerações cristãs, tornavam-se os elementos fundamentais de toda uma topografia eclesiástica, cujo resultado foi a consagração do Vaticano e ter essa colina um destino religioso.

Embora isto dissesse particularmente respeito

---

[1] Clem. Rom., *Ad Cor.*, I, c. 6.

à cidade de Roma, e que se tratasse antes de tudo de abrandar a opinião pública dos Romanos, irritados pelo incêndio, a atrocidade ordenada por Nero deve ter-se repercutido nas províncias e excitado um recrudescimento de perseguição. Principalmente as Igrejas da Ásia Menor sofreram graves provações; as populações pagãs desses sítios estavam inclinadas ao fanatismo. Houve prisões em Esmirna. Pérgamo teve um mártir, designado pelo nome de Antipas, o qual parece ter sofrido perto do famoso templo de Esculápio, talvez num anfiteatro de madeira não muito longe do templo, construído talvez para alguma festa. Pérgamo era com Cízico a única cidade da Ásia Menor que teve organização regular dos jogos de gladiadores. Sabemos que esses jogos estavam colocados em Pérgamo sob a autoridade dos padres. Embora não houvesse um édito em forma interdizendo a profissão do cristianismo, esta profissão estava na realidade fora da lei; *hostis, hostis patriae, hostis publicus, humani generis inimicus, hostis deorum atque hominum*, assim eram designados nas leis os que punham em perigo a sociedade e contra os quais todo o homem, segundo a expressão de Tertuliano, se tornava um soldado. O próprio nome de Cristo era já um crime. Como se dera aos juízes um grande arbítrio para a apreciação de semelhantes delitos, a vida de todo o fiel, a partir desse dia, ficou inteiramente à discrição de magistrados duma horrível dureza e cheios contra eles de prejuízos ferozes.

É permitido, sem inverosimilhanças, relacionar com o acontecimento que vimos relatando a descrição de morte dos apóstolos Pedro e Paulo. O desaparecimento destes dois homens extraordinários anda envolvido no maior mistério. A única

coisa certa é que Pedro morreu mártir [1]. Ora não pode conceber-se que ele tivesse sido mártir fora de Roma, e em Roma o único incidente histórico conhecido pelo qual se possa explicar a sua morte há só o caso contado por Tácito. Relativamente a Paulo, razões de valor levam-nos a crer que morreu mártir e em Roma. É natural ligar igualmente a sua morte aos factos de Julho a Agosto de 64. Assim ficou cimentada pelo suplício a reconciliação destas duas almas, uma tão forte, a outra tão amorável; assim ficou estabelecida por autoridade da lenda (isto é, divina) essa comovente paternidade de dois homens que os partidos fizeram opostos, mas que, pode bem crer-se, foram superiores aos partidos e se estimaram sempre. A grande lenda de Pedro e Paulo, paralela à de Rómulo e Remo, fundando por uma cooperação inimiga a grandeza de Roma, lenda que em certo modo teve na história da humanidade quase tanta importância como a de Jesus, data do dia que os viu, segundo a tradição, morrerem juntos. Nero, sem o saber, foi ainda nisto o agente mais eficaz da criação do cristianismo, o que pôs a pedra angular da cidade dos santos.

Sobre o género de morte dos dois apóstolos, sabemos ao certo que Pedro foi crucificado. Se-

---

[1] João, XXI, 18-19 comparado com XII, 32, 33, e XIII, 36, passagens, qualquer que seja a hipótese, escritas antes do ano 150, e tanto mais categóricas que são indirectas e supõem o facto em questão conhecido de todos; II Petri, I, 14; Cânon de Muratori, linhas 36-37; Clem. Rom. *Ad Cor. I*, cap. 5; Dionísio de Coríntio e Caio, padre de Roma, citados por Eusébio, *H. E.*, II, 25; Tertuliano, *Praescr.*, 36; *Adv. Marc.*, IV, 5; *Scorpiace*, 15. Lucas, XXII, 32-33, confrontada com a passagem resumida do Cânon de Muratori e com João, XIII, 36-38, dá também muito que reflectir. Cf. Macário Magnés, I, IV, § 4 (ainda inédito).

gundo antigos textos, a sua mulher foi executada com ele e por ele vista conduzir ao suplício. Uma descrição corrente no século III pretendia que, julgando-se humilde de mais para se igualar a Jesus, pedira para ser crucificado com a cabeça para baixo. Como a feição característica da sangueira de 64 foi a preocupação de descobrir novidades nas torturas, é possível que Pedro se tenha assim exposto à multidão nesta horrível atitude. Séneca menciona casos em que os tiranos viravam para o chão a cabeça dos crucificados. Mais tarde a piedade cristã teria visto um escrúpulo místico onde não houvera mais do que um extravagante capricho dos carrascos. Talvez que haja alguma alusão a uma particularidade do suplício de Pedro nestas palavras do quarto Evangelho: «Tu estenderás as mãos, e outra mão te cingirá e te levará onde tu não queres». — A Paulo, na sua qualidade de *honestior*, devem ter-lhe cortado a cabeça. É provável mesmo que tivesse havido para ele um julgamento regular e que não fosse envolvido na condenação sumária das vítimas da festa de Nero. Timóteo foi, segundo certas aparências, preso com seu mestre e conservado em prisão.

No começo do século III, viam-se já perto de Roma dois monumentos a que se ligavam os nomes dos apóstolos Pedro e Paulo. Um ficava situado ao pé do monte Vaticano: era o de S. Pedro; o outro na via de Óstia: era o de S. Paulo. Chamavam-lhes em estilo oratório «os troféus» dos apóstolos. Eram provavelmente *cellae* ou *memoriae* consagradas aos dois santos. Tais monumentos existiam em público antes de Constantino; há todas as razões para supor além disso que estes «troféus» não eram conhecidos senão dos fiéis; talvez mesmo não fossem mais do que esse Terebinto do Vati-

cano ao qual se ligou durante séculos a memória de Pedro, esse Pinho das Águas Salvianas, que foi, segundo certas tradições, o centro das recordações relativas a Paulo. Mais tarde estes «troféus» tornaram-se os túmulos dos apóstolos Pedro e Paulo. Nos meados do século III, aparecem efectivamente dois corpos que foram considerados pela veneração de todos como sendo dos apóstolos, e que parece provirem das catacumbas da via Ápia, em que havia realmente muitos cemitérios judeus. No século VI, estes cadáveres repousam no lugar dos dois «troféus». Por sobre os «troféus» elevam-se então duas basílicas, uma das quais é a actual de S. Pedro e tendo a outra, S. Paulo de fora de portas, conservado as suas formas essenciais até ao nosso século.

Designavam realmente os «troféus» que os cristãos veneravam no ano 200 os lugares em que sofreram os dois apóstolos? Pode ser. Não é inverosímil que Paulo, no fim da sua vida, morasse no arrabalde que se estendia fora da porta Lavernal, na via Óstia. Por outro lado, a sombra de Pedro vagueia sempre, na lenda cristã, no sopé do Vaticano, dos jardins e do circo de Nero, e principalmente em volta do obelisco. Provém isto talvez do circo em questão ter conservado a recordação dos mártires de 64, aos quais, por falta de indicação precisa, a tradição cristã pôde juntar Pedro; nós preferimos acreditar contudo que em tudo isto andava alguma indicação positiva e que o antigo lugar do obelisco, na sacristia de S. Pedro, marcado hoje por uma inscrição, indica pouco mais ou menos o sítio em que Pedro na cruz saciou com a sua afrontosa agonia os olhos duma populaça ávida de ver sofrer.

Serão dos apóstolos esses dois corpos cercados

desde o século III duma tradição não interrompida de respeito? Não se pode ter a certeza disto. É certo que a atenção pela memória dos túmulos dos mártires era muito antiga na Igreja; mas Roma foi aí por 100 e 120 o teatro dum imenso trabalho lendário, relativo sobretudo aos dois apóstolos Pedro e Paulo, trabalho em que as pretensões piedosas tiveram uma grande parte. Não é muito crível que nos dias que se seguiram à horrível carnagem de Agosto de 64, se tivessem podido reivindicar os cadáveres dos supliciados. Na massa horrível de carne disformizada, queimada, espezinhada, que nesse dia foi levada no croque para o espoliário, depois lançada nos *puticuli*, teria sido difícil reconhecer a identidade de cada um dos mártires. Por vezes obtinha-se a autorização de levar das mãos dos executores os restos dos condenados; mas, supondo (o que é bastante admissível) que os irmãos tivessem afrontado a morte para ir reclamar as preciosas relíquias, é provável que, em lugar de lhas concederem, os tivessem enviado a eles próprios a aumentar o montão de cadáveres. Durante alguns dias, só o nome de cristão correspondia a uma sentença de morte. Isto é afinal uma questão secundária. Se a basílica Vaticana não cobre realmente o túmulo do apóstolo Pedro, ela nem por isso deixa de designar à nossa lembrança um dos lugares mais verdadeiramente santos do cristianismo. O lugar em que o mau gosto do século XVII construiu um circo duma arquitectura teatral foi um segundo calvário e mesmo, supondo que Pedro aí não tivesse sido crucificado, sofreram lá, pelo menos, e disso não pode duvidar-se, as Danaises e as Dirces.

Se, como é permitido crê-lo, João acompanhou Pedro a Roma, podemos achar uma base plausível

à velha tradição segundo a qual João teria sido mergulhado em azeite a ferver no lugar em que mais tarde existiu a porta Latina. João parece ter sofrido pelo nome de Jesus. Somos levados a crer que ele foi testemunha e até certo ponto vítima do sangrento acontecimento ao qual o Apocalipse deve a sua origem. O Apocalipse é para nós o grito de horror duma testemunha que viveu na Babilónia, que conheceu a Besta, que viu os corpos ensanguentados dos seus irmãos mártires e que sofreu ele próprio a impressão da morte. Os desgraçados condenados a servir de fachos vivos deviam ter sido previamente mergulhados em azeite ou numa substância inflamável (não a ferver, é certo). João foi talvez votado ao mesmo suplício que os seus irmãos e destinado a iluminar à noite a festa do bairro da via Latina; um acaso, um capricho o teria salvo. A via Latina é, com efeito, situada no bairro em que se passaram os incidentes destes dias terríveis. A parte meridional de Roma (porta Capena, via de Óstia, via Ápia, via Latina) constitui a região em volta da qual parece concentrar-se, no tempo de Nero, a história da Igreja nascente.

Em muitos pontos para que a nossa curiosidade é vivamente solicitada, não podemos sair nunca da penumbra da lenda. Repitamo-lo: as questões relativas à morte dos apóstolos Pedro e Paulo não se prestam senão a hipóteses verosímeis. A morte de Paulo, especialmente, anda envolvida num grande mistério. Certas expressões do Apocalipse, composto no fim de 68 ou no princípio de 69, levar-nos-iam a pensar que o autor deste livro acreditava que Paulo estivesse vivo no momento em que escrevia [1]. Não é de forma alguma impossível que

---

[1] Apoc., II, 2, 9; III, 9.

o fim do grande apóstolo fosse completamente ignorado. Na viagem que certos textos lhe atribuem para o lado do Ocidente, um naufrágio, uma doença, um acidente qualquer podem tê-lo levado. Como não tinha nesse momento ao seu lado a sua brilhante comitiva de discípulos, os pormenores da sua morte teriam ficado desconhecidos; mais tarde a lenda teria suprimido a lacuna, tendo em conta, por um lado, a qualidade de cidadão romano que lhe dão os *Actos*, pelo outro, o desejo que tinha a consciência cristã de realizar uma aproximação entre ele e Pedro. Certamente uma morte obscura para o ardente apóstolo tem qualquer coisa que nos sorri. Nós gostaríamos mais de ver Paulo céptico, naufragado, abandonado pelos seus, só, tomado pela desilusão da velhice; agradar-nos-ia que a venda lhe caísse uma outra vez dos olhos e a nossa serena incredulidade teria a sua pequena vingança se o mais dogmático dos homens tivesse morrido triste, desesperado (diremos melhor tranquilo) em qualquer praia ou em alguma estrada de Espanha, dizendo ele também: *Ergo erravi!* Mas será conjecturar demasiadamente. É certo que os dois apóstolos haviam já morrido em 70; não viram a ruína de Jerusalém, que teria causado em Paulo uma profunda impressão. Admitiremos pois como provável, na continuação desta história, que os dois campeões da ideia cristã desapareceram de Roma, durante a tempestade terrível do ano 64. Tiago havia morrido dois anos antes. Dos «apóstolos-colunas» não existia pois senão João. Outros amigos de Jesus viviam certamente ainda em Jerusalém, mas esquecidos e como perdidos no confuso turbilhão porque a Judeia ia ser tomada durante muitos anos.

Mostraremos no livro seguinte de que maneira

a Igreja consumou entre Pedro e Paulo uma reconciliação que a morte tinha talvez esboçado. O sucesso estava nisso. Em aparência inaliáveis, o judaico-cristianismo de Pedro e o helenismo de Paulo eram por igual necessários ao sucesso da obra futura. O judaico-cristianismo representava o espírito conservador, sem o qual não há nada de sólido; o helenismo, a marcha e o progresso, sem o que nada existe verdadeiramente. A vida é o resultado dum conflito entre forças contrárias. Morre-se tanto pela ausência de todo o sopro revolucionário como pelo excesso da revolução.

CAPÍTULO IX

APÓS A CRISE

A consciência duma reunião de homens é como a dum indivíduo. Toda a impressão que ultrapasse um certo grau de violência deixa no *sensorium* do paciente um traço que equivale a uma lesão e o coloca durante muito tempo ou sempre sob uma alucinação ou ideia fixa. O sanguinolento facto de Agosto de 64 tinha igualado em horror os sonhos mais terríveis que um cérebro doente pode conceber. Durante muitos anos, a consciência cristã será como obsidiada por isso. Fica tomada por uma espécie de vertigem; sonhos monstruosos a atormentam; uma morte cruel parece ter sido a sorte reservada a todos os fiéis de Jesus [1]. Mas não é isto mesmo o mais seguro sinal da aproximação do grande dia?... As almas das vítimas da Besta eram representadas como esperando a hora santa sob o altar divino e clamando por vingança. O anjo de Deus acalma-as dizendo-lhes que se conservem em repouso e que esperem ainda um pouco; não

[1] Apoc., VI, 11.

vem longe o momento em que os seus irmãos, designados para a imolação, serão mortos por sua vez. Nero se encarregará disso. Nero é esse personagem infernal a quem Deus abandonará por um momento o seu poder, na véspera da catástrofe; é esse monstro do Inferno que deve aparecer como um medonho meteoro no horizonte da noite dos últimos dias.

A atmosfera estava como impregnada do espírito do martírio. A corte de Nero parecia animada contra a moral com uma espécie de ódio desinteressado; era dum lado ao outro do Mediterrâneo a luta de morte do Bem e do Mal. Essa dura sociedade romana declarava a guerra à piedade sob todas as suas formas; esta via-se reduzida a desertar dum mundo entregue à perfídia, à crueldade, à crápula; não havia pessoas honestas que não corressem perigo. A inveja de Nero contra a virtude chegara ao seu cúmulo. A filosofia não trata senão de preparar os seus adeptos para as torturas; Séneca, Trasilo, Bareia, Sorano, Musónio, Cornuto sofreram já ou estavam prestes a sofrer as consequências dos seus nobres protestos. O suplício parece a sorte natural da virtude [1]. Até o céptico Petrónio, porque é duma sociedade polida, não pode viver num mundo em que reina Tigelino. O comovente eco dos mártires deste Terror chegou até nós pelas inscrições da ilha das deportações religiosas, donde se não voltava. Numa gruta sepulcral que se vê perto de Cagliari [2], uma família de exilados, talvez votada ao culto de Ísis, legou-nos a sua comovente lamentação, quase cristã.

[1] Séneca, Cartas, 4, 12, 24, 26, 30, 36, 54, 61, 70, 77, 78, 93, 101, 102, a Lucílio.
[2] Tácito, *An.*, II, 85.

Logo que estes desgraçados chegaram à Sardenha, o marido caiu doente em virtude da insalubridade da ilha; a mulher Benedita fez um voto, rogou aos deuses para a tomarem em vez de seu marido; foi executada.

A inutilidade dos massacres viu-se perfeitamente nesta circunstância. Um movimento aristocrático residindo num pequeno número de cabeças, é detido por algumas execuções; mas não sucede o mesmo com um movimento popular; porque um tal movimento não tem necessidade de chefes nem de mestres sábios. Um jardim a que se cortam os pés de flores deixa de existir; um prado ceifado rebenta de novo e melhor do que dantes. Assim o cristianismo, longe de ser detido pelo lúgubre capricho de Nero, pululou mais vigorosamente do que nunca; uma onda de cólera subiu ao coração dos sobreviventes; todos eles não tiveram, daí em diante, senão um único sonho, tornar-se os senhores dos pagãos, para os governarem, como eles o mereciam, com a vara de ferro [1]. Um incêndio, muito diferente daquele que os acusavam de haver ateado, devoraria essa cidade ímpia, tornada o templo de Satã. A doutrina do incêndio final do mundo cada dia adquiria mais fortes raízes. Só o fogo seria capaz de purificar a terra das infâmias que a sujavam; só o fogo parecia o fim justo e digno dum tal amontoado de horrores.

A maior parte dos cristãos de Roma que a ferocidade de Nero não atingiu abandonaram, certamente, a cidade. Durante dez ou doze anos, a Igreja romana sofreu um grande desarranjo; ficou assim aberta uma larga porta à lenda. Contudo não houve interrupção completa na existência da

[1] Apoc., II, 26-27.

comunidade. O Vidente do Apocalipse, em Dezembro de 68 ou Janeiro de 69, dá ordem ao seu povo para deixar Roma[1]. Mesmo reconhecendo nesta passagem a parte de ficção profética, não pode deixar de concluir-se que a Igreja de Roma depressa retomou a sua importância. Só os chefes abandonaram definitivamente uma cidade em que na ocasião o seu apostolado não podia frutificar.

O lugar do mundo romano em que a vida era então mais suportável para os judeus era a província da Ásia. Havia aí entre a judiaria de Roma e a de Éfeso comunicações contínuas. Foi para este lado que se dirigiram os fugitivos. Éfeso vai ser o ponto em que se fará sentir mais vivamente o efeito dos acontecimentos do ano 64. Todos os ódios de Roma vão aí ser concentrados; de lá partirá dentro de quatro anos a iniciativa furibunda pela qual a consciência cristã responderá às atrocidades de Nero.

Não é inverosímil colocar entre os cristãos notáveis que saíram de Roma, para escapar aos rigores da polícia, o apóstolo que vimos seguir o destino de Pedro. Se as narrativas relativas ao incidente que se fixou mais tarde perto da porta latina têm alguma verdade, é permitido supor que o Apóstolo João, escapado ao suplício como por milagre, deixaria a cidade sem demora; daí em diante é natural que se refugiasse na Ásia. Como quase todos os dados relativos à vida dos apóstolos, as tradições sobre a estada de João em Éfeso podem ser postas em dúvida; têm porém o seu lado plausível, e nós inclinamo-nos mais a admiti-las que a rejeitá-las.

A Igreja de Éfeso era mista; uma parte devia

---

[1] Apoc., XVIII, 4.

a fé a Paulo; a outra era judaico-cristã. Esta última fracção deve ter tomado a preponderância pela chegada da colónia romana, principalmente se nela vinha um companheiro de Jesus, um doutor hierosolimita, um desses mestres ilustres perante os quais o próprio Paulo se inclinava. João era, depois da morte de Pedro e de Tiago, o único apóstolo de primeira ordem que vivia ainda; tornara-se o chefe de todas as Igrejas judaico-cristãs; votavam-lhe um extraordinário respeito; acreditava-se (e sem dúvida o dizia o próprio apóstolo) que Jesus tivera por ele uma afeição particular. Mil narrativas se baseavam já neste dado; Éfeso tornara-se por esse tempo o centro da cristandade, desde que Roma e Jerusalém, em virtude das violências do tempo, se tinham tornado quase interditas ao novo culto.

Travou-se dentro em breve uma luta muito viva entre a comunidade judaico-cristã, presidida pelo amigo íntimo de Jesus e as famílias de prosélitos criados por Paulo. Esta luta generalizou-se a todas as Igrejas da Ásia. Não se tratava senão de declamações acerbas contra esse Balaão, que havia semeado o escândalo entre os filhos de Israel, que lhes ensinara que se podia sem crime comungar com os pagãos, desposar pagãs. João, pelo contrário, era considerado cada vez mais como um grande padre judeu. Da mesma maneira que Tiago, usou o *pétaton*, isto é, a placa de ouro na fronte. Foi o doutor por excelência; habituaram-se mesmo, talvez em virtude do incidente do azeite a ferver, a dar-lhe o título de mártir.

Parece que no número dos fugitivos que vieram de Roma para Éfeso se encontrava Barnabé. Timóteo a esse tempo estava preso não sabemos onde, talvez em Corinto. Ao cabo de alguns meses, foi

posto em liberdade. Barnabé, desde que recebeu esta bela notícia, vendo mais calma a situação, formou o projecto de voltar a Roma com Timóteo, que conhecera e com quem travara amizade na companhia de Paulo. A falange apostólica dispersa pela tempestade de 64 tentava reconstituir-se. A escola de Paulo era a menos consistente; procurava, privada do seu chefe, apoiar-se em partes mais sólidas da Igreja. Timóteo, habituado a ser conduzido, devia ter pouca importância após a morte de Paulo. Barnabé, pelo contrário, que sempre se encontrara num termo médio entre os dois partidos e que não tinha uma só vez pecado contra a caridade, torna-se o laço dos despojos esparsos após o grande naufrágio. Este homem excelente foi assim ainda uma vez mais o salvador da obra de Jesus, o bom génio da concórdia e da paz.

É a estas circunstâncias de que se trata que devemos, segundo nós, referir a obra que tem o título, difícil de compreender, de Epístola aos Hebreus. Este escrito parece ter sido composto em Éfeso por Barnabé e dirigido à Igreja de Roma, em nome da pequena comunidade de cristãos italiotas que se refugiara na capital da Ásia. Pela sua situação, de algum modo intermediária, no ponto de cruzamento de muitas ideias até então nunca associadas, a Epístola aos Hebreus vem directamente do homem conciliador que tantas vezes impediu as diversas tendências existentes no seio da jovem comunidade de chegar a uma rotura aberta. A oposição das Igrejas de judeus e das Igrejas de gentios parece, quando se lê este pequeno tratado, uma questão resolvida ou cedo perdida numa onda transbordante de metafísica transcendente e de pacífica caridade. Como dissemos já, o gosto dos

midraschim ou pequenos tratados de exegese religiosa, sob forma epistolar, tinha feito grandes progressos. Paulo está todo na sua epístola aos Romanos; mais tarde, a Epístola aos Efésios foi a fórmula mais avançada da sua doutrina. A Epístola aos Hebreus parece um manifesto da mesma natureza. Nenhum livro cristão se assemelha tanto às obras da escola judaica de Alexandria e em especial aos opúsculos de Fílon. Apolo estava já neste caminho [1]. Paulo prisioneiro comprazia-se já singularmente com isso. Um elemento estranho a Jesus, o alexandrinismo, insinuava-se cada vez mais no coração do cristianismo. Nos escritos joânicos, veremos estas influências exercer-se duma maneira imperiosa. Na Epístola aos Hebreus, a teologia cristã mostra-se muito semelhante à que encontramos nas epístolas do último processo de Paulo. A teoria do Verbo desenvolve-se rapidamente. Jesus torna-se cada vez mais o «segundo Deus», o *métatrône*, o assessor, da Divindade, o primogénito da direita de Deus, unicamente inferior a Deus. Sobre as circunstâncias do tempo em que escrevera, o autor não se explica senão por frases ambíguas. Vê-se que receia comprometer o portador da sua carta e aqueles a quem é destinada. Parece oprimi-lo um peso doloroso; a sua angústia secreta pressente-se em traços curtos e profundos.

Deus, tendo outrora comunicado aos homens a sua vontade pelo ministério dos seus profetas, serviu-se nos últimos tempos do órgão do Filho, pelo qual criara o mundo e que sustenta a sua palavra. Esse filho reflecte a glória do Pai, e assinalado

[1] É o que levou muitos críticos a imaginarem que a Epístola aos Hebreus era obra de Apolo.

pela sua essência, que o Pai quis constituir herdeiro do universo, expiou os pecados pela sua aparição neste mundo, depois foi sentar-se nas regiões celestes à direita da Majestade, com um título superior ao dos anjos. A lei mosaica fora anunciada pelos anjos; não continha senão a sombra dos bens futuros; a nossa foi anunciada a princípio pelo Senhor, depois foi-nos transmitida duma maneira certa pelos que a tinham ouvido d'Ele, apoiando Deus o seu testemunho por sinais, prodígios e toda a espécie de milagres, bem como pelos dons do Espírito Santo. Graças a Jesus, todos os homens se tornaram filhos de Deus. Moisés foi um servidor; Jesus foi o Filho; Jesus foi sobretudo o grande padre por excelência segundo a ordem de Melquisedech [1].

Esta ordem é muito superior ao sacerdócio levítico e aboliu totalmente este último. Jesus é padre para toda a eternidade.

Era bem um tal grande padre que nos faltava, santo inocente, imaculado, separado dos pecadores, e elevado acima dos céus, que não tem necessidade cada dia, como os outros padres, de oferecer sacrifícios, primeiro pelos seus pecados, depois pelos do povo... A lei antiga estabelecia grandes padres, homens sujeitos a falhar; a lei nova institui o Filho, por toda a eternidade... Temos assim um grande padre que está sentado no Céu à direita do trono da Majestade, na qualidade de ministro do verdadeiro santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor construiu... Cristo é o grande padre dos bens futuros... Se o sangue dos bodes e dos touros, se a cinza duma bezerra, com que se aspergem os que estão impuros, os santificam de maneira a dar-lhes a pureza carnal; quanto não purificará a nossa consciência das obras mortas, o próprio sangue de Cristo, que a Deus Ele próprio ofereceu, vítima sem mácula?... É para isto que é o medianeiro dum novo testamento;... para que haja testamento,

[1] Hebr., IV, 14 e seg.

com efeito, é necessário que a morte do testador seja constatada, pois que um testamento não tem efeito enquanto o testador vive. Mesmo o primeiro pacto foi inaugurado com sangue. É por meio de sangue que tudo se purifica legalmente, e sem efusão de sangue não pode haver perdão [1].

Nós somos pois santificados uma vez por todas pelo sacrifício do corpo de Jesus Cristo, que há-de aparecer uma segunda vez para salvar os que O esperam. Os antigos sacrifícios não atingiam nunca o seu fim, pois que os recomeçavam sem cessar. Se o sacrifício expiatório tinha de voltar a fazer-se em cada ano num dia fixo, não era isto a prova de que o sangue das vítimas era insuficiente? Em vez destes perpétuos holocaustos, Jesus ofereceu o Seu sacrifício único, que torna inúteis os outros. Desta maneira, não é preciso mais sacrifícios pelo pecado [2].

O sentimento dos perigos que cercam a Igreja é a maior preocupação do autor; não tem diante dos olhos senão uma perspectiva de suplícios; pensa nas torturas sofridas pelos profetas e os mártires de Antioquia [3]. A fé de muitos sucumbia. O autor é muito severo para essas quedas.

É impossível que aqueles que foram iluminados uma vez, que receberam o dom celeste, que tomaram parte no Espírito Santo, que gozaram a preciosa palavra de Deus e os bens futuros, e que em seguida caíram de maneira a crucificar e a ultrajar de novo o Filho de Deus, visto que está neles, sejam de novo levados ao arrependimento. Uma terra que não dá senão espinheiros e cardos considera-se má e digna de ser maldita; acaba-se por se lhe deitar fogo... Certamente Deus não é injusto; não esquecerá a nossa conduta e o amor que tendes mostrado pelo seu nome, servindo os santos,

[1] Hebr., IX, 11 e seg.
[2] *Ibid.*, IX, 23 e seg.
[3] Hebr., XI, 32, 40; XII, 1-11.

como o fizestes e fazeis ainda... Redobrai de zelo até ao fim, para que as nossas esperanças sejam cumpridas, a exemplo dos que pela fé e a perseverança conquistaram a herança prometida [1].

Alguns fiéis já não eram assíduos à igreja nas reuniões [2]. O apóstolo declara que essas reuniões são a essência do cristianismo, que é nelas que se exortam, se excitam, se vigiam, e que é preciso ser-se tanto mais assíduo quanto mais se vai aproximando o dia da aparição final.

Se pecamos voluntariamente depois de ter recebido o conhecimento da verdade, como daí em diante não pode haver mais sacrifício para os pecados, não nos resta senão esperar o julgamento e o fogo que devorará os rebeldes... É terrível cair nas mãos do Deus vivo [3].

Lembrai-vos dos dias passados, em que depois da vossa iluminação, suportastes muitos de vós uma dolorosa aflição, uns expostos em pleno teatro aos ultrajes e aos suplícios, os outros participando da sorte dos que assim foram tratados. Vós manifestastes a vossa simpatia pelos presos e aceitastes sem relutância a espoliação dos vossos bens, sabendo que possuíeis outros excelentes e eternos... Coragem, para poderdes obter a prometida recompensa! Mais algum tempo, pouco já agora, e Aquele que tem de vir será convosco.

A fé resume a atitude do cristão [4]. A fé é a firme esperança no que se prometeu, a certeza do que se não viu ainda. Foi a fé que fez os grandes homens da lei antiga, que morreram sem terem obtido as coisas prometidas, tendo-as apenas visto e saudado de longe, confessando-se simples estrangeiros e viajantes sobre a terra, sempre à procura duma pátria melhor, que não encontravam,

---

[1] *Ibid.*, VI, 4 e seg.
[2] *Ibid.*, X, 25.
[3] *Ibid.*, X, 26 e seg.
[4] Hebr., XI, 1 e seg.

a pátria celeste. O autor cita a este propósito os exemplos de Abel, Henoch, Noé, Abraão, Sara, Isaac, Jacob, José, Moisés e de Rahab a prostituta.

Que dizer mais? Não me chegaria o tempo se quisesse falar de Gedeão, Baraquio, Sansão, Jefté, David, Samuel e os profetas, que pela fé venceram reinos, exerceram a justiça, obtiveram promessas, fecharam as goelas aos leões, extinguiram a violência do fogo, escaparam aos golpes da espada, retomaram forças após a doença, tornaram-se poderosos na guerra, repeliram invasões estranhas... foram timpanizados [1] e preferiram à vida uma ressurreição melhor, sofreram a ignomínia, a flagelação, as cadeias, a enxovia, foram lapidados, serrados [2], torturados, morreram a golpes de sabre, caminharam cobertos de peles de cabra, faltando-lhes o necessário, oprimidos, maltratados (eles de quem o mundo não era digno!) errando nos desertos e pelas montanhas, nas cavernas e nos antros da terra. Todos estes santos personagens, embora duma fé experimentada, não viram a realização das promessas, visto que Deus nos reservara uma sorte mais feliz e não queria que eles a alcançassem sem nós. Tendo pois nós à nossa volta uma tal quantidade de testemunhos,... continuemos com perseverança a luta que nos propuseram, tendo os olhos sempre fixos em Jesus, chefe e conservador da fé... Vós não resististes ainda até ao sangue no nosso combate contra o Mal.

O autor explica em seguida aos confessores que as suas penas devem ser tomadas não como punições mas correcções paternais, como um pai as administra a seu filho e como a expressão da sua ternura. Convida-os a acautelarem-se dos espíritos superficiais, que, a exemplo de Esaú, dão o seu celeste património em troca de qualquer prazer terrestre e momentâneo. Pela terceira vez, o

---

[1] Alusão ao suplício dos chamados mártires Macabeus.
[2] Alusão ao género de morte de Isaías, segundo a tradição apócrifa.

autor volta à sua ideia favorita [1] de que depois duma queda que ponha um cristão fora do cristianismo, não há maneira de o tornar a readmitir. Esaú também procurou tornar a receber a bênção paterna; mas foram inúteis o seu desespero e as suas lágrimas. Vê-se que devia ter havido, na perseguição de 64, alguns renegados por covardia [2], os quais depois da sua apostasia haviam tentado voltar à Igreja. O nosso doutor quer que os expulsem. Que cegueira com efeito se pode comparar à do cristão que hesita ou renega «depois de se ter aproximado da montanha santa de Sião e da cidade do Deus vivo, da Jerusalém celeste e das miríades de anjos em coro, da Igreja dos primeiros inscritos no Céu e de Deus juiz universal, dos espíritos justos já desaparecidos, e de Jesus o mediador da nova aliança — depois de ter sido purificado pelo sangue da propiciação que fala melhor que o de Abel»?...

O apóstolo termina recordando aos seus leitores os membros da Igreja que ainda estavam nos calabouços da autoridade romana [3], e principalmente a memória dos seus chefes espirituais que já não existiam, dos seus grandes iniciadores que haviam pregado a palavra de Deus e cuja morte fora um triunfo para a fé. Considerem bem eles o fim dessas vidas santas e eles se encorajarão [4]. Acautelem-se com as falsas doutrinas, sobretudo com as que fazem consistir a santidade em inúteis práticas rituais, tais como a distinção de alimen-

[1] Comp. XI, 4 e seg.; X, 26 e seg. Estas passagens desempenharam mais tarde um grande papel na controvérsia do montanismo e do novacianismo.
[2] Comp. Math., XXVI, 10.
[3] Hebr., III, 3.
[4] *Ibid.*, III, 7.

tos [1]. O discípulo ou amigo de S. Paulo denuncia-se neste ponto. Verdadeiramente toda a epístola é, como todas as epístolas de Paulo, uma longa demonstração da revogação completa da lei de Moisés por Jesus. Sofrer o opróbrio de Jesus; sair do mundo, «como nós não temos no mundo cidade permanente, procuramos a que está para vir»; obedecer aos chefes eclesiásticos, ser para eles cheios de respeito, tornar a sua missão fácil e agradável, «pois que eles vigiam as almas e devem delas dar conta», e nisto consiste toda a prática. Nenhum escrito mostra talvez melhor que este o papel místico de Jesus engrandecendo-se e acabando por encher unicamente a consciência cristã. Não só Jesus é o *Logos* que criou o mundo, mas o Seu sangue é a universal propiciação, o selo duma nova aliança. O autor está tão preocupado com Jesus, que comete faltas de leitura para o encontrar em toda a parte. No seu manuscrito grego dos Salmos, as duas cartas TI da palavra ΩTIA, no S. XL (XXXIX), v. 6, eram um pouco duvidosas; viu aí um M, e, como a palavra precedente acaba por um Σ, lei σῶμα, o que lhe forneceu o bom senso messiânico: «Tu não quiseste sacrifícios; mas tu deste-me um corpo»; então eu disse: «Eis-me, aqui estou [2]»...

Coisa singular! a morte de Jesus tomava assim na escola de Paulo uma maior importância do que a sua vida. Os preceitos do lago de Genesaré interessavam pouco esta escola, e parece que os não conhecia; o que via no primeiro plano, era o sacrifício do Filho de Deus imolado pela expiação dos pecados do mundo. Ideias estranhas, que, postas

[1] *Ibid.*, XIII, 9. Cf. IX, 10.
[2] Hebr., X, 5.

mais tarde em todo o seu rigor pelo calvinismo, deviam fazer desviar a teologia cristã do ideal evangélico primitivo. Os Evangelhos sinópticos, que constituem a parte verdadeiramente divina do cristianismo, não são obra da escola de Paulo. Nós os veremos em breve sair da suave família que ainda conservava na Judeia as verdadeiras tradições sobre a vida e a pessoa de Jesus.

Mas o que há de admirável nas origens do cristianismo, é que os que puxavam mais obstinadamente o carro em sentido contrário, eram os que trabalhavam mais para o fazer avançar. A Epístola aos Hebreus marca definitivamente, na história da evolução religiosa da humanidade, a desaparição do sacrifício, isto é, do que constituíra até ali a essência da religião. Para o homem primitivo, Deus é um ser muito poderoso, que é preciso apaziguar ou corromper. O sacrifício resultava do medo ou do interesse. Para conquistar Deus [1], oferecia-se-lhe um presente capaz de o impressionar, um bom bocado de carne, de boa gordura, uma taça de *soma* ou de vinho. Os flagelos, as doenças eram consideradas como castigos dum Deus irritado; imaginou-se que substituindo por outras as pessoas ameaçadas, se impedia que a cólera fosse tão grande; talvez mesmo, dizia-se, Deus se contentasse com um animal, se o animal fosse bom, útil e inocente. Julgava-se Deus como o patrão do homem, e da mesma forma que hoje, mesmo em certas regiões do Oriente e da África, o indígena acredita conseguir o favor dum estrangeiro matando aos seus pés um carneiro, cujo sangue corra sobre as suas botas e cuja carne sirva em seguida à sua alimentação, da mesma maneira se supunha que o ser sobrenatural devia ser sensível à oferta dum objecto, sobretudo se por esta oferta o autor do sacrifício se privava de alguma coisa. Até à grande transformação do profetismo no século VIII antes de Cristo, a ideia dos sacrifícios não foi entre os Israelitas mais intensa do que entre os outros povos. Uma era nova começa com Isaías, exclamando em nome de Jeová: «Os vossos sacrifícios desagradam-me; que me importam as vossas cabras e os vossos bodes [1]!» No dia em que escreveu esta página admirável (no ano 740 antes de Cristo) Isaías foi o verdadeiro fundador do cristianismo. Ficou resolvido nesse dia que, das duas funções sobrenaturais que se disputavam a respeito das tribos antigas, o sacrificador hereditário e o bruxo, livro inspirado que julgavam o depositário de segredos divinos, era o segundo que decidiria do futuro da religião. O bruxo das tribos semíticas, o *nabi*, torna-se o «profeta», tribuno sagrado, votado ao progresso da equidade social e, enquanto que o sacrificador (o padre) continuou a enaltecer a eficácia das matanças de que ele aproveitava, o profeta ousou proclamar que o verdadeiro Deus se importa mais com a justiça e a piedade de que com todos os bens do mundo. Ordenados contudo por antigos rituais de que não era fácil desfazerem-se, e mantidos pelo interesse dos padres, os sacrifícios continuaram a ser lei do velho Israel. No tempo em que estamos, e mesmo antes da destruição do terceiro templo, a importância destes ritos diminuía. A dispersão dos judeus levava a considerar como secundárias funções que não podiam cumprir-se senão em Jerusalém [2]. Fílon proclamara que o

[1] «Tenui popano corruptus Osiris».

[1] Isaías, cap. I.
[2] Note-se *Act.*, XXIV, 17.

culto consiste principalmente em hinos piedosos, que se devem cantar mais com o coração do que com a boca; ousava dizer que tais orações valem mais que as ofertas. Os essénios professaram a mesma doutrina. S. Paulo, na Epístola aos Romanos, declara que a religião é um culto da razão pura. A Epístola aos Hebreus, desenvolvendo esta teoria de que Jesus é o verdadeiro grande padre e que a sua morte foi um sacrifício que revogou todos os outros, deu o último golpe nas imolações sangrentas. Os cristãos, mesmo de origem judaica, cada vez se consideravam menos ligados aos sacrifícios legais, não o fazendo senão por condescendência. A ideia geradora da missa, a crença de que o sacrifício de Jesus se renova pelo acto eucarístico, aparece já, mas duma maneira ainda muito vaga.

CAPÍTULO X

A REVOLUÇÃO NA JUDEIA

O estado de exaltação que a imaginação cristã atravessava complicou-se pouco depois pelos acontecimentos que se passavam na Judeia. Esses acontecimentos pareciam dar razão às visões dos cérebros mais frenéticos. Um acesso de febre que não pode comparar-se senão ao que colheu a França durante a Revolução, e Paris em 1871, se apoderou de toda a nação. As «doenças divinas», perante as quais a medicina antiga se declarava impotente, pareciam tornar-se o temperamento ordinário do povo judeu. Dir-se-ia que, decidido às violências, queria ir até ao fim da humanidade. Durante quatro anos, a estranha raça que parece ter sido criada para desafiar igualmente o que a bendiz e o que a maldiz, esteve numa convulsão em face da qual o historiador, hesitando entre a admiração e o horror, deve deter-se como ante tudo o que é misterioso.

As causas desta crise eram antigas e a própria crise era inevitável. A lei mosaica, obra de utopistas exaltados, tomados por um poderoso ideal

socialista, os menos políticos dos homens, era, como o islame, exclusiva duma sociedade civil paralela à sociedade religiosa. Essa lei, que parece ter atingido no século VII antes de Cristo a redacção em que a lemos, teria mesmo, independentemente da conquista assíria, feito voar em pedaços o pequeno reino dos descendentes de David. Desde a preponderância tomada pelo elemento profético, o reino de Judá, desavindo com todos os seus vizinhos, tomado por uma raiva permanente contra Tiro, em ódio aberto contra Edom, Moabe e Ámon estava condenado a morrer. Quando uma nação se dedica aos problemas religiosos e sociais perde-se politicamente. No dia em que Israel se tornou «um pecúlio de Deus, um reino de padres, uma nação santa [1]», nesse dia ficou escrito que ele não poderia ser um povo como qualquer outro. Não podem acumular-se destinos contraditórios; paga-se sempre uma superioridade com alguma inferioridade.

O império aqueménida fez tranquilizar Israel um pouco. Essa grande feudalidade tolerante para com todas as diversidades provinciais, muito semelhante ao califado de Bagdade e ao império otomano, foi o estado em que os Judeus se encontravam mais à vontade. A dominação ptolomaica, no século III antes de Cristo, parece ter-lhes sido igualmente bastante simpática. Antioquia tornava-se um centro de activa propaganda helénica; Antíoco Epifânio julgava-se na obrigação de instalar por toda a parte, como sinal do seu poder, a imagem de Júpiter Olímpico. Estalou então a primeira grande revolta judaica contra a civilização profana. Israel havia suportado pacientemente a extinção da sua existência política desde Nabucodonosor; não tomou daí em diante nenhuma medida, quando entreviu um perigo para as suas instituições religiosas. Uma raça em geral pouco militar foi tomada dum acesso de heroísmo; sem exército regular, sem generais, sem táctica, venceu os Selêucidas, manteve o seu direito e criou um segundo período de autonomia. A realeza asmoniana foi contudo perturbada por profundos vícios interiores; não durou mais dum século. Não era o destino do povo judeu constituir uma nacionalidade distinta; esse povo sonha sempre alguma coisa de internacional; o seu ideal não é a cidade, mas a sinagoga, a congregação livre. Dá-se o mesmo com o islame, que criou um império imenso mas que destruiu o espírito de nacionalidade nos povos que subjugou, e lhes não deixou outra pátria além da mesquita e da *zaouia*.

[1] Êxodo, XIX, 5, 6.

Dá-se muitas vezes a este estado social o nome de teocracia, e com razão, se com isto se quer significar que a ideia profunda das religiões semíticas e dos impérios que daí resultaram é a realeza de Deus, concebido como único senhor do mundo e soberano universal; mas teocracia nestes povos não é sinónimo de dominação de padres. O padre propriamente dito representa um papel muito secundário na história do judaísmo e do islamismo. O poder pertence ao representante de Deus, ao que Deus inspira, ao profeta, ao homem santo, ao que recebeu missão do Céu e que prova essa missão pelo milagre e pelo sucesso. À falta de profetas, pertence o poder ao autor de apocalipses e livros apócrifos atribuídos a antigos profetas, ou ao doutor que interpreta a lei divina, ao chefe de sinagoga e mais ainda ao chefe de família, que conserva o depósito da Lei e o transmite aos seus filhos. Um poder civil ou uma realeza nada têm que ver

com uma tal organização social. Esta organização não funciona nunca tão perfeitamente como no caso em que os indivíduos que a ela se submetem estão espalhados, na condição de estrangeiros tolerados, num grande império onde não há uniformidade. É da natureza do judaísmo ser-se subordinado, porque é incapaz de tirar do seu seio um princípio de poder militar. O mesmo facto se nota nos Gregos de hoje; as comunidades gregas de Trieste, Esmirna, Constantinopla, estão mais florescentes de que o pequeno reino da Grécia, porque essas comunidades estão dispensadas da agitação política, em que uma raça viva, prematuramente na posse da sua liberdade, encontra com certeza a sua perda.

A dominação romana estabelecida na Judeia no ano 63 antes de Cristo pelas armas de Pompeu, pareceu a princípio que devia realizar alguma das condições indispensáveis à vida judaica. Roma nessa época não tinha como regra assimilar os países que anexava sucessivamente ao seu vasto império. Tirava-lhes o direito de paz e de guerra, e não se arrogava senão a arbitragem nas grandes questões políticas. Sob a descendência degenerada da dinastia asmoniana e sob os Herodes, a nação judaica manteve essa meia-independência que lhe teria bastado, pois que o seu estado religioso era respeitado. Mas a crise interior do povo era muito forte. Para além dum certo grau de fanatismo religioso, o homem é ingovernável. Convém também dizer que Roma tendia sem cessar a tornar o seu poder mais efectivo no Oriente. As pequenas realezas vassalas, que a princípio conservara, iam desaparecendo pouco a pouco, e as províncias começavam a estar ligadas pura e simplesmente ao império. Desde o ano 6 da era cristã, a Judeia

foi governada por procuradores, subordinados aos legados imperiais da Síria, e tendo ao lado deles o poder paralelo dos Herodes. A impossibilidade dum tal regímen desenvolvia-se cada vez mais. Os Herodes eram pouco considerados no Oriente pelos homens verdadeiramente patriotas e religiosos. Os hábitos administrativos dos Romanos, mesmo os mais razoáveis, eram odiosos aos Judeus. Em geral, os Romanos mostravam a maior condescendência a respeito dos escrúpulos meticulosos da nação; mas isso não bastava; as coisas tinham chegado a um tal ponto que se não podia fazer nada sem tocar numa questão canónica. As religiões absolutas, como o islamismo, o judaísmo, não podem cindir-se. Se não reinam, dizem-se perseguidas. Se se sentem protegidas, tornam-se exigentes, e procuram tornar a vida impossível aos outros cultos. Isto vê-se bem na Argélia, onde os israelitas, sabendo-se apoiados contra os muçulmanos, se tornam insuportáveis para com estes e ocupam sem cessar a autoridade com as suas recriminações.

Certamente, queremos crer que, nesta experiência dum século que fizeram os Romanos e os Judeus para viver juntos, e que deu um tão feroz rompimento, tanto uns como outros se ofendiam reciprocamente. Muitos procuradores foram pessoas desonestas; outros foram talvez bruscos, duros, e deixaram-se tomar de impaciência contra uma religião que os incomodava e da qual não compreendiam o futuro. Seria preciso ser-se perfeito para se não irritar com este espírito estreito, desdenhoso, inimigo da civilização grega e romana, hostil ao resto do género humano, que os observadores superficiais tinham como a essência dum Judeu. Que podia afinal pensar um administrador de administrados sempre ocupados em o acusar ao impera-

dor e a formar intrigas contra ele, mesmo quando ele tinha toda a razão? No grande ódio que, há mais de dois mil anos, existe entre a raça judaica e o resto do mundo, quem rompeu primeiro? Uma tal pergunta é descabida. Em tal matéria tudo se reduz a acção e reacção, causa e efeito. Estas exclusões, estas cadeias do *ghetto*, estes costumes à parte, são coisas injustas; mas quem as provocou? Os que imaginavam sujar-se com o contacto dos pagãos, os que procuravam a separação, a sociedade à parte. O fanatismo criou as cadeias e as cadeias redobraram o fanatismo. O ódio produz o ódio e não há senão um meio para sair deste círculo fatal, é suprimir a causa do ódio, essas separações odiosas que, a princípio desejadas e procuradas pelas seitas, acabam por tornar-se o seu opróbrio. A respeito do judaísmo, a França moderna resolveu o problema. Destruindo todas as barreiras legais que cercavam o israelita, tirou ao judaísmo o que ele tinha de estreito e exclusivo, isto é, as práticas da sua vida sequestrada, acontecendo assim que uma família judaica transportada a Paris deixa de fazer vida judaica ao cabo duma ou duas gerações.

Seria injusto censurar os Romanos do primeiro século de não ter procedido da mesma maneira. Havia uma oposição absoluta entre o império romano e o judaísmo ortodoxo. As mais das vezes eram os Judeus que eram insolentes, teimosos, agressivos. A ideia dum direito comum, que os Romanos lhes levavam em gérmen, era antipática aos estritos observadores da *Thora*. Estes tinham necessidades morais em total contradição com uma sociedade puramente humana, sem nenhuma mistura de teocracia, como era a sociedade romana. Roma fundava o Estado; a judiaria fundava a

Igreja. Roma criava o governo profano e racional; os judeus inauguravam o reino de Deus. Entre esta teocracia estreita mas fecunda, e a proclamação mais absoluta do Estado laico, era inevitável a luta. Os Judeus tinham a sua lei, fundada em bases completamente diversas das do direito romano, e no fundo irreconciliável com esse direito. Antes de terem sido completamente batidos, não podiam contentar-se com uma simples tolerância, eles que acreditavam possuir as palavras da eternidade e o segredo da constituição duma cidade justa. Acontecia-lhes o mesmo que actualmente aos Muçulmanos na Argélia. A nossa sociedade, embora infinitamente superior, não lhes inspira senão repugnância. A sua lei revelada, ao mesmo tempo civil e religiosa, enche-os de orgulho e torna-os incapazes de se sujeitarem a uma legislação filosófica, fundada na simples noção das relações de homens entre si. Ajunte-se a isto uma profunda ignorância, que impede as seitas fanáticas de reconhecer as forças do mundo civilizado e as cega sobre o resultado duma guerra que elas tratam ligeiramente.

Havia uma circunstância que contribuía muito para este estado de hostilidade permanente contra o império: era que os Judeus não se importavam nada com o serviço militar. Por toda a parte as legiões eram formadas pelos indígenas e era assim que os Romanos, com exércitos fracos numericamente, possuíam regiões imensas. O soldado dos Romanos e os habitantes do lugar eram compatriotas. Não se dava o mesmo na Judeia. As legiões que ocupavam o país eram recrutadas na sua maior parte em Cesareia e em Sebasta, cidades contrárias ao judaísmo. Daí a impossibilidade dum entendimento entre o exército e o povo. A força

romana em Jerusalém vivia como em estado de sítio permanente.

Seria preciso também que os sentimentos das diversas fracções do mundo judeu fossem os mesmos a respeito dos Romanos. Se exceptuarmos mundanos como Tibério Alexandre, que chegavam à indiferença pelo seu velho culto e eram olhados pelos seus correligionários como renegados, toda a gente odiava os dominadores estrangeiros; mas todos estavam longe de pensar em revolta. Podiam distinguir-se a este respeito quatro ou cinco partidos em Jerusalém [1]:

1.º O partido saduceu e herodiano, restos da casa de Herodes e da sua clientela, as grandes famílias de Hanão e de Boeto, de posse do sacerdócio; todos epicuristas e voluptuosos, odiados pelo povo por causa do seu orgulho, da sua pouca devoção, das suas riquezas. Este partido, essencialmente conservador, tinha uma garantia dos seus privilégios na ocupação romana e, sem estimar os Romanos, era absolutamente contrário a toda a revolução.

2.º O partido da burguesia farisaica, partido honesto, composto de pessoas sensatas, regularmente colocadas, calmas, metódicas, amando a sua religião, observando-a com exactidão, mas sem imaginação, muito instruídos, conhecendo os estrangeiros e vendo claramente que uma revolta não podia levar senão à destruição da nação e do templo: Josefo é o tipo desta classe de pessoas, cujo destino foi o que parece estar sempre reservado aos partidos moderados em tempos de revolução, a impotência, a versatilidade e a suprema

[1] Josefo, *B. S.*, II, XVI, 4; *Vita*, 3.

vergonha de passarem por traidores aos olhos da maior parte.

3.º Os exaltados de toda a espécie, bandidos, sicários, assassinos, bando estranho de fanáticos mendigos, reduzidos à última miséria pela injustiça e a violência dos saduceus, considerando-se os únicos herdeiros das promessas de Israel, desse «pobre» querido de Deus; lendo muito os livros proféticos como os de Henoch e os apocalipses violentos, crendo o reino de Deus prestes a revelar-se, chegando enfim ao mais intenso grau de exaltação de que a história conservou memória.

4.º Brigões, gente sem reputação, aventureiros, homens perigosos, fruto da completa desorganização social do país. Na sua maior parte de origem idumeia ou nabaciana, importavam-se muito pouco com a questão religiosa; mas como eram muito dados à desordem, tinham com o partido exaltado uma natural aliança.

5.º Sonhadores piedosos, essénios, cristãos, *ebionim*, esperando tranquilamente o reino de Deus, pessoas devotas agrupadas à volta do templo, rezando e chorando. Eram deste número os discípulos de Jesus; mas representavam tão pouco aos olhos do público, que Josefo não os conta entre os elementos da luta. Vê-se bem que no dia do perigo estes santos não souberam senão fugir. O espírito de Jesus, cheio duma divina eficácia para subtrair o homem ao mundo e consolá-lo, não podia inspirar o patriotismo estreito que produz os bandidos e os heróis.

Os árbitros da situação iam ser naturalmente os exaltados. O lado democrático e revolucionário do judaísmo manifestava-se neles duma maneira terrível. Estavam persuadidos, com Judas o Gaulonita, que todo o poder vem do Mal, que a realeza

é uma obra de Satã (teoria que soberanos como Calígula e Nero, verdadeiras encarnações de demónios, justificavam perfeitamente) e preferiam deixar-se acutilar, a dar a outro, que não fosse Deus, o nome de Senhor. Imitadores de Matatias, o primeiro dos bandidos, o qual vendo um Judeu a sacrificar aos ídolos o matou, vingavam Deus a punhaladas. O simples facto de ouvirem um incircunciso falar de Deus ou da Lei era o bastante para que tratassem de o surpreender só; então davam-lhe a escolher entre a circuncisão e a morte. Executores dessas sentenças misteriosas que se deixavam ao cuidado da «mão do Céu», e julgando-se os encarregados de tornar efectiva essa terrível pena de excomunhão, que equivalia a ser-se posto fora da lei ou condenado à morte, constituíam um exército de terroristas em plena ebulição revolucionária. Podia-se crer antecipadamente que estas consciências exaltadas, incapazes de distinguir os seus grosseiros apetites das paixões que o seu frenesi lhes apresentava santas, iriam até os últimos excessos e não se deteriam ante as maiores loucuras.

Os espíritos andavam sob a impressão duma alucinação permanente; espalhavam-se por toda a parte boatos aterradores. Não se pensava senão em presságios; a cor apocalíptica da imaginação judaica tingia tudo com uma auréola de sangue. Cometas, espadas no céu, batalhas nas nuvens, claridade aparecendo espontaneamente de noite no fundo do santuário, vítimas engendrando no momento do sacrifício produtos contra a natureza, tudo isto se contava com terror. Um dia eram as enormes portas de bronze do templo que se haviam aberto por si mesmo e se recusavam a fechar. Na Páscoa de 65, pelas três horas da madrugada, iluminou-se o templo durante alguns minutos como em pleno dia; julgou-se que se consumia interiormente. Outra vez, no dia de Pentecostes, os padres ouviram o ruído de muitas pessoas dentro do templo como em preparativos de mudança e dizendo uns para os outros: «Saiamos daqui! saiamos daqui!» [1] Tudo isto não foi relacionado senão mais tarde; mas esta perturbação profunda das almas era o melhor sinal de que se preparava alguma coisa extraordinária.

Eram sobretudo as professias messiânicas que excitavam no povo uma invencível necessidade de agitação. Ninguém se resigna a um destino medíocre, quando se lhe oferece a realeza no futuro. As teorias messiânicas resumiam-se para a multidão em um vaticínio que se dizia tirado da Escritura e segundo o qual «devia sair por esse tempo da Judeia um príncipe que seria o senhor do universo» [2]. É inútil raciocinar quando se tem uma esperança obstinada; a evidência não tem nenhuma força para combater a quimera que um povo perfilhou com todas as forças do seu coração.

Gessio Floro, de Clazomenes, sucedera a Albino como procurador da Judeia no ano de 64 ou princípio de 65. Era ao que parece um homem perverso; devia o cargo que ocupava à influência de sua mulher Cleópatra, a qual era amiga de Popeia. A animosidade entre ele e os Judeus chegou logo ao último grau da exasperação. Os Judeus tinham-se-lhe tornado insuportáveis pela sua susceptibilidade, o seu hábito de se queixarem de insignificân-

---

[1] Jos., *B. J.*, II, XXII, 1; VI, v, 34; Tácito, *Hist.* v, 13; Talm. de Bab., *Pesachim*, 57 *a; Kerithôth*, 28 *a; Ioma*, 39 *b*.
[2] Josefo, *B. S.*, VI, *a*, 4; Suetónio, *Vesp.*, 4, 5; Tácito, *Hist.*, V, 13.

cias e o pouco respeito que testemunhavam às autoridades civis e militares; mas parece que, pelo seu lado, tinha um certo prazer em os desprezar e fazia-o publicamente. Nos dias 16 e 17 de Maio do ano 66, deu-se uma colisão entre as suas tropas e os Hierosolimitas por motivos fúteis. Floro retirou-se para Cesareia, não deixando senão uma coorte na torre Antónia. Este facto foi muito censurado. Um poder armado, quando se manifesta uma revolta popular, tem obrigação de não abandonar a cidade que ocupa à cólera do povo, senão depois de ter esgotado todos os meios de resistência. Se Floro tivesse permanecido na cidade, não é natural que os Hierosolimitas o tivessem violentado, e ter-se-iam evitado assim todos os acontecimentos que se seguiram. Como Floro partiu, era de prever que o exército romano não entraria de novo em Jerusalém senão através do incêndio e da morte.

Não era porém o bastante a retirada de Floro para provocar um rompimento declarado entre a cidade e a autoridade romana. Agripa II e Berenice estavam então em Jerusalém. Agripa fez esforços conscienciosos para acalmar os espíritos; todos os moderados se lhe juntaram; serviram-se mesmo da popularidade de Berenice, na qual a imaginação popular queria ver revivescer a sua bisavó, Mariana Asmoniana. Enquanto Agripa falava à multidão no xisto, a princesa mostrou-se na varanda do palácio dos Asmonianos, que dominava o xisto. Tudo foi inútil. Os homens sensatos afirmavam que a guerra seria a ruína certa da nação; foram tratados como gente sem fé. Agripa, descoroçoado ou aterrorizado, deixou a cidade e retirou-se para os seus domínios de Betânia. Um grupo dos mais inflamados partiu imediatamente

e apoderou-se por surpresa da fortaleza de Masada, situada na margem do mar Morto, a dois dias de Jerusalém e quase inexpugnável.

Era um acto de hostilidade perfeitamente caracterizado. Em Jerusalém de dia para dia se tornava mais viva a luta entre o partido da paz e o da guerra. O primeiro destes dois partidos era composto de ricos, que tinham tudo a perder com uma insurreição; o segundo, além dos entusiastas sinceros, compreendia essa massa de proletários que podem muito bem aproveitar com uma crise nacional que suprima as condições ordinárias da vida. Os moderados procuravam o apoio da pequena guarnição romana, alojada na torre Antónia. O grande padre era um homem obscuro, Matias, filho de Teófilo [1]. Depois da destituição de Hanão o Moço, que arrastou Tiago à morte, parece que sistematicamente deixara de tirar-se o grande padre das poderosas famílias sacerdotais dos Hanão, dos Canteras e dos Boetos. Mas o verdadeiro chefe do partido sacerdotal era o antigo grande padre Anânio, filho de Nebedeu, homem rico, enérgico, pouco popular por causa do rigor implacável com que executava os seus direitos, odiado sobretudo pela impertinência e a rapacidade da sua gente. Por uma singularidade que não é rara em tempo de revolução, o chefe do partido de acção era precisamente Eleázaro, filho do mesmo Anânio. Exercia o importante cargo de capitão do templo. Parece ter sido sincera a sua exaltação religiosa. Levando até ao extremo o princípio de que os sacrifícios não podiam ser oferecidos senão pelos Judeus e em benefício dos Judeus, suprimiu os votos que se ofereciam em favor do imperador e

[1] Jos., *Ant.*, XX, IX, 7.

da prosperidade de Roma [1]. Toda a juventude estava cheia de entusiasmo. Uma das feições do fanatismo que inspiram as religiões semíticas é mostrar-se esse fanatismo com mais vivacidade entre os novos [2]. Os membros das antigas famílias sacerdotais, os fariseus, os homens sensatos viam o perigo. Debalde se trouxeram à discussão os doutores autorizados, se consultaram os rabinos e as memórias de direito canónico; o baixo clero fazia já causa comum com os exaltados e com Eleázaro.

O alto clero e a aristocracia, desesperando de dominar a massa popular entregue às sugestões mais superficiais, mandaram pedir a Floro e Agripa que viessem o mais depressa possível sufocar a revolta, fazendo lhes notar que, se não viessem logo, já não viriam a tempo. Floro, segundo Josefo, pretendia uma guerra de extermínio, que fizesse completamente desaparecer do mundo a raça judaica; deixou por isso de responder. Agripa enviou ao partido da ordem um corpo de três mil cavaleiros árabes. O partido da ordem com estes cavaleiros, ocupou a cidade alta (os actuais bairros arménio e judeu). O partido da acção ocupava a cidade baixa e o templo (os actuais bairros muçulmano, mogaribi e harão). Travou-se então uma verdadeira guerra entre estes dois pontos. No dia 14 de Agosto, os revolucionários, comandados por Eleázaro e Menahem, filho de Judas Gaulonita, que sessenta anos antes tinha sido o primeiro a sublevar os Judeus pregando-lhes que o verdadeiro adorador de Deus não deve reconhecer nenhum

[1] Cf. Talm. de Bab., *Gittin*, 56 *b*, Tosiphtha, *Schabbath*, XVII.

[2] Entre os muçulmanos o fanatismo é especialmente sensível em crianças de dez a doze anos.

homem como superior, forçaram a cidade alta, incendiaram a casa de Anânio, os palácios de Agripa e de Berenice. Os cavaleiros de Agripa, Anânio, seu irmão e todos os notáveis que puderam juntar-se-lhes refugiaram-se na parte mais alta do palácio dos Asmonianos.

No dia seguinte a estes sucessos, os insurgentes atacaram a torre Antónia; tomaram-na em dois dias e incendiaram-na. Fizeram em seguida o cerco ao alto palácio e forçaram-no (6 de Setembro). Deixaram sair livremente os cavaleiros de Agripa. Os Romanos, esses refugiaram-se nas três torres chamadas de Hipico, de Fasael e de Mariana. Anânio e seu irmão foram assassinados [1]. Segundo a regra dos movimentos populares, surgiu logo a discórdia entre os chefes da facção vitoriosa. Menahem tornou-se insuportável pelo seu orgulho democrata da última hora. Eleázaro, filho de Anânio, irritado sem dúvida pelo assassinato de seu pai, deu-lhe caça e matou-o; os restos do partido de Menahem refugiaram-se em Masada, que será daí em diante até ao fim da guerra o abrigo do partido mais exaltado dos zeladores.

Os Romanos defenderam-se durante muito tempo nas suas torres. Reduzidos ao último extremo, não pediam já senão que lhes poupassem a vida. Assim lho prometeram; mas logo que entregaram as armas, Eleázaro fê-los matar a todos, com excepção a Metílio, primipilar da coorte, que prometeu deixar-se circuncisar. Assim perderam os Romanos Jerusalém no fim de Setembro de 66, um pouco mais de cem anos depois da sua tomada por Pompeu. A guarnição romana do castelo de Maquero, receando que lhe cortassem a retirada,

[1] Comp. *Act.*, XXIII, 3.

capitulou. O castelo de Kypros, que domina Jericó, caiu também nas mãos dos insurrectos [1]. É provável que Heródio tivesse sido ocupado pelos revoltosos ao mesmo tempo. A falta de energia que os Romanos mostraram em todos estes recontros é algum tanto singular e dá uma certa verosimilhança à opinião de Josefo, segundo a qual o plano de Floro teria sido de levar as coisas até ao extremo. É verdade que os primeiros ímpetos revolucionários têm alguma coisa de arrebatador, o que torna muito difícil a sua detenção e faz com que os espíritos cautelosos prefiram deixá-los extinguir pelo excesso.

Em cinco meses, a insurreição estabelecera-se duma maneira formidável. Não somente se assenhoreara da cidade de Jerusalém como, pelo deserto de Judá, se encontrava em comunicação com a região do mar Morto, de que possuía todas as fortalezas; por esse lado dava a mão aos Árabes, aos Nabateus, mais ou menos inimigos de Roma. A Judeia, a Idumeia, a Pereia, a Galileia estavam com os revoltosos. Em Roma, durante esse tempo, um odioso soberano entregara as funções do império aos mais ignóbeis e aos mais incapazes. Se os Judeus pudessem agrupar em volta deles todos os descontentes do Oriente, teriam dado um golpe radical na dominação romana nessas paragens. Infelizmente para eles não sucedeu assim; a sua revolta inspirou às populações da Síria um aumento de fidelidade ao império. O ódio que eles haviam inspirado aos seus vizinhos bastara, durante o período do pleno poder romano, para excitar contra eles inimigos não menos perigosos que as legiões.

[1] Jos., *B. J.*, II, XVII; XVIII, 6.

CAPÍTULO XI

MASSACRES NA SÍRIA E NO EGIPTO

Por esse tempo generalizavam-se por todo o Oriente os massacres de Judeus. Cada vez se acentuava mais a incompatibilidade da vida judaica e da vida greco-romana. Uma das duas raças teria de exterminar a outra; entre elas não havia conciliação possível. Para se compreender uma tal luta, é preciso saber-se até que ponto o judaísmo penetrara toda a parte oriental do império romano. «Invadiram todas as cidades, diz Estrabão [1]; não é fácil encontrar um lugar do mundo que não tenha acolhido esta tribo, ou melhor, que não tenha sido ocupado por ela. O Egipto, a Cirenaica e muitos outros países adoptaram os seus costumes, observando com escrúpulo os seus preceitos e tirando grande partido da adopção que eles fizeram das suas leis nacionais. No Egipto admitem-nos a habitar legalmente, e é quase deles uma grande parte da cidade de Alexandria; têm o seu etnarca, que trata dos seus negócios, lhes administra a justiça,

[1] Citado por Jos., *Ant.*, XIV, VII, 2.

vigia a execução dos contratos e dos testamentos, como se fora o presidente dum Estado independente». Esta aproximação de dois elementos tão opostos como a água e o fogo não podia deixar de produzir a mais terrível explosão.

Não se suponha porém que o governo romano procurasse propositadamente provocar uma tal perturbação; deram-se os mesmos massacres entre os Partas [1], cuja situação e interesses eram muito diversos dos do Ocidente. É até uma das glórias de Roma o ter fundado o seu império sobre a paz e a extinção das guerras locais, e de não ter nunca praticado o detestável sistema de governo, que constituiu sempre um dos expedientes políticos do império turco, e que consiste em excitar umas contra as outras as diversas populações dos países mistos. Quanto ao massacre por motivos religiosos, nunca houve ideia que estivesse mais afastada do espírito romano de que esta; alheio a toda a teologia, o Romano não compreendia a seita, e não admitia que uma simples proposição especulativa pudesse provocar tais divisões. Demais a mais, a antipatia contra os Judeus era no mundo antigo um sentimento tão geral, que para justificar o facto não é preciso rebuscar tal explicação. Essa antipatia constituía um dos abismos de separação que nunca se encherá talvez na espécie humana. Ela vai um pouco além da antipatia de raças; é o ódio das funções diversas da humanidade, do homem de paz, satisfeito com as suas alegrias íntimas, contra o homem de guerra — do homem de comércio, contra o aldeão e o nobre. Não pode ser sem-razão que esse pobre povo de Israel passasse a sua vida a ser massacrado. Quando todas as

[1] Jos., *Ant.*, XVIII, IX.

nações e todas as épocas fazem assim uma tal perseguição, é porque evidentemente algum motivo há para isso. O judeu, até nossos dias, insinuava-se por toda a parte reclamando o direito comum; mas na realidade o judeu ficara fora do direito comum; conservava o seu estatuto particular; queria ter as garantias de todos, mas além disso as suas excepções e as suas leis próprias. Pretendia as vantagens das nações, sem ser uma nação, sem participar dos encargos das nações. Nenhum povo pôde nunca tolerar isto. As nações são criações militares, fundadas e mantidas pela espada; são a obra dos agricultores e dos soldados; os Judeus não contribuíram de modo nenhum para as estabelecer. É este o equívoco das pretensões israelitas. O estrangeiro tolerado pode ser útil a um país, sob a condição de que o país se não deixe invadir por ele. Não é justo reclamar os direitos de membro de família numa casa que se não edificou, como o fazem certas aves que se vão instalar num ninho que não é o seu, ou como certos crustáceos que se alojam na concha duma outra espécie.

O judeu prestou ao mundo tão bons e tão maus serviços, que se não poderá ser nunca inteiramente justo para com ele. Devemos-lhe muitíssimo, e ao mesmo tempo vemos perfeitamente os seus defeitos, para que nos não incomode o seu aspecto. Esse eterno Jeremias, esse «homem de dores», lamentando-se sempre, apresentando o dorso aos golpes com uma paciência que nos irrita; essa criatura estranha a todos os nossos instintos de honra, altivez, glória, delicadeza e arte; esse personagem tão-pouco soldado, tão-pouco cavalheiresco, que não ama nem a Grécia, nem Roma, nem a Germânia, é contudo o mesmo a quem devemos a nossa religião, por tal forma que o judeu tem o direito

de dizer ao cristão: «Tu és um judeu falsificado»; este ser é como o ponto de mira da contradição e da antipatia; antipatia fecunda que constituiu uma das condições do progresso da humanidade! No primeiro século da nossa era, parece que o mundo teve pouco a consciência do que se passava. Via o seu mestre neste estrangeiro desajeitado, susceptível, tímido, sem nobreza exterior, mas honesto, moral, aplicado, recto nos negócios, dotado de virtudes modestas, não militar, mas bom comerciante, operário satisfeito e acomodado. A família judaica, iluminada de esperança, a sinagoga em que a vida em comum era cheia de encantos, tornava-se invejável. Tanta humildade, a maneira tranquila com que se recebia a perseguição e a extorsão, a resignação com que se consolavam de não pertencerem ao grande mundo porque tinham a compensação na sua família e na sua Igreja, a boa disposição alegre como aquela que ainda distingue no Oriente a raia e lhe faz encontrar a sua felicidade na sua própria inferioridade, nesse pequeno mundo onde se é tanto mais feliz quanto mais perseguições e ignomínias se sofrem — tudo isto inspirava à aristocrática antiguidade acessos de profundo mau humor, que por vezes terminavam em odiosas brutalidades.

A tempestade começou a engrossar em Cesareia [1], quase no momento em que a revolução acabava de se assenhorear de Jerusalém. Cesareia era a cidade em que a situação dos Judeus e dos não Judeus (estes abrangidos sob o nome geral de Sírios) oferecia mais dificuldades [2]. Os Judeus constituíam, nas cidades mistas da Síria, a parte rica da população; mas esta riqueza, como o dissemos já, provinha em parte duma injustiça, da isenção do serviço militar. Os Gregos e os Sírios, entre os quais se recrutavam as legiões, não gostavam nada de se verem assim ultrapassados por indivíduos isentos dos encargos do Estado e que tomavam como privilégio esta tolerância que para com eles se tinha [1]. Continuamente se levantavam rixas, e eram sem fim as reclamações feitas perante os magistrados romanos. Os orientais fazem ordinariamente da religião um pretexto para disputas; os menos religiosos dos homens tornam-se religiosos desde que se trate de vexar o seu vizinho; ainda hoje os funcionários turcos recebem um sem-número de queixas deste género. Desde o ano 60 aproximadamente, era sem tréguas a batalha entre as duas partes da população de Cesareia. Nero cortou as questões pendentes contra os Judeus [2]; mas isto não fez mais do que vir envenenar o ódio entre as duas populações. Insignificantes brincadeiras ou talvez inadvertências da parte dos Sírios tornavam-se crimes, grandes injúrias aos olhos dos Judeus. Os novos ameaçavam-se e batiam-se; os homens graves queixavam-se à autoridade romana, que ordinariamente mandava bastonar as duas partes [3]. Géssio Floro fazia isto com mais humanidade: começava por fazer-se pagar por uns e outros e depois ria-se dos queixosos. Uma sinagoga que tinha uma parede comum com a do prédio vizinho, uma bilha e algumas aves mortas encontradas à porta da sinagoga e que os Judeus

---

[1] Josefo, *B. J.*, II, XVIII, 1, 8; *Vita*, 6.
[2] Comp. Ialkout, I, 110; Midrasch *Eka*, I, 5; IV, 21; Talm. e Bab., *Megilla*, 6 *a*.

[1] Jos., *Ant.*, XX, VIII, 7; *B. J.*, II, XIII, 7.
[2] *Ibid.*, *Ant.*, XX, VIII, 7-9; *B. J.*, II, III, 7.
[3] Jos., *Ant.*, XX, VIII, 7; *B. J.*, II, XIII, 7.

quiseram fazer passar por terem sido os restos dum sacrifício pagão, eram as grandes questões de Cesareia, no momento em que aí chegou Floro, furioso com o insulto que lhe havia feito a gente de Jerusalém.

Foi extraordinária a impressão quando, passados alguns meses, se soube que essa mesma gente conseguira expulsar completamente os Romanos dos seus muros. A guerra estava perfeitamente aberta entre a nação judaica e os Romanos; os Sírios concluíram daí que podiam massacrar impunemente os Judeus. No espaço duma hora houve vinte mil degolados; não ficou um só em Cesareia; Floro mandou prender e conduzir às galés todos os que houvessem escapado pela fuga. Este crime provocou terríveis represálias [1]. Os Judeus formavam-se em bandos e por sua vez tratavam de massacrar os Sírios nas cidades de Filadélfia, Hesebon, Gerase, Péla e Citópolis; devastaram a Decápolis e a Gaulonitida, incendiaram Sebasta e Ascalão, e arruinaram Antédon e Gaza. Queimaram as aldeias, mataram tudo que não era judeu. Os Sírios, pelo seu lado, matavam todos os Judeus que encontravam. A Síria Meridional era um campo de carnificina; cada cidade estava dividida em dois exércitos, fazendo-se uma guerra desesperada; as noites passavam-se no meio do maior terror. Houve coisas atrozes. Em Citópolis os Judeus combateram com os habitantes pagãos contra os Judeus invasores, o que não impediu que fossem também massacrados pelos Citopolitanos.

As matanças de Judeus reapareceram com uma nova violência em Ascalão, Acre, Tiro, Hipos e

[1] *Ibid.*, *B. J.*, II, XVII, 1 e seg.; *Vita*, 6, 65.

Gadara. Os que se não matavam prendiam-se. As cenas cruéis que se passaram em Jerusalém faziam ver em todo o judeu um doido perigoso contra cujos actos de furor era preciso andar-se prevenido.

A epidemia de massacres propagou-se até ao Egipto. Chegara lá ao cúmulo o ódio entre os Judeus e os Gregos. Alexandria era uma cidade metade judaica; os Judeus constituíam uma verdadeira república autónoma [1]. O Egipto tinha havia uns meses por prefeito um judeu, Tibério Alexandre [2], mas judeu apóstata, pouco disposto a ser indulgente para com o fanatismo dos seus compatriotas. A sedição rebentou a propósito duma reunião no anfiteatro. As primeiras injúrias partiram, ao que parece, dos Gregos. Os Judeus responderam-lhes duma maneira atroz. Armando-se com fachos, ameaçaram os Gregos de os queimarem no anfiteatro, um por um. Tibério Alexandre tentou debalde acalmá-los. Foi preciso fazer vir as legiões; os Judeus resistiram; foi horrível a carnificina. O bairro judeu de Alexandria, que se chamava o *Delta*, ficou literalmente juncado de cadáveres; calcula-se em cinquenta mil o número dos mortos.

Estes horrores duraram cerca dum mês. No Norte pararam nas alturas de Tiro; porque para além de Tiro as judiarias não eram tão importantes que pudessem fazer face às populações indígenas. A causa do mal era mais social do que religiosa. Em todas as cidades em que o judaísmo chegava a dominar, tornava-se impossível a vida

[1] Estrabão, citado por Josefo, *Ant. Jud.*, XIV, VII, 2.
[2] *Mem. de l'Acad. des inscr. et belles-lettres*, t. XXVI, 1.ª part., p. 296 e seg.

aos pagãos. Compreende-se que o sucesso obtido pela revolução judaica durante o Verão de 66 tivesse causado um momento de terror a todas as cidades mistas mais próximas da Palestina e da Galileia. Insistimos já várias vezes sobre esse carácter singular do povo judeu que lhe fez ter em si mesmo os dois extremos opostos ou, se assim se pode exprimir, realizar em si mesmo a luta do bem e do mal. Nada iguala em malvadez a malvadez judaica; e contudo o judaísmo fez nascer do seu seio o ideal da bondade, do sacrifício, do amor. Os melhores dos homens foram judeus. Raça estranha, verdadeiramente marcada por Deus, que produziu paralelamente e como duas vergônteas do mesmo tronco a Igreja dos primeiros cristãos e o fanatismo feroz dos revolucionários de Jerusalém, Jesus e João de Giscala, os apóstolos e os zelotas sicários, o Evangelho e o Talmude! Que é pois de admirar que esta misteriosa gestação fosse acompanhada de carnificinas, delírios, e uma febre de loucura como nunca se viu?

Os cristãos tomaram certamente parte em mais dum sítio nos massacres de Setembro de 66. É contudo provável que a doçura destes bons sectários e o seu carácter inofensivo os tivessem frequentemente contido. A maior parte dos cristãos das cidades sírias eram «judaizantes», isto é, indígenas convertidos e não Judeus de raça. Eram olhados com desconfiança; mas não ousavam matá-los; eram considerados como mestiços, estranhos à sua pátria. Durante esses meses terríveis, só pensavam em absorver-se em orações, acreditando ver nos acontecimentos o sinal para a catástrofe final: «Vede a figueira: quando os seus rebentos se tornam tenros e nascem as folhas, vós concluís que o Estio se aproxima; da mesma maneira ao verdes todas estas coisas que vão chegando, sabei que Ele se aproxima, que Ele está já à porta!» [1]

A autoridade romana preparava-se então para entrar pela força na cidade que imprudentemente abandonara. O legado imperial da Síria, Céstio Gálio, marchava de Antioquia para o Sul com um grande exército. Agripa juntou-se-lhe como guia da expedição; as cidades forneceram-lhe tropas auxiliares, nas quais a falta de educação militar era em grande parte suprida por um ódio inveterado contra os Judeus. Céstio venceu sem grande dificuldade a Galileia e a costa; a 24 de Outubro chegava a Gabão [2], a dez quilómetros de Jerusalém.

Com uma audácia surpreendente, os insurrectos foram atacá-lo a esta posição, fazendo-lhe sofrer um revés. Seria inconcebível um tal facto, se se imaginasse o exército hierosolimita como um punhado de devotos, de mendigos fanáticos e de arruaceiros; possuía certamente elementos mais sólidos e verdadeiramente militares: os dois príncipes da família real de Adiabena, Monobaze e Cenedeu; um Silas de Babilónia, lugar-tenente de Agripa II, que se filiara no partido nacional; Niger do Pereu, militar experimentado; Simão, filho de Gioras, que começava então a sua carreira de valentia e heroísmo. Agripa julgou ser ocasião oportuna de parlamentar. Dois dos seus emissários vieram então prometer aos Hierosolimitas um pleno perdão se eles se quisessem submeter. Uma grande parte da população desejava que se aceitasse; mas os exaltados mataram os emissários. Algumas pessoas que se indignaram com este facto foram maltratadas. Esta divisão favoreceu Céstio por um mo-

---

[1] Mat., XXVI, 32-33.
[2] Hoje El-Djib.

mento. Deixou logo Gabão e veio acampar no sítio chamado *Sapha* ou *Scopus*, posto importante no Norte de Jerusalém, a uma hora de distância, e donde se via a cidade e o templo. Permaneceu aí três dias, esperando o resultado de certos entendimentos que ele tinha no lugar. Ao quarto dia (30 de Outubro) alinhou o seu exército e fez a avançada. O partido da resistência abandonou toda a cidade nova, concentrando-se na cidade interior (alta e baixa) e no templo. Céstio entrou sem obstáculos, ocupou a cidade nova, o bairro de Bezeta, o Mercado de madeira, que incendiou, alcançou a cidade alta e dispôs as suas tropas em face do palácio dos Asmodeus.

Josefo pretende que, se Céstio Gálio tivesse querido dar nesta ocasião o assalto, a guerra teria terminado logo. O historiador judeu explica a inacção do general romano por intrigas cujo principal móvel teria sido o dinheiro do Floro. Parece que foram vistos sobre a muralha membros do partido aristocrático, conduzidos por um dos Hanões, que chamavam Céstio e lhe propunham abrir-lhe as portas. Sem dúvida o legado receou algum embuste. Durante cinco dias tentou debalde forçar a muralha. No sexto dia (5 de Novembro) atacou enfim a cerca do templo pelo Norte. O combate sob os pórticos foi terrível; o desânimo apoderou-se dos revoltosos; o partido da paz dispunha-se a acolher Céstio, quando este fez tocar a retirar. Se a narrativa de Josefo é verdadeira, o procedimento de Céstio é realmente inexplicável. Talvez Josefo, por necessidade da sua tese [1], exagere a vantagem que Céstio teria conquistado logo a princípio sobre os Judeus e diminuísse a força real da resistência. O que há de positivo é que Céstio voltou a Scopus e partiu no dia seguinte para Gabão, perseguido pelos Judeus. Dois dias depois (8 de Novembro) levantou o acampamento, sempre perseguido até à encosta de Betorão, abandonou toda a sua bagagem e retirou não sem alguma dificuldade para Antipátria [1].

A incapacidade que Céstio mostrou nesta campanha é verdadeiramente surpreendente. É preciso que o mau governo de Nero tivesse rebaixado todos os serviços do Estado para que tais acontecimentos fossem possíveis. Céstio, afinal, sobreviveu pouco tempo à sua derrota; muitos atribuíram ao desgosto a sua morte [2]. Não se sabe o que foi feito de Floro.

---

[1] Convém ter presente que o sistema de Josefo consiste em sobrecarregar Floro, fazendo cair sobre ele a responsabilidade dos excessos da revolução, apresentando-o como tendo sido quem no princípio dos acontecimentos impediu a repressão e tornou inúteis os esforços do partido da paz.

[1] Jos., *B. J.*, II, XVIII, 9; XIX; *Vita*, 5-7; Tácito, *Hist.*, V, 10; Suetónio, *Vesp.*, 4.

[2] Tácito, *Hist.*, V, 10.

CAPÍTULO XII

VESPASIANO NA GALILEIA. — O TERROR EM JERUSALÉM. — FUGA DOS CRISTÃOS

Enquanto o império romano sofria no Oriente a maior afronta, Nero, passando dum crime a outro crime, duma loucura a outra, entregava-se completamente às suas quimeras de artista pretensioso. Tudo o que pode chamar-se gosto, tacto, polidez, desaparecera com Petrónio de volta dele. Um enorme amor-próprio dava-lhe um desejo ardente e insaciável de conquistar a glória do mundo inteiro [1]; era feroz a sua inveja daqueles que prendiam a atenção do público; triunfar fosse no que fosse tornava-se um crime de Estado; pretende-se que chegou a deter a venda das obras de Lucano [2]. Aspirava à maior das celebridades [3]; pela sua mente passavam os mais grandiosos projectos, a abertura do istmo de Corinto, um canal da Baía

---

[1] «Omnium aemulus qui quoquo modo animum vulgi moverent». Suetónio, *Nero*, 53.
[2] Tácito, *An.*, XV, 49.
[3] *Cupitor incredibilium.* Tácito, *An.*, XV, 42.

até à Óstia, a descoberta das nascentes do *Nilo* [1]. O seu sonho era já de há muito, uma viagem à Grécia, não para ver as obras-primas duma arte incomparável, mas pela grotesca ambição de se apresentar nos concursos das diferentes cidades e tirar o prémio. Estes concursos eram, verdadeiramente, inumeráveis; era uma das formas da liberalidade grega a fundação destes jogos: todo o cidadão com alguma fortuna achava, instituindo-os, como se vê na fundação dos nossos prémios académicos, uma maneira segura de transmitir o seu nome à posteridade [2]. Os nobres exercícios que contribuíram tão poderosamente para a força e a beleza da raça antiga e foram a escola da arte grega, serviam já então, como mais tarde os torneios da Idade Média, para os profissionais, cujo mister consistia em correr os *agones*, e ganhar as coroas. Em vez de bons e belos cidadãos, não se viam no lugar senão criaturas inúteis, ou que disso faziam uma especialidade lucrativa. Estes prémios, que os vencedores patenteavam como decorações, eram uma preocupação constante do César vaidoso; via-se já entrando em Roma em triunfo com o título extremamente raro de *periodonice* ou vencedor no ciclo completo dos jogos solenes [3].

A sua mania de cantor chegara então ao cúmulo da loucura [4]. Uma das razões da morte de Traseia

[1] Os centuriões por ele enviados parece terem subido até aos grandes lagos. Séneca, *Quaest. nat.*, VI, 8.

[2] Veja-se a inscrição de Larisse, *Acad. des inscr.*, sessão de 1 de Julho de 1870. Veja-se também *Rev. arc.*, Julho-Agosto 1872, p. 109 e seg.

[3] Vejam-se os *Relatórios da Acad. das Inscr.*, 1872, p. 114 e seg. Cf. Dion Cassius, XLIII, 8, 20, 21.

[4] Suetónio, *Nero*, 6, 7, 20, 22, 40, 41, 42, 44, 47; Dion Cassius, LXIII, 26, 27; Eusébio, *Cron.*, no ano 64; *Carmina sibyll.*, V, 140-141.

foi não sacrificar à «voz celeste» do imperador [1]. Perante o rei de Partos, seu hóspede, não quis fazer-se valer senão pelo seu talento nas corridas de carros [2]. Representavam-se dramas líricos em que ele tinha o principal papel, e em que os deuses, as deusas, os heróis e as heroínas vinham vestidas e mascaradas reproduzindo a sua imagem e a da mulher que ele amava. Representava assim Édipo, Tieste, Hércules, Alcméon, Orestes, Canaceu; apresentava-se na cena acorrentado (com cadeias de ouro), guiado como um cego, imitando um louco, simulando uma mulher de parto. Um dos seus últimos projectos foi aparecer no teatro, nu, como Hércules, esmagando um leão e matando-o com uma pancada de clava; já estava escolhido e ensinado o leão, quando o imperador morreu [3]. Abandonar o seu lugar na ocasião em que ele estivesse cantando era um tão grande crime, que para o fazerem às escondidas se tomavam as mais ridículas precauções. Nos concursos, depreciava os seus rivais, procurava perturbá-los por tal forma que os desgraçados cantavam falso para escapar ao perigo de lhe serem comparados. Os juízes encorajavam-no, enaltecendo a sua timidez. Se este grotesco espectáculo fazia subir a alguém o rubor à face e a tristeza ao rosto, dizia logo que havia pessoas cuja imparcialidade lhe era suspeita. No mais cumpria o regulamento dos prémios como um aluno, tremia diante dos agonotetas e dos mastigóforos e pagava para que o não fustigassem quando se enganava. Se cometia algum engano que teria como consequência a sua exclusão, empalidecia;

[1] Tácito, *An.*, XVI, 22; Dion Cassius, LXII, 26.

[2] Dion Cassius, LXIII, 6.

[3] Suetónio, *Nero*, 53.

era preciso dizer-lhe baixo que não se reparara em tal no meio do entusiasmo e dos aplausos do povo. Voltavam as estátuas dos laureados anteriores para não excitar nele acessos de desenfreada inveja. Nas corridas, tinha-se o cuidado de o deixar chegar primeiro, mesmo quando ele caía do carro; algumas vezes contudo ele propositadamente se deixava vencer para que se acreditasse que jogava com lealdade [1]. Dissemos já que em Itália se sentira humilhado por dever o seu sucesso a um grupo de *claquers* muito bem organizados e bem pagos, que o seguiam para toda a parte. Os Romanos tornavam-se-lhe já insuportáveis; considerava-os como rústicos e declarava que um artista que se respeita só pode ter em mira os Gregos.

A partida tão desejada realizou-se em Novembro de 66. Nero estava havia alguns dias em Acaia, quando lhe chegou a notícia da derrota de Céstio. Compreendeu que esta guerra demandava um capitão de experiência e de valor; mas queria ao mesmo tempo que fosse alguém que ele não temesse. Tais condições pareciam encontrar-se reunidas em Tito Flávio Vespasiano, verdadeiro militar, de sessenta anos de idade, que fora sempre muito bem sucedido e a quem o nascimento obscuro não podia inspirar grandes aspirações. Vespasiano estava nesse momento no desagrado de Nero, porque não demonstrava claramente admirar a sua bela voz; quando lhe vieram anunciar que lhe fora dado o comando da expedição da Palestina, supôs que se tratava duma sentença de morte. Em breve veio juntar-se-lhe seu filho Tito. Pelo mesmo tempo, Muciano sucedia a Céstio no cargo de legado

[1] Dion Cassius, LXIII, 1, 8 e seg.; Suetónio, *Nero*, 21, 24, 53.

imperial da Síria. Os três homens que, dentro em dois anos, iriam ser os senhores do destino do império, encontravam-se assim juntos no Oriente [1].

A grande vitória que os revoltosos haviam conseguido sobre um exército romano, comandado por um legado imperial, exaltou ao mais alto grau a sua audácia. As pessoas mais inteligentes e instruídas de Jerusalém não se deixaram porém arrastar por estes optimismos; consideravam como evidente que a maior vantagem em definitiva pertenceria aos Romanos; parecia-lhes inevitável a ruína do templo e da nação [2]. Começou então a emigração. Todos os herodianos, todas as pessoas ligadas ao serviço de Agripa se retiraram para junto dos Romanos [3]. Um grande número de fariseus, por outro lado, unicamente preocupados com a observação da lei e do futuro pacífico que sonhavam para Israel, eram de opinião que se deviam submeter aos Romanos, como se haviam submetido aos reis da Pérsia, aos Ptolemeus. Importavam-se pouco com a independência nacional; Rabi Johanan ben Zakaï, o mais célebre fariseu do tempo, vivia fora da política [4]. Muitos doutores retiraram-se, provavelmente então, para Jamnia, e aí fundaram as escolas talmúdicas que em breve tiveram uma grande celebridade [5].

Os massacres recomeçaram e estenderam-se aos pontos da Síria que até então haviam ficado isen-

[1] Jos., *B. J.*, proem., 8; II, XLI, 1; Suetónio, *Vesp.*, 4; Tácito, *Hist.*, V, 10.
[2] *Ibid.*, *Vita*, 4.
[3] *Ibid.*, *B. J.*, II, XX, 1; *Vita*, 6.
[4] Mechilta no *Êxodo*, XX, 22; Talm. de Bab., *Gittin*, 56 *a* e *b*; *Aboth derabbi Nathan*, c. IV; Midrasch rabba em *Koh.*, VII, 11 e *Eka*, I, 5.
[5] Derembourg., *Hist. de la Pal.*, p. 288.

tos dessa epidemia de sangue. Em Damasco foram estrangulados todos os Judeus. A maior parte das mulheres de Damasco professavam a religião judaica, e certamente estavam incluídas neste número algumas cristãs; tomaram-se precauções para que o massacre fosse feito por surpresa e secretamente [1].

O partido da resistência despendia uma prodigiosa actividade. Os próprios indecisos eram arrastados. Reuniu-se no templo um conselho para formar um governo nacional, composto do que havia de melhor na nação. O grupo moderado não abdicara ainda. Ou porque esperasse vir ainda a dirigir o movimento, ou porque tivesse alguma secreta esperança contra todas as sugestões da razão com as quais a gente se ilude tão facilmente nas horas de crise, entregou-se por toda a parte aos acontecimentos. Personagens muito considerados, numerosos membros das famílias saduceias, ou sacerdotais, os primeiros dos fariseus [2], isto é, a alta burguesia, tendo à sua frente o sábio e honesto Simeão ben Gamaliel [3] (o filho do Gamaliel dos *Actos* e bisneto de Hillel), aderiram à revolução. Agiu-se constitucionalmente, reconhecendo a soberania do sinédrio. A cidade e o templo permaneceram em poder das autoridades estabelecidas, Hanão (filho do Hanão que condenou Jesus), o mais antigo dos grandes padres [4], Josué ben Gamala, Simeão ben Gamaliel, Josefo ben Gorião. Josefo ben Gorião e Hanão foram nomeados comissários em Jerusalém. Eleázaro, filho de Simeão, demagogo sem convic-

[1] Jos., *B. J.*, II, xx, 2; *Vita*, 6.
[2] *Ibid.*, *Vita*, 5.
[3] *Idem*, *ibid.*
[4] Josefo, *B. J.*, IV, III, 7.

ção, cuja ambição pessoal se tornara perigosa pelos tesouros de que se havia apoderado, foi posto de parte propositadamente. Ao mesmo tempo foram escolhidos comissários para as províncias; todos eram moderados, à excepção dum só, Eleázaro, filho de Anânio, que foi enviado para Idumeia. Josefo, que depois conquistou um nome tão brilhante como historiador, foi prefeito da Galileia. Nesta selecção havia muitos homens de certa seriedade, que aceitaram a sua missão em grande parte para procurar manter a ordem e com a esperança de dominar os elementos perturbadores que ameaçavam destruir tudo [1].

Era grande o entusiasmo em Jerusalém. A cidade assemelhava-se a um campo, a uma fábrica de armas; de todos os lados se ouviam as exclamações dos mancebos que se exercitavam [2]. Os judeus das partes mais afastadas do Oriente, principalmente do reino dos Partos, acorriam a Jerusalém, persuadidos de que o império romano ia passar à história [3]. Pressentia-se que Nero chegava ao seu fim e estava-se convencido de que o império desapareceria com ele. Este último representante do título de César, ao afundar-se assim na vergonha e no desprezo, parecia dar de tudo isso um sinal evidente. Colocando-se neste ponto de vista, deveria achar-se a insurreição muito menos insensata do que nos parece, a nós que sabemos que o império continha ainda em si a força necessária para muitos renascimentos futuros. Podia-se muito bem acredi-

[1] *Ibid.*, *B. J.*, II, xx, 3 e seg., XXII, 1; *Vita*, 7, observando que Josefo procura dissimular a parte que ele próprio tomou na revolução e se apresenta como mais moderado do que na verdade foi.
[2] *Ibid.*, *B. J.*, II, XXI, 1.
[3] *Ibid.*, *B. J.*, proem., 2; VI, VI, 2; Dion Cassius, LXVI, 4.

tar que a obra de Augusto se deslocava; imaginava-se a cada instante ver os Partos precipitarem-se no território romano [1], e é o que na realidade teria acontecido se por diversas causas a política arsácida não estivesse nesse momento muito atenuada. Uma das mais belas imagens do livro de Henoch é aquela em que o profeta vê dar a espada aos cordeiros, e os cordeiros assim armados perseguirem por sua vez as feras, e as feras fugirem [2]. Assim aconteceu com os Judeus. A sua falta de educação militar não lhes permitia compreender o que havia de enganador nos sucessos obtidos sobre Floro e Céstio. Cunharam moedas imitadas do tipo dos Macabeus, com a efígie do templo ou qualquer emblema judaico, com dísticos, em caracteres de hebreu arcaico. Datadas pelas designações dos anos «da libertação» ou «da liberdade de Sião», estas peças foram a princípio anónimas ou emitidas no nome de *Jerusalém* [3]; mais tarde traziam os nomes dos chefes de partido que exerceram, por indicação de alguma facção, uma autoridade suprema [4]. Talvez mesmo que nos primeiros meses de revolta, Eleázaro, filho de Simão, que estava de posse duma enorme reserva de dinheiro, ousasse cunhar moeda, dando-se o título de «grande padre». [5] Devem em todo o caso ter sido consideráveis estas emissões

---

[1] Apoc., IX, 14-21; XVI, 12-16. Cf. Jos., *B. J.*, VI, VI, 2.
[2] Cap. XC, 19 (Dillmann); LXXXIX, 27-28 (anc. div.).
[3] Madden, p. 164, 173-174, 180.
[4] Eleázaro, filho de Simão, e Simão, filho de Gioras. Não há a certeza de que João de Giscala tivesse cunhado moeda (Madden, p. 182). É erradamente que se atribuem moedas a Hanão e a Simeão ben Gamaliel. Este último foi apenas um doutor muito considerado mas sem atributos de soberania. Derembourg, *Hist. de la Pal.*, p. 270, 271, 286, 423-424.
[5] Madden, p. 156, 161 e seg. Cf. Josefo, *B. J.*, II, XX, 3.

monetárias; é ao que se chamava «o dinheiro de Jerusalém» ou «o dinheiro do perigo [1]».

Hanão ia-se tornando cada vez mais o chefe do partido moderado. Esperava ainda levar a massa do povo até à paz; procurava disfarçadamente fazer retardar a fabricação de armas, paralisar a resistência, dando-se sempre o ar de quem a organizava. É o manejo mais terrível em tempo de revolução; Hanão era verdadeiramente o que os revolucionários chamam um traidor [2]. Tinha aos olhos dos exaltados o defeito de ver claro; aos olhos da história não pode ser absolvido de ter aceitado a mais falsa das posições, a que consiste em fazer a guerra sem nela acreditar, unicamente porque a isso se é arrastado por fanáticos ignorantes. Era extraordinária a agitação nas províncias. As regiões árabes [3] do Oriente e Sul do mar Morto lançavam sobre a Judeia bandos de malfeitores que viviam da pilhagem e dos massacres. Era impossível a ordem em tais circunstâncias; porque para estabelecer a ordem, teria sido preciso expulsar os dois elementos que davam força à revolução, o fanatismo e o espírito de arruaça. Situações terríveis essas em que não pode escolher-se senão entre o estrangeiro e a desordem interna! Na Acrabatena [4], um jovem e bravo partidário, Simão, filho de Gioras, saqueava e torturava os ricos [5]. Na

---

[1] Tosiphtha *Maaser scheni*, I; Talmude de Jerusalém, no mesmo tratado, I, 2; Talm. de Bab., *Baba kama*, 97 *b; Bechoroth*, 50 *a; Aboda zara*, 52 *b*. Cf. Levi, *Gesch der jud. Munzem*, p. 126 e seg.
[2] Jos., *B. J.*, II, XXII, 1.
[3] A língua das inscrições nabaceanas é o siríaco, mas os nomes próprios que nelas se encontram são árabes, *Obéis, Jamer*, etc.
[4] País situado nos confins da Judeia e da Samaria.
[5] Jos., *B. J.*, II, XXII, 2; IV, IX, 3 e seg.

Galileia, Josefo envidava debalde todos os esforços para manter algum direito; um certo João de Giscala, velhaco e audacioso agitador, conjugando uma personalidade implacável com um ardente entusiasmo, conseguiu contrariá-lo em tudo. Josefo ficou reduzido, segundo o eterno uso do Oriente, a fazer uma inscrição dos bandidos e a pagar-lhes um soldo regular como resgate do país [1].

Vespasiano preparava-se para a difícil campanha que lhe havia sido confiada. O seu plano era atacar a insurreição pelo Norte, esmagá-la a princípio na Galileia, depois na Judeia, batê-la de qualquer modo sobre Jerusalém, e quando a tivesse concentrado toda neste ponto, em que a acumulação de tanta gente, a fome e as facções não deixariam de trazer cenas terríveis, esperar, e se isso não bastasse, dar então um grande golpe. Dirigiu-se primeiramente a Antioquia, onde Agripa II se lhe veio juntar com todas as suas forças. Antioquia não tinha ainda tido o seu massacre de Judeus, naturalmente por contar no seu seio uma enorme quantidade de Gregos que tinham abraçado a religião judaica (na maior parte sob a forma cristã), o que amortecia os ódios. Nesse momento, contudo, estalou a tempestade; a louca acusação de ter pretendido incendiar a cidade produziu grandes matanças, seguidas duma rigorosa perseguição, onde com certeza sofreram também muitos discípulos de Jesus, confundidos com os adeptos duma fé que não era a sua senão em parte [2].

A expedição partiu em Março de 67, seguiu a estrada ordinária ao longo do mar, estabeleceu o seu quartel-general em Ptolomaida (Acra). A primeira incursão operou-se sobre a Galileia. A população defendeu-se heroicamente. A pequena cidade de Joudifat ou Jotapata, recentemente fortificada, opôs uma resistência prodigiosa. Nenhum dos seus defensores quis sobreviver; encurralados numa posição sem saída, mataram-se uns aos outros. «Galileu» torna-se desde então sinónimo de fanático sectário, procurando de propósito a morte, com uma espécie de teimosia. Tiberíade, Tariqueia, Gamala não foram tomadas senão após grandes mortandades. Há na história poucos exemplos duma raça inteira assim torturada. As próprias águas do sereno lago em que Jesus sonhara o reino de Deus foram manchadas de sangue. A margem cobriu-se de cadáveres em putrefacção, ficando o ar empestado. Uma grande quantidade de Judeus havia-se refugiado nos barcos; Vespasiano obrigou-os a matarem-se ou a deixarem-se afogar. O resto da população válida foi vendido; seis mil cativos foram enviados a Nero para Acaia para executar os trabalhos mais difíceis da perfuração do istmo de Corinto; os velhos foram estrangulados. Não houve senão um trânsfuga: Josefo, cuja natureza não era muito firme e que demais a mais duvidara sempre do bom êxito da guerra, entregou-se aos Romanos, e conquistou rapidamente as boas graças de Vespasiano e de Tito. Todas as suas habilidades de escritor não conseguiram apagar uma tal conduta de covardia [1].

O meado do ano 67 passou-se nesta guerra de extermínio. A Galileia não se levantará mais; os

[1] *Ibid.*, *B. J.*, II, xx, 5; xxi; *Vita*, 8 e seg.
[2] Jos., *B. J.*, VII, in, 3-4.

[1] *Vita*, 38, 39 (explicação bem pouco admissível das desconfianças que inspira aos homens mais autorizados de Jerusalém). Justo de Tiberíade era muito desfavorável a Josefo. *Vita*, 65.

cristãos que aí se encontravam refugiaram-se naturalmente para lá do lago; daí em diante não figurará mais o país de Jesus na história do cristianismo. Giscala, que foi a última a ser conquistada, caiu em Novembro ou Dezembro. João de Giscala, que a defendera com encarniçamento, escapou-se e conseguiu alcançar a Judeia. Vespasiano e Tito estabeleceram os seus quartéis de Inverno em Cesareia, preparando-se para fazer no ano seguinte o cerco de Jerusalém [1].

A grande fraqueza dos governos provisórios organizados para uma defesa nacional é não poder suportar nenhum revés. Continuamente minados pelos partidos avançados, caem no dia em que não dão à multidão superficial aquilo para que foram proclamados: a vitória. João de Giscala e os fugitivos de Galileia, que todos os dias iam chegando a Jerusalém com o desespero na alma, vinham aumentar ainda a indignação que lavrava no partido revolucionário. A sua respiração era quente e ofegante: «Nós não ficámos vencidos, diziam eles; mas procurámos melhores postos. Para que gastarmo-nos em Giscala e noutras praças mal fortificadas, quando temos a cidade-mãe a defender»? — «Eu vi, dizia João de Giscala, as máquinas dos Romanos voar em estilhas contra os muros das aldeias de Galileia; a menos que tenham asas não passarão além das fortificações de Jerusalém». Toda a parte jovem da população era pela guerra a todo o risco. As tropas de voluntários inclinam-se facilmente à pilhagem; os bandos de fanáticos, religiosos ou políticos, assemelham-se sempre a salteadores. É preciso viver, e os corpos militares, mesmo

[1] Jos., *B. J.*, III-IV, II; *Vita*, 65, 74-75 (ampliando a parte da vaidade de Josefo); Tácito, *Hist.*, V, 10.

os mais sinceros, não podem viver sem vexar a população. É esta a razão porque bandido e herói, em tempo de crise nacional, são quase sinónimos. Um partido da guerra é sempre tirânico; nunca a moderação salvou uma pátria; porque o primeiro princípio da moderação é ceder às circunstâncias, e o heroísmo consiste de ordinário em não ouvir a razão. Josefo, o homem de ordem por excelência, está talvez na verdade quando nos afirma que a resolução de não recuar partira dum pequeno número de energúmenos, arrastando à força para junto de si bons burgueses tranquilos, que não desejariam senão submeter-se. É quase sempre assim; não se obtêm grandes sacrifícios duma nação sem dinastia [1] senão aterrorizando-a. A massa é essencialmente tímida; mas pouco importa a timidez em tempo de revolução. São sempre em pequeno número os exaltados, mas impõem-se cortando as vias à conciliação. A lei de semelhantes situações é que o poder cai necessariamente nas mãos dos mais ardentes e que os políticos se tornam impotentes.

Perante esta intensa efervescência, crescendo dia a dia, a situação do partido moderado não podia sustentar-se. Os bandos de saqueadores, depois de ter assolado os campos, lançavam-se sobre Jerusalém; os que fugiam às armas romanas vinham por sua vez acumular-se na cidade, contribuindo para que se desenvolvesse a fome. Não havia nenhuma autoridade efectiva; reinavam os *zelotes;* todos os que pareciam suspeitos de «moderantismo» eram massacrados sem piedade. Até então a guerra e os seus excessos tinham parado

[1] Uma dinastia mesmo não é senão um terrorismo permanente e regulamentado.

nas imediações do templo. Daí em diante, *zelotes* e salteadores habitam juntos a casa santa; parecem esquecer-se todas as regras da pureza legal; os cordeiros ficam manchados de sangue; caminha-se aí com os pés maculados. Aos olhos dos padres não podia haver crime mais horrível. Para muitos devotos era esta a «abominação» prevista por Daniel, que entraria no lugar santo, na véspera dos dias supremos. Os *zelotes*, como todos os fanáticos militantes, importavam-se pouco com os ritos, subordinando-os à obra santa por excelência — o combate. Não menos grave foi o atentado que cometeram modificando a ordem do pontificado. Sem respeitar o privilégio das famílias de entre as quais era costume tirar os grandes padres, escolheram um ramo pouco considerado da raça sacerdotal e recorreram ao sistema inteiramente democrático da tiragem à sorte [1]. A sorte, naturalmente, deu resultados absurdos; recaiu num rústico, que teve de ser conduzido a Jerusalém e a quem revestiram quase à força as vestes sagradas; o pontificado viu-se assim profanado com cenas de carnaval. Todas as pessoas sérias, os fariseus, os saduceus, os Simão ben Gamaliel e os Josefo ben Gorião, se sentiram feridos no que tinham de mais querido.

Todos estes excessos decidiram enfim o partido saduceu aristocrático a tentar um princípio de reacção. Com muita habilidade e audácia, Hanão pensou em reunir a burguesia honesta e tudo o que havia de sensato, para destruir a monstruosa aliança do fanatismo com a impiedade. Os *zelotes* foram perseguidos de perto e obrigados a encer-

[1] Tosiphtha *Ioma*, I; Sifra, no *Levitico*, XXI, 10; Tanhouma, 48 *a*.

rarem-se no templo, convertido em ambulância de feridos. Tiveram de recorrer a um meio extremo para salvar a revolução, que foi chamar à cidade os Idumeus, isto é, hordas de bandidos, habituados a todas as violências, que viviam nas proximidades de Jerusalém. A entrada dos Idumeus foi assinalada por um massacre. Foram mortos todos os membros da casta sacerdotal que se puderam encontrar. Hanão e Jesus, filho de Gamala, sofreram terríveis insultos; os seus corpos foram privados de sepultura, ultraje inaudito entre os Judeus.

Assim pereceu o filho do principal autor da morte de Jesus. Os Beni-Hanão permaneceram até ao fim fiéis ao seu papel, e, se me é permitido dizer, ao seu dever. Como a maior parte dos que procuram conter as extravagâncias das seitas e do fanatismo, eles não puderam deixar de ser arrastados; mas pereceram nobremente. O último Hanão parece ter sido um homem de grande capacidade [1]; lutou perto de dois anos contra a desorganização geral que então lavrava. Era um verdadeiro aristocrata, severo às vezes, mas grave, com um sentimento real das coisas públicas, muito respeitado, liberal no sentido de que queria o governo da nação pela sua nobreza e não pelas facções violentas. Josefo não duvida de que se ele vencesse não chegaria a negociar entre os Romanos e os Judeus uma composição honrosa, e considera o dia da sua morte como o momento em que a cidade de Jerusalém e a república dos Judeus ficaram definitivamente condenadas. Foi pelo menos o fim do partido saduceu, partido quase sempre altivo, egoísta e cruel, mas que representava acima de tudo a única opinião sensata e capaz de salvar o

[1] Jos., *B. J.*, IV, v, 2.

país [1]. Poder-se-ia dizer, segundo a expressão vulgar, que com a morte de Hanão ficou vingada a morte de Jesus. Tinham sido os Beni-Hanão que em presença de Jesus haviam feito esta reflexão: «A consequência de tudo isto é virem os Romanos, destruírem o templo e a nação» e tinham acrescentado: «Mais vale a morte dum homem que a destruição dum povo [2]». Evitemos contudo uma expressão tão acentuadamente ímpia. Na história, da mesma forma que na natureza, não há vinganças; as revoluções são tão justas como o vulcão que rebenta ou a avalanche que se precipita. O ano de 1793 não puniu Richelieu, Luís XIV nem os fundadores da unidade francesa; mas provou que eles não foram homens de largas vistas, se não sentiram a insignificância do que faziam, a frivolidade do seu maquiavelismo, a inutilidade da sua profunda política, a estulta crueldade das suas razões de Estado. Só o Eclesiástico foi sábio no dia em que exclamou: «tudo o que existe sob o Sol é vão».

Com Hanão (primeiros dias de 68) pereceu o velho sacerdócio judaico, enfeudado às grandes famílias saduceias, que tanta oposição haviam feito ao cristianismo nascente. Foi extraordinária a impressão, quando se viu serem lançados nus fora da cidade, atirados aos cães e aos chacais, esses aristocratas tão altamente respeitados, há pouco ainda revestidos com os seus soberbos hábitos pontificais, presidindo a cerimónias pomposas, cercados da veneração dos numerosos peregrinos que do mundo inteiro acorriam a Jerusalém. Era um mundo que desaparecia. O pontificado democrático inaugurado pelos revoltosos foi efémero. Os cristãos acreditaram a princípio impor dois ou três personagens ornando-lhes a fronte com o *petalon* sacerdotal. Tudo isto não teve porém consequências. O sacerdócio, menos que o templo de que dependia, não estava destinado a ser uma grande coisa no judaísmo. O principal era o entusiasta, o profeta, o *zelote*, o enviado de Deus. O profeta matara a realeza; o entusiasta, o ardente sectário matou o sacerdócio. Uma vez mortos o sacerdócio e a realeza, fica ainda o fanático, que, durante dois anos e meio vai lutar contra a fatalidade. Quando o fanático se extinguir por sua vez, ficará ainda o rabino, o intérprete da *Thora*. O padre e o rei, esses é que não ressuscitarão nunca.

[1] *Ibid.*, *B. J.*, IV, III, V, 2.

[2] Jean, 21, 48-50; XVIII, 41.

Com o templo sucederá o mesmo. Estes *zelotes* que, com grande escândalo dos padres amigos dos Romanos, haviam convertido o lugar santo em fortaleza e hospital, não estavam tão longe como a princípio parece do sentimento de Jesus. Que importam estas pedras? A única coisa que tem valor é o espírito, e aquele que defende o espírito de Israel, a revolução, tem o direito de macular as pedras. Desde o dia em que Isaías dissera: «Que me importam os nossos sacrifícios? eles desagradam-me; é a justiça do coração que eu quero», o culto material tornara-se uma coisa atrasada, que devia desaparecer.

A oposição entre o sacerdócio e a parte da nação, no fundo essencialmente democrática, que não admitia outra nobreza além da piedade e da observância da Lei, torna-se notável desde o tempo de Nehemias, que é já um fariseu. O verdadeiro Aarão, é, no entender das pessoas sensatas, um homem de bem. Os Asmodeus, ao mesmo tempo padres e reis, não inspiram senão aversão aos homens pie-

dosos. O saduceísmo, cada dia mais impopular e mais rancoroso, não se salva senão pela distinção que o povo faz entre a religião e os seus ministros. Nada de reis, nada de reis, tal era no fundo o ideal do fariseu. Incapaz por si só de formar um Estado, o judaísmo deveria chegar ao ponto em que o vemos ao cabo de dezoito séculos, isto é, a viver como parasita no Estado de outros povos. Estava igualmente destinado a tornar-se numa religião sem templo e sem padre. O templo tornava necessário o padre; a sua destruição desembaraçá-lo-ia de padre. Os *zelotes* que, no ano 68, mataram os pontífices e macularam o templo para defender a causa de Deus, não estavam pois muito fora da verdadeira tradição de Israel.

Mas era claro que, livre de todo o lastro conservador, entregue a uma equipagem frenética, a embarcação teria de ser arrastada para um inevitável e triste naufrágio. Depois do massacre dos saduceus, o terror reinava em Jerusalém desenfreadamente. A opressão era tão grande que ninguém ousava abertamente chorar ou enterrar os mortos. A compaixão era considerada um crime. Eleva-se a doze mil o número dos suspeitos de condição elevada que pereceram pela crueldade dos mais enfurecidos. É bem verdade que não devemos confiar muito neste ponto nas apreciações de Josefo. A narrativa deste historiador sobre a dominação dos *zelotes* tem algum tanto de absurda; ímpios e miseráveis não se teriam feito matar como estes fizeram. O mesmo seria que explicar a revolução francesa pela saída da cadeia de alguns milhares de forçados. O banditismo puro nunca realizou nada no mundo. A verdade é que os movimentos populares, sendo obra duma consciência obscura e não da razão, se comprometem pela sua própria

vitória. Segundo a regra de todos os factos deste género, a revolução de Jerusalém não tratava senão de inutilizar-se a si própria. Os melhores patriotas, aqueles que mais haviam contribuído para os sucessos do ano 66, Gorião, Niger o Peraita, foram mortos. Toda a classe rica pereceu [1]. Impressionou imenso sobretudo a morte dum certo Zacarias, filho de Baruch, o mais honesto homem de Jerusalém e muito estimado por todas as pessoas de bem. Foi conduzido perante um júri revolucionário, que o absolveu por unanimidade. Os *zelotes* massacraram-no no meio do templo. Este Zacarias, filho de Baruch, foi talvez um amigo dos cristãos, pois julga-se ver uma alusão a seu respeito nas palavras proféticas que os evangelistas atribuem a Jesus sobre os terrores dos últimos dias [2].

Os acontecimentos extraordinários de que Jerusalém era o teatro impressionavam, com efeito, no mais alto grau os cristãos. Os pacíficos discípulos de Jesus, privados do seu chefe, Tiago, irmão do Senhor, continuaram a levar na cidade santa a sua vida ascética, e a esperar junto do templo a grande aparição. Tinham consigo os restos sobreviventes da família de Jesus, os filhos de Cleopas, rodeados da maior veneração, mesmo pelos Judeus. Tudo o que acontecia devia ser para eles uma evidente confirmação das palavras de Jesus. Que eram estas convulsões, senão o começo do que se chamavam «as dores do Messias», os prelúdios do nascimento messiânico? Estava-se persuadido de que a chegada triunfante do Cristo seria precedida pelo aparecimento dum grande número de falsos profe-

---

[1] Jos., *B. J.*, VI, v, 3; VII, 3.
[2] Mat., XXIII, 34-36. Veja-se também a *Vida de Jesus*.

tas [1]. Aos olhos dos presidentes da comunidade cristã, estes falsos profetas foram os *zelotes* [2]. Aplicavam-se a esse tempo as frases terríveis com que Jesus tantas vezes exprimia os flagelos que deviam anunciar o julgamento. É possível mesmo que tivessem aparecido no seio da Igreja alguns iluminados pretendendo falar em nome de Jesus [3]; os anciãos deviam ter-lhes feito uma viva oposição, assegurando que Jesus anunciara a vinda de tais sedutores, prevenindo que deles se acautelassem. Foi o bastante; a hierarquia, já forte na Igreja, o espírito de docilidade, herdado de Jesus, detiveram todas estas imposturas; o cristianismo aproveitava a grande habilidade com que soubera criar uma autoridade no próprio seio do movimento popular. O episcopado nascente (ou para melhor dizer o presbitério) impedia as grandes observações a que não escapa nunca a consciência das multidões, quando não é dirigida. Sente-se desde então que o Espírito da Igreja nas coisas humanas será uma espécie de bom-senso médio, um instinto conservador e prático, uma desconfiança das quimeras democráticas, contrastando estranhamente com a exaltação dos seus princípios sobrenaturais.

Este bom-senso político dos representantes da Igreja de Jerusalém não deixou de ter os seus efeitos. Os *zelotes* e os cristãos tinham os mesmos inimigos, isto é, os saduceus, os Beni-Hanão. A ardente fé dos *zelotes* não podia deixar de exercer uma grande sedução sobre a alma não menos exaltada dos judaico-cristãos. Esses entusiastas que

---

[1] Mat., XXIV, 4 e seg. Cf. Mat., VII, 15.
[2] *Act.*, V, 36-37; VIII, 9-10; XXI, 38; Jos., *Ant.*, XX, V, 1; VIII, 6; *B. J.*, II, XIII, 5; VII, XI.
[3] Mat., XXIV, 4-5, 11, 23, 26.

arrastavam as multidões do deserto para lhes revelarem o reino de Deus pareciam-se muito com João Baptista e um pouco com Jesus. Parece que alguns fiéis se filiaram no partido e se deixaram arrastar; contudo o espírito pacífico inerente ao cristianismo conseguiu absorvê-los. Os chefes da Igreja combateram essas perigosas tendências por meio de discursos que eles afirmaram ter recebido de Jesus: «Acautelai-vos para que vos não deixeis seduzir; porque muitos virão em meu nome, dizendo: «Eu sou o Messias», e arrastarão um grande número de pessoas... Se alguém vos disser pois: «O Messias está aqui, ou está ali», não acrediteis. Porque ele sobrelevará os falsos messias e os falsos profetas, embora eles façam grandes milagres, a ponto de seduzirem, se isto fosse possível, os próprios eleitos. Recordai-vos que eu vo-lo anunciei previamente. Se pois vos vierem dizer: «Vinde ver, ele está no deserto», não saiais: «Vinde ver, ele está num esconderijo», não acrediteis...

Houve certamente algumas apostasias e mesmo traições de irmãos por irmãos; as divisões políticas trouxeram uma diminuição de caridade; mas a maioria, sentindo duma maneira profunda a crise de Israel, não se deixou arrastar pelo movimento revolucionário, embora ele se colorisse com um pretexto patriótico. O manifesto cristão desta hora solene foi um discurso atribuído a Jesus [1], espécie de Apocalipse, relacionado talvez com algumas palavras pronunciadas pelo mestre, e que explicava a ligação da catástrofe final, daí em diante consi-

---

[1] Este belo trecho, que forma um texto separado, está em Mat., XXIV e em Marcos, XII. Lucas modificou os seus originais, neste ponto, como de costume (XIX, 43-44; XXI 20-36). Com. *Assomption de Moise*, c. 8, 10.

derada como muito próxima, com a situação política que se atravessava. Só mais tarde, depois do cerco, se escreveu o texto inteiro; mas certas palavras que aí são postas na boca de Jesus referem-se ao momento em que estamos. «Quando virdes a abominação da desolação de que falou o profeta Daniel no próprio lugar santo (que o leitor compreenda!) [1] então que aqueles que vivem na Judeia fujam para as montanhas; que aquele que está no telhado não desça a sua casa para buscar seja o que for; que aquele que está nos campos não volte a casa a buscar a sua túnica. Desgraçadas das mulheres que trouxerem um filho no ventre ou que o alimentarem nestes dias! E pedi para que a vossa fuga se não dê no Inverno ou no dia do sábado; porque haverá então uma atribulação como não houve desde o princípio do mundo até ao presente e como nunca mais haverá».

Outros apocalipses do mesmo género apareceram sob o nome de Henoch, oferecendo cruzamentos singulares com a peroração atribuída a Jesus. Num deles, a Sabedoria divina, que aparece como um personagem profético, exproba ao povo os seus crimes, os seus assassínios de profetas, a crueldade do seu coração [2]. Certos fragmentos que pode supor-se terem sido os que se conservaram, parecem aludir à morte de Zacarias, filho de Baruch. Trata-se também dum «cúmulo do escândalo», que fora o mais alto grau de horror a que pode chegar a malvadez humana, e que pode muito bem ser a profanação do templo pelos *zelotes*. To-

[1] Frase habitual nos Apocalipses.

[2] Epístola de Barnabé, c. IV, XVI (segundo o *Codex sinaiticus*); Lucas, XI, 49. Veja-se a *Vida de Jesus*, Introdução.

das estas monstruosidades provavam que a chegada do bem-amado estava próxima e que se não fazia esperar a vingança dos justos. Os fiéis judaico-cristãos principalmente, tinham ainda em demasiado apreço o templo para que um tal sacrilégio os não enchesse de pavor. Não se tinha visto nada semelhante desde Nabucodonosor.

Toda a família de Jesus julgou que era o momento de fugir. A morte de Tiago havia enfraquecido já os laços que ligavam os cristãos de Jerusalém à ortodoxia judaica; o divórcio entre a Igreja e a Sinagoga acentuava-se cada vez mais. A aversão dos Judeus pelos piedosos sectários, que já não era contida pela legalidade romana, devia ter produzido mais dum acto violento [1]. A vida desses santos que tinham por costume morar nos adros e aí realizar as suas devoções tinha sofrido uma grande perturbação, depois que os *zelotes* transformaram o templo numa praça de armas e o tinham manchado com assassinatos. Alguns chegavam a afirmar que o nome que mais se ajustava à cidade assim profanada não era já o de Sião, mas o de Sodoma, e que a situação dos verdadeiros israelitas se assemelhava à dos seus antepassados cativos no Egipto [2].

Parece terem decidido partir nos primeiros meses de 68. Para dar mais autoridade a esta resolução, espalhou-se o boato de que os principais da comunidade tinham recebido a esse respeito uma revelação; segundo alguns essa revelação fizera-se por intervenção dum anjo. É provável que todos acudissem ao apelo dos chefes e que nenhum dos

[1] Eusébio, *Hist. Ecl.*, III, v, 2 (tem pouca autoridade).

[2] Apoc., XI, 8.

irmãos ficasse na cidade, que um instinto muito justo lhes mostrava como votada ao extermínio.

Certos indícios levam a crer que a fuga da gente pacífica não foi isenta de perigos. Parece que os Judeus os perseguiram; [1] os terroristas efectivamente exerciam uma vigilância activa nos caminhos, e matavam como traidores todos os que procuravam escapar-se, salvo se pagassem bem o resgate [2]. Uma circunstância que não nos é indicada senão por uma passagem em sentido figurado favoreceu os fugitivos: «O dragão vomitou junto da mulher (a Igreja de Jerusalém) um rio para a arrastar e afogar; mas a terra auxiliou a mulher, abriu a boca e bebeu o rio que o dragão lançava por trás dela, e o dragão ficou cheio de cólera contra a mulher [3]». Talvez os *zelotes* tentassem lançar os cristãos no Jordão e estes conseguissem passar o rio por um sítio onde a água era baixa; talvez que a patrulha enviada para os alcançar lhes tivesse perdido a pista.

O lugar escolhido pelos chefes da comunidade para servir de asilo principal à Igreja fugitiva foi Péla, uma das cidades da Decápolis, situada junto da margem esquerda do Jordão, num sítio admirável, dominando dum lado toda a planície do Ghor e do outro uns precipícios ao fundo dos quais corre uma torrente [4]. Não se podia fazer melhor escolha. A Judeia, a Idumeia, a Pereia, a Galileia estavam abrangidas pela insurreição; a Samaria e a costa andavam profundamente agitadas com a

---

[1] *Ibid.*, XII, 13, 15.
[2] Jos., *B. J.*, IV, VII, 3.
[3] Apoc., XII, 15-16.
[4] Irby et Mangles, *Travels*, p. 304-305 (Londres, 1823); Robinson, I, c.

guerra; Citópolis e Péla eram as duas cidades neutras mais próximas de Jerusalém. Péla, pela sua situação para lá do Jordão, oferecia mais tranquilidade do que Citópolis [1], convertida numa praça de armas dos Romanos. Péla havia sido uma cidade livre, como todas as praças da Decápolis; mas parece que fora dada a Agripa II. Refugiar-se nela era confessar claramente o horror pela revolta. A importância da cidade datava da conquista macedónica. Uma colónia de veteranos de Alexandre, que aí se estabeleceu, mudou o nome semítico do lugar por outro que aos velhos soldados lhes recordasse a pátria. Péla foi tomada por Alexandre Janeu; os Gregos que a habitavam não se deixaram circuncisar, e sofreram imenso do fanatismo judeu [2]. Sem dúvida a população pagã criara de novo as suas raízes; porque nos massacres de 66, Péla figura como uma cidade dos Sírios e é de novo saqueada pelos Judeus [3]. Foi nesta cidade antijudaica que a Igreja de Jerusalém se acolheu durante os horrores do cerco. Achou-se bem e considerou que este lugar tranquilo era como o deserto que Deus lhe preparara para esperar em repouso, longe das agitações dos homens, o momento da aparição de Jesus. A comunidade viveu das suas economias; acreditava-se que o próprio Deus se encarregava de a alimentar [4], e muitos viram numa tal fortuna tão diferente da dos judeus um milagre que os profetas haviam predito [5]. Certamente os cristãos da Galileia passaram pelo seu lado a Oriente do Jordão e do lago, para a Bata-

---

[1] V. Menke, *Bibelatlas*, n.º 5.
[2] Jos., *Ant.*, XIII, XV, 4.
[3] Jos., *B. J.*, II, XVIII, 1; III, III, 5.
[4] Apoc., XII, 6, 14.
[5] Eusébio, *Demonstr. evang.*, VI, 18.

neia e a Gaulonitida. Deste modo as terras de Agripa II foram um país de adopção para os judaico-cristãos da Palestina. O que deu uma grande importância a esta cristandade refugiada, foi conduzir ela os restos da família de Jesus, cercados do mais profundo respeito e designados em grego pelo nome de *desposyni*, «os próximos do Mestre». Veremos em breve a cristandade transjordânica continuar o ebionismo, isto é, a própria tradição da palavra de Jesus [1]. Dela nasceram os Evangelhos sinópticos.

[1] Epif., haer. XXIX, 7; XXX, 2.

CAPÍTULO XIII

MORTE DE NERO

Logo no princípio da Primavera do ano 68, Vespasiano recomeçou a campanha. Como dissemos já, o seu plano consistia em aniquilar o judaísmo a pouco e pouco, indo de Norte a Oeste para o Sul e Leste, forçar os fugitivos a concentrarem-se em Jerusalém, e então exterminar sem piedade todos os sediciosos. Começou pois por avançar até Emaús, a sete léguas de Jerusalém, junto da grande ladeira que conduz da planície de Lida à cidade santa. Não julgara ainda chegada a ocasião de atacar esta última; assolou a Idumeia, depois a Samaria, e a 3 de Junho estabeleceu o seu quartel-general em Jericó, donde enviou tropas para massacrar os Judeus no Pereu. Jerusalém estava apertada por todos os lados; estava rodeada por um verdadeiro círculo de exterminação. Vespasiano voltou a Cesareia para reunir todas as suas forças. Em Cesareia recebe, porém, uma notícia que o faz deter e cujo efeito foi o ter de prolongar-se dois anos mais a resistência e a revolução de Jerusalém [1].

[1] Jos., *B. J.*, IV, VIII-IX, 2.

Nero morreu no dia 9 de Junho. Durante as grandes lutas da Judeia que acabámos de contar, continuara na Grécia a sua vida de artista; não voltou a Roma senão no fim do ano 67. Nunca se divertira tanto; por sua causa tinham-se feito coincidir todos os jogos num só ano; todas as cidades lhe enviaram prémios dos seus concursos; a cada momento vinham deputações convidá-lo para ir cantar. Essa grande criança, ingénua (ou talvez trocista) como nunca se tinha sido, estava embriagada de alegria: «Os Gregos são os únicos que sabem ouvir, dizia ele; só os Gregos são dignos de mim e dos meus esforços». Acumulou-os de privilégios, proclamou a liberdade da Grécia nos jogos ístmicos, pagou largamente os oráculos que profetizavam ao seu sabor, suprimiu aqueles cujos vaticínios o não satisfaziam, fez, diz-se, estrangular um cantor que não baixava a voz o suficiente para fazer sobressair a dele [1]. Hélio, um dos miseráveis a quem, por ocasião da sua partida, deixara plenos poderes sobre Roma e o senado, instava com ele para que regressasse; começavam já a manifestar-se os mais graves sintomas políticos; Nero respondeu que primeiro de que tudo estava a sua reputação, obrigado como era a procurar recursos para o tempo em que já não tivesse o império. A sua constante preocupação era que efectivamente se a sorte o reduzisse ao estado de simples particular, poderia muito bem ocorrer ao seu sustento com a sua arte [2]; e se se lhe notava que ele se fatigava demasiadamente, dizia que o exercício não era agora para ele senão um divertimento de príncipe, mas que talvez um dia fosse o seu ganha-pão.

[1] Luciano, *Nero, seu de istmo*, 9.
[2] Suetónio, *Nero*, 40; Dion Cassius, LXIII, 27.

O que mais enche a vaidade das pessoas do mundo que se ocupam um pouco de arte ou de literatura é imaginar que, se fossem pobres, viveriam do seu talento. Com tudo isto ele tinha a voz frouxa e baixa, embora observasse para a conservar as ridículas prescrições da medicina de então; o seu *fonasca* nunca o largava e recomendava-lhe a cada instante as mais pueris precauções. Cora-se com pensar que a Grécia foi manchada com semelhante mascarada. Algumas cidades, contudo, portaram-se admiravelmente; o celerado não ousou entrar em Atenas; ninguém o convidou para isso [1].

Chegavam-lhe contudo as notícias mais alarmantes; havia perto dum ano que deixara Roma [2]; deu a ordem de regressar. O regresso devia ser ainda uma continuação da viagem [3]. Em todas as cidades lhe rendiam as honras do triunfo; demoliam-se os muros para o deixarem entrar. Em Roma foi um inaudito carnaval. Nero ocupava o carro em que Augusto triunfara; ao seu lado sentava-se o músico Diodoro; sobre a cabeça tinha a coroa olímpica; à sua direita a coroa pítica; na sua frente, eram conduzidas outras coroas e em letreiros os nomes das suas vitórias, os nomes daqueles que ele vencera, os títulos das peças que representara; seguiam-no os *claqueurs* disciplinados em três géneros de *claque* que ele inventara, e os cavaleiros de Augusto; teve de abater-se o arco do Grande Circo para lhe dar entrada. Não se ouviam

[1] Suetónio, *Nero*, 20-25, 53-55; Dion Cassius, LXIII, 8-18; Eus., *Cron.*, an. 12 de Nero; *Carmina sybillina*, V, 136 e seg.; XII, 90-92; Filostrato, *Appoll.*, IV, 39; V, 7, 8, 22, 23; Temistius, oratio XIX, p. 276 (edic. G. Dindorf); Luciano, *Nero*; Juliano, *Caes.*, p. 310, Spanh.
[2] Tillemont, *Hist. des emp.*, I, p. 320.
[3] Dion Cassius, LXIII, 19-21.

senão os gritos: «Viva o olimpiónico! o pitiónico! Augusto! Augusto! A Nero-Hércules! a Nero-Apolon! Único periodónico! o único que o conseguiu ser! Augusto! Augusto! Ó voz sagrada! feliz do que pôde ouvir-te!» As mil e oitocentas coroas que conquistara foram levadas para o Grande Circo e pregadas no obelisco egípcio que Augusto aí tinha colocado para servir de *meta*.

Levantou-se enfim a consciência da parte mais nobre do género humano. O Oriente, com excepção da Judeia, suportava sem corar esta vergonhosa tirania, chegava mesmo a sentir-se bem na sua situação; mas vivia ainda o sentimento da honra no Ocidente. Constitui uma das glórias da Gália ter sido obra sua a eliminação dum semelhante tirano. Enquanto que os soldados germânicos, cheios de ódio contra os republicanos e escravos do seu princípio de fidelidade, representavam junto de Nero, como com todos os imperadores, o papel de bons suíços e guardas de corpo, partia o grito de revolta dum Aquitano, descendente dos antigos reis do país. O movimento foi verdadeiramente gaulês; sem calcular as consequências, as legiões galicanas lançaram-se com o maior entusiasmo na revolução. O sinal foi dado por Vindex nas proximidades de 15 de Março de 68. Dentro em pouco chegava a notícia a Roma. As paredes encheram-se logo de inscrições injuriosas: «À força de cantar, diziam os maus gracejadores, conseguiu despertar os *galos*». [1] Nero a princípio não fez senão rir-se; chegou mesmo a manifestar o seu agrado pelo pretexto que assim tinha de enriquecer-se saqueando os Galos. Continuou a cantar e a divertir-se até ao momento em que Vindex mandou afixar proclamações em que o tratava como artista desprezível. O histrião escreveu então de Nápoles, onde estava, ao senado pedindo justiça, e pôs-se em marcha para Roma. Afectava contudo não se ocupar senão de certos instrumentos de música, recentemente inventados e em especial duma espécie de órgão hidráulico, a respeito do qual consultou o próprio senado e os cavaleiros.

[1] Suetónio, *Nero*, 45.

A notícia da defecção de Galba (3 de Abril) e a junção da Espanha à Gália, que Nero recebeu ao jantar, fez-lhe o efeito dum raio. Voltou a mesa em que comia, despedaçou a carta, partiu encolerizado dois vasos cinzelados dum grande valor, por onde habitualmente bebia. Nos preparativos ridículos que começou logo, o seu principal cuidado foi para os seus instrumentos, a sua bagagem de teatro [1], as suas mulheres que ele mandou vestir de amazonas, armadas de machados e tendo os cabelos cortados rente. Eram tão extraordinárias as suas alternativas de abatimento e de bobice lúgubre, que não se sabe se podemos tomar tudo isso a sério ou considerá-lo loucura apenas, tanto os actos de Nero oscilam entre a negra malvadez dum doido cruel e a ironia dum tarado. Não tinha uma ideia que não fosse pueril [2]. O pretendido mundo de arte em que vivia tornava-o completamente ingénuo. Às vezes pensava menos em combater de que em ir chorar sem armas ante os seus inimigos, imaginando assim comovê-los; compunha logo o *epinicium* que devia cantar com eles no dia seguinte da reconciliação; outras vezes, queria fazer massacrar todo o senado, incendiar Roma uma segunda vez, e durante o incêndio soltar as feras

[1] *Ibid.*, *Nero*, 44; Dion Cassius, LXIII, 26.
[2] Suetónio, *Nero*, 43, 47; Dion Cassius, LXIII, 27.

do anfiteatro sobre a cidade. Os Gauleses eram sobretudo o objecto da sua cólera; falava de mandar enforcar os que viviam em Roma, como cúmplices dos seus compatriotas e como suspeitos de quererem juntar-se-lhes [1]. Certas ocasiões tinha o pensamento de mudar a sede do seu império [2], retirar-se para a Alexandria; recordava-se que os profetas lhe haviam prometido o império do Oriente e em especial o reino de Jerusalém; imaginava que o seu talento musical o faria viver, e esta possibilidade, que seria a melhor prova do seu mérito, causava-lhe uma secreta alegria. Depois buscava uma compensação pela literatura; fazia notar o que a situação tinha de singular; tudo o que lhe acontecia era inaudito; nunca nenhum príncipe perdera em vida um tão grande império. Mesmo nos dias de maior angústia, não mudava em nada os seus hábitos; falava mais de literatura do que dos Galos, chalaceava, ia ao teatro *incógnito*, escrevia particularmente a um actor com quem simpatizava: «Reter um homem tão ocupado! Que grande mal»! [3]

A pouca harmonia dos exércitos da Gália, a morte de Vindex, a fraqueza da Galba podiam ter talvez adiado a libertação do mundo se o exército de Roma se não tivesse por sua vez pronunciado. Os Pretorianos revoltaram-se e proclamaram Galba na tarde de 8 de Junho. Nero viu que tudo estava perdido. O seu falso espírito não lhe sugeria senão ideias grotescas: vestir-se de hábitos de luto, e ir assim arengar ao povo, empregar todo o seu poder cénico para excitar a compaixão e obter assim o

[1] *Ibid.*, *Nero*, 43.
[2] Aurélio Vítor, *De Caes.*, Nero, 14.
[3] Suetónio, *Nero*, 40, 42.

perdão do passado, ou, à falta de melhor, a prefeitura do Egipto. Escreveu o discurso [1]; houve quem chegasse a observar-lhe que seria despedaçado antes de chegar ao *forum*. Deitou-se: despertando no meio da noite, encontrou-se sem guardas; saqueava-se já o seu quarto. Sai então, bate a diversas portas, ninguém responde. Torna a entrar, quer morrer, reclama Spiculus, brilhante matador, uma das celebridades do anfiteatro. Toda a gente foge dele. Sai de novo, erra só nas ruas, vai para lançar-se ao Tibre mas volta sobre os seus passos. Parece-lhe que lhe fazem um vácuo em volta. Fáon, seu liberto, oferece-lhe então por asilo a sua vila, situada entre a Via Salária e a Via Nomentana, na quarta barreira militar [2]. O desgraçado, ligeiramente vestido, coberto com uma capa velha, montado num cavalo miserável, ocultando o rosto para não ser reconhecido, partiu acompanhado por três ou quatro dos seus libertos, entre os quais estavam Fáon, Esporo, Epafrodite, seu secretário. O dia não rompera ainda; saindo pela porta Colina, ouviu no campo dos Pretorianos, perto do qual passava, as exclamações dos soldados que o amaldiçoavam e proclamavam Galba. Um desvio do seu cavalo, por causa do cheiro dum cadáver lançado sobre o caminho, fê-lo reconhecer. Pôde contudo alcançar a *vila* de Fáon, deslizando de bruços sob as sarças e escondendo-se por detrás das canas.

Nunca o abandonaram o seu espírito cómico

[1] Encontrou-se o rascunho depois da sua morte, Suetónio, *Nero*, 47.
[2] Cerca de légua e meia. A vila de Fáon devia estar situada um pouco para além do Ânio entre a *Porta Nomentana* e a *Porta Salária*, na *Via Patinária*. Platner e Bunsen, *Beschreiburg der Stadt Rom.*, II, 2.ª parte, p. 455. Cf. I, p. 675.

e a sua gíria de garoto. Quiseram metê-lo numa cova de pozolana como há muitas nessas paragens. Aproveitou logo a ocasião para um dito de efeito! «Que destino! disse ele; ir vivo para debaixo da terra»! As suas reflexões eram como um fogo giratório de citações clássicas, entremeadas dos pesados gracejos de parvo. Tinha para cada circunstância uma reminiscência literária, uma fria antítese: «Aquele que outrora se envaidecia com o seu numeroso séquito, não tem agora mais do que três libertos». Por vezes vinha-lhe a recordação das suas vítimas, mas não produzia mais do que figuras de retórica, nunca um acto moral de arrependimento. O comediante sobressaía sempre acima de tudo. A sua situação não era para ele senão um drama a mais, um drama que ele havia já ensaiado. Recordando os papéis em que havia parricídios, príncipes reduzidos ao estado de mendigos, notava que agora representava por sua conta e trauteava este verso que um trágico havia posto na boca de Édipo:

> Minha mulher, minha mãe, meu pai
> Pronunciam a minha sentença de morte [1].

Incapaz dum pensamento sério, desejou que se cavasse o seu fosso à medida do seu corpo, fez conduzir pedaços de mármore, água, madeira, para os seus funerais; tudo isto chorando e dizendo: «Que artista vai morrer»!

O correio de Fáon, entretanto, traz um despacho; Nero arranca-o. Lê que o senado o declarou inimigo público e o condenou a ser punido «segundo o costume antigo». — «Qual é esse costume»?

[1] Dion Cassius, LXIII, 28 (cf. Suet., *Nero*, 46).

pergunta ele. Respondem-lhe que é ligarem a cabeça do padecente completamente despido a um forcado, sendo depois açoitado com vergas até morrer, conduzido em seguida o corpo num arpéu e lançado ao Tibre. Estremece, toma dois punhais que trazia, experimenta-lhes a ponta, torna a embainhá-los, dizendo que «ainda não chegara a hora fatal». Convidou Esporo a começar a sua nénia fúnebre, ensaiou outra vez o suicidar-se mas não pôde. A sua imperícia, essa espécie de talento que ele tinha para fazer vibrar falsamente todas as fibras da alma, esse riso ao mesmo tempo selvagem e infernal, essa ignorância pretensiosa que fazia assemelhar a sua vida inteira aos gritos e guinchos dum sabático grotesco, atingiam o sublime da insipidez. Não podia conseguir suicidar-se. «Não haverá por aí ninguém para me dar o exemplo?» Redobrava de citações, falava em grego, dizia trechos em verso. De repente, ouve-se o ruído dum destacamento de cavalaria que vem para o captar vivo.

> Fere-me os ouvidos o passo dos pesados cavalos [1],

diz ele. Epafrodite lança então a mão ao cabo do punhal e fá-lo enterrar na gorja. O centurião chega quase ao mesmo tempo, quer deter o sangue, procura fazer crer que o vem salvar. «É demasiado tarde»! diz o moribundo, cujos olhos saíam das órbitas e gelavam de horror. «Eis em que consiste a fidelidade!», acrescentou ele expirando [2]. Foi o seu melhor gesto cómico. Nero, deixando cair

[1] *Iliada*, x, 535.

[2] Suetónio, *Nero*, 40-50; Dion Cassius, LXIII, 22-29; Zonaras, XI, 13; Plínio, *Hist. nat.* XXXVII, II, 10.

uma lamentação sobre a malvadez da sua época, sobre o desaparecimento da boa-fé e da virtude!... Aplaudamos. O drama acabou. Uma única vez, natureza de mil aspectos, soubeste encontrar um actor digno dum tal papel.

Todo o seu desejo era que não expusessem a sua cabeça aos insultos e que o queimassem. As suas duas amas e Acte, que o amava ainda, sepultaram-no secretamente numa rica mortalha branca, bordada de ouro, com o luxo que elas sabiam que ele amava. Recolheram as suas cinzas no túmulo dos Domícios, grande mausoléu que dominava a colina dos Jardins (o *Pincio*) e fazia um belo efeito do Campo de Mars. Era aí que através da Idade Média aparecia o seu fantasma como um vampiro; para conjurar as aparições que alvoroçavam o lugar, foi edificada a igreja de *Santa Maria del Popolo.*

Assim pereceu aos trinta e um anos, depois de ter reinado treze anos e oito meses, o soberano, não o mais louco nem o mais malvado, mas o mais vão e mais ridículo que o acaso dos acontecimentos elevou ao primeiro plano da história. Nero é antes de mais nada uma perversão literária. Estava longe de ser inteiramente desprovido de talento, de honestidade esse pobre mancebo, enervado por má literatura, embriagado pelas declamações, que esquecia o seu império junto de Terpno; que, ao receber a notícia da revolta dos Galos, continuou a assistir serenamente ao espectáculo em que se encontrava, testemunhando o seu agrado ao atleta, não pensando durante muitos dias senão na sua lira e na sua voz [1]. O mais culpado em tudo isto foi o povo ávido de prazeres, que exigia acima de

[1] Dion Cassius, LXIII, 26.

tudo que o seu soberano o divertisse e também o falso gosto do tempo, que tinha transtornado as leis da grandeza, e dava um valor demasiado ao renome de homem de letras e de artista. O perigo da educação literária é inspirar um desejo imoderado de glória, sem dar a seriedade moral que fixa o sentido da verdadeira glória. Era forçoso que um natural vaidoso, subtil, ansiando pelo imenso, pelo infinito, mas sem nenhum critério, naufragasse deploravelmente. As suas próprias qualidades, como a sua aversão pela guerra, tornaram-se funestas, não lhe deixando o gosto senão pelas maneiras que não deviam ser as suas. A menos que se não seja um Marco Aurélio, nunca é bom estar demasiadamente acima dos prejuízos da sua casta e do seu estado. Um príncipe é um militar; um grande príncipe pode e deve proteger as letras; não deve ser literato. Augusto, Luís XIV, presidindo a um brilhante desenvolvimento do espírito, são, depois das cidades de génio como Atenas e Florença, o mais belo espectáculo da história; Nero, Quilperico, o rei Luís da Baviera são caricaturas. No caso de Nero, a enormidade do poder imperial e da aspereza dos costumes romanos fizeram com que a caricatura se esboçasse em traços de sangue.

Repete-se muitas vezes, para demonstrar a irremediável imoralidade das multidões, que Nero foi popular em certo modo. O facto é que há a seu respeito duas correntes de opinião opostas [1]. Tudo o que havia de sério e honesto detestava-o; as pessoas da ralé amavam-no, uns ingenuamente e pelo sentimento vago que faz com que o pobre plebeu ame o seu príncipe, se tem aparência bri-

[1] Josefo, *Ant.*, XX, VIII, 3.

lhante [1]; outros porque ele os enervava com as festas. Durante essas festas, viam-no misturado com a multidão, jantando, conversando no teatro no meio da canalha [2]. Não odiava ele demais a mais o senado, a nobreza romana, cujo carácter era tão rude, tão pouco popular? As pessoas que o cercavam eram, pelo menos, amáveis e polidas. Os soldados das guardas conservaram-lhe também sempre afeição. Durante muito tempo se encontrou o seu túmulo ornado de flores frescas, e as suas imagens depostas nos Rostros por mãos desconhecidas [3]. A origem da fortuna de Otão foi ter sido ele o seu confidente, e imitar-lhe as suas maneiras. Vitélio, para se fazer aceitar em Roma, afectou também tomar Nero por modelo e seguir-lhe as suas máximas de governo. Trinta ou quarenta anos depois toda a gente desejava que ele fosse vivo ainda e sonhava a sua volta.

Esta popularidade, de que ele nunca teve ocasião de surpreender-se, é, na realidade, uma consequência singular. Espalhou-se o boato de que o objecto de tantos desgostos não estava realmente morto. Ainda em vida de Nero surgiu a ideia entre a comitiva do imperador, que ele seria destronado em Roma, mas que então principiaria para ele um novo reino, um reino oriental e quase messiânico [4]. Ao povo custa-lhe sempre muito a acreditar que os homens que lhe ocuparam durante muito tempo a imaginação desapareçam definitivamente. A morte

[1] Suetónio, *Nero*, 56.
[2] *Ibid.*, *Nero*, 20, 22; Tácito, *Hist.*, I, 4, 5, 16, 78; II, 95; Dion Cassius, LXIII, 10.
[3] Suetónio, *Nero*, 57.
[4] *Ibid.*, *Nero*, 40. Cf. Tácito, *An.*, XV, 36. O artificial Nero não sonhou senão na Síria e no Egipto. Tácito, *Hist.*, II, 9.

de Nero na vila de Fáon, na presença dum pequeno número de testemunhas [1], não tivera um carácter muito público; tudo quanto dizia respeito à sua sepultura tinha-se passado entre três mulheres que lhe eram devotadas; quase só Ícelo vira o cadáver [2]; não restava nada da sua pessoa que pudesse reconhecer-se. Podia muito bem acreditar-se numa substituição; afirmavam uns que se não havia encontrado o corpo, diziam outros que a chaga que ele fizera no pescoço havia sido pensada e curada [3]. Quase todos sustentavam que por instigações do embaixador parto em Roma, se refugiara entre os Arsácidas, seus aliados, inimigos eternos dos Romanos, ou junto do rei da Arménia, Tiridates, cuja viagem a Roma em 66 havia sido acompanhada de festas magníficas, que impressionaram o povo. Lá, tramava a ruína do império. Ia-se dentro em breve vê-lo voltar à frente dos cavaleiros do Oriente, para torturar os que o atraiçoaram. Os seus partidários viviam nesta esperança; tornaram a levantar-lhe as suas estátuas e faziam mesmo correr éditos com a sua assinatura [4]. Pelo contrário, os cristãos que o consideraram um monstro, ouvindo semelhantes boatos, nos quais acreditavam tanto como a gente do povo, andavam cheios de terror. Estas fantasias duraram muito tempo e como costuma acontecer em semelhantes circunstâncias, houve numerosos Neros falsos. Veremos em breve o efeito desta opinião na Igreja cristã e o lugar que ela tem na literatura profética do tempo.

[1] Quatro, segundo Suetónio, *Nero*, 48-50.
[2] Plutarco, *Vida de Galba*, 7; Suetónio, *Nero*, 49.
[3] Tácito, *Hist.*, II, 8; Sulpicio Severo, *Hist.*, I, II, c. 29; Lactâncio, *De mort. pers.*, c. 2.
[4] Suetónio, *Nero*, 57; Tácito, *Hist.*, II, 8.

O esquisito do espectáculo a que se assistia perturbara quase todas as almas. Tinha-se feito passar a natureza humana para além dos limites do possível; restava apenas o vazio do cérebro que se segue aos acessos de febre; por toda a parte espectros, visões sangrentas. Contava-se que no momento em que Nero saiu da porta Colina para se refugiar na *vila* de Fáon, uma grande claridade lhe batera nos olhos, estremecendo ao mesmo tempo a terra como se acabasse de abrir-se e viessem precipitar-se sobre ele as almas de todos os que ele matara [1]. Pairava como que uma sede de vingança. Não tardaremos a assistir a um dos intermezos do grande drama celeste, em que as almas dos enforcados, reunidas sob o altar de Deus, gritam em voz alta: «Até quando, Senhor, deixarás de pedir o nosso sangue aos que habitam a terra?» [2] E ser-lhes-á dado um vestuário branco, para que eles esperem um pouco mais.

[1] Suetónio, *Nero*, 48; Dion Cassius, LXIII, 28.
[2] Apoc., VI, 9 e seg.

CAPÍTULO XIV

FLAGELOS E PROGNÓSTICOS

A primeira impressão dos Judeus e dos Cristãos ao receberem a notícia da revolta de Vindex foi de grande alegria. Imaginaram que o império ia acabar com a família de César, e que os generais revoltados, cheios de ódio para com Roma [1], não pensavam senão em tornar-se independentes nas suas respectivas províncias. O movimento dos Galos foi acolhido na Judeia como tendo uma significação análoga ao dos próprios Judeus [2]. Era um grande erro. Nenhuma parte do império, salvo a Judeia, desejava que se dissolvesse a grande associação que dava ao mundo a paz e a prosperidade material. Todos estes países das margens do Mediterrâneo, outrora inimigos, estavam encantados de viverem juntos. A própria Gália, embora menos pacífica de que o resto, limitava as suas veleidades revolucionárias a depor os maus imperadores, reclamar a reforma e aspirar por um império liberal.

[1] Apoc., XVII, 16.
[2] Josefo, *B. J.*, proem., 2; VI, VI, 2.

Mas concebe-se perfeitamente que pessoas habituadas às efémeras realezas do Oriente considerassem findo um império cuja dinastia acabava de extinguir-se, e supusessem que as diversas nações subjugadas durante um ou dois séculos iam agora constituir Estados independentes sob o domínio dos generais que tinham o comando. Durante dezoito meses, efectivamente, nenhum dos chefes das legiões revoltadas conseguiu levar vantagem aos seus rivais por uma forma permanente. Nunca o mundo havia sido perturbado duma tal maneira: em Roma ainda mal se havia dissipado o pesadelo de Nero; em Jerusalém, delirava ainda uma nação inteira; os Cristãos estavam ainda sob a impressão do terrível massacre do ano 64; a própria terra estava tomada por convulsões violentas; todo o mundo estava possuído duma vertigem. Parecia que o planeta sofrera um choque tremendo e não podia viver mais. O terrível grau de malvadez a que a sociedade pagã chegara, as extravagâncias de Nero, a sua Casa Dourada, a sua arte insensata, os seus colossos, os seus retratos de mais de cem pés de altura [1] tinham tornado o mundo literalmente louco. Flagelos naturais se produziam por toda a parte [2] e conservavam as almas sob uma grande impressão de terror.

Quando se lê o Apocalipse sem se conhecer a data e sem se ter a chave, parece que um tal livro é a obra da fantasia mais caprichosa e mais original; mas quando se coloca a estranha visão neste interregno de Nero a Vespasiano, em que o império atravessou a sua crise mais grave, a obra concorda

[1] Plínio, XXXIV, VII, 8; XXXV, VII, 33; Dion Cassius, LXVI, 15.
[2] Juvenal, VI, 409-411.

maravilhosamente com o estado dos espíritos [1], pode-se acrescentar até que com o estado do Globo; pois nós veremos já que a história física da Terra na mesma época nos fornece elementos para isso. O mundo estava cheio de milagres; nunca se tinham dado tantos presságios. Parecia que o Deus Pai velava a sua face; larvas impuras, monstros saídos dum lodo misterioso pareciam errar no ar. Todos se julgavam na véspera de alguma coisa extraordinária. A crença nos sinais do tempo e nos prodígios era universal; apenas algumas centenas de homens instruídos lhes compreendiam o nenhum valor [2]. Charlatães, depositários mais ou menos autênticos das antigas quimeras da Babilónia, exploravam a ignorância do povo e pretendiam interpretar os prognósticos [3]. Estes miseráveis tornavam-se grandes personagens; conforme os tempos, assim tinham ou não as simpatias do público [4]; Otão [5] e Vitélio [6], especialmente, dedicaram-se a isso inteiramente. A mais elevada política não desdenhava das suas pueris fantasias.

Um dos ramos mais importantes da adivinhação babilónica era a interpretação dos nascimentos

[1] Veja-se sobretudo Tácito, *Hist.*, I, 3, 18. Cf. *An.*, XV, 47.
[2] Plínio o Antigo, o sábio do tempo, é duma extrema credulidade. Os historiadores mais sérios, Suetónio, Dion Cassius (LXI, 16; LXV, 1, etc.) admitem o valor dos presságios. Tácito (*Hist.*, I, 18, 86) parece ter-lhes conhecido a sua sem-razão. Galba desdenhava deles (*Hist.*, I, 18; cf. contudo Plutarco, *Galba*, 23). Vespasiano também ria deles a cada passo (Suetónio, *Vesp.*, 23).
[3] *Vida de Apolónio* por Filostrato, especialmente V, 13.
[4] Valério Máximo, I, 3.
[5] Suetónio, *Otão*, 4, 6; Tácito, *Hist.*, I, 22.
[6] *Ibid.*, *Vitélio*, 14; Tácito, *Hist.*, II, 62; Dion Cassius, LXV, 1; Zonaras, *An.*, VI, 5.

monstruosos considerados como indício de acontecimentos próximos [1]. Esta ideia tinha invadido mais do que nenhuma outra o mundo romano; os fetos com numerosas cabeças sobretudo eram tidos como presságios evidentes; cada cabeça, segundo um simbolismo que veremos adoptar o autor do Apocalipse, representava um imperador [2]. Acontecia o mesmo com as formas híbridas, ou tidas como tais. Ainda a este respeito as visões monstruosas do Apocalipse são o reflexo dos contos populares que enchiam os espíritos. Um animal meio porco meio gavião foi tido como a verdadeira imagem de Nero [3]. O próprio Nero interessava-se muito com estas monstruosidades [4].

Havia também uma grande preocupação pelos meteoros, e os sinais do céu. Os bólidos causavam a maior impressão. Sabe-se que a frequência dos bólidos é um fenómeno periódico, que volta pouco mais ou menos de trinta em trinta anos. Nesses momentos, há noites em que parece que as estrelas caem do céu. Os cometas, os eclipses, os parélios, as auroras boreais em que se julgava ver coroas, espadas, rastros de sangue; as nuvens quentes, de formas plásticas, em que se desenhavam batalhas, animais fantásticos, eram avidamente notadas e parecia que nunca haviam tido tanta intensidade como nesses trágicos anos. Não se falava senão em chuvas de sangue, efeitos surpreendentes do raio, grandes rios subindo o seu curso, outros cheios de sangue. Mil coisas a que se não ligava atenção no templo normal, recebiam da emoção

[1] *Journal asiatique*, oct.-nov.-dec. 1871, p. 449 e seg.
[2] Filostr., *Appoll.*, V, 13; Tac., *An.*, XV, 47; *Hist.*, I, 86.
[3] Tácito, *An.*, XII, 64.
[4] Felegon. *De rebus mirab.*, c. XX; Plínio, lugares citados.

febril do público uma importância exagerada. O infame charlatão Balbilo explorava a impressão que estes incidentes causavam ao imperador para excitar as suas suspeitas contra o que ele tinha de mais ilustre e arrancar-lhe assim as ordens mais cruéis [1].

Os flagelos do tempo justificavam até certo ponto estas loucuras. O sangue corria de todos os lados. A morte de Nero, que foi uma libertação em muitos sentidos, abriu um período de guerras civis. A luta das legiões da Gália sob Vindex e Virgínio tinha sido terrível; a Galileia era o teatro duma exterminação sem exemplo; a guerra de Corbulo nos Partos tinha sido uma verdadeira carnagem. Pressentia-se pior ainda no futuro; os campos de Bedriaque e de Cremona vão em breve cheirar a sangue. Os suplícios faziam dos anfiteatros outros tantos infernos. A crueldade dos costumes militares e civis tinha banido do mundo toda a piedade. Afastados no fundo dos seus asilos, os cristãos exclamavam estas palavras, atribuídas por certo já então a Jesus [2]: «Quando ouvirdes falar de guerras e de boatos da guerra, não vos perturbeis; é preciso que assim seja; não é ainda o fim. Levantar-se-ão as nações contra as nações, os reinos contra os reinos; haverá grandes tremores de terra, coisas espantosas, fomes, pestes de todos os lados e grandes sinais no céu. São estes os princípios das dores».

A fome juntava-se, efectivamente, aos massacres. No ano 68, a importação da Alexandria foi insuficiente. No começo de Março de 69, foi extraordinariamente desastrosa uma inundação do Tibre.

[1] Suetónio, *Nero*, 36, 56; Tácito, *An.*, XV, 47; Plínio, II; XXV, 23; Dion Cassius, LXI, 18.
[2] Mat. XXIV, 6-8; Marcos, XIII, 7-9; Lucas, XXI, 9-11.

A miséria era extrema [1]. Uma súbita erupção do mar cobriu de luto a Lícia. No ano 65, uma peste horrível afligiu Roma [2]; durante o Outono contaram-se trinta mil mortos. No mesmo ano, o mundo é surpreendido com o terrível incêndio de Leão [3], e a Campânia é assolada por trombas e ciclones, cujos destroços foram até às portas de Roma. Parecia ter-se alterado a ordem da natureza; tempestades horríveis espalhavam o terror por toda a parte.

Mas o que impressionava mais eram os tremores de terra. O Globo atravessava uma convulsão paralela à do mundo moral; parecia que a terra tinha ao mesmo tempo o seu estado febril. É próprio dos movimentos populares misturar tudo o que agita a imaginação das multidões, no momento em que se realizam; um fenómeno natural, um grande crime, uma quantidade de coisas casuais e sem ligação aparente são relacionadas e fundidas na grande rapsódia que a humanidade compõe de século a século. É assim que a história do cristianismo se foi apropriando de tudo o que em diversas épocas impressionou o povo. Nero e a Solfatara têm tanta importância como o raciocínio teológico; é preciso dar também um lugar à geologia e às catástrofes do planeta. De todos os fenómenos naturais, porém, são os tremores de terra que mais obrigam o homem a humilhar-se perante as forças desconhecidas; os países onde são frequentes, Nápoles, a América Central, têm esta superstição em estado permanente; são precisos séculos para que eles se dêem com uma violência especial. Ora nunca

[1] Suetónio, *Nero*, 45; Tácito, *Hist.*, I, 86.
[2] Tác., *An.*, XVI, 13; Suet., *Nero*, 39; Orósio, VII, 7.
[3] Tácito, *An.*, XVI, 13; Séneca, *Epist.*, XCI.

eles foram tão comuns como no primeiro século. Não há memória dum tempo em que o velho continente fosse tão fortemente agitado.

O Vesúvio preparava-se para a sua terrível erupção de 79. A 5 de Fevereiro de 63, Pompeia foi quase sepultada por um terramoto; uma grande parte dos habitantes não quis tornar a entrar na cidade [1]. O centro vulcânico da bacia de Nápoles, no tempo de que se trata, era em Pouzoles e Cumes. O Vesúvio estava ainda silencioso; mas essa quantidade de pequenas crateras que constitui a região a Oeste de Nápoles e que se chamava os Campos Flegreanos, oferecia por toda a parte sinal de fogo. O Averno, o *Acherusia palus* (lago Fusaro), o lago Agnano, a Solfatara, os pequenos vulcões extintos de Astroni, Camaldoli, Íscia, Nisida, não dão hoje uma grande impressão; o viajante tem deles uma impressão mais agradável do que terrível. Tal não era porém o sentimento da antiguidade. Estas estufas, estas grutas profundas, estas fontes termais, os ruídos da erupção, os miasmas, os sons cavernosos, estas bocas hiantes (*bocche d'inferno*) vomitando enxofre e vapores de fogo, inspiraram Virgílio; foram igualmente um dos factores essenciais da literatura apocalíptica. O judeu que desembarcava em Pouzoles, para ir traficar ou intrigar em Roma, via esta terra fumegante por todos os poros, sem cessar trepidante, que lhe diziam estar povoada nas suas entranhas de gigantes e de suplícios; a Solfatara, sobretudo, parecia-lhe o poço do abismo, o respiradouro mal fechado do Inferno. O jacto contínuo de vapor sulfuroso que sai da sua abertura não era aos seus olhos a prova manifesta da existência dum lago subterrâneo des-

[1] Tácito, *An.*, XV, 22; Séneca, *Quaest. nat.*, VI, 1.

tinado evidentemente, como o lago da Pentapole, à punição dos pecados? [1] — O espectáculo moral do país não o impressionava menos. Baía era uma cidade de águas e de banhos, o centro do luxo e dos prazeres, o lugar das casas de campo à moda, o retiro favorito da sociedade fútil [2]. Cícero andou desacertadamente, segundo as pessoas graves, em ter a sua *vila* no meio deste *reino* de costumes brilhantes e dissolutos. Propércio não queria que a sua amante aí vivesse; Petrónio toma Baía como teatro das bacanais de Trimalcião. Baía, Baules, Cumes, Misena, assistiram a todas as loucuras, a todos os crimes. A bacia de ondas azuis compreendida no contorno desta baía deliciosa foi a sangrenta naumaquia em que se sepultaram os milhares de vítimas das festas de Calígula e de Cláudio. Que reflexão podia nascer no espírito do judeu piedoso, do cristão que chamava com fervor a conflagração universal do mundo, à vista deste espectáculo sem nome, destas loucas construções no meio das ondas, destes banhos, objecto de horror para os puritanos? Uma só. «Que cegos que eles são! deviam eles dizer, o seu futuro está sob os seus pés; eles dançam sobre o Inferno que os há-de absorver».

Em nenhuma parte uma tal impressão, aplique-se ela a Pouzoles ou a outros lugares do mesmo carácter, é tão sugestiva como no livro de Henoch. Segundo um dos autores deste estranho apocalipse, a residência dos anjos caídos é um vale subterrâneo, situado a Oeste, perto da «montanha dos metais». Esta montanha está cheia de fogo; exala-se dela um grande cheiro a enxofre; saem

[1] Apoc., xiv, 10; xix, 20; xx, 9; xxi, 8.
[2] Cícero, *Caelio*, 20.

dela correntes ferventes e sulfurosas (águas termais) que servem para curar as doenças e junto das quais os reis e os grandes da terra se entregam a toda a sorte de voluptuosidades. Insensatos! vêem todos os dias o seu próprio castigo que se prepara e apesar disso não rezam a Deus. Este vale de fogo é talvez a Geena ao Oriente de Jerusalém, ligada à depressão do mar Morto pelo *Ouadi en-nâr* (o vale do fogo); sendo assim, as fontes termais são as de Calírroe, lugar de divertimento dos Herodes [1], e da região inteiramente demoníaca de Maquero, que lhe é vizinha [2]. Mas graças à elasticidade da topografia apocalíptica, os banhos podem também ser os de Baía e de Cumes; no vale de fogo pode reconhecer-se a Solfatara de Pouzoles ou os Campos Flegreanos; na montanha dos metais o Vesúvio, tal como era antes da erupção de 79. Veremos dentro em pouco estes estranhos lugares inspirarem o autor do Apocalipse, e o poço do abismo revelar-se-lhes, dez anos antes que a natureza, por uma coincidência singular, tivesse aberto a cratera do Vesúvio. Para o povo, não há nenhuma coincidência fortuita. O facto de o sítio mais trágico do mundo, que foi o teatro da orgia dos reinos de Calígula, de Cláudio e Nero, ser ao mesmo tempo o país por excelência dos fenómenos que quase todo o mundo então considerava como infernais, não podia deixar de ter uma certa consequência.

Não era decerto só a Itália, era toda a região oriental do Mediterrâneo que estremecia. Durante dois séculos a Ásia Menor esteve numa perpétua trepidação; tinha-se sido obrigado a inventar na

[1] Jos., *Ant.*, XVII, vi, 5; *B. J.*, I, xxxiii, 5; II, xxi, 6.
[2] *Ibid.*, *B. J.*, VII, vi, 3.

construção das casas um sistema de auxílio mútuo. No ano 17 deu-se a destruição de catorze cidades da região do Tmolos, e do Messogis; foi a mais terrível catástrofe desse género de que se ouviu falar. Nos anos 23, 33, 37, 46, 51, 53, houve perturbações parciais na Grécia, Ásia, Itália. Tera estava num período de actividade; Antioquia vivia em contínuos estremecimentos. A partir do ano 59, enfim, não há quase nenhum ano que não seja assinalado por algum desastre. O vale do Lico, especialmente com as suas cidades cristãs de Laodiceia, de Colosses, foi sepultado no ano 60. Quando se considera que era esse precisamente o centro das ideias milenárias, o coração das sete igrejas, o berço do Apocalipse, chegamo-nos a persuadir que uma estreita relação existiu entre a revelação de Patmo e as perturbações do Globo; se bem que é este um dos raros exemplos que se pode citar duma correspondência entre a história material do planeta e a história do desenvolvimento do espírito. A impressão das catástrofes do vale do Lico encontra-se igualmente nos poemas sibilinos. Os terramotos da Ásia espalhavam por toda a parte o terror; falava-se deles no mundo inteiro [1]; e era muito pequeno o número daqueles que não viam nestes acidentes os sinais duma divindade irritada.

Tudo isto constituía uma como que atmosfera sombria, em que na imaginação dos cristãos se produzia uma grande excitação. À vista deste esfacelamento do mundo físico e do mundo moral, como poderiam os fiéis deixar de exclamar com uma convicção maior do que nunca: *Maran atha! Maran atha!* «Nosso Senhor vem! Nosso Senhor vem!» A terra parecia-lhes que se despedaçava e

[1] Juvenal, VI, 411.

supunham ver já os reis, os poderosos e os ricos fugirem exclamando: «Montanhas, caí sobre nós; colinas, escondei-nos». Um constante hábito de espírito dos antigos profetas era aproveitar a ocasião de qualquer flagelo natural para anunciar a próxima aparição do «dia de Jeová». Uma passagem de Joel, que se aplicava aos tempos messiânicos, dava como prognósticos certos desse grande dia sinais no Céu e na Terra, profetas erguendo-se de toda a parte, rios de sangue, fogo, palmeiras de fumo, o Sol obscurecido, a Lua sangrenta. Acreditava-se igualmente que Jesus anunciara os terramotos, as fomes e as pestes como o início das grandes dores, depois como indícios precursores da sua vinda, eclipses, a Lua obscurecida, os astros caindo do firmamento, todo o Céu turvo, o mar enfurecido, as populações fugindo espavoridas, sem saber de que lado estava a morte ou a salvação. O terror torna-se assim um elemento do Apocalipse; associa-se-lhe a ideia de perseguição; admitiu-se que o mal, prestes a acabar, redobrava de fúria e exterminava os santos.

CAPÍTULO XV

OS APÓSTOLOS NA ÁSIA

A província da Ásia era a mais agitada por estes terrores. A Igreja de Colosses recebera um golpe mortal com a catástrofe do ano 60. Hierápolis, embora edificada no meio das dejecções mais estranhas de natureza vulcânica, não sofreu ao que parece. Foi talvez lá onde se refugiaram os fiéis de Colosses. Tudo nos mostra, desde esta época, Hierápolis como uma cidade à parte. Era pública a profissão do judaísmo. Inscrições ainda existentes entre as ruínas maravilhosamente conservadas desta cidade extraordinária, mencionam as distribuições anuais que se devem fazer às corporações de operários, por ocasião da «festa dos ázimos» e da «festa de Pentecostes». Em nenhuma outra parte as boas obras, as instituições caritativas [1], as associações de socorros mútuos entre pessoas que exerciam a mesma profissão, tiveram tão grande importância. Uma espécie de orfelinatos, creches ou asilos

---

[1] Wagener, *Revue de l'instr. publ. en Belg.*, mai. 1868, p. 1 e seg.

para as crianças, atestam cuidados de filantropia extraordinariamente desenvolvidos. Filadélfia oferecia um espectáculo idêntico; as corporações de estados tinham-se tornado a base das divisões políticas. Uma democracia pacífica de operários, associados entre si, não se ocupando de política, era a forma social de quase todas essas ricas cidades da Ásia e da Frígia. Longe de ser interdita ao escravo, a virtude era considerada como apanágio da gente que sofre. No tempo em que nos encontrámos, nascia, em Hierápolis mesmo, uma criança tão pobre que foi vendida ainda no berço e que se não conheceu nunca senão pelo nome de «escravo comprado», *Epictetos*, nome que se tomou do próprio símbolo da virtude. Um dia sairá das suas lições esse livro admirável, manual das almas fortes a quem repugna o sobrenatural do Evangelho e que acreditam que se falseia o dever criando-lhe um outro encanto além da sua austeridade.

Aos olhos do cristianismo, Hierápolis terá uma honra que ultrapassa a de ter visto nascer Epicteto. Ela deu hospitalidade a um dos raros sobreviventes da primeira geração cristã, a um dos que tinham conhecido Jesus, ao apóstolo Filipe. Pode supor-se que Filipe chegou à Ásia depois das crises que tornaram Jerusalém inabitável para as pessoas pacíficas, e deram origem às perseguições dos cristãos. A Ásia era a província em que os Judeus estavam mais tranquilos; eram aí numerosos. As relações entre Roma e Hierápolis eram fáceis e regulares. Filipe era um personagem sacerdotal e de antiga escola, muito semelhante a Tiago. Atribuíam-se-lhe milagres, mesmo ressurreições de mortos. Tinha tido quatro filhas, que todas se tornaram profetisas. Parece que uma delas tinha já morrido antes de Filipe partir para a Ásia. Das

outras três, duas envelheceram virgens; a quarta casou-se ainda em vida de seu pai, profetizou como as suas irmãs e morreu em Éfeso. Estas mulheres estranhas tornaram-se muito célebres na Ásia. Papias, que foi no ano 130 bispo de Hierápolis, conheceu-as; mas já não viu o apóstolo. Recebeu, destas velhas filhas exaltadas, longas descrições maravilhosas a respeito dos milagres de seu pai e outros factos extraordinários. Elas sabiam também muitas coisas sobre outros apóstolos ou personagens apostólicas, especialmente sobre José Barsabas, que, segundo elas, bebera veneno mortal sem experimentar nenhum efeito [1].

Assim, ao lado de João, constituiu-se na Ásia um segundo centro de autoridade e de tradições apostólicas. João e Filipe elevaram o país que haviam escolhido para residência quase ao nível da Judeia. «Esses dois grandes astros da Ásia», como os chamavam [2], foram durante alguns anos o farol da Igreja privada de todos os outros seus pastores. Filipe morreu em Hierápolis e aí foi enterrado. As suas filhas virgens chegaram a uma idade muito avançada e foram depositadas junto dele; a que se casou foi enterrada em Éfeso; ainda se viam, diz-se, todas estas sepulturas no século II. Hierápolis teve assim os seus túmulos apostólicos, rivais dos de Éfeso. Parecia que a província se ensoberbecera com estes corpos santos, que se imaginava ver saírem da terra no dia em que o Senhor viesse, cheio de glória e majestade, ressuscitar os seus eleitos [3].

A crise da Judeia, dispersando em 68 os após-

[1] Papias, em Eusébio, *H. E.*, III, 39.
[2] Policrates, em Eusébio, *H. E.*, III, 31.
[3] Policrates, *l. c.*

tolos e os homens apostólicos, levou ainda a Éfeso e ao vale do Meandro outros personagens importantes da Igreja nascente. Um grande número de discípulos que tinham visto os apóstolos em Jerusalém, encontraram-se na Ásia, e parece terem levado essa vida vagabunda de cidade em cidade que estava tanto nos hábitos dos Judeus. Talvez que os misteriosos personagens chamados *Presbyteros Johannes* e Aristião fossem do número dos emigrados. Esses auditores dos Doze espalharam na Ásia a tradição da Igreja de Jerusalém, e acabaram de dar a preponderância ao judaico-cristianismo. Eram interrogados avidamente sobre o que diziam os apóstolos e sobre as palavras autênticas de Jesus. Mais tarde aqueles que os tinham visto estavam tão ufanos de terem podido beber nesta fonte pura que desprezavam os pequenos escritos que tinham a pretensão de referir os discursos de Jesus.

Havia alguma coisa de particular no estado de alma em que viviam estas Igrejas, perdidas no fundo duma província cujo clima tranquilo e profundo céu parece conduzir ao misticismo. Em nenhuma parte as ideias messiânicas preocupavam tanto os espíritos. Entregava-se toda a gente a cálculos extravagantes. Propagavam-se as mais estranhas parábolas, provenientes da tradição do Filipe e João. O Evangelho que se formara nestes sítios tinha alguma coisa de mítico e de singular. Imaginava-se em geral que depois da ressurreição dos corpos, a qual estava próxima, haveria um reino corpóreo do Cristo sobre o mundo, que duraria mil anos. Descreviam-se as delícias desse paraíso duma maneira material; media-se a grandeza dos cachos da uva e a força das espigas sob o reinado do Messias. O idealismo que dava às mais

simples palavras de Jesus um ar velado cheio de encanto tinha-se perdido para a maior parte.

Em Éfeso, a importância de João todos os dias aumentava. A sua supremacia chegou a ser reconhecida em toda a província, salvo talvez em Hierápolis, onde habitava Filipe. As Igrejas de Esmirna, Pérgamo, Tiatires, Sardes, Filadélfia, Laodiceia adoptaram-no por chefe, atendendo respeitosamente as suas advertências, os seus conselhos, as suas repreensões. O apóstolo, ou aqueles que se permitiam o direito de falar por ele, tomavam em geral o tom severo. Uma grande rudeza, uma intolerância extrema, uma linguagem dura e grosseira contra os que pensavam de maneira diferente dele, parecem constituir em parte o carácter de João. É, diz-se, por causa dele que Jesus promulgou este princípio: «Quem não é contra nós é por nós». A série de anedotas que se contaram mais tarde a fim de fazer ressaltar a sua doçura e indulgência parecem ter sido inventadas conforme o tipo que resulta das epístolas joânicas, epístolas cuja autenticidade é muito mais que duvidosa. Um carácter inteiramente oposto e que revele mais violência está mais de acordo com as narrativas evangélicas [1], com o Apocalipse, e prova que o arrebatamento de que lhe viera o nome de «filho do trovão» com a idade não fizera senão exasperar-se. Pode ser afinal que estas qualidades e estes defeitos opostos não sejam tão necessariamente exclusivos como se julgaria. O fanatismo religioso produz frequentemente no mesmo indivíduo os extremos da dureza e da bondade; certo inquisidor da Idade Média que fazia queimar milhares de desgraçados por insignificantes subtilezas, era ao mesmo tempo

[1] Marcos, III, 17; IX, 37-38; Lucas, IX, 49, 54.

o mais suave e em certo modo o mais humilde dos homens.

É sobretudo contra os pequenos conventículos dos discípulos daquele que se chamava o novo Balaão que a animosidade de João e dos seus parece ter sido profunda. É tanta a injustiça inerente a todos os partidos, era tal a paixão que absorvia essas fortes naturezas judaicas, que provavelmente a desaparição do «Destruidor da Lei» foi saudada com exclamações de júbilo pelos adversários. Para muitos a morte desse perturbador, foi um verdadeiro alívio. Vimos já que Paulo se sentia em Éfeso cercado de inimigos [1]; os últimos discursos que se lhe atribuem na Ásia são cheios de tristes pressentimentos [2]. No começo do ano 69, vamos ainda encontrar ardente o ódio contra ele. Depois a controvérsia apagar-se-á; o silêncio far-se-á sobre a sua memória. No momento em que estamos, ninguém parece havê-lo sustentado e é isso justamente o que mais tarde o salvou. A reserva, ou melhor, a fraqueza desses partidários trouxe uma reconciliação; os pensamentos mais arrojados acabam por ser aceitos, desde que sofram muito tempo sem resposta as objecções dos conservadores.

A indignação contra o império romano, a alegria dos desgraçados que lhes chegavam, a esperança de o ver em breve desmembrar-se eram o pensamento mais íntimo de todos os crentes. Simpatizava-se com a insurreição judaica, e estava-se persuadido de que os Romanos não iriam até ao fim. Estava longe o tempo em que Paulo e talvez Pedro pregavam a obediência à autoridade romana,

[1] Veja-se *S. Paulo*.
[2] *Act.*, xx, 29-30.

atribuindo mesmo a esta autoridade uma espécie de carácter divino. Os princípios dos Judeus exaltados sobre a recusa do imposto, sobre a origem diabólica de todo o poder profano, sobre a idolatria misturada nos actos da vida civil segundo as formas Romanas arrebatavam-nos. Era a consequência natural da perseguição; os princípios moderados não podiam já ter aplicação. Sem ser tão violenta como foi no ano 64, a perseguição continuava surdamente [1]. A Ásia era a província em que a queda de Nero havia feito maior impressão. A opinião geral era que o monstro, salvo por uma potência satânica, se conservava escondido em qualquer parte e ia reaparecer. Concebe-se o efeito que tais boatos produziam entre os cristãos. Muitos dos fiéis de Éfeso, a começar pelo seu chefe, tinham escapado da grande matança de 64. O que a horrível fera, cheia de luxúria, de fatuidade, de vanglória, ia voltar! Isto é claro, pensavam por certo os que duvidavam ainda que Nero fosse o Anticristo. É este o mistério da iniquidade, este antípoda de Jesus, que deve aparecer para assassinar, martirizar o mundo, antes da aparição luminosa [2]. Nero é o Satã encarnado que acabará de matar os santos. Estava a chegar o momento solene. Os cristãos adoptavam de tanto melhor vontade esta ideia, quando a morte de Nero teria sido mesquinha de mais para um Antíoco; os perseguidores desta espécie costumam perecer com mais ruído. Daí se concluía que ao inimigo de Deus estava reservada uma morte mais grandiosa, que lhe seria infligida à vista do mundo inteiro e dos anjos, reunidos pelo Messias.

[1] Apoc., XII, 17; XVII, 14.
[2] Veja-se *S. Paulo*.

Esta ideia, mãe do Apocalipse, tomava cada dia formas mais concretas; a consciência cristã chegara ao cúmulo da exaltação, quando um facto que se passou nas ilhas vizinhas da Ásia veio dar corpo ao que até ali não fora mais do que imaginação. Um falso Nero acabava de aparecer e inspirava nas províncias da Ásia e da Acaia um vivo sentimento de curiosidade, de esperança ou de angústia. Era, ao que parece, um escravo do Ponto; segundo outros um Italiano, de condição servil. Parecia-se muito com o falecido imperador; tinha os seus grandes olhos, a sua forte cabeleira, o seu ar rude, a sua cabeça feroz e teatral; sabia como ele tocar a cítara e cantar. O impostor formou em volta dele um primeiro núcleo composto de desertores e de vagabundos, ousou tomar o mar para ganhar a Síria e o Egipto, e foi lançado pela tempestade na ilha de Cítnos, uma das Cíclades. Fez desta ilha o centro duma propaganda muito activa, engrossou o seu bando aliciando alguns soldados que voltavam do Oriente, fez execuções sangrentas, saqueou os mercadores, armou escravos. Foi grande a emoção, sobretudo entre o povo preparado pela credulidade para aceitar os boatos mais absurdos. Desde o mês de Dezembro de 68, a Ásia e a Grécia não falaram doutra coisa. A expectativa e o terror cresciam de dia a dia; esse nome, cuja celebridade enchera o mundo, fazia voltar de novo as cabeças, e fazia acreditar que o que se tinha visto não era nada comparado com o que se ia ver.

Outros factos que se passaram na Ásia ou no Arquipélago, e que não podemos precisar por falta de indicações suficientes, aumentaram ainda a agitação. Um ardente neroniano, que ligava à sua paixão política prestígios de bruxo, declarou-se inteiramente ou pelo impostor de Cítnos, ou por Nero que se supunha refugiado nos Partos. Forçava aparentemente as pessoas pacíficas a reconhecer Nero; restabelecia as suas estátuas, obrigava-os a honrá-las; é-se mesmo por momentos tentado a acreditar que uma moeda foi emitida no tipo de *Nero redux*. O que há de certo é os cristãos terem imaginado que os queriam fazer adorar a estátua de Nero; a moeda, téssera ou estampilha em nome da «Besta», «sem a qual se não podia nem vender, nem comprar», causava-lhes insuperáveis escrúpulos. O ouro marcado com o sinal do grande chefe da idolatria queimava-lhes a mão. Parece que, para se não prestarem a semelhantes actos de apostasia, alguns fiéis de Éfeso se exilaram; pode mesmo supor-se que João fosse desse número [1]. Este incidente, obscuro para nós, representa um papel importante no Apocalipse, e foi mesmo talvez a sua primeira origem: «Atenção!, diz o Vidente, termina aqui a paciência dos santos, que conservam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus» [2].

Os acontecimentos de Roma e da Itália davam razão a esta expectativa febril. Galba não conseguira firmar o seu domínio. Até Nero, o título de legitimidade dinástica criado por Júlio César e por Augusto abafava o pensamento duma disputa do império entre os generais; mas desde que este título se suplantava, todo o chefe militar podia aspirar à herança de César. Vindex tinha morrido; Virgínio tinha-se retirado lealmente; Ninfídio Sabino, Macer, Fonteio Capitão tinham expiado pela morte as suas ideias de revolta; nada se fizera contudo. No dia 2 de Janeiro de 69, as legiões da

[1] Apoc., I, 9 e XX, 4.
[2] *Ibid.*, XIV, 12.

Germânia proclamam Vitélio; no dia 10, Galba adopta Pisão; no dia 15, Otão é proclamado em Roma; durante algumas horas houve três imperadores; à tarde, Galba estava morto. A fé no império estava profundamente abalada; não se acreditava que Otão chegasse a reinar só; não se dissimulavam já as esperanças dos partidários do falso Nero de Cítnos e daqueles que todos os dias esperavam ver o imperador voltar de ao de lá do Eufrates. Foi então (fim de Janeiro do ano 69) que se espalhou entre os cristãos da Ásia um manifesto simbólico, apresentando-se como uma revelação do próprio Jesus. Sabia o autor a morte de Galba ou apenas a previa? [1] É tanto mais difícil afirmá-lo quanto um dos traços dos Apocalipses é o escritor explorar por vezes, em proveito da sua pretendida clarividência, uma notícia recente, que acredita só conhecida dele. Assim o publicista que compôs o livro de Daniel parece ter tido algum rumor da morte de Antíoco. O nosso Vidente parece da mesma maneira possuir indicações especiais sobre o estado político do seu tempo. É duvidoso que conhecesse Otão; ele crê que a restauração de Nero seguirá imediatamente a queda de Galba. Este último representa-se-lhe como já condenado. Está-se pois na véspera da volta da Besta. A imaginação ardente do autor abre-lhe então um conjunto de vistas sobre «o que deve acontecer dentro em pouco» e assim se desenrolam os capítulos sucessivos dum livro profético, cujo fim é esclarecer a consciência dos fiéis na crise que se atravessa, revelar-lhes a significação duma situação política que perturbava os mais firmes espíritos, e sobretudo assegurá-los sobre a sorte dos seus irmãos já

[1] Apoc., XVII, 10.

mortos. É preciso recordar que os crédulos sectários cujos sentimentos procurámos apreender estavam a mil léguas das ideias da imortalidade da alma, que saíram da filosofia grega. Os mártires dos últimos anos constituíram uma crise terrível numa sociedade que tremia ingenuamente quando um santo morria, e perguntava se esse seria o reino de Deus [1]. Experimentava-se uma necessidade invencível de representar os fiéis já fora do perigo e felizes, ainda que com uma felicidade provisória, no meio dos flagelos que iam ferir a terra [2]. Ouviam-se os seus gritos de vingança; compreendiam-se as suas santas impaciências; reclamava-se o dia em que Deus se ergueria enfim para vingar os seus eleitos.

A forma do «apocalipse» adoptada pelo autor não era nova em Israel. Ezequiel tinha já iniciado uma grande transformação no velho estilo profético, e pode-se em certo modo considerá-lo como criador do género apocalíptico. À ardente predicação, acompanhada por vezes de actos alegóricos extremamente simples, substituíra, sem dúvida sob a influência da arte assíria, a visão, isto é, um simbolismo complicado em que a ideia abstracta aparecia no meio de seres quiméricos, fora de toda a realidade. Zacarias continuou no mesmo caminho; a visão torna-se o quadro obrigado de todo o ensinamento profético. O autor do livro de Daniel, enfim, pela voga extraordinária que obteve, fixou definitivamente as regras do género. O livro de Henoch, a Assunção de Moisés, certos poemas sibilinos foram a fonte da sua poderosa iniciativa.

[1] Veja-se *S. Paulo*.
[2] Apoc., XIV, 13.

O instinto profético dos Semitas [1], a sua tendência em reunir os factos em vista duma certa filosofia da história, em apresentar o seu pensamento individual sob a forma dum absoluto divino, a sua aptidão em ver as grandes linhas do futuro, encontravam neste quadro fantástico singulares facilidades. A toda a situação crítica do povo de Israel corresponde sempre um apocalipse. A perseguição de Antíoco, a ocupação romana, o reino profano de Herodes, tinham suscitado ardentes visionários. Era inevitável que o reino de Nero e o cerco de Jerusalém tivessem o seu protesto apocalíptico, como mais tarde provocaram o seu os rigores de Domiciano, Adriano, Séptimo Severo, Décio e a invasão dos Godos em 250.

O autor deste escrito estranho, com interpretações tão diversas, compô-lo no mistério, depositando nele todo o peso da consciência cristã, depois dirigiu-o em forma de epístola às sete principais Igrejas da Ásia. Pedia que a leitura fosse feita, como era uso para todas as epístolas apostólicas, aos fiéis reunidos [2]. Havia talvez nisto uma imitação de Paulo, que gostava mais de agir por cartas que de perto [3]. Tais comunicações em todo o caso não eram nada raras, e era sempre a vinda do Senhor o seu objecto. Pretendidas revelações sobre a proximidade do último dia circulavam sob o nome de diversos apóstolos, se bem que Paulo se vira obrigado a prevenir as suas Igrejas contra o abuso que se podia fazer da sua escrita para apoiar

[1] Veja-se uma carta de Abd-el-Kader, sobre o futuro fim do islão. *Journal des Debats*, 14 de Julho de 1860.
[2] Apoc., I, 3.
[3] II Cor., X, 10.

tais fraudes [1]. A obra começava por um título que explicava a sua origem e a sua alta missão:

REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO COM QUE DEUS O FAVORECEU PARA MOSTRAR AOS SEUS SERVIDORES O QUE DENTRO EM BREVE DEVE ACONTECER, E QUE CRISTO TRANSMITIU PELO MINISTÉRIO DUM ANJO [2] A SEU SERVIDOR JOÃO, QUE SE APRESENTA, COMO TESTEMUNHA OCULAR, FIADOR DA PALAVRA DE DEUS E DA MANIFESTAÇÃO QUE DELA LHE FEZ JESUS CRISTO.

Feliz daquele que ler, daqueles que entenderem as palavras desta profecia e com ela se conformarem; porque o tempo está próximo!

JOÃO ÀS SETE IGREJAS DA ÁSIA. GRAÇA E PAZ VOS VENHAM DA PARTE D'AQUELE QUE É, QUE FOI E QUE SERÁ, E DA PARTE DOS SETE ESPÍRITOS QUE ESTÃO DIANTE DO SEU TRONO, E DA PARTE DE JESUS CRISTO, A TESTEMUNHA FIEL, O PRIMEIRO NASCIDO DOS MORTOS, O PRÍNCIPE DOS REIS DA TERRA, QUE NOS AMA E NOS LAVOU DOS NOSSOS PECADOS NO SEU SANGUE, QUE NOS FEZ REIS E PADRES DE DEUS SEU PAI, AO QUAL SEJA A GLÓRIA E A FORÇA EM TODOS OS SÉCULOS. *Amém.*

Ele aí vem sobre as nuvens. Toda a gente o verá, e aqueles que o feriram o contemplarão e todas as tribos da Terra se lamentarão à sua vista. Sim *amém*. «Eu sou o *alfa* e o *ómega*, diz o Senhor Deus, Aquele que é, que foi e que será, o Todo-Poderoso.»

Eu João, vosso irmão e vosso companheiro nas perseguições, na realeza e na firme esperança na vinda de Cristo, encontrei-me na ilha chamada Patmo por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus. Caí em êxtase um domingo e ouvi por detrás de mim uma voz muito forte como

[1] II Tess., II, 2.
[2] Comp. XIX, 9, 10; XII, 9, 10; XII, 6.

o som duma trombeta, que dizia: «Escreve num livro o que vais ver, e envia-o às sete Igrejas, a Éfeso, Esmirna, Bérgamo, Tiatires, Sardes, Filadélfia e Laodiceia». Voltei-me para ver quem me falava, e, tendo-me voltado, vi sete candeeiros de ouro, e no meio dos candeeiros de ouro, um ser que se assemelhava a um Filho do homem [1], vestido com um vestuário muito longo [2] e cintado à altura do seio [3] com um cinto de ouro. A Sua cabeça e os Seus cabelos resplandeciam como uma lã branca, como a neve; os Seus olhos eram como a chama; os Seus pés semelhavam o oricalco numa fornalha ardente; a Sua voz parecia a voz das grandes águas [4]; na Sua mão direita estavam sete estrelas; da Sua boca saía uma espada aguda, de dois gumes, e o Seu aspecto era o do Sol em toda a sua plenitude. Quando O vi caí aos Seus pés como morto e Ele pousou a Sua mão direita sobre mim, dizendo: «Não te assustes; eu sou o primeiro e o último, o vivo; estive morto e vivo agora nos séculos dos séculos, possuo as chaves da morte e do inferno. Escreve pois o que viste, o que é, e o que será. A significação do símbolo das sete estrelas são os anjos das sete Igrejas e os candeeiros são as sete Igrejas».

Nas concepções judaicas semignósticas e cabalísticas, que dominavam nesse tempo, cada pessoa [5], e até cada ser moral, como a morte, a dor, tinha o seu Anjo da Guarda: haviam o anjo da Pérsia, o anjo da Grécia [6], o anjo das águas [7], o anjo do fogo [8], o anjo do abismo [9]. Era pois natural que cada Igreja tivesse também o seu representante celeste. É a esta espécie de *ferouer* ou de

---

[1] Designação habitual do Messias nos Apocalipses. Dan., VII, 13. Cf. Mat., VIII, 20.
[2] Como o grande padre judeu. Jos., *Ant.*, III, 4; XX, I, 1. Cf. Daniel, X, 5.
[3] Jos., *Ant.*, III, VII, 2.
[4] Tudo isto é imitado de Daniel, X, 5 e seg.
[5] Mat., XVIII, 10.
[6] Daniel, X, 13, 20. Cf. Deuter., XXXII, 8 (Septante).
[7] Apoc., XVI, 5.
[8] *Ibid.*, XIV, 18.
[9] *Ibid.*, IX, 11.

genius de cada comunidade que o Filho do homem dirige as suas advertências:

Ao anjo da Igreja de Éfeso:

Eis o que diz Aquele que tem as sete estrelas na sua mão direita, que anda no meio dos sete candeeiros de ouro:

Eu sei as tuas obras, o que sofres e a tua paciência e que tu não podes suportar os maus. E tu puseste à prova os que se dizem apóstolos e que o não são [1]; e tu os reconheceste mentirosos, e tudo tu suportaste pelo meu nome, sem te cansares nunca. Mas eu tenho a queixar-me de que te desviaste do teu primeiro amor: Lembra-te donde caíste, arrepende-te e volta às tuas primeiras obras. Se não eu voltarei e mudarei de lugar o teu candeeiro. Mas tu tens a teu favor o odiares as obras dos nicolaitas, que eu também odeio.

Que aquele que tem ouvidos escute o que o Espírito diz às sete Igrejas. Ao vencedor eu prometo que comerá da árvore da vida, que está no paraíso de Deus.

Ao anjo da Igreja de Esmirna:

Eis o que diz o primeiro e o último, que esteve morto e que voltou à vida:

Conheço os teus sofrimentos e a tua pobreza (na realidade tu és rico) e as injúrias que te dirigem os que se dizem judeus e que o não são [2], mas que constituem uma sinagoga de Satã. Não te aflijas com o que ainda tens para sofrer. O Diabo vai lançar muitos de vós na prisão, para que sejais experimentados e tenhais uma angústia de dez dias [3]. Sê fiel até à morte, e eu te darei a coroa da vida.

Que aquele que tiver ouvidos escute o que o Espírito diz às Igrejas. O vencedor nada terá a sofrer na segunda morte [4].

---

[1] Alusão a S. Paulo. Veja-se *S. Paulo*.
[2] Os partidários de S. Paulo. Veja-se *S. Paulo*.
[3] Daniel, I, 14-15.
[4] Todos os homens morrem uma vez; mas os maus morrerão duas, porque depois da ressurreição e julgamento serão sepultados no nada.

Ao anjo da Igreja de Pérgamo:

Eis o que diz Aquele que tem a espada aguda, de dois gumes:

Sei onde tu habitas, é aí o trono de Satã [1]. E tu guardaste o meu nome, tu não negaste a minha fé, mesmo nos dias em que Antipas, minha testemunha fiel [2], foi assassinado entre nós, no sítio em que Satã habita. Mas eu tenho contra ti alguma coisa: tu possuis certas pessoas que professam a doutrina de Balaão, que ensinava a Balac a lançar o escândalo diante dos filhos de Israel, a comer carnes imoladas aos ídolos e a fornicar. Assim fazem aqueles dos teus que professam a doutrina dos nicolaitas. Arrepende-te pois, senão eu voltarei em qualquer ocasião e combato-os com a espada da minha boca.

Que aquele que tiver ouvidos escute o que o Espírito diz às Igrejas! Ao vencedor eu darei do maná oculto [3], eu lhe darei um tecido branco, no qual será escrito um nome novo, que só conhecerá aquele que o receber.

Ao anjo da Igreja de Tiatires:

Eis o que diz o filho de Deus, Aquele que tem os olhos de chama e cujos pés são semelhantes ao oricalco:

Conheço as tuas obras, o teu amor, a tua fé, o teu ministério de caridade, a tua paciência e que as tuas últimas obras são ainda superiores às primeiras. Mas tenho contra ti a liberdade que dás à mulher Jesabel [4], que se diz profetisa e que dogmatiza e induz os meus servidores a fornicarem e a comerem carnes sacrificadas aos ídolos. Dei-lhe já tempo para ela se arrepender e ela não quis arrepender-se da sua fornicação. Por isso a lancei ao leito [5], e os cúmplices dos

---

[1] Alusão ao culto de Esculápio em Pérgamo. A serpente de Esculápio deve ter sido tomada pelos judeus como um símbolo de Satã.

[2] Mártir de Pérgamo, desconhecido.

[3] Cf. Êxodo, XVI, 33, e *Carmina sib.*, proem., 87.

[4] Trata-se de alguma mulher influente de Tiatires e sectária de Paulo. Veja-se *S. Paulo*.

[5] Isto é, puniu-a com uma doença.

seus adultérios eu os ponho numa grande atribulação se eles se não arrependem das suas obras; e os seus filhos eu os ferirei de morte, e todas as igrejas aprenderão então que eu sou aquele que sonda as entranhas e os corações; e eu darei a cada um segundo as suas obras. Quanto a vós outros de Tiatires, que não seguis essa doutrina e não conheceis «as profundezas de Satã», como eles dizem [1], não quero impor-vos outro sacrifício. Contudo o que possuís conservai-o bem, até que eu volte.

Aquele que vencer e conservar as minhas obras até ao fim, eu lhe darei poder sobre as nações e ele as conduzirá com uma varinha de ferro [2]; e as despedaçará como vasos de argila, assim como eu próprio recebi o poder de meu Pai; e lhe darei a estrela da manhã. Que aquele que tiver ouvidos escute o que o Espírito diz às Igrejas!

Ao anjo da Igreja de Sardes:

Eis o que diz Aquele que tem os sete espíritos de Deus e as sete estrelas:

Conheço as tuas obras; tu passas por vivo, mas estás morto. Sê vigilante, e fortifica o que está para morrer; porque eu não acho as tuas obras perfeitas perante o meu Deus. Lembra-te de como recebeste e ouviste a palavra e conserva-a e arrepende-te. Se não queres, eu voltarei como um ladrão [3], sem tu saberes quando. Tu tens contudo algumas pessoas em Sardes que não mancharam as suas vestes; essas caminharão comigo vestidas de branco, porque são disso dignas.

O vencedor será assim vestido de vestes brancas, e eu não riscarei o seu nome do livro da vida [4], e pronunciá-lo-ei diante de meu Pai e dos anjos. Que aquele que tiver ouvidos escute o que o Espírito diz às Igrejas!

---

[1] Cf. I Cor., II, 10.

[2] Alusão à passagem Ps., II, 9, considerada como messiânica e pontuada de maneira diversa da do texto hebreu. Esta passagem preocupa muito o nosso Vidente. Apoc., XII 5; XIX, 15.

[3] Comp. Mat., XXIV, 43; I Tess., V, 2.

[4] Daniel, XII, 1; Henoch, XXVII, 3.

Ao anjo da Igreja de Filadélfia:

Eis o que diz o santo, o verdadeiro, O que tem a chave de David, que abre e ninguém fecha, que fecha e ninguém abre [1]:

Conheço as tuas obras: tenho aberta diante de ti uma porta [2], que ninguém poderá fechar; embora fraco, tu conservaste a minha palavra e não renegaste o meu nome. Vês esses da sinagoga de Satã, que se dizem Judeus e que o não são, mas que mentem? Eu os obrigarei a vir e a rojarem-se a teus pés, e saberem assim como te amo [3]. Porque tu conservaste a minha palavra de espera, eu também farei chegar a hora da provação que deve vir sobre todo o mundo, para experimentar os que habitam a Terra. Eu virei dentro em pouco; toma cuidado no que possuis, para que ninguém te roube a tua coroa.

Eu farei do vencedor uma coluna do templo do meu Deus, e nunca sairá de lá, e escreverei nessa coluna o nome do meu Deus [4], e o nome da cidade do meu Deus, a Nova Jerusalém, que descende do Céu, de junto do meu Deus, como o meu novo nome [5]. Que aquele que tiver ouvidos escute o que o Espírito diz às Igrejas!

Ao anjo da Igreja de Laodiceia:

Eis o que diz o *Amém* [6], a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus:

Conheço as tuas obras; tu não és nem frio nem quente; oxalá tu fosses uma coisa ou outra; mas porque és morno, sinto a necessidade de te lançar da minha boca. Tu dizes a ti mesmo: «Sou rico, tenho de sobra, não preciso de nada» [7], e tu não vês que és um desgraçado e miserável, pobre, cego

[1] Alusão a Isaías, XXII, 22.
[2] Para a propagação do Evangelho.
[3] Nova alusão aos discípulos de Paulo que serão obrigados a pedir perdão aos judaico-cristãos e a reconhecer que estes constituem a verdadeira Igreja.
[4] O nome inefável de Jeová.
[5] Comp., Apoc., XIX, 12.
[6] O Cristo, que em tudo se tem afirmado e verificado. Cf. Isaías, LXV, 16.
[7] Alusão à riqueza da cidade. Tácito, *An.*, XIV, 27.

e nu. Aconselho-te a comprar-me o ouro passado no fogo [1], para seres verdadeiramente rico, assim como vestidos brancos para te vestirem e para esconderem a vergonha da tua nudez e um colírio para untar os teus olhos, para tu veres claro. Eu repreendo e castigo os que amo; tem pois cuidado e arrepende-te.

Eis-me a bater à porta; se alguém ouve a minha voz e me abre a porta, eu entro e cômo com ele e ele comigo. Ao vencedor permitir-lhe-ei que se sente comigo no meu trono, da mesma forma que eu, por ter vencido, me sentei com meu pai no Seu trono. Que aquele que tiver ouvidos escute o que o Espírito diz às Igrejas!

Quem é este João que ousa apresentar-se como intérprete dos mandados celestes, que fala às Igrejas da Ásia com tanta autoridade, que diz ter sofrido as mesmas perseguições que os seus leitores? [2] Ou é o apóstolo João, ou um homónimo do apóstolo João, ou alguém que pretendeu passar pelo apóstolo João. É pouco natural que no ano 69, em vida do apóstolo João ou pouco depois da sua morte, alguém usurpasse o seu nome, sem o seu consentimento, para conselhos e admoestações tão íntimas. Entre os homónimos do apóstolo, nenhum teria também ousado desempenhar um tal papel. O *Presbyteros Johannes*, o único que se alega, se algum dia existiu, era ao que parece duma geração posterior [3]. Sem negar as dúvidas que ainda há sobre quase todas estas questões de autenticidade de escritos apostólicos, visto o pouco escrúpulo com que se atribuíam a apóstolos e a santos personagens as revelações a que se queria dar autoridade, considerámos como provável que o Apocalipse seja obra do apóstolo João, ou pelo menos

[1] Cf. Isaías, LV, 1.
[2] Apoc., I, 9. Cf. I, 2, passagem de equívoca significação.
[3] Papias, em Eus., *H. E.*, III, 39.

que foi aceita por ele e dirigida às Igrejas da Ásia sob indicação sua. A grande impressão dos massacres do ano 64, a consciência dos perigos que o autor correu, o horror de Roma, parecem-nos ajustarem-se bem ao apóstolo que, segundo a nossa hipótese, tinha estado em Roma e podia dizer, falando desses trágicos acontecimentos: *Quorum pars magna fui.* O sangue afoga-o, injecta-lhe os olhos, impede-o de ver a natureza. A imagem das monstruosidades do reino de Nero obsidia-o como uma ideia fixa. Mas objecções graves tornam aqui a tarefa do crítico muito delicada. A predilecção pelo mistério e pelo apócrifo que tinham as primeiras gerações cristãs cobriu com uma impenetrável obscuridade todas as questões de história literária relativas ao Novo Testamento. Felizmente, a alma resplandece nestes escritos anónimos ou pseudónimos por forma que se vê que não mentem. A parte de cada um é, nos movimentos populares, impossível de discernir; é o sentimento de todos que constitui o verdadeiro génio criador.

Por que escolheu o autor do Apocalipse, qualquer que ele seja, a ilha de Patmo para lugar da sua visão? É o que é difícil de dizer. Patmo ou Patno é uma pequena ilha de perto de quatro léguas de comprimento, mas muito estreita. Foi na antiguidade grega muito povoada e florescente. Na época romana conservou toda a importância que comportava a sua pequenez, graças ao seu excelente porto, formado no centro da ilha pelo istmo que liga o maciço rochoso do Norte ao do Sul. Patmo era, segundo os hábitos de cabotagem de então, a primeira e a última estação para o viajante que ia de Éfeso a Roma ou de Roma a Éfeso. Não se pode de modo nenhum representá-la como um escolho ou um deserto. Patmo foi e sê-lo-á

talvez ainda uma das mais importantes estações marítimas do Arquipélago; porque está no ponto do cruzamento de numerosas linhas de carreira. Se a Ásia renascesse, Patmo seria para ela alguma coisa de análogo ao que Sira é para a Grécia moderna, ao que eram na antiguidade Delos e Reneia entre as Cíclades, uma espécie de entreposto da marinha mercante, um ponto de correspondência útil aos viajantes.

Foi provavelmente isto que rendeu a esta pequena ilha a escolha de que mais tarde lhe resultou uma tão grande celebridade cristã; ou porque o apóstolo tivesse de se refugiar aí para fugir a alguma medida persecutória das autoridades de Éfeso; ou porque vindo duma viagem a Roma, e na véspera de tornar a ver os seus fiéis, tivesse preparado em alguma das *cauponae* que deviam orlar o porto, o manifesto com que ele queria fazer-se preceder na Ásia; ou que, tomando uma espécie de recuo para dar um grande golpe, e julgando que o lugar não podia ser colocado mesmo em Éfeso, escolhesse a ilha do Arquipélago que, afastada cerca duma jornada, estava ligada à metrópole da Ásia por uma navegação quotidiana; ou porque conservasse a recordação da última escala de viagem cheia de emoções que fez em 64; ou enfim porque um simples acidente do mar o forçasse a conservar-se muitos dias neste pequeno porto. Estas navegações do Arquipélago são cheias de acasos; as travessias do Oceano não podem deles dar nenhuma ideia, porque nos nossos mares reinam ventos constantes que nos auxiliam mesmo sendo contrários. No Arquipélago são calmos e lisos e quando se passa aos canais estreitos, ventos obstinados. Não se é de modo nenhum senhor de si; vai-se tocar onde se pode e não aonde se quer.

Homens tão ardentes como estes ásperos e fanáticos descendentes dos velhos profetas de Israel levaram a sua imaginação por toda a parte onde se encontravam, e essa imaginação era tão fechada no círculo da antiga poesia hebraica, que a natureza que os cercava não existia para eles. Patmo assemelha-se a todas as ilhas do Arquipélago: mar de azul, ar límpido, céu sereno, rochedos e cumes dentados, apenas revestidos por momentos dum ligeiro tapete de verdura. O aspecto é nu e estéril; mas as formas e a cor da rocha, o azul-vivo do mar, silhonado de belos pássaros brancos, oposto às tintas avermelhadas dos rochedos, são uma coisa admirável. Esses miríades de ilhas e de ilhotas, de formas as mais variadas, que emergem como pirâmides ou como broquéis sobre as ondas, e dançam uma ronda eterna em volta do horizonte, parecem o mundo feérico dum ciclo de deuses marinhos e de Oceânidas, levando uma brilhante vida de amor, de juventude e de melancolia, em grutas dum verde glauco, em praias sem mistério, ora grosseiras ou terríveis, luminosas ou sombrias. Calipso e as Sirenes, os Tritões e as Nereides, os encantos perigosos do mar, as suas carícias ao mesmo tempo voluptuosas e sinistras, todas essas finas sensações que têm a sua inimitável expressão na *Odisseia*, escaparam ao tenebroso visionário. Duas ou três particularidades, como a grande preocupação do mar [1], a imagem «duma montanha ardendo no meio do mar» [2], que parece a de Tera, são que têm cor local. Duma pequena ilha, feita para servir de fundo de quadro ao delicioso romance de

[1] Veja-se em especial, Apoc., XXI, 1.
[2] Apoc., VIII, 8.

Dafnis e Cloé ou às cenas pastoris como as de Teócrito e Mosco, fez ele um vulcão negro, cheio de cinza e de fogo. Contudo devia ter apreciado mais duma vez sobre essas ondas o silêncio cheio de serenidade das noites, em que se não ouve senão o gemido do alcião e o sopro surdo do golfinho. Dias inteiros esteve em frente do monte Micala, sem pensar na vitória dos Helenos sobre os Persas, a mais bela depois de Maratona e das Termópilas. Neste ponto central de todas as grandes criações gregas, a algumas léguas de Samos, de Cós, de Mileto, de Éfeso, sonhou outra coisa diferente do prodigioso génio de Pitágoras, de Hipócrates, de Tales, de Heráclito; as gloriosas recordações da Grécia não existiram para ele. O poema de Patmo devia ter sido algum *Hero e Leandro*, ou antes uma pastoral à maneira de Longo, contendo os jogos das encantadoras crianças no limiar do amor. O sombrio entusiasta, lançado por acaso a estas paragens jónicas, não saiu das suas recordações bíblicas. Para ele a natureza foi a carreta de Ezequiel, o monstruoso *chérub*, o disforme touro de Nínive, uma zoologia exagerada, em que a estatuária e a pintura andaram em desafio. Este estranho defeito que tem a vista dos Orientais de alterar as imagens das coisas, defeito que faz com que todas as representações figuradas saídas das suas mãos pareçam fantásticas e destituídas do espírito da vida, era nele exagerado em extremo. A doença que ele tinha nas entranhas tingia tudo com as suas cores. Viu com os olhos de Ezequiel, do autor do livro de Daniel; ou melhor, por si próprio não viu senão as suas paixões, as suas esperanças e as suas cóleras. Uma vaga e seca mitologia, já cabalística e gnóstica, fundada na transformação das ideias abstractas em hipóstases divinas, pô-lo fora das

condições plásticas da arte. Nunca ninguém se isolou mais do meio ambiente; nunca se renegou mais abertamente o mundo sensível para substituir às harmonias da realidade a quimera contraditória duma Terra nova e dum Céu novo.

CAPÍTULO XVI

O APOCALIPSE

Depois do que foi enviado às sete Igrejas, desenrola-se toda a visão [1]. Abre-se uma porta no Céu; o Vidente está transformado em espírito e, por esta abertura, o seu olhar penetra até ao fundo da corte celeste. Todo o céu da Cabala judaica aí se revela. Existe um só trono, e sobre esse trono, que o arco-íris rodeia, está sentado o próprio Deus, semelhante a um rubim colossal dardejando os seus fogos [2]. Em volta do trono há vinte e quatro lugares secundários, em que estão sentados vinte e quatro anciãos, vestidos de branco, tendo na cabeça coroas de ouro. É a humanidade representada por um brilhante senado que constitui a corte permanente do Eterno. Na frente brilham sete lâmpadas que são os sete espíritos de Deus (os sete dons da sabedoria divina) [3]. Em volta estão qua-

---

[1] Ezeq., I; Isaías, VI.

[2] Apoc., C. IV.

[3] Todos os pormenores da descrição da majestade divina são recortados de Ezequiel, I e X. Comp. Dan., VII, 9 e seg.

tro monstros, formados parte com requisitos dos *chérubs* de Ezequiel e parte dos *séraphes* de Isaías [1]. Tem, o primeiro a forma dum leão, o segundo a forma dum veado, o terceiro a forma dum homem, o quarto a forma duma águia com as asas abertas. Estes quatro monstros figuram já em Ezequiel os atributos da Divindade: «sabedoria, poder, omnisciência e criação». Têm seis asas e estão cobertos de olhos por todo o corpo [2]. Os anjos, criaturas inferiores às grandes personificações sobrenaturais de que se acaba de falar [3], espécie de criados alados, rodeiam o trono aos milhares de milhares e miríades de miríades [4]. Um eterno ribombar de trovão sai do trono. No primeiro plano, estende-se uma imensa superfície azulada semelhante ao cristal (o firmamento) [5]. Uma espécie de liturgia divina realiza-se constantemente. Os quatro monstros, órgãos da vida universal (a natureza), não dormem nunca e cantam noite e dia o trisságio celeste: «Santo, santo, santo é o Senhor Deus todo-poderoso, que era, que é, e que há-de ser» [6]. Os vinte e quatro anciãos (a humanidade) unem-se a este cântico, prostrando-se e pousando as suas coroas junto do trono em que está o Criador.

Até então Cristo não figurava na corte celeste. O Vidente vai fazer-nos assistir à cerimónia da sua entronização [7]. À direita daquele que está sentado no trono vê-se um livro em forma de rolo, escrito

[1] Cf. Isaías, XI, 2.
[2] Ezeq., I, 18; X, 12.
[3] Comp. Hebr. I, 4 e seg., 14.
[4] Apoc., V, 11; VII, 11. Comp. Dan., VII, 10; Ps. LXVIII, 18.
[5] Êxodo, XXIV, 10; Ezequiel, I, 22 e seg.
[6] Cf. Isaías, VI, 3.
[7] Apoc., c. V.

dos dois lados [1], fechado a sete selos. É o livro dos segredos divinos, a grande revelação. Ninguém no Céu ou na Terra é digno de o abrir ou mesmo de o olhar. João põe-se então a chorar; o futuro, a única consolação do cristão, não poderá ser-lhe revelado! Um dos anciãos reanima-o. Realmente Aquele que deve abrir o livro já apareceu; adivinha-se sem dificuldade que se trata de Jesus. Mesmo ao centro da grande assembleia celeste, junto ao trono, no meio dos animais e dos anciãos, sobre o ar cristalino, aparece um cordeiro morto. Era a imagem favorita sob a qual a imaginação cristã gostava de figurar Jesus: um cordeiro morto, tornado vítima pascal, sempre com Deus [2]. Tem sete chifres [3] e sete olhos, símbolos dos sete espíritos de Deus, de que Jesus recebeu a plenitude, e que vão espalhar-se por ele sobre toda a Terra. O Cordeiro levanta-se, vai direito ao trono do Eterno, toma o livro. Uma imensa emoção enche então o Céu; os quatro animais e os vinte e quatro anciãos caem de joelhos diante do Cordeiro; têm todos na mão cítaras e vasos de ouro cheios de incenso (as orações dos santos) [4] e cantam um cântico novo: «Tu, só tu és digno de pegar no livro e de lhe abrires os selos; porque tu foste morto e com o teu sangue ganhaste para Deus uma grande quantidade de eleitos de todas as tribos, de todas as línguas, de todos os povos, de todas as raças, e fizeste deles um reino de padres que

[1] Cf. Ezequiel, II, 10.
[2] João, I, 29, 36; I Petri, I, 19; *Act.*, VII, 32. Comp. Jeremias, XI, 19; Isaías, LIII, 7.
[3] Cf. Daniel, VII, 20 e seg. O chifre, na velha poesia hebraica, é sempre o símbolo da força.
[4] Comp. Apoc., VIII, 9 e seg.; Ps. CXLI, 2; Ezeq., VIII, 11; Tobias, XII, 12; Lucas, I, 10.

hão-de reinar na Terra». As miríades de anjos acompanham este cântico e concedem ao Cordeiro as sete grandes prerrogativas (poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória, e graça) [1]. Todas as criaturas que estão no Céu, na Terra, sob a terra e no mar se associam à cerimónia celeste e exclamam: «Com Aquele que está sentado no trono e ao Cordeiro sejam a graça, a honra, a glória e a força em todos os séculos dos séculos». Os quatro animais, que representam a natureza, dizem com a sua voz profunda *amém;* os anciãos prostram-se em adoração.

Está enfim Jesus colocado no mais alto grau da hierarquia celeste. Não só os anjos [2], mas ainda os vinte e quatro anciãos e os quatro animais, que são superiores aos anjos, se prostram ante ele. Subiu as escadas do trono de Deus, tomou o livro colocado à direita de Deus, que ninguém sequer podia olhar. Vai abrir os sete selos do livro; começa o grande drama [3].

O início é brilhante. Segundo uma concepção histórica das mais justas, o autor coloca a origem da agitação messiânica no momento em que Roma estende o seu império à Judeia [4]. Ao abrir do primeiro selo, desata a correr um cavalo branco [5]; o cavaleiro que monta tem um arco na mão; uma coroa lhe cinge a cabeça; leva a toda a parte a vitória. É o império romano, ao qual até à época

[1] Cf. VII, 12.
[2] Compare-se com a Epístola aos Hebreus no cap. IX.
[3] Apoc., c. VI.
[4] Comp. com a *Assunção de Moisés* em Hilgenfield, *Nov. Test. extra can.*, I. p. 113-114.
[5] O cavalo branco é o símbolo da vitória e do triunfo. *Ilíada*, X, 437; Plutarco, *Camila*, 7; Virgílio, *Eneida*, III, 538 e Sérvio sobre este verso.

do Vidente, nada pudera resistir. Mas este prólogo triunfal é de curta duração; os sinais anunciadores da aparição brilhante do Messias serão flagelos inauditos e é pelas mais dolorosas imagens que se continua a tragédia celeste [1]. Estamos no começo do que se chamava «o período das dores do Messias» [2]. Daí em diante cada selo que se abre traz sobre a humanidade uma horrível desgraça.

Ao abrir do segundo selo salta um cavalo russo. Àquele que o monte é dado arrebatar a paz da Terra e fazer com que os homens se despedacem uns aos outros; põem-lhe na mão uma grande espada. É a Guerra. Desde a revolta da Judeia e sobretudo depois da sublevação de Vindex, o mundo convertera-se realmente num campo de carnagem e o homem pacífico não sabia onde refugiar-se.

Ao abrir do terceiro selo, surge um cavalo negro; o cavaleiro sustenta uma balança. Do meio dos quatro animais, a voz que taxa no Céu o preço das coisas para os pobres mortais, diz ao cavaleiro: «Um choenix de queijo, um dinheiro; três choenix de cevada, um dinheiro; no azeite e no vinho não se toca» [3]. É a Fome [4]. Sem falar da grande escassez que houve sob Cláudio, a carestia do ano 68, foi extraordinária.

Ao abrir do quarto selo, rompe um cavalo amarelo. O seu cavaleiro chamava-se a Morte; seguia-o o *Scheol*, e foi-lhe dado o poder de matar a quarta

[1] Comp. com Zacarias, I, 7-17, e VI, 1-8; Jeremias, XXI, 9; XXXII, 36; IV de Esdras, V, 6 e seg.; VI, 22 e seg.; IX, 3 (Vulg.).
[2] Mat., XXIV, 8; Marcos, XIII, 9.
[3] Compare-se com Suetónio, *Domiciano*, 7.
[4] Mateus, XXIV, 7; Marcos, XIII, 7.

parte da Terra pela espada, pela fome, pela peste e pelos animais ferozes.

Tais são os grandes flagelos que anunciam a próxima vinda do Messias. A justiça exigiria que imediatamente a cólera divina incendiasse a Terra. À abertura do quinto selo, o Vidente é testemunha duma cena comovente. Reconhece sob o altar as almas dos que morreram pela sua fé e pelo testemunho que deram a Cristo (certamente as vítimas do ano 64). Estas santas almas erguem exclamações a Deus, dizendo-lhe: «Até quando, Senhor, tu o santo, o verídico, deixarás de fazer justiça, e não pedirás o nosso sangue àqueles que vivem na Terra?» Mas os tempos não chegaram ainda; o número dos mártires que fará transbordar a cólera ainda não foi atingido. Dá-se a cada uma das vítimas que está sob o altar um vestuário branco, sinal da justificação e do triunfo futuros, e recomenda-se-lhes que esperem um pouco, até que os seus co-servidores e irmãos, que devem ser mortos como eles, tenham por sua vez rendido testemunho.

Depois deste belo entremez, entrámos, não de novo no período dos flagelos precursores, mas nos fenómenos do último julgamento. Ao abrir do sexto selo [1] dá-se um grande estremecimento no universo [2]. O céu torna-se negro como um saco de crina, a Lua toma uma cor de sangue, as estrelas

[1] Toda a descrição da catástrofe final é composta com pedaços recortados de Isaías, II, 10, 19; XXXIV, 4; L, 3; LXIII, 4; Ezequiel, XXXII, 7-8; Joel, III, 4; Oseias, X, 8; Naum, I, 6; Malaquias, III, 2. Os antigos profetas acreditavam que o julgamento de Deus, mesmo exercendo-se entre um povo isolado, seria acompanhado de fenómenos naturais (Joel, I, 15; II, 1 e seg.). Comp. com Mat., XXIV, 7, 29; Marcos, XIII, 8, 24; Lucas, XXI, 11, 25-26; XXIII, 30.

[2] Mat., XXIV, 7; Marcos, XIII, 8; Lucas, XXI, 1.

caem do céu sobre a terra, como os frutos duma figueira agitada pelo vento; o céu vai desaparecendo como um livro que se folheia [1]; as montanhas e as ilhas são tiradas dos seus lugares. Os reis e os grandes da terra, os tribunos militares e os ricos e os fortes, os escravos e os homens livres escondem-se nas cavernas entre as rochas, dizendo às montanhas: «Caí sobre nós, livrai-nos do olhar daquele que está sentado no trono e da cólera do Cordeiro».

Vai cumprir-se a grande execução [2]. Os quatro anjos dos ventos [3] colocam-se nos quatro ângulos da Terra; basta largarem os elementos que lhes estão confiados para que estes, seguindo a sua fúria natural, aniquilem o mundo. É dado todo o poder a estes quatro executores; estão já no seu posto; mas a ideia fundamental do poema é mostrar o grande julgamento sem cessar adiado no momento em que parece que se vai realizar. Um anjo, trazendo na mão o selo de Deus (selo que tem como inscrição, como todos os selos de reis, o nome daquele a quem pertence) ergue-se do Oriente. Brada aos quatro anjos dos ventos destrutores que retenham algum tempo ainda as forças de que dispõem, até que os eleitos que vivem actualmente, tendo sido marcados na fronte com um sinal que, como aconteceu com o sangue do cordeiro pascal no Egipto [4], os preservará dos flagelos. O anjo imprime então a marca divina em cento e quarenta e quatro mil pessoas, pertencentes às doze tribos de Israel. Não quer isto dizer que estes cento e

[1] Isaías, XXXIV, 4.

[2] Apoc., c. VII.

[3] Cf. Zacarias, VI, 5; *Henoch*, cap. XVIII.

[4] Êxodo, XII, 13.

quarenta e quatro mil eleitos sejam só Judeus. Israel é aqui tomado no sentido do verdadeiro Israel espiritual, o «Israel de Deus», como diz S. Paulo [1], a família eleita que abrange todos os que se ligaram à raça de Abraão, pela fé em Jesus e pela prática dos ritos essenciais. Mas há uma categoria de fiéis que se havia já introduzido durante a paz; são os que sofreram a morte por Jesus. O profeta os vê sob o aspecto duma multidão enorme de homens de todas as raças, de todas as tribos, de todos os povos, de todas as línguas, estando diante do Trono [2], e diante do Cordeiro, vestidos de branco, trazendo palmas na mão e cantando à glória de Deus e do Cordeiro. Um dos anciãos explica-lhe o que é esta multidão: «São gente que chega duma grande perseguição; e lavavam os seus vestidos no sangue do Cordeiro. É por isso que estão perante o trono de Deus, e eles o adoram noite e dia no seu templo e aquele que está sentado no trono habitará eternamente com eles [3]. Não terão nunca mais fome, nem sede, nem sofrerão o calor. O Cordeiro os fará alimentar e os conduzirá às fontes da vida, e o próprio Deus enxugará as lágrimas dos seus olhos» [4].

Abre-se o sétimo selo. Espera-se o grande espectáculo da consumação dos tempos. Mas no poema, como na realidade, esta catástrofe recua sempre; crê-se tê-la atingido, mas não se atinge nunca. Em lugar do despovoamento final, que deveria ser o

[1] Gal., VI, 16.
[2] O autor evita nomear o ser inefável. Os Judeus mais ou menos cabalísticos servem-se também para designar Deus de expressões como «o Nome», «o Trono», «o Céu».
[3] Levítico, XXVI, 11; Isaías, IV, 5-6; Ezeq., XXXVII, 27; Apoc., XXI, 3.
[4] Isaías, XXV, 8; XLIX, 10.

efeito da abertura do sétimo selo, faz-se no céu um silêncio duma meia hora, indicando que o primeiro acto do mistério terminou, e que vai começar outro [1].

Depois do silêncio sacramental, os sete arcanjos que estão diante do trono de Deus, e de que até agora se não tratou, entram em cena. Dão-lhes sete trombetas, cada uma das quais vai servir de sinal a outros prognósticos. A imaginação sombria de João não estava satisfeita; desta vez é aos flagelos do Egipto que a sua cólera contra o mundo vai reclamar os tipos dos castigos. Fenómenos naturais acontecidos no ano 68 e com os quais se preocupava a opinião popular, davam-lhe aparentes justificações para essas aproximações.

Antes de começar o toque das sete trombetas, tem lugar uma cena muda dum grande efeito. Um anjo acerca-se do altar de ouro que está em frente do Trono, levando na mão um turíbulo de ouro. O incenso é lançado sobre os carvões do altar e eleva-se em fumo diante do Eterno. O anjo enche então o seu turíbulo com os carvões do altar e lança-os por terra [2]. Estes carvões, ao tocarem a superfície do Globo, produzem trovões, relâmpagos, vozes, tremores. O incenso, o próprio autor no-lo diz, são as rezas dos santos. Os suspiros dessas piedosas pessoas, elevando-se em silêncio perante Deus e pedindo a destruição do império romano, tornam-se carvões ardentes para o mundo profano, e abalam-no, despedaçam-no e consomem-no sem que ele saiba donde vêm os seus golpes.

[1] O mesmo se nota no Cântico dos cânticos. Os cinco actos desse pequeno drama não são a seguir. Em cada acto, o assunto recomeça e acaba. Em geral a literatura hebraica ignora completamente as regras da unidade.
[2] Imitado de Ezequiel, X.

Os sete anjos preparam-se então para tocar a trombeta.

Ao som da trombeta do primeiro anjo, uma chuva de fogo e de sangue cai sobre a Terra. Incendeia-se, então, um terço da Terra, um terço das árvores e toda a erva verde. Em 63, 68 e 69 houve efectivamente grandes tempestades, em que se quis ver alguma coisa de sobrenatural.

Ao som da trombeta do segundo anjo uma grande montanha incandescente é lançada ao mar; a terça parte do mar muda-se em sangue; morre a terça parte dos peixes; fica destruída a terça parte dos navios. Há aqui uma alusão aos aspectos da ilha de Tera, que o profeta podia quase aperceber no horizonte de Patmo, e que se assemelham a um vulcão mergulhado na água. Uma nova ilha tinha aparecido no meio da sua cratera, no ano de 46 ou 47. No período de actividade vêem-se nas proximidades de Tera chamas sobre a superfície do mar.

Ao som da trombeta do terceiro anjo, cai uma grande estrela do céu, ardendo como uma lanterna; alcança o terço dos rios e das nascentes. O seu nome é «Absinto»; o terço das águas muda-se em absinto (quer isto dizer que elas se tornam amargas e venenosas) [1]; morrem muitos homens com eles [2]. É-se levado a supor nisto uma alusão a certo bólide, cuja queda fosse relacionada com uma infecção que se tivesse produzido em algum reservatório de água, alterando-a. É preciso recordarmo-nos que o nosso profeta via a natureza através das narrativas ingénuas das conversações populares da Ásia, o mais crédulo país do mundo. Flegon de Trales, meio século mais tarde, teria de passar a sua vida a compilar inépcias desse género. Tácito preocupa-se a cada página com coisas destas.

[1] Cf. Êxodo, XV, 23 e seg.
[2] Comp. com Isaías, XIV, 12; Daniel, VIII, 10; *Carmina sibylina*, V, 157-158.

Ao som da trombeta do quarto anjo, o terço do Sol e o terço da Lua e o terço das estrelas extinguem-se, desaparecendo o terço da claridade do mundo [1]. Isto deve referir-se aos eclipses que se deram nesses anos, ou à espantosa tempestade de 10 de Janeiro de 69.

Estes flagelos não são ainda nada. Uma águia voando no zénite solta três gritos de desgraça, anunciando aos homens calamidades extraordinárias para os três toques de trombeta que ainda faltam.

À voz da quinta trombeta [2], uma estrela, isto é, um anjo [3] cai do Céu; é-lhe dada a chave do poço do abismo (do Inferno) [4]. O anjo abre o poço do abismo; sai um fumo como duma fornalha [5]; o Sol e o céu ficam assombrados. Desse fumo nascem os gafanhotos, que cobrem a Terra como esquadrões de cavalaria. Esses gafanhotos, dirigidos pelo seu rei, o anjo do abismo, que se chama em hebreu *Abaddon* [6] e em grego *Apollyon* [7], atormentam os homens durante cinco meses (um Verão inteiro). É possível que o flagelo dos gafanhotos tivesse tido nesse tempo uma grande intensidade

[1] Êxodo, VI, 25; X, 21-22; Joel, III, 4; Amos, VIII, 9.
[2] Apoc., c. IX.
[3] *Henoch*, XVIII, 13; XXI, 3; LXXXVI, 1; XC, 21 (Dillmann).
[4] Residência dos demónios, não dos mortos: Lucas, VIII, 31; Apoc., XI, 7; XVII, 8; XX, 1, 3.
[5] Cf. Gén., XIX, 28.
[6] A destruição.
[7] O destruidor.

em alguma província; em todo o caso a imitação das pragas do Egipto é neste ponto evidente [1]. O poço do abismo é talvez a Solfatara de Pouzoles (a que se chamava o *Forum de Vulcano*) [2], ou a antiga cratera de Soma [3] tidos como respiradouros do Inferno. Dissemos já que a crise das proximidades de Nápoles era então muito violenta. O autor do Apocalipse, ao qual se pode atribuir uma viagem de Roma e por consequência de Pouzoles, podia ter sido testemunha de semelhantes fenómenos. Ele relacionou as nuvens de gafanhotos com as exalações vulcânicas; porque, sendo ignorada a origem destas nuvens, o povo se inclinava a ver nelas um fruto do Inferno. Hoje passa-se ainda um fenómeno análogo na Solfatara. Depois duma forte chuva, os charcos de água das partes quentes dão lugar a eclosões extremamente rápidas e abundantes de gafanhotos e de rãs. Que estas gerações, em aparência espontâneas, fossem consideradas pelo vulgo como emanações da própria boca infernal, era tanto mais natural que as erupções, tendo de ordinário como consequência grandes chuvas, que cobrem o país de pântanos, deviam parecer a causa imediata das nuvens de insectos que saíam desses pântanos.

O som da sexta trombeta traz outro flagelo: é a invasão dos Partos, que toda a gente acredita iminente. Uma voz sai dos quatro chifres do altar que está diante de Deus, e ordena que se desliguem quatro anjos que estão presos por cadeias às margens do Eufrates [4]. Os quatro anjos (talvez

[1] Êxodo, x, 12 e seg.; Joel, II, Sabedoria, XVI, 9.
[2] Estrabão, V, VI, 6.
[3] Beulé, *Le drame du Vesuve*, p. 62-63.
[4] Comp. Virg., *Georg.*, I, 509.

os Assírios, os Babilónios, os Medas e os Persas), que estavam preparados para a hora, o dia, o mês e o ano, põem-se à frente duma espantosa cavalaria de duzentos milhões de homens. A descrição dos cavalos e dos cavaleiros é inteiramente fantástica. Os cavalos que matam pela cauda são provavelmente uma alusão à cavalaria Parta, que atirava as flechas fugindo. É exterminado um terço da humanidade. Contudo, os que sobrevivem não fazem penitência. Continuam a adorar demónios, ídolos de ouro, de prata, que não podem nem ver, nem ouvir, nem caminhar. Obstinam-se nos seus homicídios, nos seus malefícios, nas suas fornicações e nos seus roubos.

Há um grande movimento de expectativa ao ouvir soar a sétima trombeta; mas neste ponto, como no acto da abertura dos selos, o Vidente parece hesitar, ou antes, fazer as coisas de maneira a suspender a expectativa; detém-se no momento solene. O segredo terrível não pode ser ainda confiado completamente. Um anjo gigantesco [1], com a cabeça cercada pelo arco-íris, um pé na terra, outro no mar e cuja voz os sete trovões [2] repetem, diz palavras misteriosas que uma voz do Céu proíbe a João que escreva [3]. O anjo gigantesco ergue então a mão para o Céu e jura pelo Eterno que não haverá mais demora [4], e que ao som da sétima trombeta se cumprirá o mistério de Deus anunciado pelos profetas [5].

O drama apocalíptico está a terminar. Para pro-

[1] Apoc., c. X.
[2] Cf. Ps. XXIX, 3-9.
[3] Daniel, VII, 26; XII, 4, 9.
[4] Daniel, XII, 7.
[5] Os profetas que, como Isaías e Joel, anunciaram o «dia de Jeová».

longar o seu livro, o autor atribui-se uma nova missão profética. Repetindo um enérgico símbolo já empregado por Ezequiel [1], João recebe um livro fatídico do anjo gigantesco e devora-o. Uma voz diz-lhe: «É preciso que profetizes ainda sobre muitas raças, povos, línguas e reis». O quadro da visão, que ia fechar-se pela sétima trombeta, alarga-se assim e o autor arranja uma segunda parte em que vai desvendar as suas vistas sobre o destino dos reis e dos povos do seu tempo. As seis primeiras trombetas, como o abrir dos seis primeiros selos referem-se a factos que se tinham passado já quando o autor escrevia. O que segue, ao contrário, refere-se na sua maior parte ao futuro.

É para Jerusalém que a princípio se dirige o olhar do Vidente [2]. Por um simbolismo muito claro [3], dá a entender que a cidade vai ser entregue aos gentios; para ver isto nos primeiros meses de 69, não era preciso um grande esforço profético. O pórtico e a corte dos gentios serão mesmo calcados aos pés dos profanos [4]; mas a imaginação dum judeu tão fervoroso não podia conceber a destruição do templo; sendo o templo o único lugar da Terra em que Deus podia receber um culto (culto de que o do Céu não é senão a reprodução), João não supõe a Terra sem o templo. O templo será pois conservado e os fiéis, marcados na fronte com o sinal de Jeová, poderão continuar aí a fazer as suas orações. O templo será assim como um lugar sagrado, residência espiritual de toda a Igreja; durará isto quarenta e dois meses, ou sejam três

[1] Ezequiel, II, 8; III, 3. Cf. Jerem., XV, 16.
[2] Apoc., c. XI.
[3] Cf. Ezequiel, XL; Zacarias, II.
[4] Daniel, VIII, 13. Cf. Lucas, XXI, 24.

anos e meio (meia *schemitta* [1] ou semana de anos). Este número místico, tirado do livro de Daniel, aparecerá muitas vezes daqui em diante. É o tempo que resta ainda ao mundo para viver.

Jerusalém será durante esse tempo o teatro duma grande batalha religiosa, semelhante às lutas que em todos os tempos têm enchido a história. Deus dará uma missão às «suas duas testemunhas», que profetizarão durante mil duzentos e sessenta dias (isto é, três anos e meio) vestidos de sacos. Esses dois profetas são comparados a duas oliveiras e a dois candelabros perante o Senhor [2]. Terão os poderes dum Moisés ou dum Elias; poderão fechar o Céu e impedir a chuva, mudar a água em sangue e mandar à Terra o flagelo que quiserem. Se alguém pretender fazer-lhes mal, um fogo sairá da sua boca e devorará os seus inimigos [3]. Quando tiverem dado inteiro testemunho, a besta que sobe do abismo (o poder romano, ou talvez Nero reaparecendo como Anticristo) os matará. Os seus corpos ficarão expostos três dias e meio sem sepultura na grande cidade que se chama simbolicamente «Sodoma» [4] e «Egipto» [5] e onde o seu mestre foi crucificado [6]. Os mundanos terão alegria, diri-

[1] A *schemitta*, ou período de sete anos, é frequentemente tomada como unidade de tempo. Assim o período jubilar compunha-se de sete *schemitta*. Veja-se o livro *des Jubilés* e a Crónica samaritana publicada por Neubauer, *Journal Asiatique*, dec. 1869.
[2] Zacarias, IV.
[3] II Reis, I, 10-12.
[4] Isaías, I, 10; III, 9; Jeremias, XXIII, 14; Ezequiel, XVI, 48.
[5] O Egipto é o maior inimigo do povo de Deus, o que o oprime e reduz à escravidão.
[6] Trata-se, evidentemente, da Jerusalém rebelde, que mata os profetas. Mat., XXIII, 37.

gir-se-ão felicitações, enviar-se-ão presentes; porque estes dois profetas se lhe tinham tornado insuportáveis pelas suas predicações austeras e os seus milagres assombrosos. Mas ao cabo de três dias e meio, o espírito da vida entra nos dois santos; encontram-se de novo sob os seus pés, e um grande terror colhe todos os que os vêem [1]. Sobem então ao Céu à vista dos seus inimigos. Um espantoso terramoto se dá nesse momento; cai a décima parte da cidade; ficam mortos sete mil homens [2], os outros, deslumbrados, convertem-se.

Encontrámos já numerosas vezes esta ideia da hora solene ser precedida da aparição de duas testemunhas, que as mais das vezes são Henoch e Elias em pessoa. Esses dois amigos de Deus passam por não estar mortos. Supunha-se que o primeiro predissera inutilmente o dilúvio aos seus contemporâneos, que o não quiseram ouvir; era o modelo dum judeu pregando a penitência entre os pagãos. Algumas vezes também as testemunhas tomam a semelhança de Moisés [3] cuja morte fora igualmente incerta [4], e de Jeremias [5]. O nosso autor parece conceber as duas testemunhas como dois personagens importantes da Igreja de Jerusalém, dois apóstolos duma grande santidade, que serão mortos, depois ressuscitarão e subirão ao Céu como Elias e Jesus. É possível que a visão tenha quanto

---

[1] Cf. Ezequiel, XXXVII, 10; II Reis, XIII, 21.

[2] Segundo este cálculo, a população de Jerusalém era de 67 000 habitantes, o que é muito exacto.

[3] Apoc., XI, 6. Note-se na transfiguração de Jesus «Moisés e Elias falando com ele». Mat., XVIII, 3.

[4] Comp. a *Assomption de Moise*.

[5] *Vida de Jesus*. Victorin de Pettau, na *Bibli max. Patrum*, Lugd., III, pág. 478; Tilo, *Codex apocr. N. T.*, I, pág. 761 e seg.

à primeira parte um valor retrospectivo e se refira à morte dos dois Tiagos, sobretudo à morte de Tiago, irmão do Senhor, que foi considerada por muita gente em Jerusalém como uma calamidade pública, um acontecimento fatal e um sinal do tempo. Talvez também um desses pregadores de penitência fosse João Baptista e o outro Jesus [1]. Quanto à ideia de que se não realizará o fim antes dos judeus se terem convertido, encontrámo-la também em S. Paulo.

Tendo o resto de Israel alcançado a verdadeira fé, não pode o mundo deixar de acabar. O sétimo anjo toca a trombeta. Ao som desta última trombeta [2], ouvem-se grandes exclamações: «Chegou a hora em que o nosso Senhor com o seu Cristo vai reinar no mundo por toda a eternidade!» Os vinte e quatro anciãos caem de joelhos e põem-se em adoração. Agradecem a Deus ter inaugurado a sua realeza, apesar da cólera impotente dos gentios, e proclamam a hora da recompensa para os santos e da exterminação para os que corrompem a Terra. Abrem-se então as portas do templo celeste; vê-se ao fundo do templo a arca da nova aliança. Esta cena é acompanhada de terramotos, trovões e relâmpagos.

Tudo está consumado; os fiéis receberam a grande revelação que os deve consolar. O julgamento está próximo, realizar-se-á dentro de meio ano sagrado, equivalente a três anos e meio. Mas nós vimos já o autor, pouco cuidadoso com a unidade da sua obra, reservar-se os meios de a continuar, quando ela parecia acabada. O livro não está

---

[1] Comp. com Mat., XVII, 9-13.

[2] I Cor., XV, 52.

senão no meio; uma nova série de visões se vai desenrolar diante de nós.

A primeira é uma das mais belas [1]. No meio do Céu aparece uma mulher (a Igreja de Israel), vestida de Sol, tendo a Lua sob os pés e em volta da cabeça uma coroa de doze estrelas (as doze tribos de Israel). Grita como se sofresse as dores da maternidade, grávida como está do ideal messiânico. Diante dela levanta-se um dragão vermelho, de sete cabeças coroadas, com dez chifres [2], e cuja cauda, varrendo o Céu, arrasta o terço das estrelas e as lança sobre a terra [3]. É Satã sob a mais poderosa das suas encarnações, o império romano; o vermelho representa a púrpura imperial; as sete cabeças coroadas são os sete Césares que haviam reinado até ao momento em que o autor escrevia: Júlio César, Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba [4]; os dez chifres são os dez procônsules que governam as províncias. O Dragão espiona o nascimento da criança para a devorar. A mulher dá ao mundo um filho para «governar as nações com uma vara de ferro», sinal característico do Messias [5]. A criança *(Jesus)* é elevada ao Céu por Deus [6]; Deus coloca-O ao Seu lado sobre o Seu trono. A mulher foge para o deserto, onde Deus lhe preparou o lugar para passar mil duzentos e sessenta dias. É evidentemente uma alusão à fuga

---

[1] Apoc., c. XII.
[2] Daniel, VII, 7; Apoc., V, 6.
[3] Comp. com Daniel, VIII, 10.
[4] É o próprio autor do Apocalipse que mais adiante (XVII, 16) nos dá esta explicação.
[5] Ps. II, 9. Cf. Apoc., II, 27; XIX, 15.
[6] O autor do Apocalipse crê na ascensão de Jesus. Cf. XI, 12 (o que respeita às duas testemunhas é tirado do que o autor sabe da lenda de Jesus). Vejam-se os *Apóstolos*.

da Igreja de Jerusalém e à paz de que ela deve gozar dentro dos muros de Péla durante os três anos e meio que faltam para o fim do mundo, ou ao asilo que encontraram os cristãos judaizantes e alguns apóstolos na província da Ásia. A imagem do «deserto» ajusta-se melhor à primeira explicação do que à segunda. Péla, para além do Jordão, era um país pacífico, vizinho dos desertos da Arábia, e onde quase não chegava o ruído da guerra.

Deu-se então no Céu um grande combate. Até esse momento Satã, o *katigor*, o crítico maldoso da criação, entrava de vez em quando na corte divina. Aproveitava-se disto, segundo um velho hábito que não perdera desde o tempo do patriarca Job, para fazer mal aos homens piedosos, sobretudo aos cristãos, e atrair sobre eles grandes calamidades. As perseguições de Roma e Éfeso foram obra sua. O arcanjo Miguel (o Anjo da Guarda de Israel), com os seus anjos [1], dá-lhe batalha. Satã é vencido; expulso do Céu, lançado sobre a Terra, bem como os seus subalternos; um cântico de triunfo se faz ouvir, quando os seres celestes vêem precipitar-se o caluniador, o detractor de todo o bem, que não cessava noite e dia de acusar e amesquinhar os seus irmãos que viviam na Terra [2]. A Igreja do Céu e a de cá de baixo fraternizam a propósito da derrota de Satã. Esta derrota deve-se ao sangue do Cordeiro e também à coragem dos mártires que levavam o seu sacrifício até à morte. Mas desgraça do mundo profano! O Dragão desceu ao seu seio, e tudo pode esperar-se do seu desespero; porque ele sabe que os seus dias estão contados.

O primeiro objecto contra o qual o Dragão ati-

---

[1] Daniel, X, 13, 21; XII, 1; Judas, 9.
[2] Com. com Gen., III, 1; Job, I e II; Zacarias, III, 1.

rado à terra volta a sua fúria é a mulher (a Igreja de Israel) que deu ao mundo esse fruto divino que Deus mandou sentar-se à Sua direita. Mas a protecção do alto cobre a mulher; são-lhe dadas as duas asas da grande águia, com as quais voa para o lugar que lhe foi designado no deserto, isto é, para Péla. Aí é alimentada três anos e meio longe da vista do Dragão. O furor deste atinge o cúmulo. Vomita da sua boca um rio para a afogar e arrebatar; mas a terra vem em socorro da mulher; ela entreabre-se e absorve o rio (alusão a alguma circunstância da fuga para Péla de nós desconhecida). O Dragão, vendo a sua impotência contra a mulher (a Igreja de Israel) volta a sua fúria contra «o resto da sua raça», isto é, contra as Igrejas da dispersão que conservam os preceitos de Deus e são fiéis ao testemunho de Jesus. É uma alusão evidente às perseguições dos últimos tempos e sobretudo à do ano 64.

Então [1] o profeta vê sair do mar uma besta [2] que se assemelha muito ao Dragão. Tem dez chifres, sete cabeças, diademas nos dez chifres e em cada uma das cabeças um nome blasfematório. O seu aspecto geral é o do leopardo; os seus pés são de urso, a boca de leão [3]. O Dragão (Satã) dá-lhe a sua força, o seu trono e o seu poder. Uma das suas cabeças recebeu um golpe mortal; mas a chaga está curada. A terra inteira cai em admiração atrás deste poderoso animal, e todos os homens se põem a adorar o Dragão, porque ele deu o poder à Besta; adoram também a Besta dizendo: «Que há que seja semelhante à Besta e com ela possa

[1] Apoc., c. XIII.
[2] Comp. com Dan., VII, 3.
[3] Comp. com Dan., VII, 3 e seg.

combater?» E é-lhe dada uma boca que profere discursos cheios de orgulho e de blasfémia, e a duração do seu grande poder é fixada em quarenta e dois meses (três anos e meio). Então a Besta põe-se a vomitar blasfémias contra Deus, contra o Seu nome, contra o Seu tabernáculo e contra os que moram no Céu. E é-lhe dado fazer a guerra aos santos e vencê-los, e é-lhe dado poder sobre todas as tribos, todos os povos, todas as línguas, todas as raças. E todos os homens a adoram, com excepção daqueles cujo nome está escrito desde o princípio do mundo no livro da vida do Cordeiro que mataram. «Que aquele que tiver ouvidos escute! Aquele que faz cativos será cativo por sua vez; aquele que com ferro mata com ferro morre [1]. Este é o segredo da paciência e da fé dos santos.»

Este símbolo é muito claro. Já no poema sibilino composto no século II antes de Cristo, o poder romano é qualificado de poder «de numerosas cabeças» [2]. As alegorias de bestas policéfalas estavam então muito em voga: o princípio fundamental da interpretação destes emblemas era considerar cada cabeça como significando um soberano. O monstro do Apocalipse é composto pela reunião dos quatro atributos dos quatro impérios de Daniel [3], e só assim se podia indicar que se trata dum império novo, absorvendo nele os impérios anteriores. A besta que sai do mar é pois o império romano, que, para a gente da Palestina, parecia vir de além dos mares. Este império não é senão uma forma de Satã (do Dragão), ou melhor, é o próprio Satã com todos os seus atributos; ele conserva o seu

[1] Jeremias, XV, 2; Mat., XXVI, 52.
[2] *Carm. sib.*, III, 176.
[3] Dan., VII.

poder de Satã, emprega todo esse poder a fazer adorar Satã, isto é, a manter a idolatria, que, no pensamento do autor, não é senão a adoração dos demónios. Os dez chifres coroados são as dez províncias, cujos procônsules são verdadeiros reis; as sete cabeças são os sete imperadores que se sucederam de Júlio César a Galba; o nome blasfematório escrito em cada cabeça é o título de *Augustus* que representava para os judeus severos uma injúria a Deus. Toda a terra é por Satanás posta à disposição deste império, em paga das homenagens que o império consegue a Satã: a grandeza, o orgulho de Roma, o *imperium* que ela se concede, a sua divindade, objecto dum culto especial e público [1], são uma perpétua blasfémia contra Deus, único soberano real do mundo. O império de que se trata é naturalmente o inimigo dos Judeus e de Jerusalém. Faz uma guerra encarniçada aos santos (parece que o autor é favorável à revolta judaica); ele os vencerá, mas não durará mais de três anos e meio. Quanto à cabeça ferida de morte, mas cuja chaga se curou, é Nero, recentemente reaparecido, salvo miraculosamente da morte [2], e que se acreditava refugiado nos Partos. A adoração da Besta, é o culto de «Roma e de Augusto», tão espalhado em toda a província da Ásia e que constituía a base da religião do país [3].

O símbolo que se segue não é tão transparente para nós. Outra besta sai da terra; tem dois chifres semelhantes aos dum cordeiro; mas fala como o Dragão (Satã). Exerce todo o poder da primeira

[1] Suetónio, *Aug.*, 52.
[2] Veja-se Sulpício Severo, *Hist.*, II, 29.
[3] Veja-se *S. Paulo;* Waddington, Inscr. de Le Bas, III, n.º 885.

besta na sua presença e à sua vista; desempenha a seu respeito um papel de representante e emprega toda a sua autoridade a conseguir com que os habitantes da terra adorem a primeira besta, «aquela cuja chaga mortal se curou» [1]. Esta segunda besta [2] opera grandes milagres; chega a fazer descer o fogo do céu sobre a terra na presença de numerosos espectadores; seduz o mundo pelos prodígios que executa em nome e no serviço da primeira besta (daquela besta, acrescenta o autor, que recebeu um golpe de espada e vive contudo ainda). E foi-lhe dado (à segunda besta) introduzir o sopro da vida na imagem da primeira besta, de tal forma que esta imagem falou [3]. E ela teve o poder de fazer de maneira com que os que se recusaram a adorar a primeira besta fossem levados à morte. E estabeleceu como lei que todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, trariam um sinal na mão direita ou na fronte. E estabeleceu ainda que ninguém poderia comprar nem vender, se não trouxesse o sinal da Besta, o seu nome com todas as letras ou o número do seu nome, isto é, o número que formariam as letras do seu nome somadas como os números. «Aqui está a sabedoria!, exclama o autor. Que aquele que tiver inteligência calcule o número da Besta; é o número dum homem [4]. Esse número é 666.»

Efectivamente, se se somarem as letras do nome

[1] Há aqui naturalmente uma confusão entre a besta das sete cabeças considerada toda ela (império romano) e a cabeça ferida de morte (Nero).
[2] Cf. Apoc., XIX, 20; XX, 4.
[3] Sobre as estátuas falantes dos Romanos, veja-se Val. Máximo, I, VIII, 3-5; *Comptes rendues de l'Acad. des inscr.*, 1872, p. 285.
[4] Quer dizer que se trata do nome próprio dum homem.

de Nero, transcrito em hebreu, segundo o seu valor numérico, obtém-se o número 666. *Nerôn Kesar* era o nome com que os cristãos da Ásia designavam o monstro; as moedas da Ásia têm como legenda: ΝΕΡΩΝ. ΚΑΙΖΡ. Estes cálculos eram familiares aos judeus, e constituíam um jogo cabalístico que eles chamavam *ghematria;* os Gregos da Ásia também não eram estranhos a isto; no século II os gnósticos eram muito apaixonados por estas combinações.

Assim o imperador que se representava pela cabeça ferida de morte, mas não mortal (o próprio autor no-lo conta) é Nero, Nero que, segundo uma opinião popular muito espalhada na Ásia, vivia ainda. Isto é fora de dúvida. Mas o que é a segunda besta, esse agente de Nero, que tem os modos dum judeu piedoso e a linguagem de Satã [1], quem é o *alter ego* de Nero, que trabalha em proveito deste, obra milagres e vai até ao ponto de fazer falar uma estátua de Nero, persegue os judeus fiéis que não querem render a Nero as mesmas honras que os pagãos, nem trazer o sinal da sua filiação no partido, lhes torna impossível a vida, e lhes interdiz os actos mais essenciais, vender e comprar? Certas particularidades poderiam aplicar-se a um funcionário judeu como Tibério Alexandre, dedicado aos Romanos e tido pelos seus compatriotas como apóstata. O simples facto de pagar imposto ao império podia ser chamado «uma adoração da Besta», o tributo aos olhos dos judeus tinha o carácter de oferenda religiosa e implicava um culto para com o soberano [2]. O sinal ou carác-

[1] Cf. Mat., VII, 15.
[2] Méliton, *De veritate*, p. XLI, 7. Méliton comentou exactamente certas partes do Apocalipse.

ter da Besta que é preciso trazer consigo para gozar do direito comum, podia ser o diploma de cidade romana, sem o qual em certos países a vida era difícil e que para os judeus exaltados constituía o crime de associação a uma obra de Satã; ou a moeda da efígie de Nero, moeda tida pelos judeus revoltados como execrável, por causa das imagens e das inscrições blasfematórias que ela tinha, apressando-se, logo que se libertavam em Jerusalém, a substituí-la por uma moeda ortodoxa. O partidário dos Romanos de que se trata, mantendo o dinheiro do tipo de Nero como tendo curso forçado nas transacções, pode ter parecido que praticou uma enormidade; a moeda do tipo de Nero devia encher o mercado, e aqueles que, por escrúpulo religioso, se recusavam a tocar-lhe, ficavam como que fora da lei.

O procônsul da Ásia era nesse momento Fonteio Agripa, funcionário sério [1], em quem nos não é lícito pensar para sair da nossa dificuldade. Um grande padre da Ásia, zelador do culto de Roma e de Augusto [2] e usando para vexar os judeus e os cristãos da delegação do poder civil que lhe era feita, corresponderia a algumas das exigências do problema. Mas os característicos da segunda Besta que a dão como um sedutor e um taumaturgo não se ajustam a tal personagem. Estes característicos fazem pensar num falso profeta, num encantador, principalmente em Simão o Mágico, imitador de Cristo [3], tornado na lenda no adulador, parasita e prestidigitador de Nero, ou em Balbilo de Éfeso, ou ao Anticristo de que fala obscuramente Paulo

[1] Waddington, *Fastes des prov. asiat.*, p. 140-141.
[2] *Ibid.*, *Inscr.* de Le Bas, III, n.º 885.
[3] Daí os chifres do Cordeiro.

na segunda epístola aos Tessalónicos [1]. É provável que o personagem visado pelo autor do Apocalipse fosse qualquer impostor de Éfeso, partidário de Nero, talvez um agente do falso Nero ou mesmo o falso Nero em pessoa. O mesmo personagem é mais adiante [2] chamado «o Falso Profeta», no sentido de que é o elogiador dum falso deus [3], que é Nero. É preciso ter em conta a importância que nessa época têm os magos, os caldeus, os «matemáticos», peste de que Éfeso era o foco principal. Recorde-se também que Nero sonhou um momento «o reino de Jerusalém»; que se interessou muito pelo movimento astrológico do seu tempo [4], e que foi quase o único dos imperadores que foi adorado em vida [5], o que constituía o característico do Anticristo [6]. Durante a sua viagem da Grécia, especialmente, a adulação de Acaia e da Ásia ultrapassou tudo o que é possível imaginar. Não se esqueça ainda a gravidade que teve na Ásia e nas ilhas do Arquipélago o movimento do falso Nero. A circunstância da segunda besta sair da terra e não do mar como a primeira, indica que o incidente de que se trata teve lugar na Ásia ou na Judeia e não em Roma. Tudo isto não basta para levantar as obscuridades desta visão, que teve certamente no espírito do autor a mesma precisão material que as outras, mas que referindo-se a um facto provincial que os historiadores não mencionaram e que não teve importância senão nas im-

[1] II Tess., II, 3 e seg.
[2] Apoc., XVI, 13; XIX, 20; XX, 10. Cf. Mat., XXIV, 24.
[3] Comp. com Êxodo, VII, 1.
[4] Suetónio, *Nero*, 34, 36, 40; Plínio, *H. N.*, XXX, 2.
[5] Tácito, *An.*, XV, 74.
[6] II Tess., II, 3-4.

pressões pessoais do Vidente, permanece para nós um enigma.

No meio de ondas de cólera aparece agora uma ilha de verdura [1]. No mais encarniçado das terríveis lutas dos últimos dias, haverá um lugar aprazível: é a Igreja, a pequena família de Jesus. O profeta vê, descansando no monte Sião, os cento e quarenta e quatro mil resgatados de toda a terra, trazendo escrito na fronte o nome de Jesus. O Cordeiro repousa pacificamente no meio deles. Acordes celestes de harpas descem sobre a assembleia; os músicos cantam um cântico novo, que ninguém mais do que os cento e quarenta e quatro mil eleitos pode repetir. A castidade é o sinal destes bem-aventurados; todos são virgens, sem mácula; a sua boca nunca proferiu nenhuma mentira [2]; seguem o Cordeiro para toda a parte onde ele vá, como primícias da terra e o núcleo do mundo futuro.

Depois desta rápida passagem por um asilo de paz e de inocência, o autor volta às suas visões terríveis. Três anjos atravessam rapidamente o Céu. O primeiro voa no zénite levando o Evangelho eterno. Proclama à face de todas as nações a doutrina nova, e anuncia o dia do julgamento. O segundo anjo celebra antecipadamente a destruição de Roma: «Caiu já, caiu já a grande Babilónia, que enervou todas as nações com o vinho de fogo da sua fornicação» [3]. O terceiro anjo proíbe que

[1] Apoc., c. XIV.
[2] Cf. Sofónio, III, 13.
[3] Isaías, XXI, 2; Jeremias, LI, 7; Dan., IV, 27. Neste ponto a fornicação significa a excitação à idolatria, que foi, segundo o Vidente, o grande crime do império romano. A fornicação anda, na linguagem profética, intimamente ligada à ideia de idolatria.

se adore a Besta e a imagem da Besta feita pelo falso profeta: «Aqueles que adorarem a Besta ou a sua imagem, que tomarem as feições da Besta na sua fronte ou na sua mão, beberão do vinho ardente de Deus, do vinho puro preparado na taça da sua cólera [1]; serão atormentados pelo fogo e enxofre perante os anjos e o Cordeiro; e o fumo dos seus tormentos subirá através dos séculos dos séculos, e não terão repouso nem de noite nem de dia [2], aqueles que adorarem a Besta ou a sua imagem, e que tomarem o sinal do seu nome. É aqui que brilha a paciência dos santos, que conservam os preceitos de Deus e a fé de Jesus». Para tranquilizar os fiéis sobre uma dúvida que os atormentava algumas vezes relativamente à sorte dos irmãos que iam morrendo, uma voz ordena ao profeta que escreva: «Felizes desde já os mortos que morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, eles vão descansar dos seus trabalhos, porque as suas obras os seguem».

A representação do grande julgamento aparece na ardente imaginação do Vidente. Passa no Céu uma nuvem branca; sobre ela está sentado como um Filho do homem (um anjo semelhante ao Messias) [3] tendo na cabeça uma coroa de ouro e na mão uma fouce aguda [4]. A messe da terra está madura. O Filho do homem meteu a fouce à terra e a terra ficou segada. Um outro anjo procede à vindima [5]; e lança tudo no grande lagar da cólera

---

[1] Ps. LXXV, 9; *Carm, sib.*, promae, 76-78.
[2] Isaías, XXIV, 9-10.
[3] Daniel, VII, 13; Mat., XXIV, 30; Lucas, XXI, 27; Apoc., I, 13.
[4] Joel, IV, 13 (III, 13); Jeremias.
[5] *Ibid.*, IV, 13; Isaías, XVII, 5; LXIII, 1-6.

de Deus [1]; o lagar foi pisado fora da cidade; e o sangue que saiu subiu até à altura dos freios dos cavalos, por espaço de mil e seiscentos estádios.

Depois destes episódios, uma cerimónia celeste, análoga à dos mistérios da abertura dos selos e do toque das trombetas, se desenrola diante do Vidente [2]. Sete anjos são encarregados de assolar a terra com as sete pragas últimas, pelas quais é consumada a cólera de Deus. Mas previamente somos tranquilizados no que se refere ao destino dos eleitos: num vasto mar cristalino envolto em fogo, reconhecem-se os vencedores da Besta, isto é, aqueles que se recusaram a adorar a sua imagem e o número do seu nome, tendo nas mãos as harpas de Deus, cantando o cântico de Moisés depois da passagem do mar Vermelho e o cântico do Cordeiro. A porta do tabernáculo celeste abre-se, e vêem-se sair os sete anjos, vestidos de linho e cintados pela altura do peito com cintos de ouro [3]. Um dos quatro animais dá-lhes sete cálix de ouro, cheios até às bordas da cólera de Deus [4]. O templo enche-se então de fumo da majestade divina, e ninguém lá pode entrar até ao fim da cena dos sete cálix [5].

O primeiro anjo [6] esvaziou o seu cálix sobre a terra, e veio um golpe cruel e pernicioso sobre os

---

[1] Isaías, LXIII, 3.
[2] Apoc., c. XV.
[3] Costume dos padres judeus. Êxodo, XXVIII, 39-40; Lev., VII, 3.
[4] Ezequiel, XXII, 31; Sofónio, III, 8; Ps. LXXXIX, 6. Cf. Ezequiel, X, 7.
[5] Êxodo, XL, 34; I Reis, VIII, 10-11; Isaías, VI, 4 e sobretudo Ecl., XXXIX, 28-31 (Vulg. 33-37). É grande analogia com as pragas do Egipto; Êxodo, VII-X.
[6] Apoc., c. XVI.

homens que tinham o sinal da Besta, e sobre aqueles que adoraram a sua imagem.

O segundo esvaziou o seu cálix sobre o mar, e o mar se tornou em sangue, e morreram todos os animais que viviam no seu seio.

O terceiro anjo esvaziou o seu cálix sobre os rios e as fontes das águas, e elas se converteram em sangue. O anjo das águas não se queixa da perda do seu elemento; e diz: «É justo, Senhor, que és e eras santo; o que acabas de realizar é justíssimo. Porque eles derramaram o sangue dos santos e dos profetas, deste-lhes também a beber sangue: assim o merecem». E outro disse do altar: «Sim, Senhor Deus todo-poderoso, os Teus julgamentos são verdadeiros e justos» [1].

O quarto anjo esvaziou o seu cálix sobre o Sol, e foi-lhe dado o poder de afligir os homens com ardor e fogo: e os homens abrasaram-se com um calor devorante, e em vez de fazerem penitência, blasfemaram o nome de Deus que tem o poder sobre estas pragas.

O quinto anjo esvaziou o seu cálix sobre o trono da Besta (a cidade de Roma), e todo o reino da Besta (o império romano) ficou mergulhado em trevas. Os homens se morderam a si mesmo as línguas com a veemência da sua dor; mas em vez de se arrependerem, blasfemaram o Deus do Céu.

O sexto anjo esvaziou o seu cálix no Eufrates, que secou imediatamente, para preparar o caminho para os Reis do Oriente [2]. Saíram neste momento da boca do Dragão (Satã), da boca da Besta (Nero) e da boca do Falso Profeta (?) três espíritos

[1] Comp. *Sabedoria*, XI, 15-16; XVI, 1, 9; XVII, 2 e seg.
[2] Comp. com Isaías, XI, 15-16, e *Carmina sib.*, IV, 137-139.

imundos semelhantes às rãs. São uns espíritos de demónios, que fazem prodígios, e que vão aos Reis de toda a terra para os reunir para a batalha do grande dia de Deus. «Eu venho como um ladrão, exclama no meio de tudo isto a voz de Jesus [1]. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda os seus vestidos, para que não ande nu e vejam a sua fealdade!» Eles os reunirão num lugar que em hebraico se chama *Hermagédon*. A ideia geral de todo este simbolismo é muito clara. Vimos já que o Vidente tinha a opinião adoptada universalmente na província da Ásia de que Nero, depois de se ter escapado de Fáon, se refugiara entre os Partos, e que de lá voltaria para esmagar os seus inimigos. Acreditava-se, não sem motivos aparentes [2], que os príncipes partos, amigos de Nero durante o seu reinado, o sustentavam ainda, e o facto é que a corte dos Arsácidas foi durante mais de vinte anos o refúgio dos falsos Neros [3]. Tudo isto se afigura ao autor do Apocalipse um plano infernal [4], concebido entre Satã, Nero e o tal conselheiro de Nero que já figurou sob a forma da segunda besta. Estas almas danadas tratam de formar no Oriente uma liga, cujo exército passará pelo Eufrates e destruirá o império romano. Quanto ao enigma do nome de *Hermagédon*, é para nós indecifrável.

O sétimo anjo esvaziou o seu cálix no ar; e logo se ouviu uma grande voz do lado do altar: «Está feito»! E logo sobrevieram relâmpagos, vozes e trovões, e houve um grande tremor de terra: tal e tão grande que nunca assim se sentira desde que

[1] Comp. com Mat., XXIV, 42; Lucas, XII, 37-39.
[2] Suetónio, *Nero*, 57.
[3] Tácito, *Hist.*, I, 2; Suetónio, Nero, 57; Zonaras, XI, 16.
[4] Cf. I Reis, XXII, 20 e seg.

existem homens sobre a terra, em virtude do qual a grande cidade (Jerusalém) se cinde em três partes; e as cidades das nações se desfazem em ruínas e a grande Babilónia (Roma) veio em memória ante Deus, para que lhe dê a beber o cálix do vinho da sua ira. Todas as ilhas fugiram e desapareceram os mortos; e caiu sobre os homens uma chuva de pedra, como do peso dum talento; e os homens blasfemaram de Deus por causa deste flagelo.

Está acabado o ciclo dos prelúdios; não falta mais nada para desenrolar-se o julgamento de Deus. O Vidente faz-nos então assistir ao julgamento do maior de todos os culpados, a cidade de Roma [1]. Um dos sete anjos que esvaziaram os cálix aproxima-se de João e diz-lhe: «Vem cá, e eu te mostrarei o julgamento da grande prostituta, que está sentada sobre as grandes águas, com a qual fornicaram os reis da terra, e que tem embebedado o mundo com o vinho da sua fornicação». João vê então uma mulher sentada sobre uma besta muito semelhante à que saiu do mar e figurava pelo seu conjunto o império romano, e por uma das suas cabeças Nero. A besta é escarlate, e está coberta de nomes de blasfémia; tem sete cabeças e dez chifres. A prostituta usa o costume da sua profissão; vestida de púrpura, coberta de ouro, de pérolas e pedras preciosas, tem na mão um cálix cheio das abominações e das impurezas da sua fornicação. E na sua fronte está escrito um nome misterioso: «A grande Babilónia, a mãe das prostitutas e das abominações da terra».

E eu vi esta mulher embriagada com o sangue dos santos e o sangue dos mártires de Jesus. Fiquei estupefacto e cheio de grande admiração. E o anjo me disse: «Por que

[1] Apoc., c. XVII.

te admiras? Eu te direi o mistério da mulher e da Besta que a leva. A besta que tu viste era e já não é, e ela há-de subir do abismo e há-de ser sepultada na perdição; e os habitantes da terra, cujos nomes não estão escritos no livro da vida desde o princípio do mundo, se encherão de pasmo quando virem a Besta, que era e que já não é. Para isto é que é preciso um espírito inteligente. As sete cabeças são sete montanhas sobre as quais a mulher está sentada. Representam também sete reis: cinco desses reis desapareceram já, um deles reina actualmente, o outro não voltou ainda, mas depois de reaparecer viverá pouco tempo. Quanto à besta que era e que já não é, é o oitavo rei, e ao mesmo tempo faz parte dos sete reis, e vai para a perdição. E os dez chifres que tu viste são dez reis, que não receberam precisamente a realeza, mas que recebem por certo tempo um poder igual ao dos reis e o exercem conjuntamente com a Besta. Eles combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá: porque é o senhor dos senhores e o rei dos reis, e aqueles que forem chamados e eleitos com Ele, os Seus fiéis enfim, os vencerão também». E acrescentou: «As águas que vês, sobre as quais a prostituta está sentada, são os povos e as nações e as raças e as línguas. E os dez chifres que viste como a própria Besta, perseguirão com a sua ira a prostituta e a reduzirão à desolação e a deixarão nua, e comerão as suas carnes [1], e queimá-la-ão no fogo; por que Deus lhes pôs nos seus corações o executarem o que é de sua vontade: que é dar o seu reino à Besta, até que se cumpram as palavras de Deus. E a mulher que viste é a grande cidade que exerce a realeza sobre os reis da terra».

Tudo isto é claro. A prostituta é Roma, que corrompeu o mundo, que empregou o seu poder em propagar e fortalecer a idolatria, que perseguiu os santos, que fez correr em ondas o sangue dos mártires. A Besta é Nero, que imaginaram morto, que voltará, mas cujo segundo reinado será efémero e seguido da ruína definitiva. As sete cabeças têm dois sentidos: são as sete colinas sobre as quais Roma está assente e são sobretudo os sete imperadores: Júlio César, Augusto, Tibério, Calí-

[1] Quer dizer a saquearão.

gula, Cláudio, Nero, Galba. Os cinco primeiros morreram já; Galba reina na ocasião; mas é velho e fraco e cedo desaparecerá. O sexto, Nero, que é ao mesmo tempo a Besta e um dos sete reis, não morreu realmente; reinará ainda, mas pouco tempo [1]; será assim o oitavo rei, depois perecerá! Quanto aos dez chifres são os procônsules e os legados imperiais das dez províncias principais, que não são verdadeiros reis, mas que recebem do imperador o seu poder por um tempo limitado, governam conformes com um só pensamento que lhes vem de Roma, e estão inteiramente submetidos ao império, de que têm o poder. Esses reis parciais são tão malvados para os cristãos como o próprio Nero. Representantes de interesses provinciais, humilharão Roma, roubar-lhe-ão o direito de dispor do império, de que ela gozou até aí, maltratá-la-ão, pegar-lhe-ão fogo e partilharão os seus despojos. Contudo Deus não quer ainda o desmembramento do império; inspira aos generais comandantes dos exércitos de província e a todos esses personagens que tiveram cada um por sua vez a sorte do império entre as mãos (Vindex, Virgínio, Ninfídio, Sabino, Galba, Macer, Capitão, Otão, Vitélio, Muciano, Vespasiano) o porem-se de acordo para reconstituir o império, e, em vez de se estabelecerem como soberanos independentes, o que parecia ao autor judeu o partido mais natural, rendem homenagem da sua realeza à Besta.

Vê-se até que ponto o panfleto do chefe das Igrejas da Ásia entra no âmago duma situação que para imaginações tão fáceis de improvisar como as dos judeus, devia parecer estranha; na realidade

[1] O autor pretende que a catástrofe final não tardará mais de três anos e meio.

Nero, pela sua malvadez e pela sua loucura dum género especial, lançara a razão fora dos seus eixos. O império encontra-se por sua morte sem herdeiros. Depois do assassinato de Calígula, havia ainda um partido republicano; além disso a família adoptiva de Augusto tinha um grande prestígio; depois do assassinato de Nero, já quase não havia partido republicano e a família de Augusto acabara já. O império encontrou-se nas mãos dos oito ou dez generais que exerciam os grandes comandos. O autor do Apocalipse, não compreendendo nada das coisas romanas, admira-se de que estes dez chefes que lhe parecem reis, se não tenham declarado independentes e que tenham entrado em acordo, e atribui este resultado à acção da vontade divina. É evidente que os Judeus do Oriente, oprimidos pelos romanos ia em dois anos, e que se sentiam mais livres desde Julho de 68, porque Muciano e Vespasiano andavam absorvidos pelos assuntos gerais, acreditassem que o império se ia dissolver, e se julgassem triunfantes um momento. Não era uma impressão tão superficial como pode imaginar-se. Tácito, começando a narrar os acontecimentos do ano no princípio do qual foi escrito o Apocalipse, chama-lhe *annum reipublicae propte supremum* [1]. Causou aos judeus a maior admiração o verem os «dez reis» tornar «à Besta» (à unidade do império) e submeter-lhes aos pés as suas realezas. Esperavam que a consequência da independência dos «dez reis» seria a ruína de Roma; antipatizando com uma grande organização central do Estado, pensaram que os procônsules e os legados odiassem Roma, e, julgando-os por si mesmos, supunham que estes chefes poderosos obrariam como sátra-

[1] Tácito, *Hist.*, I, 11. Cf. Jos., *B. J.*, IV, XI, 5.

pas, ou melhor, como Hircan, Jano, reis exterminadores dos seus inimigos. Saborearam ao menos, como provinciais odientos, a grande humilhação que a cidade-rainha experimentou, recebendo dentro dos seus muros, quando o direito de erigir os soberanos passou às províncias, senhores que não tinha sido a primeira a aclamar.

Qual a relação do Apocalipse com o episódio singular do falso Nero, que justamente no momento em que escrevia o Vidente de Patmo enchia de emoções a Ásia e as ilhas do Arquipélago? É das mais singulares esta coincidência. Citno e Patmo distam a umas quarenta léguas uma da outra, e as notícias correm rapidamente no Arquipélago. Os dias em que escreveu o profeta cristão foram aqueles em que mais se falava do impostor, saudado por uns com entusiasmo, olhado por outros com terror. Mostrámos já que ele se estabeleceu em Citno em Janeiro de 69, ou talvez em Dezembro de 68. O centurião Sisena, que tocou em Citno, nos primeiros dias de Fevereiro, vindo do Oriente e trazendo aos pretorianos de Roma os prémios do acordo da parte do exército da Síria, teve muita dificuldade para se lhe escapar. Muito poucos dias depois, Calpúrnio Asprenas, que recebera de Galba o governo da Galácia e da Panfília, e que acompanhava duas galeras da esquadra de Misena, chega a Citno. Emissários do pretendente experimentaram sobre os comandantes dos navios o efeito mágico do nome de Nero; o impostor, afectando um ar triste, apelou para a fidelidade dos que foram outrora os «seus soldados». Rogou-lhes que o lançassem ao mar na Síria ou no Egipto, países em que tinha as maiores esperanças. Os comandantes, ou por troça ou porque tivessem ficado abalados, pediram tempo. Asprenas, tendo

sabido de tudo, capturou por surpresa o impostor e fê-lo matar. O seu corpo foi passeado pela Ásia, depois levado para Roma, para refutar os seus partidários que tivessem querido levantar ainda dúvidas sobre a sua morte [1]. Seria a este desgraçado que fazem alusão as palavras: «a Besta que vês era e já não é, e ela vai sair do abismo, e caminhar para a sua perda; o outro rei não voltou ainda, e quando voltar viverá pouco»? É possível. O monstro que se elevava do abismo seria uma viva imagem do poder efémero que o sagaz escritor via sair do mar no horizonte de Patmo. Não nos poderíamos pronunciar sobre isto com certeza, porque a opinião de que Nero estava entre os Partos, basta para tudo explicar; mas esta opinião não excluía a crença no falso Nero de Citno, porque se podia supor que a aparição deste era a volta do monstro, coincidindo com a passagem do Eufrates pelos seus aliados do Oriente. Em todo o caso, parece-nos impossível que estas linhas fossem escritas depois da morte do falso Nero por Asprenas. À vista do cadáver do impostor, conduzido de cidade em cidade, a contemplação dos seus traços apagados pela morte, teriam falado evidentemente de mais contra as apreensões do regresso da Besta, de que o autor está possuído. Admitimos mesmo que João na ilha de Patmo teve conhecimento dos acontecimentos da ilha de Citno e que o efeito produzido nele por esses rumores estranhos fosse a causa principal da carta que escreveu às Igrejas da Ásia, para lhes fazer conhecer a grata notícia de Nero ressuscitado.

Interpretando os acontecimentos políticos pela intensidade do seu ódio, o autor, como judeu faná-

[1] Tácito, *Hist.*, II, 8-9.

tico, predisse que os comandantes de província, que ele imaginava cheios de rancor contra Roma e até certo ponto de acordo com Nero, assolarão a cidade, a queimarão. Tomando novamente o facto como realizado, canta a ruína da sua inimiga [1]. Não lhe é preciso senão copiar as declamações dos antigos profetas contra Babilónia, e contra Tiro [2]. Israel enche a história com as suas maldições; a todos os grandes Estados profanos disse: «Feliz do que te restituir o mal que nos fizeste!» Um anjo brilhante desce do Céu, e com uma voz formidável exclama: «Caída, caída é a grande Babilónia e já não é a morada dos demónios, uma habitação de espíritos impuros, um refúgio de aves imundas, porque todas as nações beberam do vinho da sua fornicação e os reis da terra se macularam com ela e os mercadores da terra se enriqueceram com a sua opulência». Outra voz do Céu se faz ouvir:

Saí dela, povo meu: para não serdes cúmplices dos seus delitos e não serdes atingidos pelas pragas. As suas abominações chegaram até ao Céu, e Deus lembrou-se das suas iniquidades. Tornai-lhe o que ela fez aos outros; pagai-lhe em dobro as suas obras; no cálix que ela deu a beber aos outros dai-lhe a beber o dobro. Quanto ela se tem glorificado e vivido em deleites, tanto lhe dai de tormento e aflição. «Eu estou sentada como rainha, diz no seu coração; nunca conhecerei o luto. Eis porque os seus castigos virão todos no mesmo dia, morte, desolação, fome, incêndio; porque é poderoso o Deus que a julga». E chorarão sobre ela os reis da terra que participaram das suas impurezas, e da sua abominação. «Que desgraça! que desgraça!» dirão os seus companheiros de deleites, à vista do fumo do seu abrasamento, conservando-se a distância cheios de terror. «Ai, ai daquela grande cidade de Babilónia, aquela cidade forte. Num momento veio a sua condenação...» E os negociantes

[1] Apoc., XVIII.
[2] Comp. sobretudo com Isaías, XIII, XXIII, XXIV, XXXIV, XLVII, XLVIII; Jeremias, XVI, XXV, LI; Ezequiel, XXIV, XXVII.

da terra se lamentarão; porque ninguém mais compra as suas mercadorias. Objectos de ouro e de prata, pedras preciosas, pérolas, fino linho, púrpura, seda, escarlata, madeira de tuia, marfim, bronze, ferro, mármore, cinamomo, perfumes, óleos aromáticos, incenso, vinho, azeite, flor de farinha, trigo, gado, carneiros, cavalos, carros, escravos e almas de homens;... os negociantes de todas estas coisas, que se tinham com ela enriquecido, conservando-se a distância com medo dos seus tormentos, exclamarão: «Que desgraça! que desgraça! Ai dessa grande cidade que estava coberta de escarlata, de púrpura, de linho fino, que se adornava com ouro, pedras preciosas e pérolas! Numa hora pereceram todas estas riquezas!» E os marinheiros que se dirigiam para ela, e todos os que traficam no mar se detiveram ao longe, à vista do fumo do seu incêndio, e lançado o pó sobre a sua cabeça, trocam uns com os outros exclamações, chorando e lamentando-se: «Que desgraça! que desgraça! A grande cidade que enriquecia com os seus tesouros todos os que tinham embarcações no mar, tornou-se numa hora num deserto».

Exulta sobre a sua ruína, ó Céu; exultai vós, santos, apóstolos e profetas; porque Deus julgou a vossa causa e vos deu completa vingança.

Então um anjo duma força extraordinária tomou uma pedra grossa como uma mó, e lançou-a ao mar dizendo:

Assim será precipitada Babilónia, a grande cidade, e não se encontrarão mais os seus vestígios; e a voz dos tocadores de cítara e dos músicos, o som da flauta e da trombeta não se ouvirão mais dentro dos seus muros; os misteres se calarão e a mó emudecerá; a luz da lâmpada não brilhará mais, e a voz do noivo e da noiva nunca mais se ouvirão. Porque os seus negociantes eram os grandes da terra, e são os seus filtros que perderam todas as nações. E nele foi achado o sangue dos profetas e dos santos e de todos os que foram mortos sobre a terra.

A ruína desta inimiga capital do povo de Deus é objecto duma grande festa no Céu [1]. Uma voz

[1] Apoc., C. XIX.

como a duma numerosa multidão faz-se ouvir e exclama: «*Aleluia!* Saúde, glória e força ao nosso Deus; porque os Seus julgamentos são justos, e julgou a grande prostituta, que corrompeu a terra com a sua prostituição, e porque vingou o sangue dos Seus servidores derramado por ela». E outro coro respondeu: «*Aleluia!* o fumo do seu incêndio sobe através dos séculos dos séculos». Então os vinte e quatro anciãos e os quatro monstros prostram-se e adoram Deus, sentado no trono, dizendo: *Amém! aleluia!* Uma voz ergue-se do trono, cantando o Salmo inaugural do reino novo: «Louvai o nosso Deus, vós todos que sois os Seus servidores e que O temeis, pequenos e grandes» [1]. Uma voz como a duma multidão, ou como a das grandes águas, ou como o ruído dum forte trovão, responde: «*Aleluia!* É agora que reina o Senhor Deus todo-poderoso. Exultemos e entreguemo-nos à alegria, e rendamos-Lhe glória; porque chegou a hora das núpcias do Cordeiro [2]; o vestido da noiva [3] está pronto; está vestida com um vestido de fino linho dum brilho suave e puro». (O linho fino, acrescenta o autor, são os actos de virtude dos santos.)

Livre da presença da grande prostituta (Roma) a terra está pronta para o himeneu celeste, para o reino do Messias. O anjo diz ao Vidente: «Escreve: Bem-aventurados os convidados para o festim das núpcias do Cordeiro!» Abre-se então o Céu e Cristo, chamado aqui pela primeira vez pelo seu nome místico, «o Verbo de Deus», aparece como vencedor, montado num cavalo branco. Vem pisar o lagar do vinho da cólera de Deus, inaugurar para

[1] Comp. com S. CXV, 13; CXXXIV, 1.
[2] Comp. com Mat., XXII, 2 e seg.; XXV, 1 e seg.
[3] A Igreja.

os pagãos o reino do ceptro de ferro. Os Seus olhos cintilam. Os Seus hábitos estão tintos de sangue; traz na cabeça numerosas coroas com uma inscrição em caracteres misteriosos. Da Sua boca sai uma espada aguda, para ferir os gentios; na Sua coxa está escrito este título: REI DOS REIS, SENHOR DOS SENHORES. Todo o exército do Céu O segue com cavalos brancos, vestido de fino linho. Espera-se um triunfo pacífico, mas não chegou o tempo ainda. Ainda que Roma seja destruída, o mundo romano, representado por Nero o Anticristo, não fica aniquilado. Um anjo de pé sobre o Sol exclama com uma voz forte a todas as aves que voam no zénite: «Vinde, reuni-vos para o grande festim de Deus; vinde comer a carne dos reis e a carne dos tribunos e dos seus cavaleiros, e a carne dos homens livres e dos escravos, dos grandes e dos pequenos» [1]. O profeta vê então a Besta (Nero) e os reis da terra (os generais da província quase independentes) e os seus exércitos, reunidos para fazer a guerra Àquele que está sentado sobre o cavalo. E a Besta (Nero) é colhida e com ela o Falso Profeta que operava prodígios diante dela; são ambos lançados vivos no lago sulfuroso que arde eternamente. Os seus exércitos são exterminados pela espada que sai da boca d'Aquele que está sentado no cavalo, e as aves saciam-se na carne dos mortos.

Os exércitos romanos, o grande instrumento do poder de Satã, estão vencidos; Nero o Anticristo, o seu último chefe, está encerrado no Inferno; mas o Dragão, a Serpente antiga, Satã existe ainda. Vimo-lo já ser lançado do Céu sobre a terra [2]; é

[1] Comp. com Ezequiel, XXXIX, 17-20.
[2] Apoc., XII, 7 e seg.

preciso agora livrar também a terra da sua presença [1]. Um anjo desce do Céu trazendo na mão uma grande cadeia. Prende o Dragão, liga-o por mil anos e precipita-o no abismo [2], fecha à chave a abertura do antro e sela-a com um selo [3]. Durante mil anos o Diabo permanecerá encadeado. O mal moral e o mal físico, que é a consequência do primeiro, ficarão suspensos, mas não destruídos. Satã já não pode seduzir os povos; mas não está aniquilado para toda a eternidade.

Um tribunal se estabelece para proclamar aqueles que devem fazer parte do reino de mil anos [4]. Este reino é reservado aos mártires. O primeiro lugar pertence às almas dos que foram feridos com a acha por terem rendido testemunho a Jesus e à palavra de Deus (os mártires romanos de 64); seguem-se depois os que se recusaram a adorar a Besta e a sua imagem, e que não receberam as suas feições na fronte nem nas mãos (os confessores de Éfeso, de que o Vidente faz parte) [5]. Os eleitos deste primeiro reino ressuscitam e reinam mil anos na terra com o Cristo. Não é preciso que o resto da humanidade tenha desaparecido, nem mesmo que o mundo inteiro se tenha tornado cristão; o *millenium* está no meio da terra como um pequeno paraíso. Roma já não existe; Jerusalém substituiu-a no seu papel de capital do mundo; os fiéis constituem aí um reino de padres [6]; servem Deus e Cristo; já não há império profano, poder civil hostil à Igreja; as nações vêm a Jerusalém

---

[1] Apoc., c. xx.
[2] Cf. Jud., 6.
[3] Comp. com Talm. de Bab., *Gittin*, 68 *a*.
[4] Daniel, VII, 9, 22, 27.
[5] Comp. com Apoc., I, 9.
[6] Isaías, LXI, 6.

prestar homenagem ao Messias, que as mantém pelo terror. Durante esses mil anos os mortos que não tomavam parte na primeira ressurreição não vivem; esperam. Os participantes do primeiro reino são pois privilegiados; além da eternidade no infinito terão o *millenium* na terra com Jesus; nenhuma morte os poderá já atingir.

Quando tenham decorrido os mil anos, Satã será libertado da sua prisão por algum tempo. Recomeçará o mal na terra. Satã desencadeado, perturbará de novo as nações, arrastá-las-á dum cabo a outro do mundo a guerras espantosas; Gog e Magog (personificações místicas das invasões bárbaras) levarão ao combate exércitos mais numerosos que as areias do mar. A Igreja ficará como afogada neste dilúvio. Os bárbaros sitiarão o campo dos santos, a cidade amada, isto é, essa Jerusalém, terrestre ainda, mas inteiramente santa, onde estão os fiéis amigos de Jesus; o fogo do Céu cairá sobre eles e os devorará. Então Satã, que os seduzira, será lançado no lago de enxofre a arder, onde estão já a Besta (Nero) e o Falso Profeta (?), e onde todos esses malditos vão daí em diante ser atormentados noite e dia por todos os séculos dos séculos.

A criação acaba de cumprir o seu destino [1]; vai proceder-se ao último julgamento. Um trono resplandecente de luz aparece, e sobre esse trono o juiz supremo. À Sua vista, o Céu e a terra afastam-se; já não há em parte alguma lugar para eles. Os mortos grandes e pequenos ressuscitam. A Morte e o *Scheol* abordam as suas proas; o mar do seu lado entrega os afogados que, devorados por ele, não desceram regularmente no *Scheol*. To-

---

[1] Comp. com Daniel, VII, 9.

dos comparecem perante o trono. São trazidos os grandes livros, toma-se conta rigorosa das acções de cada homem; abre-se também um outro livro, o «livro da vida» onde estão escritos os nomes dos predestinados. São então julgados todos segundo as suas obras. Aqueles cujos nomes não estão escritos no livro da vida são precipitados no lago de fogo. A Morte e o *Scheol* são também lançados lá [1].

Tendo-se definitivamente destruído o mal, vai começar o reino do bem absoluto [2]. A velha terra, o velho Céu desapareceram já; sucedeu-lhes uma nova terra e um novo Céu [3]; já não há mar. Esta terra e este Céu não são porém um rejuvenescimento da terra actual e do Céu de agora, e da mesma forma que Jerusalém era a pérola, a jóia da antiga terra, da mesma forma será ainda Jerusalém o centro da nova. O apóstolo vê esta nova Jerusalém descer do Céu de junto de Deus, vestida como uma noiva para o seu esposo. Uma grande voz sai do trono: «É este o tabernáculo onde Deus habitará com os homens. Os homens serão daqui em diante o Seu povo, e Ele será sempre presente no meio deles [4], e enxugará todas as lágrimas dos seus olhos, e já não haverá morte, nem dor, nem gritos, nem penas, porque tudo o que existia desapareceu». O próprio Jeová toma a palavra para promulgar a lei deste mundo eterno. «Está feito. Eis que eu renovo todas as coisas. Eu sou o *alfa* e o *ómega*, o princípio e o fim. Aquele que tenha sede, eu o farei beber gratuitamente da fonte da

---

[1] Comp. com Daniel, VII, 11; Lucas, XVI, 23; I Cor., XV, 26.

[2] Apoc., XXI.

[3] Comp. com Isaías, LXV, 17; LVI, 22. Cf. II Petri, III, 13.

[4] Ezequiel, XXXVII, 27; Comp. II Cor., VI, 16.

vida [1]. O vencedor possuirá todos estes bens, e eu serei o seu Deus e ele será o meu filho [2]. Quanto aos tímidos, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos fornicadores, aos autores de malefícios, aos idólatras, aos mentirosos, o seu lugar será o lago de enxofre e de fogo».

Um anjo se aproxima então do Vidente e diz-lhe: «Vem cá; vou-te mostrar a noiva do Cordeiro». E transporta-o em espírito a uma montanha elevada, donde lhe mostra a Jerusalém ideal [3], penetrada e revestida da glória de Deus. O seu brilho é o dum jaspe cristalino. A sua forma é a dum quadrado perfeito de três estádios de lado, orientado segundo os quatro ventos do Céu e rodeado dum muro alto de cento e quarenta côvados, e tendo doze portas. A cada porta vigia um anjo e por cima está escrito o nome duma das doze tribos de Israel. Os fundamentos do muro são constituídos por camadas de pedras; em cada uma dessas camadas resplandece o nome dum dos doze apóstolos do Cordeiro. Cada um desses leitos sobrepostos é ornado de pedras preciosas [4], o primeiro de jaspe, o segundo de safira, o terceiro de calcedónia, o quarto de esmeralda, o quinto de sardónica, o sexto de cornalina, o sétimo de crisólita, o oitavo de água-marinha, o nono de topázio, o décimo de crisópraso, o undécimo de jacinto, o duodécimo de ametista. O próprio muro é de jaspe; a cidade é dum ouro puro, semelhante a um vidro transparente; as portas são feitas duma só pérola [5]. Não

---

[1] Isaías, LV, 1.

[2] II Samuel, VII, 14.

[3] Tudo o que segue é recortado de Ezequiel, XL, XLVI, XLVIII; Comp. com Heródoto, I, 178.

[4] Êxodo, XXVII, 17-20; XXXIX, 10-14.

[5] Isaías, LIV, 11-12.

há templo na cidade; porque o próprio Deus lhe serve de templo, assim como o Cordeiro. O trono que o profeta, no princípio de sua revelação, viu no Céu, está agora no meio da cidade, isto é, no centro duma humanidade regenerada e harmonicamente organizada. Sobre este trono estão sentados Deus e o Cordeiro. De junto do trono, sai o rio da vida, brilhante e transparente como o cristal, que atravessa a grande rua da cidade [1]; nas suas margens floresce a árvore da vida [2], que contém doze espécies de frutos, uma espécie para cada mês; estes frutos parecem reservados para os Israelitas; as folhas têm virtudes medicinais para a cura dos gentios. A cidade não tem necessidade nem de Sol nem de Lua para a iluminar [3]; porque a ilumina a glória de Deus, e o seu lustro é o Cordeiro. As nações marcharão à Sua claridade [4]; os reis da terra far-lhe-ão homenagem da Sua glória, e as suas portas não se fecharão nem de dia nem de noite, tão grande será a afluência dos que virão trazer-lhe o seu tributo. Nada de impuro, nada de maculado aí entrará [5]; só aqueles que forem inscritos no livro da vida do Cordeiro aí terão lugar. Já não haverá nenhuma divisão religiosa nem anátema [6]; o culto puro de Deus e do Cordeiro unirá todo o mundo. A cada momento os seus servidores exultarão pela sua vista, e o seu nome será escrito nas suas frontes. Este reino do bem durará através dos séculos dos séculos.

---

[1] Apoc., XXII.
[2] Génese, II, 10-14.
[3] Daniel, VII, 27.
[4] Isaías, LII, 3, 5-7, 19-20.
[5] Isaías, LII, 1.
[6] Zacarias, XIV, 11.

CAPÍTULO XVII

A SORTE DO LIVRO

A obra termina por este epílogo:

E fui eu, João, que ouvi e vi todas estas coisas; e depois de as ter visto e ouvido, caí diante dos pés do anjo que mas mostrava, para o adorar. E ele me disse: «Não o faças, eu sou o teu co-servidor; nós temos um mesmo mestre, tu, eu, teus irmãos os profetas e aqueles que conservam as palavras deste livro [1]. Adora Deus». E disse-me em seguida: «Não seles [2] os discursos da profecia deste livro, porque o tempo está próximo! Que o injusto se torne mais injusto ainda, que aquele que se maculou se macule mais ainda [3], que o justo faça ainda mais justiça, que o santo se santifique ainda mais!»

Uma voz longínqua, a voz do próprio Jesus, responde a estas promessas e as garante.

«Eis que eu volto depressa! E comigo levo a recompensa que darei a cada um segundo as suas obras [4]. Eu sou o *alfa*

---

[1] Precaução contra certas seitas que, como os essénios, exageravam o culto dos anjos. Col., II, 18.
[2] Isto é, não conserves inéditos. Cf. Daniel, XII, 4.
[3] Daniel, XII, 10.
[4] Isaías, XL, 10.

e o *ómega*, o primeiro e o último, o princípio e o fim. Bem-aventurados os que lavam os seus vestidos! Eles terão direito à árvore da vida e entrarão na cidade pelas portas. Para trás os cães, os feitores de malefícios, os impúdicos, os assassinos, os idólatras, todo aquele que ama e pratica a mentira! Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos afirmar todas estas coisas nas Igrejas. Bem-aventurado o que conserva as palavras da profecia deste livro! Eu sou a raiz e o descendente de David, a estrela clara da manhã»[1].

Depois as vozes do Céu e as da Terra entrecruzam-se e chegam *moriendo* a um final em acorde perfeito.

«Vem», dizem o Espírito[2] e a esposa[3]. Que aquele que ouvir esta chamada diga também: «Vem». Que aquele que tiver sede, venha! A água da vida dá-se aqui gratuitamente a quem a quer.

Afirmo àquele que ouvir as palavras da profecia contida neste livro que, se alguém lhe acrescentar seja o que for, Deus fará cair sobre ele as pragas descritas neste livro. E se alguém cortar seja o que for aos dizeres do livro desta profecia, Deus lhe cortará a sua parte da árvore da vida e da cidade santa de que se fala neste livro»[4].

— «Sim, eu venho depressa», diz o revelador de tudo isto. *Amém.* Vem, Senhor Jesus.

A Graça do Senhor Jesus seja com todos.

Não há dúvida de que, apresentado sob o nome mais venerado da cristandade, o Apocalipse não causou nas Igrejas da Ásia uma grande impressão. Uma quantidade de pormenores, hoje obscuros, eram claros para os contemporâneos. Estes anúncios duma próxima convulsão não causaram nenhuma surpresa. Discursos não menos formais

[1] *Ibid.*, XI, 1.
[2] Espírito profético espalhado na Igreja.
[3] A Igreja.
[4] Deuteronómio, IV, 2.

atribuídos a Jesus se espalhavam a cada passo e se faziam aceitar[1]. Num ano, além disso, os acontecimentos do mundo podem parecer uma maravilhosa confirmação do livro. Em 1 de Fevereiro, chega à Ásia a notícia da morte de Galba, e a subida ao trono de Otão. Depois cada dia aparece um indício da decomposição do império: a impotência de Otão parece fazer-se reconhecer por todas as províncias, Vitélio mantendo o seu título contra Roma e o senado, os dois sangrentos combates de Bédriac, Otão abandonado por sua vez, a aclamação de Vespasiano, a batalha nas ruas de Roma, o incêndio do Capitólio posto pelos combatentes, incêndio de que muitos concluíram que os destinos de Roma atingiam o seu fim, tudo isto deve ter parecido espantosamente conforme com as sombrias predições do profeta. As decepções não começaram senão com a tomada de Jerusalém, a destruição do templo, e a estabilidade da dinastia flaviana. Mas a fé religiosa não perdeu as suas esperanças; a obra, além disso, era obscura, susceptível em muitos sentidos de interpretações diversas. Poucos anos depois da emissão do livro, procurou dar-se a muitos capítulos um sentido diferente do que o autor lhe tinha dado. O autor anunciara que o Império Romano se não reconstituiria e que o templo de Jerusalém não seria destruído. Era preciso, para estes dois pontos, procurar uma explicação. Quanto à reaparição de Nero, renunciou-se logo; sob Trajano, ainda algumas pessoas do povo se obstinavam em acreditar que ele voltaria[2]. Durante muito tempo se conservou a noção do número da Besta; uma variante se espalhou

[1] Mat., XXIV.
[2] Dion Crisóstomo, orat. XXI, 10.

mesmo nos países ocidentais, para acomodar este número aos hábitos latinos. Certos exemplares traziam 616 em vez de 666 [1].

Ora 616 corresponde à forma latina *Nero Cœser* (valendo o *noun* hebraico 50).

Durante os três primeiros séculos, a significação geral do livro foi sempre a mesma pelo menos para alguns iniciados. O autor do poema sibilino que data aproximadamente do ano 80, se não leu a profecia de Patmo, ouviu pelo menos dela falar. Vive numa ordem de ideias inteiramente idênticas. Sabe o que significa o sexto cálix. Para ele Nero é o antimessias; o monstro fugiu para além do Eufrates; vai voltar com milhares de homens [2]. O autor do Apocalipse de Esdras (obra datada com certeza do ano 96, 97 ou 98) imita claramente o Apocalipse de João, emprega os seus processos simbólicos, as suas notações, a sua linguagem. Outro tanto se pode dizer da *Ascensão de Isaías* (obra do século segundo), onde Nero, encarnação de Belial, desempenha um papel que prova que o autor conhecia o número da Besta [3].

Os autores das poesias sibilinas que datam do tempo dos Antoninos entendem igualmente os enigmas do manifesto apostólico e adoptam-lhe as utopias, mesmo aquelas que, como a volta de Nero, tinham já decididamente caducado. S. Justino e Meliton parece terem tido a compreensão quase completa do livro. O mesmo se pode dizer de Comodiano, que (em 250) junta à sua interpretação elementos doutras proveniências, mas que não duvida um só instante de que Nero o Anticristo

[1] Ireneu, *Adv. haer.*, V, XXX, 1.
[2] *Carm. sib.*, IV, 117 e seg., 137-139.
[3] *Asc. de Isaías*, IV, 2 e seg.

deva ressuscitar do Inferno para sustentar uma luta suprema contra o cristianismo, e que conceba a destruição de Roma-Babilónia exactamente como a concebiam duzentos anos antes. Enfim, Vitorino de Péteon (morto em 303) comenta ainda o Apocalipse com uma impressão muito justa. Sabe perfeitamente que o Nero ressuscitado é o verdadeiro Anticristo. Quanto ao número da Besta, tinha-se perdido provavelmente antes do fim do século II. Ireneu (em 190) engana-se grosseiramente sobre este ponto, como em alguns outros de maior importância e abre a série dos comentários quiméricos e dos simbolismos arbitrários. Algumas particularidades subtis como a significação do Falso Profeta e de *Hermagédon*, perderam-se logo.

Depois da reconciliação do império e da Igreja, no século IV, a sorte do Apocalipse ficou muito comprometida. Os doutores gregos e latinos, que não separavam já o futuro do cristianismo do do império, não podiam admitir como inspirado um livro sedicioso, cuja base fundamental era o ódio a Roma e a predição do fim do seu reino. Quase toda a parte ilustrada da Igreja do Oriente, a que recebera uma educação helénica, cheia de aversão pelos escritos milenários e judaico-cristãos, declarou o Apocalipse apócrifo. O livro tomara no Novo Testamento grego e latino uma posição tão forte, que foi impossível eliminarem-no; teve de recorrer-se para inutilizar as objecções que levantava, às mais extraordinárias maravilhas da exegética. A evidência era contudo esmagadora. Os Latinos, menos contrários do que os Gregos ao milenarismo, continuavam a identificar o Anticristo com Nero. Até ao tempo de Carlos Magno, houve uma espécie de tradição a este respeito. S. Beato de Libana, que comenta o Apocalipse em 786, afirma, mistu-

rando-lhe, é verdade, mais duma inconsequência, que a Besta dos capítulos XIII e XVII, que deve reaparecer à frente dos dez reis para destruir a cidade de Roma, é Nero o Anticristo. Um momento mesmo está a dois dedos do princípio que, no século XIX, levará os críticos à verdadeira suposição dos imperadores e à determinação da data do livro.

Só no século XII, quando a Idade Média entra no caminho dum racionalismo escolástico pouco cuidadoso com a tradição dos Pais, é que a significação da visão de João se encontra inteiramente comprometida. Joaquim de Flore pode ser considerado como o primeiro que transportou ousadamente o Apocalipse do campo da imaginação sem limites, e procurou, sob as imagens extravagantes dum escrito de ocasião que é o próprio a limitar o seu horizonte a três anos e meio, o segredo do futuro inteiro da humanidade.

Os comentários quiméricos aos quais deu ocasião esta falsa ideia lançaram sobre o livro um injusto descrédito. O Apocalipse retomou nos nossos dias, graças a uma melhor exegese, o lugar elevado que lhe pertence entre as escrituras sagradas. O Apocalipse é, em certo modo, o selo da profecia, a última palavra de Israel. Leia-se nos antigos profetas, em Joel, por exemplo [1], a descrição do «dia de Jeová», isto é, desses grandes tribunais que o justiceiro supremo das coisas humanas tem de tempos a tempos, para restabelecer a ordem sem cessar perturbada pelos homens, e aí se encontrará o gérmen da visão de Patmo. Toda a resolução, toda a convulsão histórica se tornava na

[1] Joel, II, 1 e seg.

imaginação do judeu, obstinado em sair da imortalidade da alma e em estabelecer o reino da justiça sobre a terra, um golpe providencial, prelúdio dum julgamento bem mais solene e mais definitivo ainda. A cada acontecimento um profeta se levantava e exclamava: «Tocai, tocai a trombeta em Sião; porque o dia de Jeová está a chegar» [1]. O Apocalipse é a continuação e a coroa desta estranha literatura, que constitui a própria glória de Israel. O seu autor é o último grande profeta; não é inferior aos seus anteriores senão em os imitar; no mais é a mesma obra, o mesmo espírito. O Apocalipse oferece o fenómeno quase único duma imitação de génio, uma rapsódia original. Se se exceptuam duas ou três invenções próprias do autor e duma maravilhosa beleza, o conjunto do poema é composto de bocados recortados da literatura profética e apocalíptica anterior, sobretudo de Ezequiel, do autor do livro de Daniel, dos dois Isaías. O Vidente cristão é o verdadeiro discípulo destes grandes homens; sabe de cor os seus escritos, e tira deles as últimas consequências. É irmão, menos na serenidade e na harmonia, desse poeta maravilhoso do tempo do cativeiro, desse segundo Isaías, cuja alma luminosa parece como impregnada, seiscentos anos antes, de todas as emanações, de todos os perfumes do futuro.

Como a maior parte dos povos que possuem um brilhante passado literário, Israel vivia das imagens consagradas pela sua velha e admirável literatura. Quase se não compunha nada se não com excertos dos antigos textos; a poesia cristã especialmente não conhecia outro processo literá-

[1] Joel, II, 1.

rio [1]. Mas quando a paixão é sincera, a forma, mesmo a mais artificial, torna-se bela. As *Palavras dum crente* estão para com o Apocalipse como o Apocalipse está para com os antigos profetas, e contudo as *Palavras dum crente* são um livro de verdadeiro efeito; não se lê sem nos deixar uma viva impressão.

Os dogmas do tempo apresentavam como o estilo alguma coisa de artificial; mas correspondiam a um sentimento profundo. O processo de elaboração teológica consistia em uma transposição ousada, aplicando ao reino do Messias e a Jesus todas as frases dos antigos escritos que parecessem susceptíveis duma relação vaga com um ideal obscuro. Como a exegese que presidia a essas combinações messiânicas era de todo medíocre, as formações singulares de que falámos implicavam frequentemente graves contra-sensos. Isto se observa sobretudo nas passagens do Apocalipse que respeitam a Gog e Magog, se se comparam com os capítulos paralelos de Ezequiel. Segundo Ezequiel, Gog, rei de Magog, havia de vir, «com o decorrer do tempo» [2], quando o povo de Israel tivesse voltado do seu cativeiro e se tivesse restabelecido na Palestina, fazer-lhe uma guerra de extermínio. Já na época dos tradutores gregos da Bíblia e da composição do livro de Daniel, a expressão que designa simplesmente no hebraico clássico um futuro indeterminado significava «no fim dos tempos», e não se aplicava senão aos tempos do Messias. O autor do Apocalipse é levado desta maneira a referir os capítulos XXXVIII e XXXIX de Ezequiel aos

[1] Vejam-se, por exemplo, os cânticos dos primeiros capítulos do Evangelho de Lucas.
[2] Ezequiel, XXVIII, 8.

tempos messiânicos, e a considerar Gog e Magog como os representantes do mundo bárbaro e pagão que se seguirá à ruína de Roma e coexistirá com o reino milenário de Cristo e dos seus santos.

Este modo de criação por via exterior, esta maneira de combinar, por meio duma exegese de apropriação, frases apanhadas aqui e ali, e construir uma teologia nova por este jogo arbitrário, encontram-se no Apocalipse em tudo o que diz respeito no mistério do fim dos tempos. A teoria do Apocalipse sobre esse assunto distingue-se por traços característicos essenciais da que se encontra em S. Paulo e da que os Evangelhos sinópticos põem na boca de Jesus. S. Paulo parece, é verdade, por vezes [1] acreditar num reino de Cristo no tempo, que se realizaria antes do fim último das coisas; mas não vai até à precisão como o nosso autor. Segundo o Apocalipse, o futuro reino de Cristo está próximo; deve seguir-se à destruição do Império Romano. Os mártires serão os únicos a ressuscitar nesta primeira ressurreição; o resto dos mortos não ressuscitará ainda. Tais extravagâncias de espírito eram a consequência da maneira tardia e incoerente como Israel formou as suas ideias sobre a outra vida. Pode dizer-se que os judeus não chegaram ao dogma da imortalidade da alma senão pela necessidade dum tal dogma para dar uma significação ao martírio. No segundo livro dos Macabeus, os sete jovens mártires e sua mãe são fortes com o pensamento de que ressuscitarão, enquanto que Antíoco não ressuscitará [2]. É a propósito destes heróis lendários que se encontram na literatura judaica as primeiras afirmações nítidas

[1] I Cor., XV, 24 e seg.
[2] II Mac., VII, 9, 11, 14, 23, 36; Comp. VI, 26.

duma vida eterna e especialmente esta bela fórmula: «Aqueles que morrem por Deus vivem para Deus». Vê-se mesmo uma certa tendência em criar--lhes um destino especial de além-túmulo e enfileirá-los junto do trono de Deus «desde o presente», sem esperar a ressurreição. Tácito nota que os judeus não atribuem a imortalidade senão às almas dos que morrem nos combates ou nos suplícios.

O reino de Cristo com os seus mártires realizar-se-á na terra, em Jerusalém, no meio das nações não convertidas, mas contidas em respeito em volta dos santos. Não durará senão mil anos. Depois destes mil anos, haverá um novo reino de Satã, em que as nações bárbaras, que a Igreja não tiver ainda convertido, se travarão guerras terríveis e estarão quase a aniquilar a própria Igreja. Deus as exterminará, e anteverá «a segunda ressurreição», esta geral, e o julgamento definitivo, que será seguido do fim do universo. É a doutrina que se designa com o nome de «milenarismo», doutrina muito espalhada nos três primeiros séculos, que nunca conseguiu tornar-se dominante na Igreja, mas que reaparece sem cessar nas várias épocas da sua história e se apoia em textos mais antigos e muito mais formais que tantos outros dogmas universalmente aceitos. Esta doutrina foi o resultado duma exegese materialista, dominada pela necessidade de considerar verdadeiras ao mesmo tempo as frases em que o reino de Deus era apresentado como devendo durar «nos séculos dos séculos», e aquelas em que, para exprimir a duração indefinida do reino messiânico, se dizia que duraria «mil anos». Segundo a regra dos intérpretes que se chamam *harmonistas*, dispuseram-se pesadamente e pouco racionalmente os dados que se não podiam fazer coincidir exactamente. Foi-se levado à escolha do número *mil* por uma combinação de salmos, donde parece resultar «que um dia de Deus vale mil anos». Nos judeus encontra-se também o pensamento de que o reino do Messias será não a bem-aventurança eterna, mas uma era de felicidade durante séculos que precederão o fim do mundo. Muitos rabinos fixam, como o autor do Apocalipse, a duração deste reino em mil anos. O autor da epístola atribuída à Barnabé [1] pretende que, da mesma maneira a realização dos destinos do mundo se fará em seis mil anos (um dia para Deus equivale a mil anos) e que em seguida, da mesma forma que Deus repousou no sétimo dia, da mesma forma também, «quando vier o seu filho e abolir o tempo da iniquidade, e julgar os ímpios, e mudar o Sol e a Lua e todos os astros, repousará de novo no sétimo dia». O que equivale a dizer: reinará mil anos, sendo o reino do Messias sempre comparado ao sabático que termina pelo repouso as agitações sucessivas duma transformação do universo. A ideia da eternidade da vida individual é tão pouco familiar aos judeus, que a era das remunerações futuras está, segundo eles, encerrada num número de anos, considerável sem dúvida, mas sempre finita.

O carácter persa destes sonhos deixa-se perceber desde logo. O milenarismo e o apocaliptismo floresceram no Irão desde uma época muito antiga. No fundo das ideias zoroástricas existe uma tendência para numerar as idades do mundo, contar os períodos da vida universal por *hazars*, isto é, por milhares de anos, e a imaginar um reino salvador, que será o coroamento final das provações da humanidade. Estas ideias, combinadas com as afir-

---

[1] *Epist. Barnabæ*, 15.

mações do futuro que enchiam os antigos profetas hebreus, tornaram-se o espírito da teologia judaica nos séculos que precederam a nossa era. Sobretudo os Apocalipses; as revelações, atribuídas a Daniel, a Henoch e a Moisés, são quase livros persas no todo, pela doutrina e pelas imagens. Quer isto dizer que os autores destes livros estranhos tivessem lido as escrituras zendas, como elas eram no seu tempo? De modo nenhum. Estas imitações eram indiscretas; provinham de a imaginação judaica se ter tingido nas cores do Irão. O mesmo sucedeu com o Apocalipse de João. O autor deste Apocalipse, menos do que qualquer outro cristão, não teve relações directas com a Pérsia; os dados exóticos que transportou para o seu livro estavam já incorporados nos *midraschim* tradicionais; o nosso Vidente tomava-os da própria atmosfera em que vivia. O facto é que, desde Hoschédar e Hoschédar-mah, os dois profetas que precederam Sosiosque, até às pragas que afligiram o mundo na véspera dos grandes dias, e até às guerras dos reis entre si, que serão os sintomas da luta suprema, todos os elementos do cenário apocalíptico se encontram na teoria pársica dos fins do mundo. Os sete céus, os sete anjos, os sete espíritos de Deus, que aparecem constantemente na visão de Patmo, transportam-nos em pleno parsismo e mesmo para além. O sentido hierático e apotelesmático do número sete parece ter a sua origem na doutrina babilónica dos sete planetas reguladores do destino dos homens e dos impérios. Pontos de contacto ainda maiores se notam no mistério dos sete selos. Da mesma maneira que, segundo a mitologia assíria, cada uma das sete mesas do destino era dedicada a cada um dos planetas; assim os sete selos se relacionam singularmente com os planetas, com

os dias da semana e com as cores que a ciência babilónica ligava aos planetas. O cavalo branco parece corresponder à Lua, o cavalo vermelho a Marte, o cavalo negro a Mercúrio [1], o cavalo amarelo a Júpiter.

Os defeitos dum tal género são sensíveis e não poderiam ser dissimulados. Cores duras e sem gradação, uma ausência completa de todo o sentimento plástico, a harmonia sacrificada ao simbolismo, alguma coisa de áspero, de seco e de inorgânico, fazem do Apocalipse a perfeita antítese da obra-prima grega, cujo tipo é a beleza viva do corpo do homem ou da mulher. Uma espécie de materialismo prejudicava as mais ideais concepções do autor. Amontoa o ouro; tem como os Orientais um gosto imoderado pelas pedras preciosas. A sua Jerusalém celeste é inestética, pueril, impossível, em contradição com todas as regras da arquitectura, que são as da razão. Fá-la brilhante para os olhos, sem tratar de a fazer esculpir por um Fídias. Deus para ele é da mesma forma uma «visão esmaradigna», uma espécie de enorme diamante, com o brilho de mil velas, sobre um trono [2]. O Júpiter Olímpico era um símbolo superior a isto. O erro que por vezes arrastou a arte cristã à decoração rica tem as suas raízes no Apocalipse. Um santuário dos jesuítas, em ouro ou em lápis-lazúli, é mais belo que o Partenão, desde que se admite a ideia que o emprego litúrgico duma matéria preciosa glorifica Deus.

Um traço mais desagradável ainda é esse ódio pelo mundo profano, que é comum ao nosso autor

---

[1] A cor de Mercúrio era o azul carregado, fácil de confundir com o negro.

[2] Apoc., IV, 3.

e a todos os autores de Apocalipses, principalmente ao autor do livro de Henoch. A sua rudez, os seus juízos apaixonados e injustos sobre a sociedade romana, impressionam-nos tão mal que chegam em certo modo a justificar os que resumiam a doutrina nova em *odium humani generis* [1]. O pobre virtuoso está sempre inclinado a olhar o mundo que não conhece como pior do que ele na realidade é. Os crimes dos ricos e das pessoas da corte aparecem--lhe extraordinariamente aumentados. Esta espécie de furor virtuoso, que certos bárbaros, tais como os Vândalos, deviam sentir quatrocentos anos mais tarde contra a civilização, tiveram-no no mais alto grau os judeus da escola profética e apocalíptica. Sente-se neles uns restos do antigo espírito dos nómadas, cujo ideal é a vida patriarcal, uma aversão profunda pelas grandes cidades consideradas como focos de corrupção, uma aversão ardente contra os poderosos Estados, fundados sobre uma base militar de que eles não eram capazes ou que não admitiam.

Foi isto o que fez do Apocalipse um livro em muitos sentidos perigoso. É o livro por excelência do orgulho judaico. Segundo o autor, a distinção dos judeus e dos pagãos durará até ao reino de Deus. Enquanto as doze tribos comem os frutos da árvore da vida, os gentios têm de contentar-se com um cozimento medicinal das suas folhas [2]. O autor considera os pagãos e mesmo os crentes em Jesus, mesmo os mártires de Jesus, como filhos adoptivos, como estranhos introduzidos na família de Israel, como plebeus admitidos graciosamente a

[1] Tácito, *An.*, XV, 44.
[2] Apoc., XXII, 2, passagem irónica.

aproximar-se duma aristocracia [1]. O seu Messias é essencialmente o messias judeu; Jesus é para ele antes de tudo o filho de David [2], um produto da Igreja de Israel, um membro na família Santa escolhido por Deus; é a Igreja de Israel que realiza a obra salutar por este eleito saído do seu seio [3]. Toda a tentativa para estabelecer uma relação entre a raça pura e os pagãos (comer as carnes ordinárias, praticar o casamento nas condições usuais) parece-lhe uma abominação. Os pagãos em conjunto são aos seus olhos miseráveis, maculados em todos os crimes, e que não podem ser governados senão pelo terror. O mundo real é o mundo dos demónios. Os discípulos de Paulo são os discípulos de Balaão e de Jesabel. O próprio Paulo não tem lugar entre «os doze apóstolos do Cordeiro», a base da Igreja de Deus; e a Igreja de Éfeso, criação de Paulo, é louvada por «ter posto à prova os que se dizem apóstolos sem o ser e de ter visto que não são senão mentirosos».

Tudo isto está muito longe do Evangelho de Jesus. O autor apaixona-se demasiadamente; vê tudo como através do véu duma apoplexia sanguínea, ou à claridade dum incêndio. O que havia de mais lúgubre em Paris em 25 de Maio de 1871 não eram as chamas; era a cor geral da cidade, quando se via dum ponto elevado: um tom amarelo e artificial, uma espécie de palidez mate. É esta a luz que dá cor à visão do nosso autor. Nada se assemelha menos ao puro Sol da Galileia. Sente-se desde logo que o género apocalíptico, menos ainda

[1] *Ibid.*, VII, 9; XIV, 3.
[2] *Ibid.*, V, 5.
[3] Apoc., II, 9; III, 9; XI, 19; XIV, 1-3. Cf. XII e seg.; XXI, 12.

do que as epístolas, não será a forma literária própria para converter o mundo. Serão, pelo contrário, essas pequeninas colecções de sentenças e de parábolas de que desdenharam os tradicionalistas exactos, esses memoriais onde os menos instruídos e os menos informados depositavam para seu uso pessoal o que sabiam dos actos e palavras de Jesus, que terão por destino o constituírem a leitura e o encanto do futuro. O simples quadro da vida anedótica de Jesus valia evidentemente mais para encantar o mundo do que o penoso amontoado de símbolos dos apocalipses e as comovedoras exortações das cartas de apóstolos. Tanto assim é que Jesus, Jesus só, teve na obra misteriosa da propagação do cristianismo, sempre a grande, a triunfante, a decisiva parte. Cada livro, cada instituição cristã vale na proporção daquilo que contém de Jesus. Os Evangelhos sinópticos, em que Jesus está todo inteiro, e dos quais se pode dizer em certo sentido que é ele o verdadeiro autor, serão por excelência o livro cristão, o livro eterno [1].

Contudo o Apocalipse ocupa no cânon sagrado um lugar a muitos respeitos legítimo. Livro de ameaças e de terror, o Apocalipse deu corpo à sombria antítese que a consciência cristã, movida por uma profunda estética, quis opor a Jesus. Se o Evangelho é o livro de Jesus, o Apocalipse é o livro de Nero. Graças ao Apocalipse, Nero tem para o cristianismo a importância dum segundo fundador. A sua face odiosa ficou inseparável da de Jesus. Aumentando de século em século, o monstro saído do pesadelo do ano 64 tornou-se o terror da consciência cristã, o gigante sombrio da noite

[1] A redacção dos Evangelhos constituirá o objecto principal do nosso tomo v.

do mundo. Um in-fólio de 550 páginas foi composto sobre o seu nascimento, a sua educação, sobre os seus vícios, as suas riquezas, os seus escrínios, os seus perfumes, as suas mulheres, a sua doutrina, os seus milagres e os seus festins.

O Anticristo cessou de nos afligir e o livro de Malvenda [1] já não tem leitores. Sabemos que o fim do mundo não está próximo como o acreditavam os iluminados do primeiro século, e que este fim não será uma catástrofe súbita. Dar-se-á pelo frio, em milhares de séculos, quando o nosso sistema não reparar suficientemente as suas perdas e a terra tiver gasto o tesouro do velho Sol armazenado como uma provisão de viagem nas suas profundezas. Antes deste esgotamento planetário, a humanidade atingirá a ciência perfeita, que não é senão o poder de dominar as forças do mundo, ou melhor a terra, ou falhando esta experiência como tantos milhões de outras, gelar-se-á ela antes que o problema de matar a morte se resolva? Ignoramo-lo. Mas, como o Vidente de Patmo, para além das alternativas de transformações, descobrimos o ideal, e afirmamos que o ideal se realizará um dia. Através a vaporização dum universo em estado embrionário, apercebemos as leis do progresso da vida, a consciência de que o ser se vai engrandecendo sem cessar e a possibilidade dum estado em que todos serão num ser definitivo (Deus) o que os inúmeros renovos da árvore são na árvore, o que as miríadas de células do ser vivo são no ser vivo, dum estado em que a vida do todo será completa, e onde os indivíduos que viveram reviverão na vida de Deus, exultarão nele, cantarão nele um eterno

[1] Th. Malvenda; *De Antichristi libri XI* (Roma, 1604, in-fólio).

Aleluia. Seja qual for a forma sob a qual cada um de nós conceba esse aparecimento futuro do absoluto, o Apocalipse não pode deixar de nos agradar. Ele exprime simbolicamente o pensamento fundamental de que Deus é, mas sobretudo de que ele será. A expressão é pesada, o contorno mesquinho; é o lápis grosseiro duma criança traçando com um instrumento que não sabe manejar o desenho duma cidade que nunca viu. A sua ingénua pintura da cidade de Deus, grande livro de ouro e de pérolas, não é menos um elemento dos nossos sonhos. Paulo disse sem dúvida melhor, quando resumiu o fim do universo nestas palavras: «Para que Deus seja todo em todos» [1]. Mas durante muito tempo ainda terá a humanidade necessidade dum Deus que viva com ela [2], partilhe das suas provações, conheça as suas lutas, «enxugue todas as lágrimas dos seus olhos».

[1] I Cor., xv, 28.
[2] Apoc., xxi, 3.

CAPÍTULO XVIII

SUBIDA DOS FLÁVIOS AO TRONO

O aspecto do mundo correspondia, como o dissemos já, aos sonhos do Vidente de Patmo. O regime dos golpes de Estado militares dava os seus frutos. A política fazia-se no campo da batalha e o império andava em leilão. Houve assembleias em casa de Nero e aí se reuniram sete futuros imperadores e o pai dum oitavo [1]. O verdadeiro republicano Virgínio, que pretendia o império para o senado e o povo não era senão um utopista [2]. Galba, velho general honesto, que se recusou a cooperar nesta orgia militar, ficou logo perdido. Os soldados tiveram a ideia de matar todos os senadores, para facilitar o governo [3]. Parecia que a unidade romana estava prestes a quebrar-se. Não era só aos cristãos que uma tão trágica situação inspirava pre-

[1] Galba, Otão, Vitélio, Vespasiano, Tito, Domiciano, Nerva, Trajano o pai.
[2] Dion Cassius, LIII, 25.
[3] Tácito, *Hist.*, I, 80 e seg.; Suetónio, *Otão*, 8; Dion Cassius, LXIV, 9, e os *excerpta Vaticana*, p. 111 (Sturz).

dições sinistras. Falava-se duma criança de três cabeças, nascida em 68 em Siracusa, e nisto se via o símbolo dos três imperadores aclamados em menos dum ano e que chegaram a coexistir todos três durante algum tempo.

Alguns dias depois do profeta da Ásia ter acabado de escrever a sua obra estranha, era assassinado Galba e proclamado Otão (15 de Janeiro de 69). Era como uma ressurreição de Nero. Sério, económico, desagradável, Galba era a antítese do que viera substituir [1]. Se tivesse conseguido fazer prevalecer a sua adopção de Pisão, se tivesse sido uma espécie de Nerva, a série dos imperadores filósofos teria começado trinta anos mais cedo: mas a detestável escola de Nero arrebatou-o. Otão assemelhava-se a esse monstro; os soldados e todos os que haviam amado Nero encontravam nele o seu ídolo. Haviam-no visto ao lado do finado imperador, desempenhando o papel do primeiro dos seus validos, rivalizando com ele pela sua afectação de faustosas abominações, pelos seus vícios e suas loucas prodigalidades. A populaça deu-lhe logo o nome de Nero, que ele próprio parece tomou na assinatura de algumas cartas. Custava-lhe contudo que se erigissem estátuas à Besta; restabeleceu nos grandes empregos a gente de Nero, e anunciou claramente que pretendia continuar os princípios inaugurados pelo último reinado. O primeiro acto que assinou foi para tratar da conclusão da Casa Dourada [2].

O que havia de mais triste era que a desgraçada

[1] Suetónio, *Galba*, 12-15.
[2] Tácito, *Hist.*, I, 13, 78; Suetónio, *Otão*, 7; Dion Cassius, LXIV, 8; Plutarco, *Vida de Galba*, 10; *Vida de Otão*, 3.

política a que se chegara não dava segurança a ninguém. O ignóbil Vitélio fora proclamado alguns dias antes de Otão (2 de Janeiro de 69) na Germânia. Não desistiu. Uma terrível guerra civil, como já não havia memória depois da de Augusto e António, estava inevitável; a imaginação pública estava muito excitada; não se viam senão agoirentos prognósticos [1]; os crimes da soldadesca espalhavam a desolação por toda a parte. Nunca se viu um ano como este; o mundo suava sangue. A primeira batalha de Bédriac, que deu o império só a Vitélio (no dia 15 de Abril) custou a vida a oitenta mil homens [2]. Os legionários dispersos saqueavam o país, batendo-se uns com os outros [3]. Os povos tomavam também parte nisto; dir-se-ia o desmoronamento duma sociedade. Ao mesmo tempo pululavam os astrólogos e os charlatães de toda a espécie: a cidade de Roma estava com eles [4]; parecia confundir-se a razão diante dum dilúvio de crimes e de loucuras que desafiava toda a filosofia. Certas palavras de Jesus, que os cristãos repetiam muito baixo [5], mantinham-nos num contínuo estado febril; a sorte de Jerusalém sobretudo era para eles o objecto duma ardente preocupação.

O Oriente não estava menos perturbado que o Ocidente. Nós vimos já que a partir do mês de Junho do ano 68, se suspenderam as operações

[1] Tácito, *Hist.* I, 86, 90; Suetónio, *Otão*, 7, 8, 11; Dion Cassius, LXIV, 7, 10; Plutarco, *Galba*, 23; *Otão*, 4.
[2] Dion Cassius, LXIV, 10.
[3] Tácito, *Hist.*, II, 66-68. Cf. *Agricola*, 7.
[4] Dion Cassius, LXV, 1; Tácito, *Hist.*, II, 62; Suet., *Vit.*, 14; Zonaras, VI, 5.
[5] Mat., XXVI, 6-7.

militares dos Romanos contra Jerusalém. A desordem e o fanatismo nem por isso diminuíram entre os Judeus. As violências de João de Gischala e dos zeladores atingiam o cúmulo [1]. A autoridade de João assentava principalmente sobre um corpo de Galileus, que cometia todos os excessos possíveis e imagináveis. Os Hierosolimitas acabaram por levantar-se e obrigaram João e os seus sicários a refugiarem-se no templo; mas receavam-no tanto, que para se preservarem contra ele foram obrigados a opor-lhe um rival. Simeão, filho de Gioras, originário de Gérasa, que se distinguira desde o princípio da guerra, enchia a Idumeia com as suas devastações. Tinha tido já ocasião de lutar contra os zeladores e duas vezes viera fazer ameaças até junto das portas de Jerusalém. Voltara pela terceira vez quando o povo o chamou, acreditando ficar assim ao abrigo dum ataque de João. Este novo senhor entrou em Jerusalém no mês de Março do ano 69. João de Gischala ficou de posse do templo. Os dois chefes procuravam suplantar-se um ao outro em ferocidade. O Judeu é cruel, quando trata da posse do mando. O irmão dos Cartagineses, no momento supremo, mostrava-se no seu natural. Este povo constituiu sempre uma admirável minoria; nisto consistia a sua grandeza; mas nunca se viu num grupo de homens tanta inveja, tanto ardor em se exterminarem reciprocamente. Chegado a certo grau de exasperação, o Judeu é capaz de tudo, mesmo contra a sua religião. A história de Israel só nos mostra indivíduos enraivecidos uns contra os outros [2]. Pode dizer-se desta

---

[1] Jos., *B. J.*, VII, VIII, 1.

[2] Veja-se, por exemplo, Jos., *B. J.*, VII, XI; *Vita*, 76.

raça todo o bem e todo o mal possível sem se faltar à verdade; porque, repetimos, o bom judeu é um ser excelente, e o mau judeu um ser detestável [1]. É isto que explica a possibilidade deste fenómeno, em aparência inconcebível, que o idílio evangélico e os horrores contados por Josefo tenham sido realidades na mesma terra, no mesmo povo e no mesmo tempo.

Entretanto Vespasiano permanecia inactivo em Cesareia. O seu filho Tito tinha conseguido envolvê-lo numa meada de intrigas, sabiamente combinada. Sob Galba, Tito esperava ser adoptado pelo velho imperador. Depois da morte de Galba, compreendeu que não podia chegar ao poder supremo senão como sucessor de seu pai. Com a arte do político mais consumado, soube atrair as boas graças em favor dum general sério, honesto, sem vaidade, sem ambição pessoal, que nada fizera para aumentar a sua própria fortuna. Todo o Oriente aderiu. A Muciano e às legiões da Síria custava-lhes imenso ver que eram as legiões do Ocidente as únicas a dispor do império: pretenderam por sua vez aclamar o imperador; ora Muciano, espécie de céptico mais desejoso de dispor do poder do que de o exercer, não queria a púrpura para si mesmo. Apesar da sua velhice, do seu nascimento burguês, da sua inteligência medíocre, Vespasiano foi assim designado. Tito, de vinte oito anos de idade, supria pelo seu mérito, pela sua conduta, pela sua actividade, o que o talento de seu pai tinha de obscuro. Depois da morte de Otão, as legiões do Oriente só contrariadas tinham prestado a adesão a Vitélio. Indignava-as a insolência dos

---

[1] Isto tem sobretudo aplicação aos judeus do Oriente.

soldados da Germânia. Tinham-lhes feito acreditar que Vitélio queria enviar as suas legiões favoritas para a Síria e transportar para as margens do Reno as legiões da Síria, estimadas no país e ligadas a ele por vários casamentos.

Apesar de morto, era Nero que continuava a influenciar as coisas humanas, e a fábula da sua ressurreição não deixava de ter alguma realidade considerada como metáfora. O seu partido sobrevivia-lhe. Vitélio, depois de Otão, afirmara-se, com grande alegria da populaça, admirador declarado, imitador e vingador de Nero. Em sua opinião, declarava ele, Nero dera o exemplo de bom governo da república. Mandou fazer-lhe funerais magníficos, ordenou que se executassem os seus trechos musicais e às primeiras notas levantou-se transportado para dar o sinal dos aplausos. As pessoas sensatas e honestas, cansadas com estas miseráveis paródias dum reinado aborrecido, desejavam uma forte reacção contra Nero, contra os seus homens, contra as suas edificações; reclamavam sobretudo a reabilitação das pobres vítimas da tirania. Sabia-se que os Flávios desempenhariam conscienciosamente o seu papel. Enfim, os príncipes indígenas da Síria, pronunciaram-se fortemente por um chefe no qual viam um protector contra o fanatismo dos Judeus revoltados. Agripa II e Berenice, sua irmã, eram corpo e alma com os dois generais romanos. Berenice, embora tivesse quarenta anos, conquistara Tito por certos processos contra os quais um mancebo ambicioso, trabalhador, estranho ao grande mundo, até então unicamente preocupado com o seu futuro, se não sabia resguardar; apoderara-se também de Vespasiano pelas suas amabilidades e os seus presentes. Os dois chefes plebeus, até então pobres e simples, deixaram-se seduzir pelo encanto

aristocrático duma mulher admiravelmente bela [1], e pelas exterioridades dum mundo brilhante até então desconhecido para eles. A paixão que Tito teve por Berenice não prejudicou em nada os seus projectos; tudo indica que, pelo contrário, encontrou nesta mulher, já experimentada nas intrigas do Oriente, um agente dos mais úteis. Graças a ela, os pequenos reis de Émeso, de Sofene e de Comagene, todos parentes ou aliados de Herodes, e mais ou menos convertidos ao judaísmo [2], entraram na conspiração [3]. O judeu renegado, Tibério Alexandre, prefeito do Egipto, entrou para ela abertamente [4]. Os próprios Partos declararam-se prontos a ajudar a empresa [5].

O que há de mais extraordinário, é que os Judeus moderados como Josefo aderiram também e quiseram à viva força aplicar ao general romano as ideias que os preocupavam. Vimos já que a roda judaica de Nero conseguira persuadi-lo de que, destronado em Roma, teria em Jerusalém um novo reino que o tornaria o maior potentado da terra [6]. Josefo pretende que, desde o ano 67, no momento em que foi feito prisioneiro pelos Romanos, predissera a Vespasiano o futuro que o esperava [7], segundo certos textos das suas Escrituras

---

[1] Bustos, no Museu de Nápoles, e nos *Uffizi* de Florença n.º 312 (conjectura).

[2] Jos., *Ant.*, XIX, IX, 1.

[3] Tácito, *Hist.*, II, 2, 81. Cf. Suet., *Tito*, 7; Josefo, *B. J.*, XII, VII, 1-3.

[4] Vejam-se *Mem.* de *l'Acad. des inscr.*, t. XXVI, 1.ª parte, p. 294 e seg. Cf. *os Apóstolos*, p. 252; *S. Paulo.*

[5] Tácito, *Hist.*, II, 82; IV, 51.

[6] Suetónio, *Nero*, 40.

[7] Jos., *B. J.*, III, VIII, 3, 9; IV, X, 7. Cf. Suetónio, *Vesp.*, 5; Dion Cassius, LXVI, 1; Apiano, citado por Zona-

sagradas. À força de repetirem as suas profecias, os Judeus tinham feito acreditar a um grande número de pessoas, mesmo não pertencentes à sua seita, que o Oriente o ia arrebatar, e que o senhor do mundo sairia dentro em breve da Judeia [1]. Já Virgílio tinha fantasiado as vagas tristezas da sua imaginação melancólica aplicando ao seu tempo um *Cumœum carmen* que parece ter tido alguma relação com os oráculos do segundo Isaías [2]. Os magos, os caldeus e os astrólogos exploravam também a crença numa estrela do Oriente, mensageira dum rei dos Judeus, reservado para altos destinos; os cristãos tomavam muito a sério estas quimeras [3]. A profecia tinha dois sentidos, como todos os oráculos; parece que ficava suficientemente justificada se o chefe das legiões da Síria, estabelecido a algumas léguas de Jerusalém, chegasse ao império na Síria, em virtude dum movimento sírio [4]. Vespasiano e Tito, rodeados dos Judeus, escutavam estas coisas e faziam-no com o maior agrado. Desperdiçando o seu talento militar contra os fanáticos de Jerusalém, os dois generais tinham uma grande inclinação pelo judaísmo, estudavam-no, mostravam uma certa deferência pelos livros dos judeus [5]. Josefo entrara extraordinariamente na sua intimidade, sobretudo na de Tito, pelo seu carácter suave, fácil, insinuante [6]. Elogiava-lhe a sua lei,

ras, XI, 16. Note-se a reflexão de Zonaras. Cf. Tác., *Hist.*, I, 10; II, 1, 73, 74, 78; Suet., *Vesp.*, 5; Jos., *B. J.*, III, VIII, 3.

[1] *Ibid.*, VI, v, 4; Suetónio, *Vesp.*, 4; Tácito, *Hist.*, V, 13.

[2] Virg., Ecl. IV, Comp. com Suetónio, *Aug.*, 94, e a passagem citada por Sérvio, sobre *Æn.*, VI, 799.

[3] Mat., II, 1-2. Comp. com Números, XXIV, 17.

[4] Jos., *B. J.*, VI, v, 4.

[5] Jos., *Vita*, 65, 75.

[6] Jos., *B. J.*, III, VIII, 8 e 9.

contava-lhe as velhas histórias bíblicas que ele dispunha por vezes à maneira grega, falava misteriosamente das profecias. Com outros Judeus sucedeu o mesmo, conseguindo fazer aceitar a Vespasiano uma espécie de papel messiânico. Vieram juntar-se a isto os milagres; falara-se de curas semelhantes às que são narradas nos Evangelhos, realizadas por esse Cristo dum novo género [1].

Os padres pagãos da Fenícia não quiseram ficar atrás neste concurso de adulação. O oráculo de Pafos [2] e o oráculo do Carmelo [3] sustentaram terem predito a sorte dos Flávios. As consequências de tudo isto apareceram mais tarde. Elevados com o apoio da Síria, os imperadores flavianos foram mais inclinados do que os desdenhosos Césares às ideias siríacas. O cristianismo penetrará no próprio coração desta família, contará nele adeptos, e graças a ele entrará numa fase inteiramente nova.

No fim da Primavera de 69, Vespasiano pareceu querer sair da ociosidade militar em que o conservara a política. A 29 de Abril pôs-se em campo e apareceu com a sua cavalaria defronte de Jerusalém. Durante este tempo, Cerealis, um dos seus lugar-tenentes, incendiava Hébron; toda a Judeia estava submetida aos Romanos, excepto Jerusalém e os três castelos de Mesada, de Heródio e de Machero, ocupados pelos sicários. Era difícil o cerco destas praças. Vespasiano e Tito hesitaram em abalançar-se a tal empresa no estado precário em que estavam, na véspera duma nova guerra

[1] Tácito, *Hist.*, IV, 81-82; Suetónio, *Vesp.*, 7; Dion Cassius, LXVI, 8.

[2] Tácito, *Hist.*, II, 2-4; Suetónio, Tito, 5.

[3] Suetónio, *Vesp.*, 5; Tácito, *Hist.*, II, 78. Cf. falso Scylax, § 104; Jâmblico, *De pyth. vita*, 14, 15.

civil, em que eles podiam precisar de todas as suas forças. Assim se prolongou um ano e meio a revolução que, há três anos, conservava Jerusalém no estado de crise mais extraordinária de que há memória na história [1].

No dia 1 de Julho, Tibério Alexandre proclamou Vespasiano em Alexandria, e fez-lhe prestar juramento; no dia 3, o exército da Judeia saudou Augusto em Cesareia; Muciano, em Antioquia, fê-lo reconhecer pelas legiões da Síria e, no dia 15, todo o Oriente lhe obedecia. Um congresso se realizou em Beirute em que se decidiu que Muciano marcharia sobre a Itália, enquanto que Tito continuaria a guerra contra os Judeus e Vespasiano esperaria o resultado dos acontecimentos em Alexandria. Depois duma sangrenta guerra civil (a terceira em dezoito meses) o poder ficou definitivamente nas mãos dos Flávios. Uma dinastia burguesa, entregue aos negócios, moderada, sem ter o prestígio da estirpe dos Césares, mas não tendo também os seus desvios, substituiu-se assim aos herdeiros do título criado por Augusto. Os pródigos e os loucos haviam por tal forma abusado do seu privilégio de educação, que se acolheu com alegria a subida ao trono dum homem rude, sem distinção, penosamente triunfante pelos seus méritos, apesar dos seus pequenos ridículos, do seu ar vulgar e da sua falta de prática. O facto é que a nova dinastia dirigiu durante dez anos os negócios do estado com senso e bom critério, salvou a unidade romana e deu um completo desmentido às predições dos judeus e dos cristãos, que viam já nos seus sonhos o império desmantelado e Roma destruída. O incêndio do Capitólio a 19 de Dezembro, o terrível

[1] Tácito, *Hist.*, V, 10.

massacre que se deu em Roma no dia seguinte [1], chegaram um momento a fazer crer que havia chegado o grande dia. Mas o estabelecimento incontestado de Vespasiano (a partir de 20 de Dezembro) deu-lhes a conhecer que teriam de se resignar a viver ainda, e forçou-os a procurar subterfúgios para adiar as suas esperanças para um futuro mais distante [2].

O prudente Vespasiano, menos arrebatado do que os que se batiam para lhe conquistar o império, passara o tempo em Alexandria, junto de Tibério Alexandre. Não voltou a Roma senão no mês de Julho do ano de 70, pouco antes da ruína total de Jerusalém. Tito, em vez de apressar a guerra da Judeia, seguiu seu pai para o Egipto, permanecendo junto dele até quase aos primeiros dias de Março.

As lutas em Jerusalém agravavam-se cada vez mais. Os movimentos fanáticos estão muito longe de excluir entre aqueles que se fazem seus actores, o ódio, a rivalidade e a desconfiança; homens muito convictos e muito apaixonados suspeitam sempre uns dos outros quando se associam, e isto é uma força; porque a suspeição recíproca faz nascer entre eles o terror, liga-os como por uma cadeia de ferro, impede as defecções e os momentos de fraqueza. É a política artificial e sem convicção que procede com as aparências da concórdia e da civilidade. O interesse faz nascer o espírito de partido; os princípios, pelo contrário, dão origem à divisão,

[1] Tácito, *Hist.*, III, 83; Dion Cassius, LXV, 19; Josefo, *B. J.*, IV, XI, 4.

[2] O próprio Josefo confessa que a sorte do império chegou a parecer desesperada e que foi a firmeza de Vespasiano que o salvou contra todas as esperanças (*B. J.*, IV, XII, 5).

inspiram a tentação de dizimar, expulsar, matar os seus inimigos. Os que julgam as coisas humanas com ideias burguesas, acreditam que a revolução está perdida quando os revolucionários «se devoram uns aos outros». E pelo contrário isso é uma prova de que a revolução tem toda a sua energia, que um ardor impessoal a incita. Nunca se viu isto tão claramente como nesse terrível drama de Jerusalém. Os actores parece terem travado entre si um pacto de morte. Como essas rondas infernais em que, segundo a crença da Idade Média, se via Satã formar a cadeia e arrastar a um antro fantástico grandes filas de homens dançando e segurando-se uns aos outros pelas mãos; da mesma forma a revolução não permite a ninguém sair da dança que ela dirige. Por detrás dos comparsas está o terror; cada um deles, exaltado pelos outros e exaltando-os por sua vez, vai até ao abismo; nenhum pode recuar; porque detrás de cada um está uma espada oculta que, no momento em que ele quisesse parar, o forçaria a marchar para a frente.

Simão, filho de Gioras, governava a cidade; João de Gischala com os seus assassinos era o senhor do templo. Um terceiro partido se havia formado, sob a chefia de Eleázaro, filho de Simão, de raça sacerdotal, para o qual tinham ido parte dos *zelotes* de João de Gischala, e se havia estabelecido no adro interior do templo, vivendo das provisões consagradas que aí se encontravam e das que não cessavam de levar aos padres como primícias. Estes três partidos [1] faziam uns aos outros uma guerra contínua; caminhava-se sobre montões de cadáveres; já se não enterravam os mortos. Tinham sido feitas imensas provisões de trigo que teriam permitido resistirem anos. João e Simão incendiavam-nas para reciprocamente as arrancarem [1]. A situação dos habitantes era horrível; as pessoas pacíficas faziam votos para que a ordem fosse restabelecida pelos Romanos; mas todas as passagens eram guardadas pelos terroristas; não se podia fugir. Contudo, coisa singular! do cabo do mundo vinha-se ainda ao templo. João e Eleázaro recebiam os prosélitos, e aproveitavam-se das suas oferendas. Muitas vezes os piedosos peregrinos eram mortos no meio dos seus sacrifícios, com os padres que realizavam a liturgia para eles, pelos tiros e as pedras das máquinas de João. Os revoltosos trabalharam com actividade para lá do Eufrates para conseguirem um auxílio ou dos judeus dessas regiões ou do rei dos Partos. Imaginaram que todos os judeus do Oriente pegariam nas armas. As guerras civis dos Romanos inspiraram-lhes loucas esperanças; como os cristãos, acreditaram que o império se ia desmembrar. Jesus, filho de Hanão, julgava dever percorrer a cidade chamando para a destruir os quatro ventos do céu; na véspera da sua exterminação os fanáticos proclamaram Jerusalém capital do mundo, da mesma maneira que vimos Paris investido, esfomeado, sustentar que o mundo estava nele, trabalhava por ele e sofria com ele.

O que há de mais singular é que eles não deixavam de ter razão. Os exaltados de Jerusalém, que afirmavam que Jerusalém era eterna, enquanto ela ardia, estavam mais perto da verdade do que as pessoas que não viam neles senão assassinos.

[1] Tácito, *Hist.*, V, 12.

[1] Jos., *B. J.*, V, I, 4; Tácito, *Hist.*, V, 12. Midrasch rabba, sobre *Koheleth*, VII, 11; Talm. de Bab. *Gittin*, 56 *a;* Midrasch rabba, sobre *Eka*, I, 5.

Enganaram-se sobre a questão militar, mas não sobre o resultado religioso. Estes dias de perturbação marcaram bem o momento em que Jerusalém se tornara a capital espiritual do mundo. O Apocalipse, expressão ardente do amor que ela inspirara, tomou lugar entre as escrituras religiosas da humanidade, e consagrou a imagem da «cidade amada». Ah! é bom não dizer antecipadamente quem virá no futuro a ser santo ou celerado, louco ou ajuizado! Uma mudança brusca no itinerário dum navio faz dum progresso um recuo, dum vento contrário um vento favorável. À vista destas revoluções, acompanhadas de trovões e de terramotos, coloquemo-nos ao lado dos bem-aventurados que cantam «Louvai Deus!» ou com os quatro animais, espíritos do universo que, depois de cada acto da tragédia celeste, diziam: *AMÉM.*

CAPÍTULO XIX

RUÍNA DE JERUSALÉM

Fechou-se enfim para não mais se abrir o círculo de ferro em volta da cidade maldita. Desde que o tempo o permitiu, Tito partiu de Alexandria, alcançou Cesareia, e desta cidade à frente dum exército formidável, marchou sobre Jerusalém. Levava com ele quatro legiões, a 5.ª *Macedónica*, a 10.ª *Fretensis*, a 12.ª *Fulminata* e a 15.ª *Apollinaris*, sem falar de numerosas tropas auxiliares fornecidas pelos seus aliados da Síria e muitos Árabes vindos para saquearem [1]. Todos os judeus aliados, Agripa [2], Tibério Alexandre, prefeito do pretório [3]

[1] Tácito, *Hist.*, V, 1; compare-se o singular Midrasch sobre *Eka*, I, 5 (Derembourg, p. 291).

[2] Tácito, *(l. c.)* faz assistir Agripa ao cerco. É notável que Josefo lhe não distribui papel em nenhum episódio. A carta de Agripa (Jos., *Vita*, 65) dá a entender que ele presenciou as operações. Talvez ele pedisse a Josefo para atenuar as circunstâncias que podiam torná-lo odioso aos seus correligionários.

[3] Vejam-se as *Mémoires de l'Academie des inscriptions*, XXVI, 1.ª parte, p. 299 e seg.

e Josefo, o futuro historiador, o acompanhavam; Berenice ficou certamente em Cesareia. O valor militar do capitão correspondia à força do exército. Tito era um militar notável e sobretudo um excelente oficial de génio, além disso homem de grande senso, profundo político, e, dada a crueldade do tempo, muito humano. Vespasiano, irritado da satisfação que os Judeus testemunhavam vendo rebentar as guerras civis e os esforços que faziam para dirigir uma invasão dos Partos [1], recomendara um grande rigor. A brandura, segundo ele, era sempre interpretada como um sinal de fraqueza para essas raças orgulhosas, persuadidas de que combatiam para Deus e com Deus.

O exército romano chegou a Gabaath-Saul [2], a légua e meia de Jerusalém, nos primeiros dias de Abril. Estava-se quase na véspera das festas da Páscoa; um grande número de judeus de todos os países estavam reunidos na cidade [3]; Josefo avalia o número dos que pereceram durante o cerco em dez mil e cem; parecia que toda a nação se tinha combinado para a exterminação. A 10 de Abril, estabeleceu Tito o seu campo no ângulo da torre Pséfina (hoje *Kasr-Djaloud*). Algumas vantagens parciais conseguidas por surpresa e um ferimento grave que Tito recebeu deram a princípio aos Judeus uma confiança exagerada na sua força e preveniram os Romanos do cuidado que deviam ter nesta guerra de furiosos.

[1] Jos., *B. J.*, VI, VI, 2.

[2] Provavelmente *Tuleily el Foul*, Robinson, *Bibl. Res.*, I, p. 577 e seg.

[3] Uma circunstância como a de Lida (Jos., *B. J.*, II, XIX, 1) prova como era extraordinária a concorrência às festas. Cf. Jos., *B. J.*, II, XIV, 3.

A cidade era das mais fortes do mundo [1]. As muralhas eram um tipo perfeito dessas construções em blocos enormes de que tanto gostavam os Sírios [2]; no interior, a muralha do templo, a da cidade alta, e a de Acra constituíam como que muros de reforço e ofereciam outras tantas defesas [3]. O número dos defensores era muito grande; as provisões, embora diminuídas pelos incêndios, abundavam ainda. Os partidos no interior da cidade continuavam a bater-se; mas congregavam-se para a defesa. A partir das festas da Páscoa, a facção de Eleázaro desapareceu quase completamente e fundiu-se na de João [4]. Tito dirigiu as operações com grande saber; nunca os Romanos mostraram uma poliorcética tão sábia [5]. Nos últimos dias de Abril, as legiões romperam a primeira muralha pelo lado do Norte e ficaram senhoras da parte setentrional da cidade [6]. Cinco dias depois, forçaram o segundo muro, o muro de Acra. Ficou assim metade da cidade em poder dos Romanos. No dia 12 de Maio atacaram a fortaleza Antónia. Cercado de judeus que, à excepção talvez de Tibério Alexandre, todos desejavam a conservação da cidade e do templo, dominado mais do que o queria confessar pelo seu amor por Berenice, que parece ter sido uma judia piedosa e muito devotada

[1] Tácito, *Hist.*, V, 11. A muralha correspondia à de hoje, excepto pelo lado do Sul. Cf. Saulcy, *Dern. jours de Jer.*, planos, p. 218 e seg.

[2] Jos., *B. J.*, V, IV, 2, 4; VI, IX, 1; VII, I, 1; Tácito, *Hist.*, V. 11.

[3] Tácito, *Hist.*, V, 8, 11; Dion Cassius, LXVI, 4; Jos., *B. J.*, V, IV e V.

[4] Jos., *B. J.*, V, III, 1; Tácito, V, 12.

[5] Tácito, *Hist.*, V, 13.

[6] Para toda esta topografia veja-se Saulcy, *Les dern. jours de Jer.*, 218 e seg. e os planos citados já.

à sua nação, Tito procurou, diz-se, os meios de conciliação, fez oferecimentos aceitáveis; tudo foi inútil. Os sitiados responderam com sarcasmos às propostas do vencedor.

O cerco tomou então um carácter de horrível crueldade. Os Romanos exerceram os maiores suplícios; a audácia dos Judeus cada vez aumentava mais. Em 27 e 29 de Maio queimaram as máquinas dos Romanos e atacaram-nos até quase ao seu campo. O desalento apodera-se dos assaltantes, muitos persuadem-se de que os Judeus falavam verdade, que Jerusalém era de facto inexpugnável; começou a deserção. Tito, que renunciara já à esperança de tomar a praça à viva força, fez-lhe um bloqueio cerrado. Um muro de contravalação, rapidamente erguido (no princípio de Junho) e duplicado do lado de Pereia por uma linha de *castela* no alto do monte das Oliveiras, separou completamente a cidade do exterior [1]. Até então procuravam os legumes dos arredores; a fome tornou-se então terrível. Os fanáticos, providos do necessário, pouco se importaram; faziam-se buscas rigorosas, acompanhadas de torturas para descobrir o trigo escondido. Quem manifestasse no rosto uma expressão de força tornava-se suspeito de esconder víveres. Havia lutas para arrancar à boca uns dos outros pedaços de pão. As mais terríveis doenças se desenvolveram no seio desta massa amontoada, enfraquecida e febril. Horrorosas descrições circularam e redobraram o terror.

A partir deste momento a fome, a raiva, o desespero e a loucura habitaram em Jerusalém. Era uma prisão de loucos furiosos, uma cidade de

[1] É ao que Lucas (XIX, 43) alude.

uivos e de canibais, um verdadeiro inferno. Por sua parte Tito era atroz; quinhentos desgraçados eram por dia crucificados à vista da cidade com odiosos requintes de tortura; já não chegava a madeira para fazer as cruzes e faltava o lugar para as erguer.

No meio de todos estes males, a fé e o fanatismo dos Judeus mostravam-se cada vez mais ardentes. Acreditava-se que o templo era indestrutível [1]. A maior parte estava convencida de que a cidade estava sob a protecção especial do Eterno, e não podia ser tomada [2]. Os profetas espalhavam-se por entre o povo anunciando um auxílio próximo. Era tal a confiança a este respeito que muitos que se podiam ter escapado se deixaram ficar para verem o milagre de Jeová. Os frenéticos, contudo, reinavam como senhores. Matavam-se todos os que eram suspeitos de aconselhar a capitulação. Assim pereceu, por ordem de Simão, filho de Gioras, o pontífice Matias, que fizera receber este bandoleiro na cidade. Os seus três filhos foram executados à sua vista. Muitas pessoas notáveis foram igualmente condenados à morte. Era proibida a mais pequena reunião; o simples facto de chorarem juntos, era um crime. Josefo, do campo dos Romanos, tentara em vão estabelecer inteligências na praça; tornara-se suspeito tanto a uns como a outros [3]. A situação chegara ao ponto em que a moderação e a razão já não conseguem fazer-se ouvir.

Contudo Tito incomodava-se com estas demoras; não respirava senão Roma, os seus esplendo-

[1] *Henoch*, CXIII, 7.
[2] Josefo, *B. J.*, VI, II, 1; V, 2.
[3] Compare-se *Aboth derabbi Nathan*, IV.

res e os seus prazeres [1]; uma cidade tomada pela fome parecia-lhe impróprio para inaugurar brilhantemente uma dinastia. Fez pois construir quatro novos *aggeres* para um ataque à viva força. As árvores dos jardins da barreira de Jerusalém foram destruídas até uma distância de quatro léguas. Em vinte e um dias tudo estava preparado. No dia 1.º de Julho, os Judeus tentaram a operação que lhes dera bom resultado da primeira vez: saíram para queimar as torres de madeira; mas a sua manobra fracassou completamente. Desde esse dia a sorte da cidade ficou irrevogavelmente escrita. A 2 de Julho os Romanos começaram a bater e a minar a torre Antónia. No dia 5 de Julho, Tito apodera-se dela e fá-la quase inteiramente demolir, para abrir uma larga passagem à sua cavalaria e às suas máquinas para o ponto para que convergiam todos os seus esforços e onde devia dar-se a luta suprema.

O templo, como o dissemos já, era, pelo seu modo especial de construção, a mais formidável das fortalezas [2]. Os judeus que aí se tinham refugiado com João de Gischala prepararam-se para a batalha. Os próprios padres tinham pegado em armas. No dia 17 cessou o sacrifício perpétuo por falta de ministros para o oferecerem. Isto causou uma profunda impressão no povo. Soube-se fora da cidade. A interrupção do sacrifício era para os Judeus um fenómeno como o teria sido uma paragem na marcha do Universo. Josefo escolheu esta ocasião para tentar de novo combater a obstinação de João. A fortaleza Antónia não estava senão a sessenta metros do templo. Dos parapeitos da

[1] Tácito, *Hist.*, V, 12.
[2] *Ibid.*

torre, Josefo gritou em hebraico por ordem de Tito (se a descrição da *Guerra dos Judeus* não é fantasiada) que João poderia retirar-se com o número de homens que quisesse, que Tito se encarregava de fazer continuar para os Judeus os sacrifícios legais, que ele deixava mesmo a João a escolha daqueles que os ofereceriam. João nada quis ouvir. Aqueles a quem o fanatismo não cegara salvaram-se neste momento para junto dos Romanos. Todos os outros escolheram a morte.

No dia 12 de Julho, Tito começou a atacar o templo. A luta foi das mais encarniçadas. No dia 28 eram os Romanos senhores de toda a galeria do Norte desde a fortaleza Antónia até ao vale de Cédron. Começou então o ataque contra o próprio templo. No dia 2 de Agosto as mais poderosas máquinas começaram a bater as paredes, admiravelmente construídas, as exedras que cercavam os pátios interiores; mal se sentiu o efeito; mas a 8 de Agosto, os Romanos conseguiram incendiar as portas. O pasmo dos Judeus foi então inexprimível; nunca haviam acreditado que isto fosse possível; à vista das chamas que crepitavam, lançavam sobre os Romanos uma onda de maldições.

A 9 de Agosto Tito deu ordem que se apagasse o fogo e reuniu um conselho de guerra a que assistiram Tibério Alexandre, Cerealis e os seus principais oficiais [1]. Tratava-se de saber se se deveria ou não incendiar o templo. Muitos eram de opinião que, enquanto existisse o templo, os Judeus não permaneceriam em repouso. Quanto a Tito, é difícil de saber qual foi a sua opinião, porque temos sobre este ponto duas descrições opostas. Segundo

[1] Veja-se Leon Renier, nas *Mém. de l'Acad. des inscr.*, t. XXVI, 1.ª parte, p. 269 e seg.

Josefo, Tito foi de opinião que se salvasse uma obra tão admirável, cuja construção faria honra ao seu reino e provaria a moderação dos Romanos. Segundo Tácito, Tito teria insistido sobre a necessidade de destruir um edifício ao qual se ligavam duas superstições igualmente funestas: a dos Judeus e a dos Cristãos. «Essas duas superstições, teria ele ajuntado, embora contrárias uma à outra, têm a mesma origem; os cristãos provêm dos Judeus; arrancada a raiz, depressa morrerá o rebento.»

É difícil de decidir entre duas versões tão inconciliáveis; porque, se a opinião atribuída a Tito por Josefo pode muito bem ser considerada como uma invenção deste historiador, cioso de mostrar a simpatia do seu chefe pelo judaísmo, de o lavar aos olhos dos Judeus do facto de ter destruído o templo e de satisfazer o ardente desejo que Tito tinha de passar por um homem muito moderado, não se pode negar que o breve discurso posto por Tácito na boca do capitão vitorioso não seja, não só pelo estilo como pela ordem das ideias, um reflexo exacto dos sentimentos do próprio Tácito. Tem-se o direito de supor que o historiador latino, que contra os Judeus e os Cristãos está cheio desse desprezo, desse mau humor que caracteriza a época de Trajano e dos Antoninos, fez falar Tito como um aristocrata romano do seu tempo, enquanto que na realidade o burguês Tito teve pelas superstições orientais mais complacência do que a alta nobreza que sucedeu aos Flávios [1]. Vivendo havia três anos com judeus, que lhe haviam enaltecido o seu templo como a maravilha do mundo, con-

[1] Suetónio, *Tito*, 5; Filóstrato, *Apoll.*, VI, 29.

quistado pelas atenções de Josefo [1], de Agripa e mais ainda de Berenice, podia bem desejar a conservação dum santuário de que tantos dos seus familiares lhe apresentavam o culto como inteiramente pacífico. É pois possível que, como o pretende Josefo, tenham sido dadas ordens para que o fogo ateado na véspera se extinguisse, e para que no horroroso tumulto que se previa, fossem tomadas medidas contra o incêndio. Era próprio do carácter de Tito, ao lado duma real bondade, muita pose e alguma hipocrisia. A verdade é sem dúvida que ele não ordenou o incêndio, como o diz Tácito, que o não interdisse, como o quer Josefo, mas que o deixou seguir, reservando as aparências para todas as teses que lhe conviesse deixar sustentar nas regiões diversas da publicidade. Fosse como fosse, um assalto geral ficou resolvido contra o edifício, já privado das suas portas. Para militares experimentados o que restava a fazer não era mais do que um esforço, sangrento talvez, mas cujo resultado não tinha nada de duvidoso.

Os Judeus previram o ataque. No dia 10 de Agosto [2], pela manhã, travaram um combate furioso, sem sucesso. Tito retirou-se para a Antónia para descansar e preparar-se para o assalto do dia seguinte. Deixou-se de vigia um destacamento para impedir que o incêndio reavivasse. Deu-se então, segundo Josefo, o incidente que trouxe a ruína do edifício sagrado. Os Judeus lançam-se com desespero sobre o destacamento que vigiava junto do

[1] A fortuna de Josefo provém da simpatia particular que Tito lhe dedicava, *B. J.*, III, VIII, 8 e 9.

[2] O grande jejum dos Judeus pela destruição do templo celebra-se no dia 9 do mês de ab, que corresponde pouco mais ou menos ao mês de Agosto. Jos., *B. J.*, VI, IV, 5; Mischna, *Taanith*, IV, 6 (cf. Dion Cassius, LXVI, 7).

fogo; os Romanos repelem-nos, entram misturadamente com os fugitivos no templo. A irritação dos Romanos atingira o cúmulo. Um soldado, «sem que ninguém lho ordenasse, e como impelido por um movimento sobrenatural», tomou uma viga em chama, e, tendo-se feito subir por um dos seus companheiros, lançou o tição por uma janela que dava para as exedras do lado setentrional [1]. A chama e o fumo elevaram-se rapidamente. Tito descansava nessa noite sob a sua tenda. Correram a preveni-lo. Então, se se acreditar Josefo, uma espécie de luta se teria estabelecido entre ele e os seus soldados. Tito, com a voz e o gesto, ordenava que se extinguisse o fogo; mas a desordem era tal que o não compreendiam; os que não podiam duvidar das suas intenções fingiam não o ouvir. Em vez de deter o incêndio, os legionários atiçavam-no. Arrastado pela onda dos invasores, Tito foi levado ao próprio templo. As chamas não tinham atingido o edifício central. Viu intacto esse santuário de que Agripa, Josefo e Berenice lhe tinham falado tantas vezes com admiração e encontrou-o superior ainda ao que lhe tinham dito. Tito redobrou de esforços, fez evacuar o interior e deu ordem a Liberalis, centurião das suas guardas, para ferir os que recusassem obedecer. Subitamente eleva-se da porta do templo um jacto de chamas e de fumo. No momento da evacuação tumultuária, um soldado tinha posto fogo ao interior. As chamas lavravam já por todos os lados; a posição já não podia sustentar-se; Tito retirou-se então.

A narração de Josefo contém mais duma inverosimilhança. É difícil de acreditar que as legiões

[1] Veja-se o plano e a restauração do templo, por M. de Vogue, *Le temple de Jerus.*, pl. XV e XVI.

romanas se tenham mostrado tão indóceis para com um chefe vitorioso. Dion Cassius pretende, pelo contrário, que Tito teve necessidade de empregar a força para determinar os soldados a penetrar num lugar cheio de terrores, e cujos profanadores passavam por ter sido feridos de morte. Uma só coisa é certa, é que a Tito, alguns anos depois, lhe agradava muito que no mundo judaico se contassem os factos como o fez Josefo, e que se atribuísse o incêndio do templo à indisciplina dos seus soldados, ou antes, a um movimento sobrenatural de algum agente inconsciente duma vontade superior. A *História da guerra dos Judeus* foi escrita no fim do reinado de Vespasiano, em 76 o mais cedo, quando já Tito aspirava a ser as «delícias do género humano» e queria passar por um modelo de brandura e de bondade. Nos anos precedentes, e num outro meio que não fosse o dos Judeus, teria certamente aceitado elogios duma ordem diferente. Entre os quadros que se mostraram no triunfo do ano 71, havia um que representava «o fogo posto nos templos» [1], sem que se pensasse então em apresentar este facto senão como glorioso. Pelo mesmo tempo, o poeta de pátio Valério Flaco propõe a Domiciano como o mais belo emprego do seu talento poético cantar a guerra da Judeia, e mostrar seu irmão semeando por toda a parte os fachos incendiários:

> ...Solymo nigrantem pulvere fratrem.
> Spargentemque faces et in omni turre furentem.

Durante esse tempo era ardente a luta nos pátios e nos vestíbulos. Uma grande carnagem se

[1] Jos., *B. J.*, VII, v, 5.

fazia em volta do altar, espécie de pirâmide mutilada, encimada por uma plataforma, que se erguia diante do templo; os cadáveres daqueles que matavam na plataforma rolavam sobre os degraus e amontoavam-se em baixo. Rios de sangue corriam de todos os lados; não se ouviam senão os gritos angustiosos dos que assassinavam e morriam esconjurando o Céu. Havia ainda tempo de se refugiarem na cidade alta; muitos preferiam deixar-se matar, considerando como uma sorte digna de inveja o morrer pelo seu santuário; outros lançavam-se às chamas; outros precipitavam-se nas espadas dos Romanos; outros feriam-se a si próprios ou matavam-se uns aos outros [1]. Alguns padres que haviam conseguido alcançar a crista da cobertura do templo, arrancavam os bicos que aí se encontravam com o chumbo que os segurava e atiravam-nos sobre os Romanos; assim continuaram até ao momento em que as chamas os envolveram. Um grande número de judeus estava reunido em volta do lugar santo, sobre a palavra do profeta que lhes assegurava que era esse o momento escolhido por Deus para fazer aparecer os sinais da salvação [2]. Uma galeria para onde se tinham retirado seis mil destes desgraçados (quase todos mulheres e crianças) ardeu toda. Duas portas do templo e uma parte da cerca reservada para as mulheres foram as únicas que se conservavam no momento. Os Romanos plantaram as suas insígnias no lugar onde tinha sido o santuário e ofereceram-lhes o culto que tinham por hábito.

Restava a velha Sião, a cidade alta, a parte mais forte da cidade, com as suas muralhas ainda

[1] Dion Cassius, LXVI, 6.
[2] Jos., *B. J.*, VI, v, 2.

intactas, onde se haviam refugiado João de Gischala, Simão filho de Gioras e um grande número de combatentes que tinham conseguido abrir caminho através os vencedores. Esta toca de enfurecidos exigiu um novo cerco. João e Simão tinham estabelecido o centro da sua resistência no palácio dos Herodes, situado no sítio da actual cidadela de Jerusalém, e protegido pelas três enormes torres de Hípico, Fasael e Mariana. Os Romanos foram obrigados, para vencer este último refúgio da obstinação judaica, a construir *aggeres* contra o muro ocidental da cidade, mesmo defronte do palácio. As quatro legiões ocuparam-se neste trabalho por espaço de dezoito dias (de 20 de Agosto a 6 de Setembro). Durante este tempo, Tito fez propagar o incêndio às partes da cidade que estavam em seu poder. Sobretudo a cidade baixa e Ofel até Siloam foram destruídas sistematicamente. Muitos judeus pertencentes à burguesia puderam escapar. Quanto às pessoas de condição inferior, foram vendidas por baixo preço. Foi a origem duma nuvem de escravos judeus que, caindo sobre a Itália e os outros países do Mediterrâneo, aí levaram os elementos dum novo ardor de propaganda. Josefo calcula o número em noventa e sete mil [1]. Tito concedeu a sua graça aos príncipes de Adiabena. Foram-lhes entregues os hábitos pontificais, as pedrarias, as mesas, as taças, os candelabros e as tapeçarias. Ordenou que os conservassem cuidadosamente para os fazer servir no triunfo que ele se preparava, e ao qual queria dar um cunho particular de pompa estrangeira fazendo brilhar o rico material do culto judaico.

Quando os *aggeres* estavam acabados, começa-

[1] Jos., *B. J.*, VI, IX, 3.

ram os Romanos a atacar a muralha da cidade alta; logo no primeiro ataque (7 de Setembro) cederam uma parte, bem como algumas torres. Extenuados pela fome, minados pela febre e pelo desespero, os defensores já não eram mais do que esqueletos. As legiões entraram sem dificuldade. Até ao fim do dia os soldados incendiaram e mataram. A maior parte das casas em que se introduziam para saquear estavam cheias de cadáveres. Os desgraçados que tinham podido escapar-se salvaram-se na Arca, que a força romana tinha quase evacuado e nessas vastas cavidades subterrâneas que cruzam o subsolo de Jerusalém. João e Simão sentiram-se enfraquecer nesse momento. Possuíam ainda as torres de Hípico, de Fasael e de Mariana, as mais admiráveis obras de arquitectura militar da antiguidade. O aríete seria impotente contra blocos enormes, reunidos com uma perfeição sem igual e ligados por anilhas de ferro. Assustados, perdidos, João e Simão abandonaram estas obras inexpugnáveis e tentaram forçar a linha de contravalação do lado de Siloam. Não o conseguindo, foram juntar-se aos partidários que se haviam refugiado nos esgotos.

No dia 8 estava acabada toda a resistência. Os soldados estavam cansados. Matavam-se os doentes que não podiam marchar. O resto, mulheres e crianças, foi arrastado como um rebanho para a cerca do templo e fechado no pátio interior que havia escapado ao incêndio. Nesta multidão encerrada para a morte ou a escravatura, distinguiram-se categorias. Todos os que tinham combatido foram massacrados. Setecentos mancebos, os mais belos de aspecto e mais bem-feitos, foram postos de reserva para seguir o triunfo de Tito. Entre os outros, os que tinham passado a idade dos dezassete anos foram enviados para o Egipto, com os ferros nos pés, para os trabalhos forçados, ou repartidos entre as províncias para serem mortos nos anfiteatros. Os que tinham menos de dezassete anos foram vendidos. A selecção dos prisioneiros durou muitos dias, durante os quais morreram milhares, uns porque lhes não davam alimento, outros porque se recusavam a aceitá-lo.

Os Romanos empregaram os dias seguintes a queimar o resto da cidade, a destruir as muralhas, a bater os esgotos e os subterrâneos. Encontraram grandes riquezas, muitos insurrectos vivos que foram mortos imediatamente, e mais de dois mil cadáveres, sem falar de alguns prisioneiros que os terroristas aí tinham encerrado. João de Gischala, obrigado pela fome a sair, pediu quartel aos vencedores, que o condenaram a prisão perpétua. Simão, filho de Gioras, que tinha provisões, permaneceu escondido até ao fim de Outubro. Faltando-lhe víveres então, tomou um partido singular. Vestido com um casaco muito justo e branco, um manto de púrpura, saiu inopinadamente debaixo da terra, no lugar onde havia sido o templo. Imaginava deslumbrar com isto os Romanos, simular uma ressurreição, fazer-se talvez passar pelo Messias. Os soldados ficaram efectivamente um pouco surpreendidos a princípio; Simão não quis dizer o nome senão ao seu comandante Terêncio Rufo. Este fê-lo encadear, mandou a notícia a Tito, que estava em Paneias, e fez conduzir o prisioneiro para Cesareia.

O templo e as grandes construções foram demolidas até aos seus fundamentos. O envasamento do templo foi contudo conservado e constitui o que se chama o *Haram esch-schérif*. Tito quis também conservar as três torres de Hípico, de Faseal e de

Mariana, para fazer conhecer à posteridade contra que muralhas ele tivera de lutar. A muralha do lado ocidental foi deixada de pé para abrigar o campo da legião da 10.ª *Fretensis*, que ficaria com a sua guarnição sobre as ruínas da cidade tomada. Alguns edifícios da extremidade do monte Sião escaparam também à destruição e permaneceram no estado de ruínas isoladas. Tudo o mais desapareceu. Do mês de Setembro de 70 até ao ano de 122, em que Adriano a reedificou sob o nome de *Ælia Capitolina*, Jerusalém não foi senão um campo de escombros, num recanto dos quais se erigiam as tendas duma legião, vigilante sempre. Acreditava-se ver a cada instante reavivar-se o incêndio que lavrava sobre essas pedras calcinadas; receava-se que o espírito da vida reanimasse todos esses cadáveres que pareciam ainda, do fundo do seu sepulcro, levantar os braços para afirmar que tinham com eles as promessas da eternidade.

CAPÍTULO XX

CONSEQUÊNCIAS DA RUÍNA DE JERUSALÉM

Parece que Tito permaneceu ainda um mês nas proximidades de Jerusalém, oferecendo sacrifícios e recompensando os seus soldados [1]. Os despojos e os cativos foram transportados para Cesareia. Por causa do tempo não pôde o jovem capitão partir logo para Roma. Passou o Inverno a visitar as diversas cidades do Oriente e a dar festas. Levava com ele muitos prisioneiros judeus que eram lançados às feras, queimados vivos ou obrigados a combaterem uns contra os outros [2]. Em Paneias, no dia 24 de Outubro, dia do nascimento de seu irmão Domiciano, mais de dois mil e quinhentos judeus pereceram nas chamas ou nos jogos horríveis. Em Beirute, no dia 17 de Novembro, o mesmo número de cativos foi sacrificado para celebrar o dia do nascimento de Vespasiano. O ódio contra os Judeus dominava nas cidades siríacas; esses

---

[1] Inscrição nas *Mém. de l'Acad. des inscr.*, t. XXVI, p. 290.

[2] *B. J.*, VII, II; III, 1; V, 1.

horrorosos massacres eram saudados com alegria. O que há de mais terrível talvez é que Josefo e Agripa não deixaram Tito durante esse tempo e foram testemunhas destas monstruosidades.

Tito fez a seguir uma longa viagem pela Síria e até ao Eufrates. Em Antioquia encontrou a população exasperada contra os Judeus. Acusavam-nos dum incêndio com o fim de destruir a cidade. Tito contentou-se com suprimir as tábuas de bronze onde estavam gravados os seus privilégios [1]. Presenteou a cidade com os *querubins* de asas que cobriam o arco. Esse troféu singular foi colocado na frente da grande porta ocidental da cidade, a qual tomou o nome de porta dos *Querubins*. Perto daí consagrou uma quadriga à Lua, pelo socorro que lhe prestara durante o cerco. Em Dafne fez elevar um teatro no lugar da sinagoga; uma inscrição indicava que este monumento fora construído com os despojos da Judeia [2].

De Antioquia Tito voltou a Jerusalém. Aí encontrou a 10.ª *Fretensis*, sob as ordens de Terêncio Rufo, sempre ocupado em explorar os subterrâneos da cidade destruída. A aparição de Simão, filho de Gioras, saído dos esgotos, quando se acreditava que já aí se não encontrava mais ninguém, fizera recomeçar esse trabalho; e todos os dias se descobria algum desgraçado e novos tesouros. Vendo a solidão que ele fizera, Tito não pôde, diz-se, furtar-se a um movimento de piedade. Os judeus que o acompanhavam exerciam nele uma influência cada vez maior; a fantasmagoria dum império oriental, que tinham feito brilhar aos olhos de Nero e de Vespasiano, reaparecia em volta dele,

[1] Jos., *B. J.*, VII, III, 2-4.
[2] Malala, p. 261. Cf. p. 281 (edic., de Bonn).

e ia até excitar desconfianças a Roma [1]. Agripa, Berenice, Josefo e Tibério Alexandre estavam mais do que nunca nas boas graças e muitos previam para Berenice o papel duma nova Cleópatra. No dia seguinte da derrota dos revoltosos, causava irritação o ver pessoas da mesma espécie honorificadas e cheias de poder [2]. Quanto a Tito aceitava cada vez mais a ideia de que desempenhava uma missão providencial; e comprazia-se em ouvir citar os profetas em que lhe diziam que se tratava dele. Josefo pretende que ele atribuiu a sua vitória a Deus, e reconheceu que fora o objecto duma graça sobrenatural. O que há nisto de curioso é que Filóstrato [3], cento e vinte anos depois, admite claramente esta hipótese e aproveita-a para forjar uma correspondência entre Tito e Apolónio. A acreditar isto, Tito teria recusado as coroas que lhe ofereciam, alegando que não tinha sido ele quem tomara Jerusalém, que ele não fizera senão dar o seu ministério a um Deus irritado. Não pode de forma alguma admitir-se que Filóstrato conhecesse a passagem de Josefo. Teria, a ser assim, aproveitado a lenda já banal da moderação de Tito.

Tito voltou a Roma no mês de Maio ou de Junho de 71. Empenhava-se num triunfo que ultrapassava tudo o que até então se vira. A simplicidade, a seriedade, as maneiras um pouco vulgares de Vespasiano não eram de natureza a dar-lhe prestígio junto duma população que se habituara a exigir antes de tudo aos seus soberanos prodigalidade e o grande ar. Tito compreendeu que uma

[1] Suetónio, *Tito*, 5.
[2] Juvenal, sat. I, 128-130, passagem que se refere a Tibério Alexandre.
[3] *Vida de Apol.*, VI, 29.

entrada solene seria dum excelente efeito, e conseguiu vencer a este respeito as repugnâncias do seu velho pai. A cerimónia foi organizada com todo o talento dos decoradores romanos desse tempo; o que a tornou notável foi a sua cor local e a verdade histórica [1]. Foram também reproduzidos os ritos simples da religião romana, como se se pretendesse opô-la à religião vencida. No princípio da cerimónia, Vespasiano figurou como pontífice, a cabeça mais de meia coberta na sua toga, e rezou as orações solenes; depois dele, Tito rezou segundo o mesmo rito. O desfilar do cortejo foi maravilhoso; todas as curiosidades, todas as raridades do mundo, os preciosos produtos de arte oriental, ao lado das obras perfeitas de arte grego-romana, tudo aí figurava; parece que a seguir ao maior perigo que o império correra, se empenharam em fazer uma pomposa exibição das suas riquezas. Grandes madeiramentos rolantes, elevando-se até à altura de três e quatro andares, excitaram a admiração de todos; eram a representação de todos os episódios da guerra; todas as séries de quadros terminavam pela viva efígie da estranha aparição de Bar-Gioras, e da maneira como o prenderam. O rosto pálido e os olhos espantados dos cativos eram dissimulados pelos soberbos trajes com que os haviam vestido. No meio deles estava Bar-Gioras, conduzido em grande pompa à morte. Vinham depois os despojos do templo, a mesa de ouro, o candelabro de ouro de sete ramos, os velários de púrpura do Santo dos santos, e, para fechar a série dos troféus, o cativo, o vencido, o culpado por excelência, o livro da *Thora*. Os triunfadores fechavam a marcha. Vespasiano e Tito iam em dois carros

[1] Jos., *B. J.*, VII, v, 3-7.

separados. Tito estava radiante; quanto a Vespasiano, que não via em tudo isto senão um dia perdido para os negócios, aborrecia-se, não procurava dissimular a sua vulgar expressão de homem ocupado, exprimia a sua impaciência por a procissão não marchar mais depressa e dizia a meia voz: «É muito bem feito!... Mereço bem isto... Não fui eu tão inepto? Realmente na minha idade!» [1] Domiciano, ricamente vestido, montado num cavalo magnífico, caracoleava em volta de seu pai e de seu irmão mais velho.

Chegou-se assim pela via Sagrada ao templo de Júpiter Capitolino, termo ordinário da marcha triunfal. Ao pé do *clivus capitolinus*, havia uma paragem para se realizar a parte triste da cerimónia, a execução dos chefes inimigos. Este odioso costume foi observado rigorosamente. Bar-Gioras, tirado de entre os cativos, foi arrastado de corda ao pescoço, no meio de ignóbeis ultrajes, à rocha Tarpeia, onde foi morto. Quando um grito anunciou que já não existia o inimigo de Roma, ouviu-se uma imensa aclamação e começaram os sacrifícios. Depois das costumadas orações, os príncipes retiraram-se para o Palatino; toda a cidade passou o resto do dia em festins e outras demonstrações de regozijo.

O volume da *Thora* e as tapeçarias do santuário foram levadas para o palácio imperial; os objectos de ouro e principalmente a mesa dos pães e o candelabro foram depositados num grande edifício que Vespasiano fez edificar defronte do Palatino, do outro lado da via Sagrada, sob o nome de templo da Paz, e que constituiu o museu dos Flávios. Um arco de triunfo em mármore pentélico, que ainda

[1] Suetónio, *Vesp.*, 12.

hoje existe, conservou a recordação desta pompa extraordinária e a imagem dos objectos principais para aí foi também. O pai e o filho tomaram nesta ocasião o título de *imperatores*, mas recusaram o epíteto de *Judaico*, ou porque se ligasse ao nome de *judaei* alguma coisa de odioso e ridículo, ou para indicar que esta guerra da Judeia não fora uma guerra contra um povo estranho, mas uma simples repressão duma revolta de escravos, ou em virtude de algum pensamento secreto análogo àquele de que Josefo e Filóstrato nos transmitiram a expressão exagerada. Uma moedagem em que figurava a Judeia encadeada, chorando sob uma palmeira, com a legenda IVDAEA CAPTA, IVDAEA DEVICTA, conservou a memória do facto fundamental da dinastia dos Flávios. Foram cunhadas peças deste tipo até Domiciano [1].

A vitória era completa. Um capitão da nossa raça, do nosso sangue, um homem como nós [2], à frente de legiões na lista das quais encontraríamos, se nos fosse dado lê-la, muitos dos nossos avós, acabava de destruir a fortaleza do semitismo, de infligir à teocracia, esse formidável inimigo da civilização, a maior das derrotas. Era o triunfo do direito romano, ou antes, do direito racional, criação inteiramente filosófica, não pressupondo nenhuma revelação, sobre a *Thora* judaica, fruto duma revelação. Esse direito, cujas raízes eram em parte gregas, mas em que o génio prático dos Latinos teve uma tão bela parte, era o dom excelente que Roma concedia aos vencidos, em troca da sua

---

[1] Madden, *Jewish coinage*, p. 183-197.

[2] Os Flávios eram originários da Gália cisalpina. Os retratos de Tito e de Vespasiano mostram-nos duas figuras comuns, no género daquelas a que estamos mais habituados.

independência. Cada vitória de Roma era um progresso da razão; Roma dava ao mundo um princípio melhor em todos os sentidos que o dos Judeus, isto é, o Estado profano assentando sob uma concepção puramente civil da sociedade. Todo o esforço patriótico é respeitável; mas os zelotas não eram só patriotas; eram fanáticos, sicários duma tirania insuportável. O que eles queriam era a manutenção duma lei de sangue, que permitia lapidar o que pensasse mal. O que eles repeliam era o direito comum, laico, liberal, que se não importa com a crença dos indivíduos. A liberdade de consciência deveria sair do direito romano, ao passo que nunca sairia do judaísmo. Do judaísmo não podia sair senão a sinagoga ou a Igreja, a censura dos costumes, a moral obrigatória, o convento, um mundo como o do século V, em que a humanidade teria perdido todo o seu vigor, se os bárbaros lho não tivessem despertado. Vale mais o reinado do homem de guerra do que o reinado temporal do padre; o homem de guerra não incomoda o espírito: sob o seu poder pode pensar-se livremente, ao passo que o padre exige aos seus vassalos o impossível, isto é, a crença em certas coisas e o considerá-las sempre verdadeiras.

Era pois em muitos sentidos legítimo o triunfo de Roma. Jerusalém tornara-se uma impossibilidade; entregues a si próprios, os Judeus tê-la-iam demolido. Mas uma grande falta teria de tornar infrutífera esta vitória de Tito. As nossas raças ocidentais, apesar da sua superioridade, mostravam sempre uma deplorável nulidade religiosa. Tirar da religião romana ou gaulesa alguma coisa de análogo à Igreja era uma empresa impossível. Ora toda a vantagem conquistada sobre uma religião torna-se inútil, se se não substitui por outra,

satisfazendo pelo menos tão bem como ela o faria às necessidades do coração. Jerusalém vingar-se-á da sua derrota; vencerá Roma pelo cristianismo, a Pérsia pelo islamismo, destruirá a pátria antiga, tornar-se-á para as melhores almas a cidade do coração. A mais perigosa tendência da sua *Thora*, lei ao mesmo tempo moral e civil, dando a preferência às questões sociais sobre as questões militares e políticas, dominará na Igreja. Durante toda a Idade Média, o indivíduo, vigiado pela comunidade, temerá as censuras, tremerá diante da excomunhão; e tudo isto constituirá um regresso, por causa da indiferença moral das sociedades pagãs, um protesto contra a insuficiência das instituições romanas para melhorarem o indivíduo. É certamente um detestável princípio o direito de coerção concedido às comunidades religiosas sobre os seus membros; é o pior erro acreditar que há uma religião que seja exclusivamente a boa, sendo para cada homem a boa religião aquela que o torna suave, justo, humilde e prestável; mas o problema do governo da humanidade é difícil; o ideal anda muito alto e a terra está muito em baixo; a menos que se não frequente senão o deserto do filósofo, o que se encontra a cada passo é a loucura, a estupidez e a paixão. Os sábios antigos só conseguiram impor-se alguma autoridade por imposturas que, por falta de força material, lhes davam um poder de imaginação. O que seria da civilização se durante séculos se não tivesse acreditado que o brâmane fulminava com o seu olhar, se os bárbaros não estivessem convencidos das vinganças terríveis de S. Martinho de Tours? O homem tem necessidade duma pedagogia moral, para a qual não bastam os cuidados da família e do Estado.

Na embriaguez do triunfo, Roma mal se lembrava que a insurreição judaica vivia ainda na bacia do mar Morto. Três castelos, Heródio, Maquero e Masada continuavam em poder dos Judeus. Era preciso ter resolvido fechar os olhos à evidência para conservar ainda alguma esperança depois da tomada de Jerusalém. Os rebeldes defenderam-se com tanto encarniçamento como se a luta estivesse no seu começo. Heródio não era senão um palácio fortificado; foi tomado sem grandes esforços por Lucílio Basso. Maquero ofereceu muitas dificuldades; as atrocidades, os massacres, as vendas de rebanhos inteiros de judeus recomeçaram. Masada opôs uma das mais heróicas resistências que a história militar regista. Eleázaro, filho de Jaire, neto de Judas o Gaulonita, tinha-se apoderado desta fortaleza logo nos primeiros dias da revolta e tinha reparado as faltas com zelotas e sicários. Masada ocupa o planalto dum imenso rochedo de perto de quinhentos metros de altura, na margem do mar Morto. Para se apoderar duma tal praça, foi preciso que Flávio Silva fizesse verdadeiros prodígios. Foi extraordinário o desespero dos Judeus quando se viram forçados num asilo que eles tinham julgado inexpugnável. Por instigações de Eleázaro mataram-se uns aos outros, e pegaram fogo ao montão que tinham feito de tudo o que possuíam. Assim pereceram novecentos e sessenta pessoas. Sucedeu este trágico episódio no dia 15 de Abril de 72.

A Judeia, em virtude destes acontecimentos, modificou-se completamente. Vespasiano ordenou que se vendessem todas as terras que tinham ficado sem dono pela morte ou prisão dos seus proprietários [1]. Sugeriram-lhe, parece, a ideia que teve

[1] Jos., *B. J.*, VII, IV, 6.

mais tarde Adriano, de reedificar Jerusalém sob outro nome e estabelecer aí uma colónia. Não o quis e anexou todo o país ao domínio próprio do imperador. Deu somente a oitocentos veteranos o burgo de Emaús, perto de Jerusalém, e estabeleceu aí uma pequena colónia, cujos vestígios chegaram até nós no nome da linda aldeia de Kulonié. Foi imposto aos Judeus um tributo especial *(fiscus)*. Em todo o império pagaram anualmente ao Capitólio a soma de dois dracmas que até então era de uso pagarem ao templo de Jerusalém. Os judeus que andavam ligados aos Romanos, Josefo, Agripa, Berenice e Tibério Alexandre, escolheram Roma para residência. Vê-los-emos continuar a exercer nessa cidade um papel importante, ora trazendo ao judaísmo o favor da corte, ora perseguidos pelo ódio dos crentes exaltados, ora concebendo certas esperanças, principalmente quando Berenice esteve quase a ser a mulher de Tito e a ter o ceptro do universo.

Reduzida à solidão, a Judeia ficou tranquila; mas o enorme abalo que nela se dera continuou a provocar agitações nos países vizinhos. A fermentação do judaísmo durou até ao fim do ano 73. Os zelotas salvos do massacre, os voluntários do cerco, todos os loucos de Jerusalém espalharam-se no Egipto e na Cirenaica. As comunidades destes países, ricas, conservadoras, muito distantes do fanatismo palestino, sentiram o perigo que lhes levavam esses exaltados. Encarregavam-se eles próprios de os prenderem e entregarem aos Romanos. Muitos fugiram até ao Alto Egipto, onde foram encurralados como feras [1]. Em Cirene, um sicário chamado Jónatas, tecelão, fez de profeta e, como todos os

[1] Jos., *B. J.*, VII, x, 1; Eusébio, *Cron.*, adan., 73.

falsos messias, convenceu dois mil *ébionim* ou pobres a seguirem-no para o deserto, onde lhes prometia fazer ver prodígios e extraordinárias aparições [1]. Os judeus menos exaltados denunciaram-no a Catulo, governador do país; mas Jónatas vingou-se por delações que trouxeram males sem fim. Quase toda a judiaria de Cirene, uma das mais florescentes do mundo [2], foi exterminada; os seus bens foram confiscados em nome do imperador. Catulo, que demonstrou em tudo isto a maior crueldade, foi demitido por Vespasiano; morreu no meio das mais terríveis alucinações, que, segundo certas conjecturas, forneceram o assunto duma peça de teatro com decorações fantásticas, intitulada «o Espectro de Catulo» [3].

Coisa incrível! Esta longa e terrível agonia não foi logo seguida da morte. Sob Trajano, sob Adriano, veremos ainda o judaísmo reviver e dar ainda sangrentos combates; mas a sorte estava evidentemente lançada; o zelota estava irremediavelmente vencido. O caminho traçado por Jesus, compreendido por instinto pelos chefes da Igreja de Jerusalém, refugiados da Pereia, tornara-se definitivamente o caminho de Israel! O reino temporal dos Judeus tinha sido odioso, duro, cruel; a época dos Asmodeus, em que gozaram da independência, foi a sua mais triste época. Era o herodianismo, o saducismo, esta vergonhosa aliança dum principado sem grandeza com o sacerdócio, que se devia lamentar? Não, certamente; não era esse o fim do «povo de Deus». Seria preciso ser cego para não ver que as instituições ideais que pretendia

[1] Jos., *B. J.*, VII, XI, 1.
[2] Estrabão, citado por Jos., *Ant.*, XIV, VII, 2.
[3] Juvenal, sat. VIII, v, 186.

«o Israel de Deus» não comportavam a independência nacional. Essas instituições, incapazes de criar um exército, não podiam existir senão na vassalagem dum grande império, deixando grande liberdade aos seus raias, desembaraçando-os da política, não lhes exigindo nenhum serviço militar. O império aqueménida satisfaria inteiramente às suas condições da vida judaica, como mais tarde o califado, o império otomano, e desenvolver-se-ão no seu seio comunidades livres como as dos Arménios, dos Persas e dos Gregos, nações sem pátria, confrarias substituindo a autonomia diplomática e militar pela autonomia do colégio e da Igreja.

O Império Romano não foi flexível o bastante para se ajustar às necessidades das comunidades que compreendia. Dos quatro impérios foi este, segundo os Judeus, o mais duro e pior [1]. Como Antíoco Epifânio, o Império Romano fez desviar o povo judeu da sua verdadeira vocação levando-o por uma reacção a formar um reino ou um Estado separado. Esta não era de modo nenhum a tendência dos homens que representavam o génio da raça. Em certos sentidos, estes últimos preferiam os Romanos. A ideia duma nacionalidade judaica tornava-se cada vez mais uma ideia atrasada, uma ideia de furiosos e de frenéticos, contra a qual homens piedosos não tinham escrúpulo de reclamar a protecção dos conquistadores. O verdadeiro judeu, aferrado à *Thora*, fazendo dos livros santos a sua regra e a sua vida, assim como o cristão, perdido na esperança do seu reino de Deus, renunciava cada vez mais a toda a nacionalidade terrestre. Os princípios de Judas o Gaulonita, que foram

[1] Apocalipse de Baruch, em Ceriani, *Monum. sacra et prot.*, p. 82, e V, p. 136.

a alma da grande revolta, princípios anárquicos segundo os quais só Deus era «senhor», nenhum homem tinha o direito de tomar este título, podiam produzir bandos de fanáticos análogos aos Independentes de Cromwell; mas não podiam fundar nada de durável. Essas erupções febris eram o indício do profundo trabalho que minava o seio de Israel, e que, fazendo-o suar sangue pela humanidade, devia necessariamente conduzi-lo a perecer em aflitivas convulsões.

Os povos devem escolher, entre os destinos longos, tranquilos, obscuros aquele que vive para si e a carreira desordenada, tempestuosa do que vive para a humanidade. A nação que agita no seu seio problemas sociais e religiosos é quase sempre fraca como nação. Todo o país que sonha um reino de Deus, que vive para as ideias gerais, que se propõe uma obra de interesse universal, sacrifica por ele o seu destino particular, amesquinha e destrói o seu papel como pátria terrestre. Assim sucedeu com a Judeia, com a Grécia e com a Itália; assim acontecerá talvez com a França. Não se traz impunemente o fogo dentro de si. Jerusalém, cidade de burgueses medíocres, teria continuado indefinidamente a sua medíocre história. Foi porque ela teve a incomparável honra de ser o berço do cristianismo que foi vítima dos João de Gischala e dos Bar-Gioras, em aparência flagelos da sua pátria, na realidade instrumentos da sua apoteose. Estes zeladores, que Josefo trata por bandoleiros e assassinos, eram políticos da última ordem, militares pouco capazes; mas perderam heroicamente uma pátria que não podia ser salva. Perderam uma cidade material; inauguraram o reino de Jerusalém espiritual, assente na sua desolação, bem mais gloriosa que nos dias de Herodes e Salomão.

Que pretendiam os conservadores e os saduceus? Queriam qualquer coisa de mesquinho: a continuação duma cidade de padres como Émeso, Tiane ou Comane. Enganaram-se quando afirmavam que os levantamentos de entusiastas eram a perda da nação. A revolução e o messianismo acabavam com a existência nacional do povo judeu; mas a revolução e o messianismo era bem a vocação desse povo, pela qual contribuía para a obra universal da civilização. Nós não nos enganamos menos quando dizemos à França: «Renuncia à revolução, ou tu te perdes»; mas se o futuro pertence a alguma das ideias que se elaboraram obscuramente no seio do povo, ver-se-á que a França se tornará notável pelo que fez em 1870 e 1871 a sua fraqueza e a sua miséria. A menos que se torça a verdade (tudo neste género é possível), os nossos Bar-Gioras e os nossos João de Gischala nunca se tornarão grandes cidadãos; mas ser-lhes-á dada a parte que lhes pertence e ver-se-á talvez que melhor do que as pessoas sensatas eles estavam no segredo do destino.

Como se transformou o judaísmo, privado da sua cidade santa e do seu templo? Como sairá o talmudismo da situação que os acontecimentos criaram ao Israelita? É o que veremos no nosso quinto livro. Num certo sentido, depois da produção do cristianismo, já o judaísmo não tinha razão de existir. Desde esse momento, o espírito da vida saiu de Jerusalém. Israel deu tudo ao filho da sua dor e esgotou-se com isso. Os *élohim* que se acreditou terem murmurado no santuário: «Saiamos daqui! saiamos daqui!» diziam a verdade. A lei das grandes criações é que o criador expira virtualmente transmitindo a existência a um outro: depois da inoculação completa da vida àquele que a deve continuar, o iniciador não é já mais do que um tronco seco, um ser extenuado. É raro contudo que esta sentença da natureza se cumpra imediatamente. A planta que deu já flor não morre por isso. O mundo está cheio destes esqueletos ambulantes que sobrevivem à sentença que os feriu. O judaísmo é desse número. A história não apresenta espectáculo mais estranho que o dessa conservação dum povo em estado de espectro, dum povo que, durante perto de mil anos, perdeu o sentimento das coisas, nunca mais escreveu uma página legível, não nos transmitiu uma indicação aceitável. Há pois alguma coisa para admirar que tendo assim vivido séculos fora da livre atmosfera da humanidade, num subterrâneo, no estado de loucura perpétua, ele saia pálido, deslumbrado pela luz, estiolado?

Quanto às consequências que da ruína de Jerusalém resultaram para o cristianismo, são tão evidentes que desde já se podem indicar. Já mesmo por várias vezes tivemos ocasião de o deixar transparecer [1].

A ruína de Jerusalém e do templo foi para o cristianismo uma fortuna sem igual. Se o raciocínio atribuído por Tácito a Tito é exactamente relatado, o general vitorioso acreditou que a destruição do templo seria a ruína do cristianismo, da mesma forma que do judaísmo. Nunca ninguém se enganou tão redondamente: Os Romanos imaginavam que arrancando a raiz, arrancavam ao mesmo tempo o rebento; mas o rebento era já arbusto que vivia da sua vida própria. Se o templo tivesse sobrevivido, teria sido certamente detido no seu desenvolvimento. O templo teria continuado a ser

[1] Veja-se *S. Paulo*.

o centro de todas as obras judaicas. Nunca se teria deixado de o considerar como o lugar mais santo do mundo, de aí vir em peregrinação, e de aí trazer tributos. A Igreja de Jerusalém, agrupada em volta dos pátios sagrados, teria continuado, em nome da sua primazia, a receber as homenagens de toda a terra, a perseguir os cristãos das Igrejas de Paulo e a exigir que, para ter o direito de se chamar discípulo de Jesus, se praticasse a circuncisão e se observasse o código mosaico. Toda a propaganda fecunda teria sido interdita; teriam sido exigidas aos missionários cartas de obediência assinadas em Jerusalém. Um centro de autoridade irrefragável, um patriarcado constituído por uma espécie de colégio de cardeais, sob a presidência de pessoas análogas a Tiago, judeus puros, pertencendo à família de Jesus, se teria estabelecido, constituindo um imenso perigo para a Igreja nascente. Quando se repara que S. Paulo, depois de tais procedimentos, fica sempre ligado à Igreja de Jerusalém, concebe-se que dificuldades representaria um rompimento com estes santos personagens. Um cisma desta ordem seria considerado como uma monstruosidade equivalente a abandonar o cristianismo. A separação do judaísmo teria sido impossível; e esta separação era a condição indispensável da existência da religião nova, como a secção do cordão umbilical é a condição da existência dum ser novo. A mãe mataria o filho. Pelo contrário, uma vez destruído o templo, nunca mais nele pensariam os cristãos; dentro em pouco o considerarão um lugar profano:[1] Jesus será tudo para eles.

[1] «Ecclesia Dei jam per totum orbem uberrime germinante, hoc (templum) tanquam offoetum ac vacuum nullique usui bono commodum arbitrio Dei auferendem fuit». Orósio, VII, 9.

A Igreja de Jerusalém foi ao mesmo tempo reduzida a uma importância secundária. Nós a veremos reformar em volta do elemento que constituía a sua força, os *desposyni*, os membros da família de Jesus, os filhos de Cleopas; mas não reinará outra vez. Destruído este centro de ódio e de exclusão, a aproximação dos partidos opostos da Igreja de Jesus tornar-se-á fácil. Pedro e Paulo reconciliar-se-ão oficialmente, e a terrível dualidade do cristianismo nascente deixará de ser uma chaga mortal. Esquecido no fundo da Bataneia e do Hauran, o pequeno grupo que se ligava aos parentes de Jesus, aos Tiagos e aos Cleopas, torna-se a seita ebionita e morre lentamente pela falta de importância e pela sua infecundidade.

A situação assemelhava-se muito à do catolicismo do nosso tempo. Nenhuma comunidade religiosa teve nunca tanta actividade interior, maior tendência a realizar criações originais como o catolicismo há sessenta anos. Todos esses esforços não têm tido resultado por um só motivo; esse motivo é o reino absoluto da corte de Roma. Foi a corte de Roma que expulsou da Igreja Lamennais, Hermes, Dœllinger, o P. Jacinto, todos os apologistas que a defenderam com algum sucesso. Foi a corte de Roma que desolou e reduziu à impotência Lacordaire e Montalembert. Foi a corte de Roma que, pelo seu *Syllabus*, e o seu concílio cortou todo o futuro aos católicos liberais. Quando é que mudará este triste estado de coisas? Quando Roma deixar de ser a cidade pontifical, quando a perigosa oligarquia que se apoderou do catolicismo, cessar de existir. A ocupação de Roma pelo rei da Itália será provavelmente contada na história do catolicismo como um acontecimento tão feliz como a destruição de Jerusalém o foi na história

*

do cristianismo. Quase todos os católicos o lamentam, da mesma maneira sem dúvida que os judaico-cristãos do ano 70 consideravam a destruição do templo como a maior calamidade. Mas o futuro há-de mostrar quanto este juízo é superficial. Chorando sobre o fim da Roma papal, o catolicismo tirará disto as maiores vantagens. À uniformidade material e à morte sucederá no seu seio a discussão, o movimento, a vida e a variedade.

FIM DO ANTICRISTO

APÊNDICE

DA VINDA DE S. PEDRO A ROMA E DA ESTADA DE S. JOÃO EM ÉFESO

Toda a gente concorda que desde o fim do segundo século, a crença geral das Igrejas cristãs era que o apóstolo Pedro sofreu o martírio em Roma e que o apóstolo João viveu em Éfeso até uma idade avançada. Os teólogos protestantes pronunciaram-se vivamente desde o século XVI contra a viagem de S. Pedro a Roma[1]. Quanto à opinião da estada de João em Éfeso, somente nos nossos dias é que encontrou contraditores.

A razão pela qual os protestantes ligaram tanta importância em negar a vinda de Pedro a Roma é fácil de compreender. Durante toda a Idade Média a vinda de Pedro a Roma foi a base das pretensões exorbitantes do papado. Essas pretensões fundavam-se em três proposições consideradas como de fé: 1.º o próprio Jesus conferiu a Pedro uma primazia na sua Igreja; 2.º essa primazia devia transmitir-se aos sucessores de Pedro; 3.º os sucessores de Pedro são os bispos de Roma, pois que Pedro, depois de ter residido em Jerusalém, depois em Antioquia, viera fixar a sua residência definitiva em Roma. Destruir este último facto era alterar profundamente o edifício da teologia romana. Despendeu-se

---

[1] A primeira tese a este respeito é de 1520. Lutero não a aprovou. Flácio Ilírico e Saumaso tornaram esta opinião clássica na escola protestante.

nisso muito saber; demonstrou-se que a tradição romana não era apoiada em testemunhos directos bastante sólidos; mas trataram-se ligeiramente as provas indirectas; entrou-se sobretudo num caminho irritante a propósito da passagem *I Petri*, v, 13. Que Βαϐυλών designe nesta passagem realmente Babilónia sobre o Eufrates, é uma tese insustentável, primeiramente porque nessa época «Babilónia», no estilo secreto dos cristãos, designa sempre Roma; em segundo lugar, porque o cristianismo do primeiro século mal saiu do Império Romano e espalhou-se muito pouco entre os Partos.

Para nós a questão tem muito menos importância do que para os primeiros protestantes [1], e é mais fácil de resolver com imparcialidade. Nós não acreditamos de modo nenhum que Jesus tivesse tido a intenção de instituir um chefe à sua Igreja, nem sobretudo de ligar esta primazia à sucessão episcopal duma cidade determinada. Primeiro, o episcopado não existia no pensamento de Jesus; além disso, se havia cidade no mundo, entre aquelas de que Jesus conheceu o nome, em que ele não podia pensar para fixar a série dos chefes da sua Igreja, era sem dúvida Roma. Ter-lhe-ia feito horror, se lhe dissessem que essa cidade de perdição, essa cruel inimiga do povo de Deus, se jactaria um dia da sua realeza satânica para reclamar o direito de herdar o novo título de poder fundado pelo Filho. Que Pedro tenha ou não estado em Roma, isso não tem para nós nenhuma consequência moral ou política; é apenas uma curiosa questão de história; não pode com isso provar-se mais coisa nenhuma.

Digamos já que os católicos se expuseram às objecções mais peremptórias da parte dos seus adversários com o seu infeliz sistema da vinda de Pedro a Roma no ano 42, sistema originado em Eusébio e em S. Jerónimo, e que dá ao pontificado de Pedro uma duração de vinte e três ou vinte e quatro anos. Nada de mais inadmissível. Basta, para não restar nenhuma dúvida a este respeito, considerar que a perseguição de que Pedro foi objecto em Jerusalém da parte de Herodes Agripa I (*Act.*, XII) se deu no próprio ano em que Herodes Agripa morreu, isto é, no ano 44 (Jos., *Ant.*, XIX,

---

[1] A última e a mais sábia forma das dúvidas protestantes sobre este ponto encontra-se nos dois ensaios de Lipsius: *Chronologie der raemischen Bischofe bis zur Mitte der vierten Jahrhunderts* (Kiel, 1869): *Die Quelien der raemischen Petrussege* (Kiel, 1872).

VIII, 2) [1]. Apolónio o antimontanista [2] (fim do século II), Lactâncio [3] (princípio do IV) não acreditavam certamente que Pedro tivesse estado em Roma em 42, o primeiro quando afirma ter sabido pela tradição que Jesus Cristo proibira aos seus apóstolos o saírem de Jerusalém antes de doze anos depois da sua morte; o segundo, quando diz que os apóstolos empregaram os vinte e cinco anos que se seguiram à morte de Cristo a pregar o Evangelho nas províncias e que Pedro não veio a Roma senão depois da subida de Nero ao trono. Seria supérfluo combater demoradamente uma tese que já não pode ter um único defensor razoável. Pode-se ir muito mais longe ainda e afirmar que Pedro ainda não tinha vindo a Roma quando Paulo aí foi levado, isto é, no ano 61. A epístola de Paulo aos Romanos, escrita no ano 58, ou que pelo menos não foi escrita mais de dois anos e meio antes da sua chegada a Roma, é um argumento muito importante; não se poderia conceber que S. Paulo, exortando aos fiéis de que S. Pedro era o chefe, não fizesse a menor referência a este último. O que é ainda mais demonstrativo, é o último capítulo dos *Actos dos apóstolos*. Esse capítulo, sobretudo os versículos 17-29, não podem compreender-se se Pedro estivesse em Roma quando Paulo aí chegou. Temos pois como absolutamente certo que Pedro não foi a Roma antes de Paulo, isto é, antes do ano 61 aproximadamente.

Mas não se daria isso depois de Paulo? É o que os críticos protestantes nunca conseguiram provar. Não só essa viagem tardia de Pedro a Roma não oferece nenhuma impossibilidade, como há até fortes razões a seu favor. Cremos que as pessoas que lerem a nossa narrativa seguidamente verão que tudo se harmoniza perfeitamente nesta hipótese. Além de que os testamentos dos Pais do segundo e terceiro século não são sem valor nesta questão, podem formular-se três raciocínios cuja força me não parece para desdenhar:

1.º — É incontestável que Pedro morreu mártir. Os testemunhos do quarto Evangelho, de Clemente Romano, do fragmento chamado *Canon de Muratori*, de Dionísio de Corinto, de Caio e de Tertuliano não deixam nenhuma dúvida a este respeito. Que o quarto Evangelho seja apócrifo, que o capítulo XXI tenha sido acrescentado posteriormente, isso não importa. É claro que temos nos versículos em que Jesus

---

[1] Vejam-se *os Apóstolos*.
[2] Citado por Eusébio, *H. E.*, V, XVIII, 14.
[3] *De mortibus persecutorum*, 2.

anuncia a Pedro que morrerá do mesmo suplício que ele, a expressão duma opinião estabelecida nas Igrejas antes do ano 120 ou 130 e à qual se faziam alusões como a um facto conhecido de todos. Ora não pode imaginar-se que Pedro tenha sido mártir senão em Roma. Não foi senão em Roma que a perseguição de Nero foi violenta. Em Jerusalém ou Antioquia, o martírio de Pedro não se explica tão bem.

2.º — O segundo raciocínio tira-se do versículo v, 13, da epístola atribuída a Pedro. Babilónia, nesta passagem, designa evidentemente Roma. Se a epístola é autêntica, a passagem é decisiva. Se é apócrifa, a indução que se tira da dita passagem não é menos forte. O autor, quem quer que ele seja, quer fazer crer que a obra é de Pedro. Deve, por consequência, para dar verosimilhança à sua fraude, ter disposto as circunstâncias do lugar duma maneira conforme ao que ele sabia e ao que se acreditava no seu tempo sobre a vida de Pedro. Se em tal disposição de espírito datou a carta de Roma, é que a opinião do tempo em que essa carta foi escrita era que S. Pedro residira em Roma. Ora em toda esta hipótese, a *I.ª Petri* é uma obra muito antiga e que gozou muito rapidamente uma grande autoridade [1].

3.º — O sistema que serve de base aos Actos ebionitas de S. Pedro é também muito digno de consideração. Este sistema mostra-nos S. Pedro seguindo por toda a parte Simão o Mágico (entende-se por este nome S. Paulo) para combater as suas falsas doutrinas. Lipsius [2] analisou esta curiosa lenda com uma admirável sagacidade de crítico. Demonstrou que a base das diversas redacções que chegaram até nós foi uma narrativa primitiva, escrita no ano 130, narrativa na qual Pedro vinha a Roma para vencer Simão-Paulo no centro do seu poder, e encontrava a morte depois de ter confundido este pai de todos os erros. Parece difícil que o autor ebionita, numa data tão afastada, tivesse podido dar tanta importância à viagem de Pedro a Roma, se essa viagem não tivesse tido nenhuma realidade. O sistema da lenda ebionita deve ter um fundo de verdade, apesar das fábulas que se lhe misturam. É muito admissível que S. Pedro tivesse ido a Roma, como foi a Antioquia, depois de Paulo e em parte para neutralizar a sua influência. A comunidade cristã, no ano 60,

[1] Veja-se a Introdução deste volume.

[2] *Raemische Petrussage*, p. 13 e seg., sobretudo p. 16, 18, 41-42. Cf. *Recognit.*, I, 74; III, 65; Epístola apócrifa de Clemente a Tiago, no princípio das Homílias, cap. 1.

estava num estado de alma que se não assemelhava em nada à tranquila expectativa dos vinte anos que se seguiram à morte de Jesus. As missões de Paulo e a facilidade que os Judeus viam nas suas viagens tinham vulgarizado as expedições para longe. O apóstolo Filipe é da mesma forma designado por uma tradição antiga e persistente como tendo ido fixar-se em Hierápolis.

Considero pois como provável a tradição da estada de Pedro em Roma; mas creio que esta estada fosse de curta duração e que Pedro sofresse o martírio pouco tempo depois da sua chegada à cidade eterna. Uma coincidência favorável a este sistema é a narrativa de Tácito, *Annales*, XV, 44. Essa narrativa oferece uma ocasião muito natural para se relacionar com o martírio de Pedro. O apóstolo dos judaico-cristãos fez sem dúvida parte da categoria dos supliciados que Tácito designa por *crucibus affixi*, e não é sem razão que o Vidente do Apocalipse colocara «os apóstolos» [1] entre as vítimas santas do ano 64, que aplaudem a destruição da cidade que as matou.

A ida de João a Éfeso, dum valor dogmático menos importante que a ida de Pedro a Roma, não levantou tão longas controvérsias. A opinião geralmente aceite até aos últimos tempos era que o apóstolo João, filho de Zebedeu, morrera muito velho na capital da província da Ásia. Mesmo os que se recusavam a acreditar que durante esta estada o apóstolo tivesse escrito o quarto Evangelho e as epístolas que trazem o seu nome, mesmo os que negaram que o Apocalipse fosse obra sua, continuavam a acreditar a realidade atestada pela tradição. O primeiro, Lützelberger, em 1840, levantou a este respeito dúvidas razoáveis; mas foi pouco escutado. Críticos a que não pôde deixar de censurar-se uma credulidade excessiva como Baur, Strauss, Schwegler, Zeller, Hilgenfeld, Wolkmar, fazendo uma grande referência à lenda das narrativas sobre a estada de João em Éfeso, persistiram em considerar como histórico o próprio facto da vinda do apóstolo a estas paragens. Foi em 1867, no primeiro volume da sua *Vida de Jesus* [2], que M. Keim dirigiu contra esta opinião tradicional um sério ataque. A base do sistema de Keim é que se confundiu *Presbyteros Johannes* com João o

[1] Apoc., XVIII, 20.

[2] Páginas 161-167. Compare-se tomo III (1871-72), p. 44-45; 477 notas.

apóstolo e que as narrativas dos escritores eclesiásticos sobre este devem entender-se como referentes ao primeiro. Foi seguido por Wittichen e Holtzmann. Mais recentemente Scholten, professor da Universidade de Leyde, num trabalho extenso, esforça-se por destruir umas após outras todas as provas da tese outrora aceite e demonstrou que o apóstolo João nunca pôs os pés na Ásia[1].

O opúsculo de Scholten é uma verdadeira obra-prima de argumentação e de método. O autor passa em revista, não só todos os testemunhos que se alegam pró ou contra a tradição, mas ainda todos os escritos em que pudesse e, segundo ele, devesse tratar-se dele. O sábio professor de Leyde fora outrora duma opinião diferente. Nas suas longas argumentações contra a autenticidade do quarto Evangelho, insistira fortemente sobre a passagem em que Polícrates de Éfeso, no fim do século segundo, apresenta João como tendo sido na Ásia uma das colunas do partido judeu e quarto décimo. Mas não é a um amigo da verdade que custa, nestas difíceis questões, modificar e reformar a sua opinião.

Os argumentos de Scholten não me convenceram. Colocam a viagem de João na Ásia no número dos factos duvidosos; não a colocam no número dos factos naturalmente apócrifos; eu julgo que toda a aparência de verdade é ainda a favor da tradição. Menos provável que a estada de Pedro em Roma, a tese da estada de João em Éfeso conserva a sua verosimilhança e eu penso que, em muitos casos, Scholten teve um cepticismo exagerado. Como eu já por mais de uma vez o disse, um teólogo nunca é um crítico perfeito. Scholten tem o espírito muito elevado para se deixar dominar pelas vistas da apologética ou da dogmática; mas o teólogo está tão habituado a subordinar o facto à ideia, que raras vezes se coloca no simples ponto de vista do historiador. Há vinte e cinco anos, em especial, vemos a escola protestante liberal deixar-se arrastar a excessos de negação, e não duvidamos que a ciência laica, que não vê nestes senão simples investigações interessantes, deva segui-la. A situação religiosa chegou a ponto que se julga a defesa das crenças sobrenaturais mais fácil fazendo pouco caso dos textos e sacrificando-os mais do que mantendo-lhes a autenticidade. Estou convencido de que uma crítica desembaraçada de toda

[1] *De apostel Johannes in Klein-Azie*, Leyde, 1871. Holtzmann retomou o assunto na sua *Kritik der Eph, und Kolosserbriefe* (Leipzig, 1872), p. 314-324.

a preocupação teológica verá um dia que os teólogos protestantes liberais do nosso século foram muito longe na dúvida e que se aproximará, não certamente pelo espírito, mas por alguns resultados, das antigas escolas tradicionais.

Entre os escritos examinados por Scholten, o Apocalipse ocupa o primeiro lugar. É neste ponto que o ilustre crítico se mostra mais seguro. De três coisas, uma: ou o Apocalipse é do apóstolo João, ou é dum falsário que teve a intenção de o fazer passar por obra do apóstolo João, ou é dum homónimo de apóstolo João, tal como João Marcos ou o enigmático *Presbyteros Johannes*. Na terceira hipótese é claro que o Apocalipse nada tem que ver com a estada do apóstolo João na Ásia; mas esta hipótese é muito pouco plausível, e de resto não é a que adopta Scholten. Scholten pronuncia-se pela segunda hipótese. Julga o Apocalipse apócrifo à maneira do livro de Daniel: supõe que o falsário quis, segundo um processo muito vulgar entre os judeus do tempo, cobrir-se com o prestígio dum personagem respeitado, que escolheu o apóstolo João como uma das colunas da Igreja de Jerusalém, e que se apresentou às Igrejas da Ásia sob este nome venerável. Como uma tal falsificação se não podia conceber em vida do apóstolo, Scholten admite que João morrera antes de 68. Mas este sistema contém verdadeiras impossibilidades. Seja qual for a opinião sobre a autenticidade do Apocalipse, eu ouso afirmar que os argumentos que se tiram deste escrito para estabelecer a verdade duma estada de João na Ásia são tão fortes na segunda das hipóteses como na primeira. Não se trata dum livro produzido como o livro de Daniel, séculos depois da morte do autor a quem é atribuído. O Apocalipse foi espalhado entre os fiéis da Ásia no Inverno de 68-69, enquanto que as grandes lutas entre os generais para a conquista do poder e a aparição do falso Nero de Citnos conservaram todo o mundo numa expectativa febril. Se já tinha morrido o apóstolo João, como o pretende Scholten, devia ter sido há bem pouco, e em todo o caso, na hipótese de Scholten, os fiéis de Éfeso, de Esmirna, etc., sabiam perfeitamente nessa data que o apóstolo João não tinha visitado a Ásia. Que acolhimento podiam eles fazer à narrativa duma visão dada como tendo-se realizado em Patmo, a algumas léguas de Éfeso, narrativa dirigida às sete principais Igrejas de Ásia por um homem que se supõe conhecer os segredos da sua consciência, que distribui a umas as mais ásperas censuras, a outras os elogios mais exaltados, que toma para com elas o tom duma autoridade incontestada, que se apresenta como tendo compartilhado os seus

sofrimentos, se este homem não tivesse nunca estado nem em Patmo nem na Ásia, se a sua imaginação o representasse sempre sedentário em Jerusalém? É preciso supor um falsário dotado de bem pouco senso para ter criado com tanta ligeireza ao seu livro tais motivos de desfavor. Por que coloca ele em Patmo a cena da profecia? Esta ilha não tinha tido até então nenhuma importância, nenhuma significação. Nunca se abordava senão quando se ia de Éfeso a Roma ou de Roma a Éfeso. Para estas travessias, Patmo oferecia um bom porto de segurança a um dia de Éfeso. Era a primeira e a última escala segundo as regras da pequena navegação descrita nos *Actos* e cujo princípio essencial era parar quanto possível todas as noites. Patmo não podia ser um termo de viagem; só um homem que fosse a Éfeso ou viesse de Éfeso aí podia tocar. Admitindo mesmo a não autenticidade do Apocalipse, os três primeiros capítulos deste livro constituem assim uma forte probabilidade em favor da tese da estada de João na Ásia, da mesma maneira que a *I.ª Petri*, mesmo apócrifa, é um grande argumento da estada de Pedro em Roma. O falsário, seja qual for a credulidade do público a que se dirige, procura sempre criar para o seu escrito condições por que se torne aceitável. Se o autor da *I.ª Petri* se entende obrigado a datar o seu escrito de Roma; se o autor do Apocalipse imagina dar um bom exórdio à sua visão fazendo-a escrever no limiar da Ásia, quase defronte de Éfeso, e dirigindo-a com conselhos que parecem dum director de consciência às Igrejas de Ásia, é que Pedro esteve em Roma, e João na Ásia. Dionísio de Alexandria, desde o fim do século III, sentiu perfeitamente quanto de embaraçador tinha a questão assim posta [1]. Experimentando contra o Apocalipse essa antipatia que tiveram todos os Pais gregos possuídos do verdadeiro espírito helénico, Dionísio acumula as objecções contra a ideia de que um tal escrito fosse do apóstolo João; mas reconhece que a obra não podia ter sido composta senão por um personagem que tivesse vivido na Ásia, e atribui-a a algum dos homónimos do apóstolo; de tal forma resulta evidente esta preposição de o autor verdadeiro ou suposto se encontrou em relações com a Ásia.

A discussão de Scholten relativa ao texto de Papias, é muito importante. Resulta deste ἀρχαῖος ἀνήρ mal compreendido, desde Ireneu que dele faz erradamente um auditor do apóstolo João, até Eusébio que supõe erradamente também que ele conheceu directamente *Presbyteros Johannes*. Keim demonstrara já que o texto de Papias bem entendido prova antes contra que a favor duma estada do apóstolo João na Ásia. Scholten vai mais longe; conclui da passagem em questão que mesmo *Presbyteros Johannes* não viveu na Ásia. Julga que este personagem, distinto para ele do apóstolo João, vivia na Palestina, e era contemporâneo de Papias. Convimos com Scholten que, se a passagem de Papias é correcta, constitui uma objecção contra a estada do apóstolo na Ásia. Mas é ela correcta? As palavras ἤ τί Ιωάννης não são uma interpolação? Aos que acharem isto arbitrário responderei que se se mantém ἤ τί Ιωάννης, as palavras οἱ τοῦ κυρίου μαθηταί, colocadas depois de Αριστίων καὶ ὁ πρεσζύτερος Ιωάννης, tornam a frase de Papias um conjunto estranho e incoerente. O que confirma contudo as dúvidas de Scholten é a passagem de Papias citada por Jorge Harmatolo segundo a qual João teria sido morto pelos Judeus. Esta tradição parece ter sido criada para mostrar a realização das palavras de Cristo (Mat., XX, 23; Marcos, X, 39); não é conciliável com a estada de João em Éfeso, e se Papias a adoptou verdadeiramente foi porque não tinha a menor noção da ida de João à província da Ásia. Ora seria para surpreender que um homem zeloso como Papias para a investigação das tradições apostólicas tivesse ignorado um facto tão capital, que se passava no próprio país que habitava.

A omissão de tudo o que diz respeito à estada de João na Ásia nas epístolas atribuídas a Santo Inácio e em Hegesipo faz certamente reflectir. A partir do ano 180, pelo contrário, a tradição fixa-se definitivamente. Apolónio o antimontanista, Polícrates, Ireneu, Clemente de Alexandria, Orígenes não têm dúvidas sobre a honra insigne que coube à cidade de Éfeso. Entre os textos que se podem alegar, dois são sobretudo notáveis: o de Polícrates, bispo de Éfeso (em 196) e o de Ireneu (do mesmo tempo) na sua carta a Florino. Scholten põe de parte, com muita ligeireza, o texto de Polícrates. É grave encontrar em Éfeso ao cabo dum século a tradição tão nitidamente afirmada. «O pouco espírito crítico de Polícrates, diz Scholten, ressalta desta circunstância que nos apresenta João como ornado do πέναλον, fazendo assim remontar por anacronismo até à idade apostólica o uso existente já no seu tempo de referir ao bispo cristão a dignidade de grande padre». Noutro tempo Scholten não julgava assim; via neste πέυαλον, e no título de ἱερεύς dado ao apóstolo João por Polícrates, a prova de que o apóstolo fora na Ásia o chefe do partido judaico-cristão. Tinha razão. O πέναλον,

[1] Cf. Eusébio, *H. E.*, VII, 25.

longe de ser uma insígnia episcopal do segundo século, não foi atribuído senão a dois personagens, e a dois personagens do primeiro século, a saber Tiago e João, ambos pertencentes ao partido judaico-cristão, e que este partido quis exalçar atribuindo-lhes as prerrogativas dos grandes padres judeus. Keim e Scholten censuravam igualmente a Polícrates, acreditar que o Filipe que se fixou em Hierápolis com as suas filhas profetisas fosse o apóstolo Filipe. Eu julgo que Polícrates tem razão e que se se compara com atenção o versículo *Actos*, XXI, 8, com as passagens de Papias, de Próculo, de Polícrates e de Clemente de Alexandria sobre Filipe e as suas filhas residentes todos em Hierápolis, ficar-se-á convencido que é do apóstolo que se trata. O versículo dos *Actos* tem a aparência duma interpolação. Holtzmann [1] parece adoptar sobre este ponto a hipótese que eu propus nos meus *Apóstolos;* eu insisto nele mais do que nunca.

A passagem mais curiosa dos Pais da Igreja sobre a questão que nos ocupa é o fragmento da epístola de Ireneu em Florino, que Eusébio nos conservou [2]. É uma das belas páginas da literatura cristã no segundo século: «Estas opiniões, Florino, não são duma sã doutrina;... estas opiniões não são as que te transmitiram os antigos que nos precederam e que tinham conhecido os apóstolos. Eu lembro-me que, quando era criança, na Ásia Inferior, onde tu brilhavas então pelo emprego na corte, eu vi-te perto de Policarpo, procurando conquistar a sua estima. Eu recordo-me melhor das coisas de então do que o que aconteceu depois, porque o que aprendemos na infância cresce com a alma, identifica-se com ela; também eu podia dizer o lugar em que o bem-aventurado Policarpo se sentava para conversar, os seus passos, os seus hábitos, a sua maneira de viver, os sinais do seu corpo, a sua maneira de entreter a assistência, como ele contava a familiaridade que tinha tido com João e com os outros que tinham visto o Senhor. E o que ele lhes tinha ouvido dizer sobre o Senhor e sobre os seus milagres, e sobre a sua doutrina, Policarpo o contava como tendo-o ouvido das testemunhas oculares do Verbo da vida, tudo conforme às Escrituras. Estas coisas, graças à bondade de Deus, eu as escutava então com aplicação, consignando-as não sobre o papel, mas no meu coração e sempre, graças a Deus, as recordo autenticamente». Eu posso atestar, em presença de

[1] *Judenthum und Christenthum*, p. 719.
[2] *Hist. ecl.*, V, 20.

Deus, que se este bem-aventurado e apostólico ancião tivesse ouvido alguma coisa de semelhante a tais doutrinas, teria tapado os ouvidos e teria exclamado segundo o seu costume: «Ó bom Deus, para que tempo me reservaste tu, para que eu deva ouvir tais coisas!» e teria fugido do lugar onde tivesse ouvido tal.

Vê-se que Ireneu não se refere aqui, como na maior parte das outras passagens em que fala da estada do apóstolo na Ásia, a uma tradição vaga; ele descreve a Florino as recordações da sua infância sobre o seu mestre comum Policarpo; umas dessas recordações é que Policarpo falava muito das suas relações pessoais com o apóstolo João. Scholten viu bem que é preciso admitir a realidade destes informes ou declarar apócrifa a epístola a Florino. Decide-se pelo segundo partido. As suas razões parecem-me frouxas. No livro *Contra as heresias* [1], Ireneu exprime-se quase da mesma maneira que na carta a Florino. A principal objecção de Scholten resulta de que, para explicar tais relações entre João e Policarpo, seria preciso supor ao apóstolo, a Policarpo e a Ireneu uma extraordinária longevidade. Isto impressionou-me. João pode não ter morrido senão no ano 80 ou 90. Ireneu escrevia em 180. Ireneu estava pois à mesma distância dos últimos anos de João, como nós estamos dos últimos anos de Voltaire. Ora, sem nenhum milagre de longevidade, o nosso colega e amigo Remusat conheceu perfeitamente o padre Morellet, que lhe falava longamente de Voltaire. A dificuldade que se pretende encontrar no facto referido por Ireneu vem de se colocar o martírio de Policarpo em 166, 167, 168 ou 169, sob Marco Aurélio. Policarpo tinha neste momento oitenta e seis anos; teria nascido pois no ano 80, 81 ou 83, o que o faria muito novo no tempo da morte de João. Mas a data do martírio de Policarpo deve ser reformada. Esse martírio deu-se sob o proconsulado de Quadrato. Ora Waddington demonstrou duma maneira que não deixa a menor sombra de dúvida que o proconsulado de Quadrato na Ásia deve fixar-se em 154-155, sob o reinado de Antonino o Pio. Policarpo teria nascido em 68 ou 69; se o apóstolo viveu até 90, ao que nada se opõe (ele podia ter menos uns dez anos do que Jesus) não é inverosímil que tivesse tido na sua infância relações com ele. Não são os Actos do martírio de Policarpo que assinam como data a este martírio o reinado de Marco Aurélio; foi Eusébio que, por um cálculo errado, de que Wad-

[1] *Adv. haer.*, III, III, 4.

dington dá conta, julgou que o proconsulado de Quadrato fora nesse tempo.

Uma dificuldade no sistema cronológico que acabámos de expor é a viagem que Policarpo fez a Roma sob o pontificado de Aniceto [1]. Aniceto, segundo esta cronologia, tornou-se bispo de Roma no ano 154 ou mais cedo. Custa pois a encontrar lugar para a viagem de Policarpo. Os resultados de Waddington parecem decisivos; se fosse preciso, para ser consequente com estes resultados, recuar um pouco a subida de Aniceto ao pontificado, não se deveria hesitar, visto sobretudo que as listas pontificais oferecem uma perturbação neste ponto, e que muitas listas colocam Aniceto antes de Pio. É para lamentar que Lípsio, que nos deu recentemente um tão bom trabalho sobre a cronologia dos bispos de Roma até ao século IV, não conhecesse a memória de Waddington; teria aí encontrado o assunto para uma importante discussão.

«É verosímil, diz Scholten, que um ancião já quase centenário empreendesse uma tal viagem, e isto num tempo em que era mais custoso viajar do que nos nossos dias?» A viagem de Éfeso ou de Esmirna a Roma era o que havia de mais fácil. Um negociante de Hierápolis diz-nos no seu epitáfio [2] que fez setenta e duas vezes a viagem de Hierápolis à Itália, dobrando o cabo Maleu; este negociante continuou por consequência as suas travessias até uma idade tão avançada como aquela em que Policarpo fez a sua viagem de Roma. Tais negociações no Verão (viajava-se muito pouco no Inverno) não fatigavam nada. É possível que Policarpo executasse a sua viagem a Roma durante o Verão de 154 e sofresse o martírio em Esmirna no dia 23 de Fevereiro de 155 [3]. A hipótese de Keim [4], segundo a qual o João que Policarpo teria conhecido não seria João o apóstolo, mas *Presbyteros Johannes*, é completamente inverosímil. Se este *Presbyteros* foi, como julgamos, uma personagem secundária, discípulo de João o apóstolo, florescendo do ano 100 ao ano 120 pouco mais ou menos, a confusão de Policarpo ou de Ireneu seria inconcebível. Que o *Presbyteros* tivesse sido realmente um homem da grande geração apostólica, um igual dos apóstolos, que pudesse ser como eles confundido, já nós

[1] Eusébio, *Hist. ecl.*, IV, 14; *Cron.* no ano 155.
[2] *Corpus inscr. graecarum*, n.º 3920.
[3] Idem, idem.
[4] *Mém. de l'Acad.*, vol. citado, p. 240.

dissemos as razões por que o não aceitamos [1]. Acrescentemos que mesmo então o erro de Policarpo não seria muito fácil de explicar.

Uma das partes mais curiosas do opúsculo de Scholten é aquela em que ele repisa a questão do quarto Evangelho, que já tratou com tanto desenvolvimento há alguns anos. Não só Scholten não admite que este Evangelho seja obra de João, mas nega-lhe toda e qualquer relação com João; nega que João seja o discípulo tantas vezes nomeado neste Evangelho com mistério e como «o discípulo que Jesus estimava». Segundo Scholten esse discípulo não é um personagem real. O discípulo imortal que, em oposição aos outros discípulos do Mestre, deve viver até ao fim dos séculos pela força do seu espírito, esse discípulo cujo testemunho assenta sobre a contemplação espiritual, é duma autenticidade absoluta, não deve identificar-se com nenhum dos apóstolos galileus; é uma personagem ideal. É-me inteiramente impossível admitir esta opinião. Mas não compliquemos uma questão difícil com outra mais difícil ainda. Scholten abalou muitos dos esteios sobre os quais se apoiava outrora a opinião da estada de João na Ásia; provou que este facto não sai da penumbra em que entrevemos quase todos os factos da história apostólica; no que respeita a Papias, formulou uma objecção à qual não é fácil de responder; não refutou contudo todos os argumentos que se podem aduzir a favor da tradição. Os primeiros capítulos do Apocalipse, a carta de Ireneu a Florino e a passagem de Polícrates permanecem três bases sólidas, sobre as quais se não poderia edificar uma certeza mas que Scholten, apesar da sua dialéctica apertada, não conseguiu deitar por terra.

[1] *Geschichte Jesu von Nazara*, I, p. 161 e seg.

ÍNDICE

OBRAS IMPRESSAS EM «PAPEL BÍBLIA» EDITADAS POR

LELLO & IRMÃO

VOLUMES MAGNIFICAMENTE ENCADERNADOS

JÚLIO DINIS *Toda a obra deste Escritor deliciosamente ilustrada a cores e reunida em 2 volumes.*

ALMEIDA GARRETT *A obra completa deste Escritor reunida em 2 volumes.*

GIL VICENTE *Toda a obra deste Escritor, reunida num só volume.*

BOCAGE *Toda a obra deste Poeta reunida num grosso volume.*

PADRE ANTÓNIO VIEIRA *SERMÕES COMPLETOS — Edição reunida em 5 volumes.*

ALEXANDRE DUMAS *A obra deste romancista, reunida em 8 volumes.*

MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA *D. QUIXOTE DE LA MANCHA — Edição num só volume, ilustrada por G. Doré.*

VÍTOR HUGO *A obra em prosa deste Escritor, reunida em 2 volumes.*

LUÍS DE CAMÕES *A obra do imortal Épico, reunida num só volume.*

GUERRA JUNQUEIRO *A obra poética do grande Lírico, reunida num só volume.*

PADRE MANUEL BERNARDES *A obra completa deste notável clássico, reunida em 5 volumes.*

ARNALDO GAMA *A obra completa deste romancista histórico, ilustrada, reunida em 2 volumes.*

FERREIRA DE CASTRO *A obra completa deste notável Escritor contemporâneo, reunida em 4 volumes.*

ABEL BOTELHO *Todos os romances deste Escritor, ilustrados, reunidos em 2 volumes.*